

ARIANE FONSECA



OUÇA

SÉRIE SENTIDOS



ARIANE FONSECA

OUÇA
SÉRIE SENTIDOS

Copyright @2020 por Arianne Fonseca.

Capa e diagramação: Arianne Fonseca

Foto: Shutterstock

Revisão: Barbara Pinheiro

Análise crítica: Danielle Barreto

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei nº 9.610/98, com aplicação legal pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[EPÍLOGO](#)

[BÔNUS](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Dedico esta obra a todas as pessoas que perderam alguém querido e precisam de um novo motivo para recomeçar.

Listen to the song here in my heart
Escute a canção aqui no meu coração

A melody I start but can't complete
Uma melodia que comecei, mas não consegui completar

Listen to the sound from deep within
Escute a canção que vem do meu interior

It's only beginning to find release
Ela é só o começo para encontrar a libertação

Listen, Beyoncé

PRÓLOGO

Samuel



Sinto um vento gelado bater no meu corpo e me encolho, buscando Isabela. Ainda de olhos fechados tato a cama e não a encontro. Fico com mais frio, sedento pelo calor dos seus braços. Já se passaram tantos anos e não consigo entender o poder que essa mulher exerce em mim, do coração acelerado só por vê-la à necessidade física de tocá-la a todo momento.

Preguiçoso, pisco para me acostumar com a luminosidade e observo o espaço vazio à minha frente. Nem tenho tempo de pensar demais. Logo uma melodia suave e baixa invade meus ouvidos e não resisto a sorrir, sabendo exatamente onde minha noiva está.

Sento-me no colchão e estalo o pescoço, pegando da mesinha de cabeceira o celular para conferir as horas.

Três e meia.

Ela deve ter perdido o sono de novo, fica preocupada com o trabalho e não consegue dormir.

Apanho a camiseta, jogada de qualquer jeito no chão na ânsia de me perder nela, e fecho a janela antes de seguir pelo corredor guiado pelo meu som preferido no mundo inteiro.

Chego mais perto do estúdio e percebo a mudança das notas, o toque incisivo do arco. Isa vai começar outra canção. Beethoven, logo reconheço. Ela ama os clássicos e a Nona Sinfonia está no topo do seu repertório.

Aproximo-me devagar, sem fazer barulho, e encosto no batente para admirá-la, entregue, com os olhos fechados e as mãos ávidas se movendo de um lado para o outro no violoncelo.

O instrumento, quase maior que seu corpo esguio, está encaixado perfeitamente no vão de suas pernas nuas, encobertas apenas por uma calcinha fina de renda verde igual a seus olhos. Assim como eu, só vestiu uma camiseta e saiu da cama.

Engulo em seco com a visão tão linda, notando as batidas fortes do meu coração. Acho que isso nunca vai mudar em relação a ela.

Meu Deus, eu sou a *porra* do homem mais sortudo que existe.

O quarto amplo e completamente equipado com revestimento acústico, tem câmeras espalhadas por todo lado. Se não estivesse tão hipnotizado, poderia sair sorrateiro até uma delas e eternizar este momento.

A luz fraca da noite está refletindo no seu cabelo dourado de uma forma quase angelical. Sorrio mais uma vez, me lembrando da primeira vez que a vi. Também pensei que estava diante de um anjo.



— *A gente podia tá jogando videogame agora, Samuca. Por que você não inventou que estava com diarreia?* — *Benjamim resmunga, olhando de cara feia para mim.*

— *Porque eu disse isso semana passada, depois de inventar que estava com dor de cabeça, com trabalho atrasado, com visita do pessoal da escola...* — *Dou de ombros, chutando uma pedrinha do chão.* — *Não tinha mais desculpas.*

Viramos no final do corredor e vejo um salão oval com várias salas ao redor. Mamãe e o padre Juracir estão em uma conversa animada alguns passos à frente, falando sobre a organização de uma festa beneficente.

Faz um mês que ela vem aqui toda semana e quer me trazer junto. Embora o sorriso gigante no seu rosto, após as visitas, duvido que tenha alguma coisa legal nesse lugar velho e de paredes desgastadas.

Cheguei faz cinco minutos e estou desesperado para sair daqui.

— *Eu não devia ter vindo com você.* — *Ele bufa, revirando os olhos.*
— *Agora estou nesse programa chato e nem posso voltar pra casa sozinho, porque é o cafundó do Judas. Onde sua mãe enfiou a gente, hein?*

— É uma igreja, já disse. Além do mais, amigos são pra essas coisas, Benj... — Paro a frase no meio ao ouvir um som lindo vindo à minha direita.

Interrompo a caminhada e fito o ambiente, tentando descobrir de qual sala vem.

— Está ouvindo isso? — questiono, curioso.

— Sim, da hora! — meu amigo concorda, fascinado como eu.

O barulho é incrivelmente viciante, rápido e lento, forte e fraco ao mesmo tempo. Nem sei explicar.

— Temos aulas de música aqui. — Padre Juracir percebe que paramos e caminha em nossa direção, passando a mão no cabelo ralo. — Vem, vou mostrar a vocês, meninos.

Como um imã, que não resiste ao magnetismo, o acompanhamos, meio ansiosos, até uma salinha pequena de porta azul. Ele passa com dificuldade pelo local estreito, por causa da barriga grande, e encosta na parede, dando espaço para que Benjamim, minha mãe e eu possamos entrar.

Varro a sala com os olhos e constato uma dezena de pessoas tocando de forma ritmada uma música que não conheço. É lindo como conseguem tocar juntos, tão certinho.

Tem piano, um instrumento que parece um violão pequeno e um que...

Uau!

Pisco duas vezes para ver se estou vendo direito. Bem no fundo, perto da janela, tem uma garotinha loira segurando uma caixa que parece um violãozão.

Ela está tão concentrada na música que é como se não existisse mais nada nem ninguém à sua volta. Fico vidrado, encarando seus dedos trêmulos tocarem as cordas grossas.

Escuto vagamente padre Juracir falar algo sobre o coral da missa, mas assim como a menina, ignoro ao meu redor e foco a atenção em apenas uma coisa.

Nela.

O cabelo loiro caindo pelo rosto, os olhos fechados, os braços finos

que mal parecem ter forças para segurar o instrumento, a boca que se mexe como se cantasse a música junto com a melodia.

Nossa! Meu coração acelera de uma forma estranha, meio rápido demais.

Ela parece um anjo.



Eu tinha 13 anos quando a conheci. Isa tinha 11. Mesmo entendendo só um tempo depois, aquela tarde eu conheci o amor e a minha vocação.

Agradeço até hoje minha mãe por isso. Se continuasse inventando desculpas para não a acompanhar ou ela não tivesse descoberto a pequena comunidade para ajudar, provavelmente meu caminho jamais se cruzaria com o da minha noiva.

Somos de classes sociais diferentes, de mundos distintos demais. Minha família esbanja dinheiro e propriedades por toda a cidade e a dela luta para sobreviver com o pouco que conquista.

Ouçó os acordes finais da Nona Sinfonia e desencosto da porta, batendo palmas.

— Meu Deus, que susto, amor! — Ela coloca a mão no peito e abre um sorriso para mim.

O seu sorriso lindo, que sempre consegue a proeza de acelerar ainda mais meu coração.

Caramba, eu pareço esses bobos apaixonados que vivem suspirando por tudo. Mas, para ser sincero, eu amo que seja exatamente assim.

Daqui a exatos 42 dias vamos nos casar. Eu não vejo a hora de dividir todos os meus dias com ela, uma família, esta casa. A reforma terminou ontem para tornar o espaço que era só meu, em nosso lar.

Algumas noites juntos não suprem mais a necessidade de tê-la para mim.

Preciso da minha loira como preciso de ar para respirar.

— Eu te acordei com o barulho? — Balanço a cabeça em negativa e

me aproximo mais dela. — Perdi o sono e não resisti a vir tocar um pouco.

— Fala a verdade, você se arrependeu de não fazer um trio com a gente, né? — brinco, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

Depois daquele dia que a vi tocando tão divinamente na sala pequena de porta azul, convenci Benjamim a fazer aulas de música comigo na igreja. Minha mãe mal pôde acreditar no meu súbito interesse em ir ao local com frequência.

Confesso que gostei da música, mas era também por causa da menina de cabelos dourados.

O problema é que ficamos tão viciados, que compramos um violoncelo para treinar em casa. Passávamos horas no meu quarto adaptando tudo quanto é tipo de música para as melodias suaves e intensas.

Transformar música popular em música instrumental logo começou a chamar a atenção das pessoas. Rock, pop, MPB... nada escapava das nossas mãos. De apresentações na escola a pequenos eventos fomos crescendo até realmente decidir fazer disso nossa profissão.

Quem não gostou nada dessa descoberta foi meu pai, que estava crente que eu iria seguir carreira administrativa e ajudá-lo a cuidar da imobiliária da família.

Apesar dos seus protestos — sobre a profissão e minha namorada “pobre” —, não dei ouvidos e segui meu coração.

Cursamos a faculdade de Música e já tocamos em palcos de várias partes do mundo. Nosso maior prazer, entretanto, é difundir a paixão pelo violoncelo através da internet. Temos um canal no Youtube com milhares de seguidores que acompanham as gravações aqui neste estúdio ou ao ar livre.

Ele, Isa e eu pensamos em cada detalhe do quarto e montamos juntos o espaço, assim que comprei o apartamento, há três anos. Somos inseparáveis, estamos sempre perto um do outro.

Poucas pessoas no mundo podem se dar ao luxo de dizer que possuem algo tão intenso quanto nós. São meus melhores amigos acima de tudo, um pedaço de mim.

— Gosto de música, mas não troco minha carreira na polícia por nada

— ela diz, orgulhosa, trazendo o violoncelo mais próximo do seu peito. — Amo e tenho muito orgulho do que faço!

— Você é incrível, meu amor. — Deixo um beijo suave na sua testa e ela enlaça minha cintura em um abraço. — Maravilhosa na música e melhor ainda como investigadora.

Isa também ouviu seu coração e seguiu o seu sonho.

Por mérito próprio, depois de muita dedicação, ela cursou Direito com bolsa de estudos e conseguiu ingressar na Polícia Civil passando no concurso para investigadora. Quer ser tão boa quanto seu personagem literário preferido: Sherlock Holmes.

Com apenas 24 anos, minha loira está há poucos meses trabalhando na unidade da região e tem se destacado pela perspicácia e inteligência fora do comum. É impossível não ter orgulho dela.

Ambiciosa e decidida, nunca aceitou minha ajuda financeira para nada. Gosta de lutar suas próprias batalhas e vencer com seu esforço. É tão dedicada, que começou como investigadora para ganhar experiência de campo e, só depois, alçar uma oportunidade como delegada.

Como foi uma das primeiras aprovadas na Academia de Polícia pôde escolher o lugar de atuação. No fundo, eu sei que a capital deixou seus olhos brilhando pelas melhores oportunidades, porém, no final decidimos ficar os três por aqui.

Eu adoro viajar e fazer shows, mas admito que não troco a tranquilidade desta cidade por nada. Gosto de conhecer os vizinhos, de poder passear de mãos dadas com Isa pelas ruas sem o barulho irritante de carros e pessoas andando apressadas.

Benjamim, apesar de ser mais noturno e aventureiro, também não abandona nosso cantinho.

— Além do mais, a mulherada ia odiar, se eu ficar no meio de vocês. Pensa só, estragaria o fetiche de 90% das suas fãs — Isa brinca também e eu toco seu ombro, incentivando-a a chegar para frente e me dar espaço no banco.

Sento-me atrás de si e encosto minhas pernas na sua pele nua, infiltrando as mãos dentro da sua camiseta.

— Falando em fetiche, e te vendo tocar tão linda, eu tive uma ideia — sussurro em seu ouvido, roçando minha barba na lateral do seu rosto.

— É... — Ela se remexe no banco, deixando meu pau ainda mais duro do que já está, apenas pelo contato próximo do seu corpo. — Qual?

— Eu quero estocar bem fundo dentro de você enquanto toca *pra* mim. — Subo as mãos pela sua barriga até alcançar a borda do sutiã. — Você consegue tocar sem sair do ritmo, Isa? Consegue se concentrar na música com meu pau dentro de você?

— Samuel... — Ela geme baixinho quando afasto o tecido e apalpo seus seios pesados de têsão.

— O que foi, loira? — provoco, e mordo a pontinha da sua orelha bem devagar para deixá-la mais louca.

Silêncio, Isa não fala nada e apenas se contorce nos meus braços. Amo seus murmúrios de desejo, sua necessidade do meu toque tanto quanto tenho do dela.

— Você não me respondeu — insisto, torturando-a mais um pouco. — Consegue, meu amor?

— Eu... eu...

O som estridente do seu celular ocupa a sala e interrompe nosso momento. Primavera, uma das estações de Vivaldi, é a música exclusiva que ela colocou para todos os colegas do trabalho.

Como está começando agora, precisa estar em alerta 24 horas por dia. Este, aliás, é o motivo de perder o sono frequentemente. Semana passada a equipe de plantão ficou ocupada em uma ocorrência e precisaram acioná-la uma hora da manhã.

Pelo jeito, não vou conseguir realizar meu mais novo fetiche hoje. Ficará para uma próxima oportunidade.

Totalmente recomposta, Isa pede desculpas e se levanta. Corre até o aparelho, deixado estrategicamente perto de onde está, e atende antes do quarto toque.

— Boa noite, delegado Cruz.

Levanto também e pego o violoncelo para guardar, enquanto escuto

partes da conversa. Minha noiva acha caneta e um bloquinho de notas na mesa ao fundo da sala e começa a anotar sem parar.

— Entendi, assassinato na boate Mutley — diz, compenetrada. — Quais as informações preliminares?

Silêncio de novo. Ela escuta e escreve em uma concentração invejável, a mesma que alcançamos tocando.

Observo, admirado, sua veia investigadora em ação, pensando mais uma vez em como sou a *porra* de um homem sortudo.

De repente, o sorriso orgulhoso morre no meu rosto ao notar sua pele pálida e os olhos cheios de lágrimas.

— Tem certeza de que é esse nome? — Sua voz diminui um tom, fraca.

Arqueio a sobrelance e me aproximo, preocupado.

— Não, não foi nada. Está tudo bem. — Isa passa a mão no cabelo e vejo como treme. Isso é tudo, menos, bem. Aconteceu alguma coisa grave e ela está tentando disfarçar para o chefe. — Estou indo *pra* lá agora mesmo.

— O que foi, meu amor? — Acaricio suas costas ao vê-la inerte, com o celular parado na altura do rosto, mesmo depois de encerrar a ligação.

— Benjamim — fala tão baixo que mal consigo ouvir.

Uma lágrima escorre do seu rosto e sinto uma pontada forte no peito.

Uma dor dilacerante como o prelúdio de que nada será mais igual, assim que eu fizer a pergunta entalada na minha garganta.

— O que tem ele? — indago, tenso, sentindo a devassidão de cada letra pronunciada.

— Ele... — Ela fecha os olhos com força e engole em seco, como se quisesse não ter atendido ao telefone. — Ele...

— O que aconteceu, Isa? — suplico, notando meu coração acelerar de um jeito que estou odiando.

— Benjamim... está sendo acusado de assassinato. — Minha noiva não se controla e tapa o rosto com as mãos, deixando-se tomar pelo choro.

Fico sem reação, sem conseguir me mover, falar, nem ao menos

respirar.

Assassinato.

A palavra forte e dura ecoa no meu cérebro em câmera lenta, cegando meus sentidos.

Não. Isso é um engano. Com toda certeza do mundo é um engano.

Meu melhor amigo, o homem que conheço desde pirralho, jamais seria capaz de fazer isso.

Não! Vai passar, vai passar.

Eu vou acordar.

CAPÍTULO 1

Samuel



4 anos depois

Eu ainda não acordei. Pareço inerte e sem reação desde aquele telefonema.

Há quatro anos estou dentro do pior pesadelo da minha vida. Afogado em lembranças que se tornaram dolorosas, de um passado que nunca mais vai voltar.

Só tento sobreviver a um dia de cada vez. Um maldito dia de cada vez.

Por que será que é tão difícil?

Agacho no chão e toco a grama verde sentindo a brisa fria atingir meu rosto. Automaticamente, vem à mente aquela madrugada em que o vento gelado me acordou. As últimas horas de felicidade, antes do abismo se abrir sob meus pés, me empurrando para dentro, sem chance de reagir.

Abaixo a cabeça em silêncio, obrigando meu cérebro a não se martirizar mais. Tento pensar em alguma outra coisa, porém, tudo, absolutamente tudo, me remete a eles.

Benjamim fez parte da minha rotina desde a primeira infância e Isabela chegou como um furacão na adolescência, criando um turbilhão de memórias.

É impossível não recordar, impossível não pensar neles, mesmo que esteja exausto dessa rotina sufocante.

— Oi, amigo — falo, rouco, segundos depois, fitando a lápide de um marfim escuro. — Eu odeio tanto esse dia. Hoje, mais que todos os outros, embora o vazio seja idêntico.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto e pego um punhado da grama. Sinto a sua maciez e aperto o ramo com mais força, esmagando-o entre os dedos.

Tenho saudade, dor, dúvidas, perguntas, raiva...

Muita raiva de tudo ter acabado tão repentinamente.

Eu não consigo entender a mudança drástica que aconteceu por causa de uma simples ligação.

Seco o rosto com as costas da mão e me sento no chão, encostando a cabeça na lápide. Não me preocupo se a terra vai sujar o terno caro que eu visto ou se as pessoas vão de novo ficar me olhando de longe com cara de pena.

“Coitadinho, ele perdeu tudo”.

Sim, eu perdi.

Meus melhores amigos, minha alegria.

Encaro o céu nublado que faz nesta terça-feira e constato que tem sido assim todo aniversário de morte dele. Como se Deus também estivesse triste por sua partida precoce, sendo acusado de algo que eu tenho certeza de que não cometeu.

— Você faz falta, Ben — murmuro ao vento, desejando que possa me ouvir. — Tudo era pra ser diferente agora, cara.

A essa altura, provavelmente eu já deveria ser pai. Isabela estaria se destacando na polícia e pensando no concurso para delegada. Ela chegaria do trabalho, cansada, e me encontraria no estúdio com meu amigo e nossa filha.

Uma menininha linda de cabelos dourados e sorriso encantador.

A gente faria farra, daria risada por horas, tocaria até cansar e depois se juntaria na mesa do jantar para comer a deliciosa macarronada à bolonhesa da minha mulher.

Um futuro certo arrancado de mim da pior maneira possível.

Tudo aconteceu tão rápido que mal consegui assimilar.

Isabela saiu para atender a ocorrência e eu corri para a casa dos pais do Benjamim, a fim de avisar o que tinha acontecido e garantir sua defesa.

Não pudemos vê-lo nenhuma vez. Isa só viu uma, depois o delegado a afastou do caso por descobrir seu envolvimento com o acusado. Ela disse que ele estava sob efeitos de álcool e drogas, incapaz de conversar. O primeiro sinal de alerta para mim. Ben gostava de beber, contudo, jamais usou nenhum tipo de entorpecente.

A audiência de custódia foi feita logo pela manhã, o que também me causou estranhamento. Geralmente, costuma ser realizada bem mais próxima do tempo limite de 24 horas estipulado pela lei. O advogado comentou que Ben ainda estava muito aéreo no momento da conversa e as provas que já tinham sido colhidas pela polícia foram determinantes para a decisão da prisão preventiva.

Ele foi encaminhado para um Centro de Detenção Provisória antes do almoço. Um lugar lotado dos mais diferentes tipos de criminosos aguardando julgamento.

Treze horas depois desta decisão, veio a notícia de uma briga e seu estado grave no hospital. Um coma induzido e alto risco de vida. Na madrugada seguinte, eu já não tinha mais meu melhor amigo.

Um dia foi o suficiente para a ruína.

Morto. Cinco letras que eu não engulo, não aceito jamais.

Tudo foi muito estranho, as informações desconexas.

Isabela, por mais que o conhecesse há anos, não ouviu seu coração desta vez. Escolheu a razão ao invés da emoção.

Respiro fundo e fecho os olhos por um breve segundo, colocando a mão no peito para conter as batidas desenfreadas.

Eu nunca mais gostei dessa sensação.

Agora ela só serve para jogar na minha cara a dor de tudo que perdi.



Olho no espelho retrovisor do carro e ajeito a gravata antes de dar partida. Meu rosto está pálido e as olheiras fundas por causa do choro que eu nunca consigo reprimir quando venho ao cemitério.

Em casa, eu até consigo sufocá-las, mas aqui parece tudo tão real. Tão sem volta.

“Deixa de ser patético e para de chorar igual mariquinha, Samuel.”

“Vira homem, rapaz! Que cena ridícula.”

Lembro-me das broncas recorrentes do meu pai e desvio o olhar, ligando a chave na ignição. Que se *foda* se homem não deve chorar, não deve expor seus sentimentos.

Eu não tenho vergonha de sentir. Antes ter um coração despedaçado do que não ter um.

Se eu pudesse, nunca dirigiria a palavra para aquele desgraçado. Sempre me criticou, nunca esteve presente e ainda traiu a minha mãe roubando a sua empresa e trocando-a por uma menina de 20 anos de idade.

Se faço o sacrifício de encará-lo todos os dias no escritório, é por causa de dona Creuza. A mulher bondosa e altruísta que me gerou não merecia ser apunhalada nas costas desta forma, pelo marido que sempre amou e confiou.

A Mendonça Negócios Imobiliários é uma herança do meu avô materno. Sem irmãos e aptidão para administrá-la, minha mãe deu total liberdade ao Telso para cuidar de tudo. Foi aí seu maior erro.

Ele teve coragem de fazê-la assinar um termo, sem ela saber, é claro, passando toda a sua parte da empresa para o marido traidor. Como nunca mais consegui chegar perto de um violoncelo ou sequer ouvir música desde a morte de Benjamim e a partida de Isabela, resolvi fazer da sua vida um inferno e atender ao que sempre desejou.

Reivindiquei meus direitos de filho, virei administrador e uma pedra no seu sapato dentro da imobiliária. Fico de olho em cada passo que dá, garantindo que não manche ainda mais o nome Mendonça.

Saio do estacionamento do cemitério, que visito com bastante frequência, e sigo pelas ruas do bairro em direção ao trabalho. Perdi a noção do tempo e estou atrasado, daqui a pouco tenho uma reunião importante para negociação de um terreno que será usado para a sede do projeto social de um dos nossos maiores clientes.

Dirijo tão distraído que só percebo o caminho que peguei quando estou passando em frente ao meu antigo apartamento.

Inferno! Bato no volante, irritado.

Tinha que passar aqui justo hoje? Eu evito a todo custo esta rua, há quatro anos.

Eu não...

Engulo em seco ao ver perfeitamente na minha frente a imagem de Isabela arrumando a mochila nas costas e fechando o portão. Parece até que estou de volta ao passado, de tão real.

Ela ajeita os cabelos dourados atrás da orelha e seca uma lágrima. Para e dá uma olhada demorada para trás, encarando-me devastado no meio da portaria.

Eu não tenho estrutura para essa memória. Depois que perdi Benjamim, pensei que nada poderia ser pior, mas o destino tratou de provar que eu estava muito errado.

Só amor não basta. Ele sozinho não sustenta um relacionamento.

Eu amei Isabela da forma mais intensa que um homem pode amar uma mulher. E sei que ela também me amou do mesmo jeito.

Mas esse mesmo sentimento tão bonito foi desbotando aos poucos por causa de brigas e pensamentos diferentes.



— *Eu não acredito que você não vai fazer nada, Isabela! É o Benjamim, porra. Nosso Benjamim. Você o conhece. Conhece sua índole! — grito, atordoadado, depois de tentar pela milésima vez que me escute.*

Passo as mãos no cabelo e jogo a pasta com as informações que estou colhendo sobre sua morte em cima do sofá. Eu odeio brigar com ela, nunca discutimos tanto como nas últimas semanas.

Está difícil fazê-la se lembrar de como nosso amigo tinha o coração grande e generoso, apesar de adorar uma aventura de vez em quando. Eu tenho certeza, ele jamais usaria drogas e mataria uma pessoa inocente.

Jamais!

Sei que ela está afastada do caso por causa da proximidade com o acusado, mas poderia tentar mostrar as incongruências ao delegado. Convencê-los a investigar mais. Só queria que ela acreditasse em mim, confiasse nos anos de amizade com Benjamim.

Eu não estou culpando-a, jamais, não é esse o problema. O problema é meu amor não acreditar no nosso amigo.

— Eu estou muito triste, Samuel. Ele era importante pra mim também. — Minha noiva se aproxima e toca com carinho meus ombros, deixando um beijo ali. — Mas você está em negação, não quer aceitar a verdade. Benjamim cometeu um erro, foi uma grande fatalidade.

— Eu não quero aceitar? — Afasto-me dela e viro para encarar seus olhos verdes. Cerro os punhos ao redor do corpo para controlar a ira que me domina. — Você que não quer enxergar as falhas desse caso, Isabela. Nunca vi uma audiência de custódia tão rápida, nem esperaram Ben se recuperar pra poder se explicar. Parece que foi feito tudo às pressas para mandá-lo logo ao CDP e calar sua boca pra sempre de seja lá o que aconteceu naquela boate. Cadê o detendo que espancou nosso amigo até a morte? Ninguém sabe de nada, viu nada.

— Estão investigando o que aconteceu aquele dia na cela, meu amor. O preso não ficará impune! — Ela tenta se aproximar de novo, no entanto, dou um passo para trás. — Sobre o assassinato, não tem o que descobrir. As imagens estão lá para provar, a balística, os depoimentos...

— Essa não é a Isabela que eu conheço, que sempre disse que queria ser uma investigadora tão boa quanto Sherlock Holmes — cuspo as palavras, nervoso. — Você não está fazendo nada, por medo. Medo de contradizer seu chefe, de contestar aquela porcaria de filmagem com qualidade ruim. Você está pensando na sua carreira, não no Benjamim. Não em nós!

Assim que digo a última frase, abaixo a cabeça e inspiro fundo. Droga! Eu não devia estar falando desse jeito com Isa.

Minha noiva fica em silêncio, mas escuto o som abafado de suas lágrimas.

O que está acontecendo com a gente? Por que ela não percebe que

está tudo estranho?

A polícia apareceu com uma imagem que mostra o corredor da área vip da boate aquela noite. É o espaço dedicado ao pessoal rico que quer curtir um pouco mais a noitada. Mal dá para ver com nitidez.

Na filmagem, Benjamim aparece passando pelo corredor cambaleante. Realmente, parece que está um pouco alcoolizado. Ele vira a cabeça para os lados, como se escutasse um barulho estranho, e entra em uma das portas abertas.

Alguns minutos se passam e nada acontece. De repente, ele é visto de novo sendo jogado contra a parede com força. Tem uma arma na mão e atira contra alguém que está do outro lado e não pode ser visto pela imagem.

A garota morta foi encontrada nessa sala, que dá para outros dois quartos privativos. Segundo funcionários da boate, ninguém usava nenhum deles na hora do crime.

Mesmo a balística comprovando que a bala foi da arma que ele segurava, mesmo com a imagem mostrando Benjamim atirando, eu não acredito na sua culpa.

A menina que morreu era modelo, não pesava nem 50 kg. Como teria força para jogar meu amigo de quase 90 kg na parede daquele jeito?

Há muitas pontas soltas nesta história.

— Desculpa. — Sento-me no sofá e bagunço meu cabelo de novo. Isso está me deixando louco. — Eu não devia ter falado desse jeito, estou desesperado. Não sei mais o que fazer.

— Tudo bem, entendo sua dor e sua raiva. Vamos superar isso, meu amor. — Isabela se senta ao meu lado e pega minha mão, fungando.

Não gosto de vê-la chorando. Entrelaço nossos dedos, procurando a familiaridade que tanto amo.

— Vamos sim — concordo, sem muita confiança.

É a primeira vez, desde que a conheci, que não tenho certeza do nosso futuro.



Os desentendimentos não pararam por um longo tempo. Eu não parei de tentar buscar a verdade, mesmo sozinho.

Passamos de noivos apaixonados, prestes a se casar e constituir uma família, para dois estranhos. Adiamos o casamento e cada um ficou na sua casa.

Chegou uma hora que Isa começou a trabalhar mais na delegacia para evitar brigas. Eu preferia não a ver também, a fim de não causar discussões. Com duas pessoas não sendo mais elas mesmas, a rotina caiu pesado no nosso relacionamento.

Quando a gente tentava lembrar como éramos, o carinho tão natural parecia arranhar minha pele.

O abraço era solto, o toque frio.

Não demorou para nós constatarmos que era o fim. Quando apareceu a oportunidade de ser transferida para a capital na mesma DP do seu chefe Alfredo Cruz, que foi promovido para a 1ª classe, eu mesmo sugeri que fosse.

Afinal, era isso que ela queria desde o começo. Eu tentei fingir que Isa escolheu ficar na nossa cidade natal por amor ao lugar, mas a verdade é que ela escolheu por mim.

Estava cansado de vê-la chorando pelos cantos, de olhar para o seu rosto e não nos reconhecer mais como um casal feliz.

Tínhamos amor, mas perdemos a cumplicidade.

Desde que ela passou pelo portão desse apartamento, nunca mais a vi e nem soube dela. Recusei suas ligações, não respondi seus e-mails e não atendi a porta ao me procurar em casa, um mês depois de sua partida.

Tentar só ia machucar ainda mais nós dois e eu não queria que as lembranças do que vivemos ficassem em discussões intermináveis.

Eu queria recordar o lado bom da nossa história ao pensar nela, mesmo que isso doa tanto hoje em dia.

Vendi nosso lar reformado, comprei uma quitinete perto da

imobiliária e assim tenho sobrevivido.

Ainda não descobri a verdade sobre o que aconteceu com Benjamim, mas não perdi a esperança de honrar a memória do meu melhor amigo.

Eu confio na sua inocência, apesar de tudo.

CAPÍTULO 2

Agnes



Passo as mãos pelos fios ondulados do meu cabelo e improviso um coque alto ao sair pela porta da cozinha. Deixo meu chinelo perto do tanque de lavar roupa e apanho do armário velho, escondido no cantinho da área de serviço, os itens que vou precisar para a faxina. Adoro pisar descalço no chão.

— Sua mãe tá aí, Agnes? — Levo um susto tão grande com a voz estridente, que quase derrubo o balde com os produtos de limpeza.

Olho para a frente e enxergo dona Silvia me encarando. Ela parece que acabou de acordar. Está com o cabelo todo bagunçado, ainda com seu pijama chamativo de estampa de abacaxi, e segura uma xícara de café na mão. Uma das coisas que odeio neste lugar é a falta de privacidade, os prédios são praticamente grudados um no outro.

— Bom dia, dona Silvia! — cumprimento, sorridente, e ajeito o balde debaixo do braço. — A mãe foi à feira agora pouco.

— Ixi, então ela vai demorar. — A mulher rechonchuda bufa, tomando um gole do café.

Isso é verdade. Toda vez que dona Cilene inventa de ir à feira, demora, no mínimo, umas quatro horas. Ela pechinha tanto o melhor preço das frutas e legumes que me canso só de pensar.

Prefiro mil vezes fazer faxina na casa do que ficar perambulando para cima e para baixo, com o nosso carrinho de feira barulhento.

Como todos aqui de casa trabalham fora, só sobra o final de semana para cuidar dos afazeres domésticos com mais tempo.

— A senhora precisa de alguma coisa? — Tento ser solícita com a

amiga da minha mãe. Conheço-a desde que me lembro por gente.

— Queria combinar a hora que vamos ao bazar da Sheila, ela trouxe novidades. Vai lotar aquilo lá hoje.

— Assim que a mãe chegar, aviso *pra* ir aí falar com a senhora, tá bom?

Ela acena com a cabeça em concordância e se vira para entrar em sua casa, sem se despedir. Dona Silvia não é de muitas palavras.

Pego a vassoura e o rodo que faltavam e faço o mesmo. Tenho muita coisa para limpar e pretendo sair com Caren e Lorena mais tarde.

Nosso apartamento é bem pequeno. Tem dois quartos minúsculos e um médio. A área de serviço não cabe três pessoas dentro. Fica em um bairro mais pobre da cidade, rodeado por conjuntos habitacionais da Prefeitura e comércio popular.

Moramos aqui desde que eu era criança. Apesar de simples, eu amo o lugar e cultivei muitos amigos.

Antes de chegar à sala, o primeiro cômodo que sempre limpo, pego no aparador do corredor meu celular e os fones de ouvido. Faxina sem música jamais! Abro o Spotify e escolho a playlist com minhas canções preferidas.

Logo que a melodia invade meus ouvidos, um sorriso desponta no meu rosto e começo a afastar os móveis. Canto baixinho junto, me remexendo no ritmo, ao varrer, tirar pó de cada coisa e passar pano no chão.

Mato três cômodos do lado direito rapidamente: sala, banheiro e quarto da minha mãe. Paro na porta do meu e seco com as costas da mão o suor que escorre na minha testa.

Ajeito o fone no ouvido, enquanto espero a propaganda terminar, para entrar no clima novamente. É tão ruim esses comerciais, mas infelizmente não estou podendo gastar para assinar um plano no aplicativo de música. Qualquer economia é muito bem-vinda.

Em seguida, começa a tocar Impossible, na versão do James Arthur, e eu quase dou pulinhos de alegria. Amo essa canção! Não resisto desta vez e canto alto, usando o cabo da vassoura como microfone.

*I remember years ago
Eu me lembro de anos atrás
Someone told me I should take
Alguém me disse que eu deveria ter
Caution when it comes to love, I did, I did
Cuidado quando se trata de amor, eu tive, eu tive
And you were strong and I was not
E você foi forte e eu não*

Caminho pelo quarto, como se estivesse me apresentando em um palco, e paro no centro. Olho para o meu reflexo no espelho da penteadeira cantando e sorrio mais. Isso me deixa tão feliz. Meus olhos brilham de forma diferente, meu rosto se ilumina.

Fecho os olhos e me entrego às notas. Por um momento, um breve momento, deixo minha voz sair, sem medo, como eu queria fazer todos os dias.

*Tell them I was happy
Diga a eles que eu era feliz
And my heart is broken
E meu coração está partido
All my scars are open
Todas as minhas cicatrizes estão abertas
Tell them what I hoped would be
Diga a eles o que eu esperava ser
Impossible, impossible
Impossível, impossível*

— O que você está fazendo, Agnes? — Sinto um toque no meu braço e toda a magia se quebra.

Abro os olhos, assustada, e encontro minha mãe me fitando cheia de preocupação. Tiro os fones do ouvido e arrumo a vassoura na frente do corpo. Odeio ver essa aflição no seu rosto cansado.

— Desculpa, mãe — peço, cabisbaixa. — Me empolguei um pouco, não foi nada.

— Minha filha... — O resto da frase se perde no ar.

Eu sei que dói nela tanto quanto dói em mim, reprimir esse amor.

Tudo que minha mãe quer é ver a felicidade dos filhos, mas há sombras do passado duras demais para a nossa família. Evitar mais sofrimento é o que tenho feito de melhor nos últimos quatro anos.

Eu sempre amei cantar, desde pequenininha. Minha voz grave e potente, com um pouco de rouquidão, era muito elogiada toda vez que me apresentava em público. Tive oportunidade de fazer deste talento minha vocação quando completei 18 anos, só não esperava uma rasteira tão dolorosa do destino na mesma época.

Minha irmã do meio, Ayla, era uma modelo em ascensão. Linda e cheia de sonhos, tinha o mundo para conquistar, mas foi assassinada antes de poder desfilar em uma passarela internacional, como sempre quis.

Passo a mão no peito para controlar a ardência da lembrança dela. Eu era sua confidente, a via como uma mulher incrível em quem me espelhar. Sempre nos demos muito bem, apesar da diferença de cinco anos.

Com sua partida precoce e a do meu pai, seis meses antes, por causa de infarto, minha mãe entrou em uma depressão profunda. Não conseguia aceitar as perdas. Percebi que cantar a deixava ainda mais triste, ela tinha medo do que o mundo artístico podia fazer comigo também.

Desisti do meu sonho porque meu amor por ela é muito maior.

Fiz curso técnico de enfermagem e agora trabalho no postinho de saúde do nosso bairro. Eu gosto de lá, porém, não chega nem perto do meu amor pela música.

Foi mais uma opção barata e emergencial para ajudar em casa.

Minha mãe caminha em silêncio até a cozinha e a sigo, triste por deixá-la pensativa desse jeito. Evito ao máximo que me veja cantando por causa disso.

— A dona Silvia perguntou que horas a senhora vai no bazar da Sheila — falo, para quebrar o gelo entre nós, mexendo no cabo da vassoura que ainda seguro nas mãos. — Eu disse que ia pedir *pra* senhora ir lá quando chegasse.

— Tá bom, filha. Já, já eu vou — responde, sem muito ânimo, enquanto coloca alguns envelopes em cima da mesa.

Estico o pescoço e vejo que o primeiro é da empresa de crédito. Droga! Estão de novo em cima por causa da dívida. Esse também deve ser o motivo do seu rosto preocupado.

Quando meu pai estava vivo, fez um empréstimo, iludido por essas propagandas boas demais para serem verdade, com o objetivo de comprar um ponto de comércio aqui perto de casa. O nosso apartamento modesto foi deixado pelo meu avô quando morreu, anos atrás e, sem o peso do aluguel, ele achou que ter seu próprio negócio era a solução de dias melhores.

Minha mãe tentou alertar várias vezes do risco, que era melhor estudar a ideia antes com cautela, mas papai sempre foi teimoso e impulsivo demais. Fez mesmo sem o aval de dona Cilene e foi um fracasso. A insistência de manter o negócio só trouxe dor de cabeça.

Depois de sua morte e de Ayla, ficamos sem chão, acumulando dívidas diversas. Deixamos algumas parcelas em aberto e acabamos descobrindo recentemente uma bola de neve de juros. Eles não estão aceitando o imóvel como garantia, por causa do local, o que só piora a situação.

O problema maior é que também não estamos conseguindo passar o ponto. Ele é ruim demais para comércio porque fica em uma rua sem saída, com falta de pavimentação e sem segurança. Um galpão grande que seu Alceu tentou transformar em um bar temático para acompanhar jogos de futebol.

— A senhora voltou cedo da feira. — Tento puxar assunto novamente, vendo-a pegar um copo de água no filtro.

— Estava tudo caro demais, amanhã vou voltar na hora da xepa *pra* tentar comprar o grosso pelo menos.

Inspiro fundo, passando a mão pelo coque. Tenho que conseguir um trabalho extra para tentar amenizar essa situação até Alisson se firmar no trabalho.

Meu ganho como técnica de enfermagem e o dela, como funcionária do lar, não estão dando conta de alimentar nossas bocas e das minhas

sobrinhas, Caren e Lorena.

Elas são filhas do meu irmão mais velho, que está na fase final do processo seletivo da Polícia Civil. Alisson começou a faculdade de Ciência da Computação pelo Prouni, assim que saiu do ensino médio, mas a vinda das gêmeas o fez desistir e trabalhar para encarar a realidade. A mãe das meninas deu no pé menos de três meses depois do parto, era uma viciada.

Quando Ayla morreu, ele ficou obcecado e decidiu finalizar a faculdade na modalidade à distância. Fez um financiamento estudantil, aumentou as horas extras no trabalho e estudou todas as noites para passar no concurso para escrivão.

Enquanto finaliza o treinamento na capital, ele ganha apenas uma ajuda de custo. Mas, depois, seu salário vai nos salvar de algumas contas, por isso, temos feito esse esforço.

O que me preocupa, porém, é sua real motivação. Minha mãe nem sonha que por trás do trabalho burocrático de formalização e documentação dos inquéritos policiais, que para ela é garantia de segurança por ser dentro da delegacia, ele vai atrás de descobrir mais sobre o caso da morte da Ayla.

Os dois eram ainda mais unidos do que comigo, que sou a caçula. Quando a mãe das minhas sobrinhas se foi, minha irmã passou a fazer esse papel, cuidando delas dia e noite.

Alisson não se conforma com uma sequência de mensagens enviadas por nossa irmã na noite do crime. Isso tirou meu sono muitas vezes também. Nelas, Ayla parece desesperada, dizendo que foi levada para uma boate de elite em um dos bairros de classe alta na cidade.

Comenta umas coisas desconexas sobre bebidas, drogas e não querer fazer aquilo. Ela pede para ele ir buscá-la. Apesar de mostrar para a polícia, isso nunca foi levado em conta na investigação. Até hoje não sabemos como foi parar lá e por quê.

Meu irmão se sente culpado de não ter visto as mensagens na hora que foram enviadas. Estava com a primeira folga do trabalho, em muitas semanas, e decidiu sair para curtir com uns amigos.

Quando me contou sua decisão de ingressar na Polícia, apesar de todo medo que fiquei de se meter em confusão, eu o apoiei, sem pensar.

Afinal, é isso que fazemos por aqueles que amamos, não é mesmo?
Enfrentamos nossos medos e o ajudamos a enfrentar os seus.

CAPÍTULO 3

Samuel



Estaciono o carro na frente do imponente prédio de dois andares da imobiliária, pego minha pasta no banco do carona e saio de forma mecânica, para mais uma semana igual todas as outras. Abaixo a cabeça por alguns instantes antes de subir os degraus, soltando o ar lentamente.

Ainda é estranho para mim, mesmo depois de tanto tempo, aceitar que foi nisso que minha vida se transformou: um emaranhado de dias exaustivos e sem sentido.

Inspiro fundo e forço meus pés a se mexerem, passando pelo letreiro exuberante com meu sobrenome na fachada e a porta de vidro da entrada.

— Senhor Samuel, chegou cedo! — Não dou nem três passos e logo sou recebido pelo som alto e nervoso da voz de Patrícia.

Levanto a cabeça devagar para encarar a recepcionista, que normalmente me recebe com um bom dia gentil. Arqueio a sobrancelha, estranhando o tom pálido da sua pele.

— Está tudo bem? — questiono, aproximando-me da moderna bancada de madeira maciça.

— S... si... sim — gagueja, mexendo no cabelo mais vezes do que o normal. — Eu apenas estranhei o senhor estar aqui essa hora.

Eu deveria entrar às nove, saí de casa não tinha nem dado sete ainda.

— Fiquei sem sono, decidi vir logo *pra* cá resolver... — Paro a frase no meio ao ouvir risinhos saindo da direção do elevador.

Aperto meus dedos na pasta, com força, cerrando os dentes por constatar o motivo de Patrícia parecer uma estátua apavorada na minha frente.

Ele não fez isso.

Não...

Viro o corpo devagar para a esquerda, bem na hora de ver o casal feliz e traidor chegar à recepção. Miriane está com um vestido dourado curto e um salto tão alto que parece que saiu agora da balada. Telso veste uma calça jeans apertada e uma blusa polo azul descolada.

Putaquepariu, eu não acredito que ele teve coragem.

— Eu já disse que não quero essa menina aqui. — Fuzilo-o com o olhar, contando até dez mentalmente para não avançar em cima dele.

Já perdi as contas de quantas vezes quis partir para o embate físico com esse homem. Algo dentro de mim, algum senso perdido, grita o quanto é errado um filho bater no próprio pai.

Queria não ouvir a voz da sensatez. Queria muito que tivesse perdido isso também.

— Eu não disse que era *pra* avisar se alguém chegasse, sua incompetente? — Ele me ignora e encara a recepcionista, falando em tom ríspido.

Não passa despercebido pelos meus olhos o aperto firme que deixa na cintura da sua acompanhante, que poderia ser facilmente uma irmã caçula.

Apesar da diferença de idade gritante entre eles, isso não me incomodaria se o relacionamento dos dois tivesse acontecido de outra forma.

Se meu pai tivesse a decência de terminar com minha mãe primeiro. Se não tivesse roubado a empresa por causa dessa menina. Se não fingisse que é um garotão, gastando rios de dinheiro com alguém que claramente só está interessada na sua conta bancária.

— Senhor Telso, eu... eu... eu nem ouvi o senhor Samuel chegar. Me... me... desculpa.

— Você não tem que se desculpar, Patrícia — defendo-a, dando um passo para ficar na frente do meu pai. — Você não tem vergonha de trazê-la aqui, depois de tudo que fez?

Preciso piscar duas vezes para controlar a raiva que sobe pelos meus poros. Minha mãe foi a única coisa boa que me restou. A única que chorou

comigo e catou meus cacos espalhados por todo canto.

Ela é a pessoa que mais amo na vida, e jamais vou perdoá-lo por suas escolhas.

— Ficou chorando igual marica de novo e perdeu o sono? Por amar isso aqui, e querer ser um funcionário exemplar, é que não chegou cedo. — Eu odeio a capacidade que esse homem tem de tentar se livrar da culpa. Ele sempre dá um jeito de levar o foco para outra pessoa.

— O motivo não te interessa, Telso — respondo, sério, chegando ainda mais perto do seu corpo ereto e desafiador. — O que te interessa é guardar de uma vez por todas que não quero Miriane na empresa da minha mãe. Nunca! Em nenhum horário! Já basta ter que aturar você, ela é demais.

— Escuta aqui, garoto... — ele começa a falar, mas a menina manipuladora acaricia seu braço e encosta a cabeça no seu ombro, roçando igual uma gata no cio.

— Mozi, eu tô cansada da balada — resmunga, e tenho vontade de tapar os ouvidos com sua voz irritante e aguda. — Vamos *pra* casa, você já pegou seu notebook mesmo.

Balada?

Isso explica a roupa e os olhos vermelhos de ambos. Realmente, ele está se achando um garotão que não precisa trabalhar na segunda-feira.

— Vamos sim, moção. — Meu Deus, que patético. Passo a mão no rosto, entediado com a cena. — Samuel não vale a pena. Nunca valeu.

Houve um tempo em que essa última frase me abalaria. Eu ficaria chateado e tentaria provar meu amor por ele de todas as formas possíveis. Agora? Digamos que a sua opinião sobre mim é bem menos do que nada.

Estou me *fodendo* para o que pensa.

— Você é funcionário como qualquer outro, Telso — lembro-o, estampando no rosto a melhor cara de indiferença. — Não adianta pegar o notebook *pra* trabalhar meia hora, depois de dormir a manhã inteira pela ressaca da balada. Isso será descontando do seu salário.

Quase tenho vontade de rir das suas feições, aposto que neste momento ele também quer me bater. Posso não gostar daqui, no entanto, levo

muito a sério as coisas e fiz questão de conhecer todas as regras da empresa e da área.

Diretor tem os mesmos deveres que qualquer outro colaborador, inclusive, na questão da carga horária. Afinal, precisamos ser exemplo. Não se cria um negócio sólido, com mais de 70 anos no mercado e cerca de 30 funcionários, faltando trabalho por causa de uma festa.

Meu avô mataria Telso por isso.

Um burburinho na entrada da imobiliária desvia a nossa atenção. Dois corretores do plantão das 7h30 chegam conversando, alheios à tensão no ambiente. Sorrio para eles, desejando bom dia, como se nada estivesse acontecendo. O casal aproveita o cumprimento para sumir da minha frente.

Ridículos.

Não sou de desejar mal a ninguém, mas conto os minutos para essa menina mostrar a verdadeira face.

Algo me diz que não vai demorar muito para o conto de fadas deles virar uma história de terror.



Nunca direi isso em voz alta, porém, preciso confessar que essa imobiliária pode ter salvado minha vida. Acumulo tanta atividade que mal tenho tempo de pensar em outra coisa durante o período que fico aqui dentro.

Visitar o túmulo de Benjamim, semana passada, só piorou o nível absurdo de lembranças que tentam invadir minha mente. Basta um minuto vago para elas se infiltrarem em mim, como um vulcão em erupção.

Talvez, só talvez, seja por isso que tenho chegado cada vez mais cedo e saído tão tarde. Geralmente, pego os dois plantões de trabalho.

A cidade é bem tranquila em comparação as regiões metropolitanas e capitais, contudo, tem uma economia ativa. Desde a época do meu avô, a Mendonça Negócios Imobiliários oferece horários diferenciados para atender o cliente que só tem tempo disponível antes ou depois do expediente comercial.

Ouçó uma batida na porta e desvio a atenção das planilhas que avalio

no computador.

— Senhor Samuel, tem um minutinho antes de sair para o almoço?

Almoço? Olho para o relógio do monitor e me espanto ao constatar que já passam das 14h. Meu estômago ronca ao mesmo tempo, lembrando que apenas tomei um café preto antes de sair de casa.

Sorrio e aceno para que José Paulo entre. Ele é um dos nossos melhores captadores. Seu trabalho basicamente se resume em procurar imóveis para alimentar a nossa carteira de ofertas ou demandas específicas de clientes.

— Terminou de angariar opções para a Supremac? — pergunto, enquanto ele se senta na extravagante cadeira à minha frente.

Por atender, na sua maioria, clientes ricos, tudo por aqui é à altura dos frequentadores. Desde à fachada até os detalhes da decoração com objetos caríssimos. Ideia do meu pai, claro. Só os quadros estampados na minha parede pagariam facilmente a universidade de umas cinco pessoas.

Acho um desperdício de dinheiro, muito exagero. Não tenho mais autorizado esse tipo de gasto.

— Sim, separei seis lugares que atendem ao briefing deles. Acho que vão gostar, são ótimos.

Começo a verificar as fotos e conversamos sobre questões técnicas e valores das áreas. Concordo que estão com excelente custo-benefício. A Supremac é uma das maiores empresas daqui. Ajudamos a encontrar o espaço para a sua sede e intermediamos todo processo burocrático com a Prefeitura.

Eles agora precisam de um local para o trabalho social que começarão a desenvolver na cidade. Semana passada conversamos sobre a ideia e demandas da iniciativa, nesta apresentaremos algumas sugestões.

— Excelente trabalho, José Paulo. Obrigado.

— Disponha, senhor Samuel. Vou montar a apresentação e deixo na sua mesa, no final da tarde.

— Combinado!

Assim que ele fecha a porta, decido calar o barulho estrondoso do meu estômago e pego minha pasta. Muitas vezes trago alguma coisa de casa e

como na frente do computador para evitar tempo vago, mas hoje, saí tão atordoado com os pesadelos, que esqueci. Vou precisar almoçar na rua.

O sol está quente do lado de fora. Coço os olhos e coloco meus óculos escuros para me acostumar com a luminosidade. Tem um restaurante a duas esquinas, será lá mesmo minha parada rápida para matar a fome.

Passo pela praça que fica perto da empresa e avisto dois garotinhos e uma menina gargalhando, como se tivessem ouvido a melhor piada do mundo. *Caralho!* Mal caminho um metro e sou atropelado pelas memórias.



A aula de música terminou agora pouco e viemos conversar na praça em frente à igreja, até a mãe da Isabela buscá-la. Minha mãe com certeza não vai embora tão cedo.

Não que eu esteja reclamando. Adoro que ela demore, tem sido meu tempo preferido. Estou amando aprender violoncelo e, mais ainda, ser amigo da Isa.

Sento-me no banco com ela, enquanto Benjamim sai correndo sabe-se lá para onde.

Já faz um ano que a gente vem aqui toda semana. Meu amigo e eu estamos ficando craques. Anteontem teve show de talentos na nossa escola e transformamos uma canção do Capital Inicial em música clássica. O pessoal amou!

Queria que Isa também estudasse lá. Seríamos um trio imbatível, embora ela diga que quer trabalhar na polícia quando se formar.

— *Está com frio?* — pergunto, ao vê-la envolver os braços em volta do corpo.

— *Um pouquinho* — confessa, apertando-se mais.

O vento está bem gelado, típico do começo do inverno. Reparo nas roupas dela e só então percebo que está com uma blusa fina de malha. Tiro meu casaco de moletom e coloco no seu ombro, antes que possa protestar.

— *Não precisa, Samuca.*

— Claro que precisa, fica tranquila. — Toco com delicadeza sua mão fria, fazendo um carinho ali. — Pode ter certeza de que dona Creuza tem um guarda-roupa dentro do carro. Aquela lá está preparada pra tudo.

Isa sorri em resposta e sinto de novo aquele rebuliço no coração. Merda! Isso tem acontecido com muita frequência.

Não consigo entender, ninguém mais causa esse tipo de reação em mim.

Ficamos em um silêncio tímido por uns instantes, mas logo vejo Benjamim parar à nossa frente com três copos de plástico na mão. O conteúdo parece gostoso e quentinho pela fumaça que passa na frente do seu rosto.

— Aonde você foi? — pergunto, arqueando a sobrancelha.

— Na mercearia ali da esquina, garantir que a gente não congele aqui fora. Vocês podem ganhar um desses copos de chocolate quente, se adivinharem minha charada — avisa, com seu ar brincalhão de sempre.

— Manda aí, Benja! — Isa incentiva, empolgada com o prêmio.

Sorrio da sua cara de animação, deixando os copos no banco e esfregando os dedos no queixo, como se pensasse em algo muito difícil.

Ele faz um breve suspense, só para nos deixar com mais vontade de beber o chocolate quente.

— Vai logo! — brado, aumentando o riso.

— Tá bom, tá bom. — Meu amigo ajeita a postura e tenta ficar sério. — Qual o estado do Brasil que queria ser carro?

Franzo a testa, não fazendo a mínima ideia de qual seja. Sou péssimo nisso de charada.

Isa e eu nos entreolhamos, tentando pensar em equipe a resposta, no entanto, nada nos vem à mente.

— É Sergipe, seus lerdos.

— O quê? — indago, sem entender.

— Sergipe queria “ser” um “jipe” — Isabela afirma, fazendo sinal de aspas com os dedos para explicar a piada.

Meu Deus, se eu sou péssimo em charada, o Benjamim é pior ainda em fazer.

Nós três caímos na gargalhada e mal conseguimos tomar o chocolate quente, dez minutos depois.

Com certeza, eu tenho os dois melhores amigos do mundo.



Pisco várias vezes, sentindo o celular vibrar no meu bolso. O som alto e irritante faz as pessoas na rua me olharem, curiosas. Droga, essas lembranças ainda vão me matar.

Será que faz tempo que está chamando e nem reparei? Passo a mão no cabelo e apanho o aparelho, verificando uma chamada desconhecida de telefone fixo.

— Senhor Samuel? — Uma voz grave me faz parar na porta do restaurante assim que atendo.

— Sim, é ele — respondo, ainda disperso pela recordação. — Quem fala?

— Senhor Samuel, meu nome é Agnes. O padre Juracir me passou o seu contato, ele acabou de trazer sua mãe para o postinho que trabalho. — Fico ereto, totalmente atento à conversa agora. — Estou ligando *pra* avisar que ela está aqui e não está se sentindo bem.

— O que ela tem? O que houve? — questiono, desesperado.

— Pode ficar calmo — pede, percebendo meu tom. — O médico está avaliando a senhora Creuza neste momento, o padre Juracir entrou com ela. A paciente vomitou e estava com tontura.

— Tontura? — Dou meia-volta e acelero o passo, preocupado com o motivo desse sintoma.

Desde o mês passado, minha mãe tem tido tonturas recorrentes. Já pedi que fosse ao médico e ficou me ignorando, dizendo não ser nada de mais. Meu Deus, e se for algo grave?

— Sim, eu verifiquei a pressão antes de entrar no consultório e estava um pouco baixa. A tontura pode ser por isso.

— Onde fica esse posto? — Esbarro em várias pessoas na calçada, sem nem conseguir me desculpar, de tanta pressa. — É perto da igreja?

— Isso, o posto é duas ruas depois da igreja. Do lado da escola municipal. O senhor sabe onde fica?

— Sei, estou indo aí agora mesmo.

Sem esperar resposta do outro lado da linha, desligo, afobado, e subo os degraus da imobiliária de dois em dois. Aviso Patrícia que posso demorar um pouco para voltar do almoço, por causa do estado de saúde da minha mãe, e interfono rapidamente para o gerente responsável ficar de olho em tudo por mim.

No carro, encosto a cabeça no volante por um minuto para recuperar o fôlego. Meu coração está acelerado no peito, daquele jeito que eu nunca mais gostei de sentir.

Espero que tenha sido só um susto. Eu preciso que tenha sido só um susto.

A essa altura, não tenho forças para perder mais ninguém na minha vida. Principalmente, ela.

CAPÍTULO 4

Agnes



A principal vantagem de trabalhar no único posto de saúde do bairro é que você acaba conhecendo todo mundo. E não digo apenas de forma superficial, temos a oportunidade de realmente nos relacionar com cada paciente.

Alguns nos mimam tanto que, com frequência, recebemos bolinho fresco para o café da tarde, pão de queijo, torta... Benefício de se morar em uma cidade do interior. Gosto tanto dessa intimidade que é uma das coisas que mais me ajuda a esquecer a música sufocada dentro de mim.

— Como foi o grupo de debate no final de semana, dona Marinalva?
— Sorrio, ao oferecer meu braço e acompanhar a mirrada senhora de feições enrugadas pelo pequeno corredor da recepção até a sala de enfermagem.

— Foi incrível, Agnes — ela afirma, retribuindo o sorriso e ajustando a armação dos óculos, grandes demais para seu rosto fino. — Nós discutimos sobre os possíveis desdobramentos do ataque dos EUA ao Irã.

— Que legal, qualquer dia desses vou lá participar também, *pra* saber o que tanto deixa esses olhinhos brilhando — aviso, ajudando-a se sentar na cadeira, assim que entramos na sala ampla e bem-iluminada.

— Vai mesmo, você vai gostar. — É nítido a alegria e o orgulho que sente do seu trabalho. — Nossas discussões estão riquíssimas.

— Aposto que sim!

Pego sua ficha na mesa e coloco as luvas, enquanto converso sobre quais conclusões o pessoal chegou. Quem vê dona Marinalva, passando distraída pela rua, nem imagina como essa senhora baixinha e de cabelos brancos é inteligente.

Mesmo com quase 70 anos e a saúde debilitada por causa da diabetes, ela ainda dá aulas de história para adolescentes da rede estadual de ensino. Não contente, uma vez por mês coordena um projeto da escola, aberto à comunidade, sobre a história da política.

Com a morte prematura do marido durante a Ditadura Militar, sem filhos e família por perto, a mulher acabou se mudando da capital para cá e ficou até hoje.

Apanho o aparelho de glicose do armário ao meu lado e espeto seu dedo, afiro também a pressão e realizo os procedimentos de rotina necessários. Amo quando ela vem aqui fazer o acompanhamento do quadro clínico, porque sempre acabo aprendendo algo novo.

— Como a senhora está, Marinalva? — Doutor Walter aparece na porta e puxa assunto logo que termino tudo.

— Com o açúcar em 112, estou ótima! — brinca, levantando-se da cadeira.

— Que bom, isso mesmo. Tem que se cuidar! — O médico toca o ombro dela com carinho e vira-se na minha direção. — Você pode ficar com a senhora Creuza, na salinha de observação, até o filho dela chegar? Padre Juracir tem missa daqui a pouco e eu vou comer algo rapidinho *pra* não atrasar as próximas consultas agendadas.

— Claro, doutor.

— Ela precisa ir para o hospital, aqui infelizmente não podemos fazer muito — explica, olhando para os papéis que segura na mão. — Além dos primeiros sintomas, agora apresenta forte dor abdominal. Prescrevi uma medicação enquanto isso *pra* amenizar a dor.

— Nossa, coitada. O filho ficou muito preocupado, já disse que está a caminho — conto, saindo da sala de enfermagem com dona Marinalva e ele.

Com as relações hoje em dia tão superficiais, é muito bonito presenciar o carinho sincero de um filho com os pais. Quase posso ouvir a voz nervosa do rapaz no meu ouvido de novo.

Acompanho a mulher franzina, para a consulta preventiva da diabetes no dentista, e já viro à esquerda no meu novo destino. Padre Juracir, com sua barriga grande e cabelo calvo, está na porta, esperando por mim.

Ele permanece exatamente igual da primeira vez que o vi, logo que entrei para a equipe do postinho, ano passado. Outra pessoa maravilhosa que tive o prazer de conhecer. Vire e mexe traz fiéis que passam mal para uma averiguação com a gente.

— Minha filha, eu preciso mesmo ir. — O religioso toca meu braço, encarando a paciente deitada na maca. — Cuida bem dela, por favor. Creuza é uma das relíquias da nossa comunidade.

— Pode deixar, ficarei de olho nela até o filho chegar — garanto, sorrindo para ambos.

A mulher corresponde minha simpatia com um sorriso fraco pela dor, mas verdadeiro. Já a vi antes, sempre lá perto da igreja. Acho que não reside por aqui, pelos trajes mais sofisticados que usa e o carro moderno que dirige.

Minha família é evangélica e a gente mora do lado oposto do bairro. Passei a saber o que tem por essas bandas só quando consegui a vaga de emprego.

Somos abençoados pelo padre antes de ele ir e eu me aproximo da maca, segurando a mão da senhora.

— Que lindos seus olhos! — elogio, reparando na cor verde com tons de mel únicos.

— Obrigada, querida. Linda é você, olha esse cabelo! — Agradeço com um aceno tímido e ela se remexe, tentando desviar o foco do desconforto. — Puxei do meu pai e meu filho puxou de mim. A herança que mais amamos.

— Ah, com certeza amam. São incríveis — concordo, ajeitando o travesseiro no seu pescoço para que fique mais confortável. — O remédio não melhorou nada a dor?

— Um pouco. — Percebo pelo seu rosto que tenta parecer mais forte do que realmente é no momento. — Já vai passar, é uma bobeira. O padre nem precisava ter chamado o Samuel. Ele vai vir desesperado *pra* cá e depois não me dará paz, até fazer um milhão de exames.

— Ele ficou ansioso mesmo ao telefone, mal se despediu e desligou correndo — conto, rindo, e dona Creuza me acompanha. — Mas isso é ótimo, que bom que tem alguém que se preocupa. A senhora precisa ir ao hospital,

como o doutor Walter aconselhou.

— Odeio ir ao médico — admite, dando uma bufada engraçadinha.

— É importante *pra* senhora descobrir o que houve e ficar 100% boa de novo — incentivo, acostumada a lidar com pacientes assim, e pego uma cadeira para sentar-me ao seu lado.

Puxo assunto sobre há quanto tempo conhece o padre Juracir e fico surpresa ao saber que presta serviço voluntário para a comunidade há mais de 15 anos. Vem pelo menos duas vezes por semana ajudar nos projetos sociais da igreja.

Como desconfiei, não é mesmo do bairro. Mora na parte rica da cidade, é divorciada e só tem um filho. Descubro até que o rapaz fez aulas de violoncelo por aqui, quando criança, junto do melhor amigo. Noto uma leve tristeza ao falar disso, então, nem me estendo.

A conversa flui fácil entre nós, gosto dela. Falo também sobre minha família grande e quase chego a contar da paixão pela música.

— Gêmeas? Meus Deus, eu queria muito ter tido gêmeas. — Ela suspira, quando menciono minhas sobrinhas. — Por mim, teria uns cinco filhos, adoro criança. Telso que não quis na época.

— Caren e Lorena são nosso xodozinho, mas dão trabalho, viu?! Agora estão na fase de comer sem parar. Preciso urgente arrumar um trabalho extra *pra* ajudar lá em casa. — Sorrio, lembrando como elas acabaram com uma dúzia de bananas que minha mãe comprou no sábado.

Hoje ainda é segunda-feira.

— Nossa, quando era criança, o Samuel também comia mui...

— Mãe, a senhora está bem? O que houve? O médico deu algum remédio *pra* aliviar os sintomas? — Olho para o lado, meio atordoada com o tanto de perguntas seguidas que interrompem nossa conversa.

Mal consigo reparar no homem que chega desesperado e para à minha direita, tocando com carinho o rosto da mulher deitada. O sorriso de alegria dela ao ver o filho é contagiante. Levanto-me para não os atrapalhar e fico em pé, atrás do rapaz. Ele está bem vestido com uma camisa azul de linho dobrada no braço.

— Calma, Samuel. Já estou me sentindo melhor. Não foi nada.

— Como não foi nada? — Sua respiração está um pouco agitada. — A senhora está tonta de novo, e ainda vomitou. Nós vamos sair daqui *pra* ir ao hospital fazer uns exames.

— Não é necessário, meu filho. — Tenta argumentar.

Balanço a cabeça, ciente de que vou ter que me intrometer.

— A senhora tem que ir, sim, dona Creuza.

Dou um passo à frente e paro ao lado de Samuel. Quando viro o pescoço para encará-lo pela primeira vez, preciso de um segundo para recuperar os sentidos.

Meu coração dá um salto no peito ao fitar o rosto sério, com barba por fazer e maxilar quadrado.

Nossa! Engulo em seco e troco o peso de uma perna para a outra, tentando voltar o foco no trabalho.

Os olhos dele são realmente iguais ao dela.

— É... — Arranho a garganta para espantar a voz falha e abro um sorriso contido. Ele nem parece notar meu desconforto, pois suas feições não mudam nem por um segundo. — Sou a Agnes, que falou com você ao telefone. O doutor Walter precisou sair *pra* almoçar, mas pediu para avisar sobre a necessidade de ir ao hospital. Ela também está com desconforto abdominal.

— Dor no estômago, mãe? — O homem a observa novamente, não consigo desviar a atenção do vinco preocupado que se forma no seu rosto.

— Ministramos uma medicação *pra* dor, infelizmente, não podemos fazer muito por aqui — explico, um pouco hipnotizada pela forma como o seu cabelo meio bagunçado combina perfeitamente com o conjunto da obra.

— *Tá bom, tá bom* — dona Creuza concorda, se sentando com dificuldade e envolvendo o braço na altura da barriga. Ela olha para mim e dá um sorrisinho, sinto minhas bochechas corarem. — Vocês venceram, vamos ao hospital.

Samuel oferece o braço para ajudá-la a se levantar e eu balanço a cabeça em concordância, envergonhada sem nem saber bem o motivo.

— Desejo melhoras, já, já estará boa de novo para os projetos sociais da igreja.

— Deus te ouça! — A mulher sobe a mão pelo meu cabelo solto e faz um carinho ali. — Agradeça a todos por mim, obrigada por me fazer companhia até meu filho chegar.

— Imagina, não foi nada de mais.

Acompanho os dois em silêncio até a recepção do posto, tentando entender por que meu coração ainda bate de forme errante.

— Obrigado, Agnes. — Samuel olha nos meus olhos por breves cinco segundos.

Cinco segundos que me deixam sem conseguir respirar.

Mal tenho tempo de formular uma resposta coerente e ele vira de costas, em direção ao carro estacionado torto na calçada. Apenas aceno para dona Creuza, que sorri para mim, de forma cúmplice novamente.

Será que ela percebeu minha cara de boba?

Que droga, nunca fiquei sem reação desse jeito na frente de alguém.

Tudo bem que também nunca tinha visto um homem tão bonito pessoalmente, em toda minha vida.

Respiro fundo quando o veículo dá partida e coloco a mão no peito para sentir as batidas. Ainda estão vacilantes, como se eu tivesse feito uma pequena corrida.

Balanço a cabeça para espantar os pensamentos e entro de volta. Que coisa estranha!

CAPÍTULO 5

Samuel



Passo uma mão no rosto, cansado, e apoio a outra na perna, a fim de frear o balançar nervoso para cima e para baixo. *Porra*, eu não acredito que isso está acontecendo.

Eu não acredito que o filho da puta do destino quer me foder de novo. Ele adora ser irônico comigo, brincar com meus sentimentos.

É a única vez, em quatro anos, que não penso em Isabela ou Benjamim, por mais de breves minutos, mas só porque a dor dentro do peito está ocupada com outra pessoa.

Olho para o corpo inerte e magro da minha mãe na cama do hospital e suspiro fundo, ao imaginar o que este dia pode significar para a sua vida.

Já são 41 horas aqui. Chegamos para uma consulta simples e descobrimos uma massa no estômago. Mais tontura, mais vômitos, mais dor. O médico pediu a internação, realizou novos exames e solicitou uma biópsia.

Biópsia. Eu passei a odiar essa palavra.

A massa pode ser maligna. Pode significar um câncer.

Sentindo-me sufocado por essa possibilidade, levanto da poltrona que fiquei a noite toda velando seu sono e caminho até a janela de vidro ampla do quarto. Afasto um pouco a cortina para que os raios do sol invadam meu rosto, para que o ar fresco da manhã me ajude a respirar compassadamente.

“Achei que não era nada de mais, coisa da idade”.

As palavras que ela disse ontem ecoam na minha mente, trazendo a culpa por não estar mais tão presente como antes.

Eu deveria saber das dores de estômago frequentes, da falta de apetite,

das náuseas. Descobri da tontura dias atrás e não insisti que fosse ver o que era antes.

Também deveria ter percebido como emagreceu nas últimas semanas e como há olheiras nos seus olhos grandes e expressivos. Até seu cabelo, que costuma ser sempre pintado e bem cortado, está maior e com alguns fios brancos.

Os sinais estão todos ali.

Minha obrigação é cuidar dela nessa idade, não o contrário. Dona Creuza fica tão preocupada com minha tristeza sem fim, que prefere esconder as coisas de mim.

— Samuel! — Ouço a voz do médico oncologista e me viro lentamente na sua direção. — Podemos conversar um segundo?

Ele está parado na porta com o rosto indecifrável. Engulo em seco, a sentença pode ser dada agora. Já passou o tempo que mencionou ser necessário para o resultado da biópsia ficar pronto.

Hesitante, solto a cortina que ainda estava segurando e velo mais uma vez o sono da minha mãe, antes de segui-lo até o corredor.

— O resultado ficou pronto? — A voz sai baixa, amedrontada.

— Saiu. — O homem de meia-idade vacila um pouco e algo dentro de mim se quebra. Eu sei o que vem a seguir. — Sinto muito, Samuel. O tumor é maligno.

Abaixo a cabeça instantaneamente, tentando refrear o turbilhão de emoções que esmaga meu peito. Minhas mãos estão trêmulas no meu cabelo, posso escutar o retumbar do meu coração contra a caixa torácica.

“Benjamim... está sendo acusado de assassinato.”

“Ele morreu, Samuel.”

“Se é o que você quer, eu vou embora.”

Vozes se misturam na minha cabeça, lembrando como a vida me tirou tudo de forma abrupta uma vez: a ligação no meio da noite; a notícia da morte do meu melhor amigo; a partida do único amor que já tive.

Sem eu menos esperar, quando as coisas pareciam bem.

As pessoas estão erradas se acham que o fundo do poço é o pior que alguém pode chegar.

Dou um passo para trás, cambaleante. A visão está turva, a cabeça latejando.

— Eu devia ter visto os sintomas — sussurro, sentindo a culpa me tomar. — Talvez pudesse cuidar, antes de virar câncer, evitar isso...

Minha mãe é uma pessoa tão boa. Ela é altruísta, carinhosa, ajuda todo mundo sem esperar nada em troca. Dona Creuza não merece isso.

Não merece um filho que não cuida dela.

— O câncer costuma ser silencioso mesmo, não se culpe por isso, Samuel. O da sua mãe está no estágio II, mas vamos conseguir tratar com boas probabilidades.

— Quais... — Limpo a garganta, notando as lágrimas grossas escorrerem pelo meu rosto, e o encaro. — Quais as chances dela?

— O tumor é um pouco grande, teremos que iniciar quimioterapia imediatamente para reduzir o tamanho e facilitar a remoção cirúrgica depois. — O médico toca meu ombro, buscando me reconfortar. — Porém pacientes nesse estágio têm taxa de sobrevida em cinco anos de cerca de 46%. Muitos vivem bem mais e são até curados.

46% é menos da metade.

Sinto minhas pernas vacilarem com medo do destino, um suspiro de dor escapa pelos meus lábios.

Eu não posso perdê-la também. Não sobreviria a mais isso.



Ajudo minha mãe se deitar na cama e ajeito os travesseiros para ficar confortável. Ela recebeu alta depois do almoço e a trouxe direto para sua casa. Apalpo o tecido macio sem olhar nos seus olhos. Desde que contei o resultado da biópsia de manhã, não consigo encará-la sem que um nó se forme na minha garganta.

Ao contrário do que imaginei, ao contrário da minha própria reação,

ela não chorou, reclamou ou se exaltou. Ficou em silêncio, ouvindo o médico explicar sobre quais serão os próximos passos e, assim que ele virou as costas, juntou as mãos e começou a rezar.

Dona Creuza sempre foi uma mulher de muita fé.

Já agendamos a primeira quimioterapia para daqui a dois dias. Nessas horas, eu agradeço ter dinheiro para poder agilizar o tratamento de forma rápida e com os melhores profissionais.

— Olha pra mim, meu amor — ela pede, fazendo-me engolir em seco.

Com um pouco de relutância fito seus olhos verdes como os meus e recebo um sorriso em resposta. Minha boca também se move, mas o resultado sai triste.

Ainda não estou acreditando que isso é real.

— Está tudo bem — garante, firme.

Balanço a cabeça em negativa, notando meus olhos se encherem de lágrimas de novo.

Está tudo, menos, bem.

— A senhora não está com medo? — Tomo coragem para perguntar, depois de alguns segundos de silêncio.

— Não — responde, de imediato, sem nem pensar na pergunta. — Estou em paz, meu filho. Sei que Deus estará comigo durante esta jornada.

— Eu estou com muito medo — confesso, sentando-me ao seu lado e pegando sua mão.

Sei que deveria ser forte, esconder meu sofrimento para não a afetar, só que não consigo disfarçar.

Sempre fui assim.

— A sua melhor qualidade é ser intenso e verdadeiro nos seus sentimentos — minha mãe elogia, parecendo ler meus pensamentos, e faz um carinho nos meus dedos. — Eu sei que está com medo, mas não fique, Samuel. Vai ser tudo conforme a vontade d’Ele.

Nunca consegui ter essa relação íntima com Deus igual ela, mesmo no período que frequentava a igreja, toda semana, para as aulas de violoncelo.

Depois da morte do Benjamim, afastei-me de vez de tudo.

Não gosto nem de pensar na possibilidade que Ele possa ter permitido meu amigo morrer e ser acusado injustamente, tampouco que minha mãe, que sempre o serviu, sofra com câncer, depois de tudo que já passou com meu pai.

Deus não pode querer mal às boas pessoas. Deveria haver uma regra deixando imune quem tem um coração puro.

— A senhora precisa jurar que não vai mais esconder nada de mim, qualquer dor ou desconforto tem que me avisar na mesma hora — peço, lembrando sobre os sintomas que poderiam ter sido verificados antes.

Apesar do que o médico disse, uma parte de mim ainda se culpa por não estar presente e perceber as mudanças na sua saúde.

— Eu prometo que vou falar, filho.

— Estava pensando em levar a senhora *pra* minha casa e contratar enfermeiras em dois turnos, até tudo melhorar — sugiro, e ela resmunga.

Dona Creuza sempre foi muito independente e, mesmo com todo dinheiro, nunca esbanjou ou fez questão de mordomias. Ela dirige seu próprio carro sem motorista e nem sequer mantém uma funcionária em casa.

Zélia, que conheço desde criança, é diarista e vem só às sextas-feiras para fazer uma faxina.

— Não vou ficar em paz, sabendo que está aqui, sozinha. — Tento argumentar, aproximando mais meu corpo do dela. — Uma profissional de saúde saberá cuidar melhor da senhora e garantir que fique bem logo. Por favor!

Só pelo seu olhar noto que ela odiou a sugestão, mas sabe que desta vez é por necessidade.

— Eu aceito a enfermeira, só que não vou sair do meu cantinho, não.

— Mãe...

— Ah, não, Samuel. Eu gosto das minhas coisas, da minha cama. — Quase sorrio com a cara de brava que ela faz. Minha mãe, realmente, odeia perder sua independência. — Eu que peço, por favor, agora, bastam duas enfermeiras atrás de mim, o dia inteiro.

— Tudo bem — cedo, levantando-me para já providenciar uma empresa que preste esse tipo de serviço. — Durma um pouco, vou procurar agora mesmo.

O cansaço está começando a pesar e bocejo antes de sair do quarto. Quando estou na porta, minha mãe dá um grito, me chamando, que quase me mata do coração.

— O que foi? — Volto, apressado, para o seu lado. — Está com dor?

— Eu já sei quem você vai contratar para o turno da noite — conta, mais entusiasmada que o normal. Parece que acabou de se lembrar de algo incrível. — Ela é ótima, vou adorar sua companhia.

— Quem? — questiono, desconfiado. — Precisa ser enfermeira, mãe. Não vou ficar...

— Ela é! — interrompe-me, ajustando o corpo na cama. — Liga para o padre Juracir e veja o contato com ele. É a Agnes que ficou comigo lá no postinho, lembra?

Agnes?

Forço meu cérebro a se recordar de algo que não sejam os flashes dessas horas intermináveis no hospital.

Passo a mão no cabelo e a voz grave me vem à mente primeiro.

Ah, sim. Lembrei! A morena de cabelos cacheados que me ligou.

A menina parece muito nova para ser enfermeira, ficaria mais tranquilo se fosse alguém com experiência e de uma agência recomendada.

— Vou ver com o padre e verifico se ela tem disponibilidade — comento, sabendo que esses argumentos de experiência não serão páreo para minha mãe.

— Ela vai ter! — responde, confiante, o sorriso novamente nos seus lábios.

Aceno com a cabeça, sem entender a reação exagerada, e saio do quarto, deixando-a descansar.

Essa tal de Agnes realmente conquistou minha mãe em poucos minutos.

CAPÍTULO 6

Agnes



Arrumo a alça da mochila no ombro e aceno, sorridente, para o senhor Odair, que já está a postos na guarita, a fim de garantir a segurança do postinho. Hoje o dia foi exaustivo, mas ainda estou longe de descansar. Vou tomar um banho para espantar esse calor e continuar minha busca por um emprego extra, urgente.

Enviei currículos para cuidadora, babá noturna e até garçonete nas pizzarias e bares perto de casa. Estou aceitando qualquer coisa para desafogar as dívidas da minha família.

Ontem, peguei minha mãe chorando escondido no seu quarto, antes de dormir. Ela finge ser durona e forte, no entanto, sei que a saudade e os problemas que se acumularam a deixam transtornada.

Quero muito ajudá-la a aliviar esse peso nas suas costas.

Atravesso o estacionamento e sigo até o bicicletário, onde minha excêntrica bicicleta rosa me espera. Ganhei de presente do meu pai, no aniversário de 15 anos, e nunca mais a larguei.

Com a passagem de ônibus cara do jeito que está, ela é minha melhor companheira para a ida e a volta do trabalho, todos os dias. Demoro quase 30 minutos para atravessar o bairro, contudo, acabo fazendo um pouco de exercício e relaxando a mente.

Pego meu prendedor de cabelo da lateral da mochila e faço um rabo de cavalo, antes de guardá-la na cestinha.

Sim, minha bicicleta também tem uma cestinha!

— Agnes, que bom que ainda te encontrei aqui, filha. — Viro para trás com o som e avisto padre Juracir caminhar na minha direção.

Parece que ele veio com pressa, pelas gotículas de água que se acumulam na sua testa e a respiração ofegante que sai da sua boca.

— O que houve? — Dou dois passos à frente, indo ao seu encontro.
— Está tudo bem?

— Mais ou menos. — O homem passa a mão no cabelo calvo e se inclina um pouco, buscando retomar o fôlego. — A Creuza não melhorou.

Apesar do fluxo enorme de pessoas que frequentam o postinho, eu costumo me lembrar de cada rosto e nome de quem passa por mim. Desta senhora simpática, que foi atendida no começo da semana, eu me recordo muito bem.

Dela e do filho gato, aliás.

— Descobriram o que ela tem? — pergunto, genuinamente preocupada, colocando um fio solto atrás da orelha.

— Acredita que foi diagnosticada com câncer de estômago?! — o padre conta, tristonho, e eu fico boquiaberta.

— Câncer? Assim, de repente?

— Pois é, minha filha. — Ele suspira, ficando ereto de novo. — Só Deus mesmo *pra* nos guiar e nos fortalecer nos momentos de provação.

Caramba, coitada! Imagino como está sua cabeça agora. Pensou que não era nada de mais e subitamente recebe a notícia de uma doença devastadora.

— Vim aqui porque o filho dela está contratando enfermeiras e parece que a Creuza disse que queria você no turno da noite. — Arqueio a sobrancelha, surpresa que tenha comentado sobre mim. — Ele me deixou esse telefone, se tiver disponibilidade, é *pra* ligar hoje ainda. O coitado está com pressa de resolver tudo.

Estico a mão para pegar o pedaço de papel com o número anotado de forma esgarranchada em tinta azul.

Meu coração dá aquele salto mais uma vez. Não sei se pela possibilidade de arrumar o tão desejado emprego extra ou se pela vontade de ver o bonito homem de olhos verdes de novo.

— Vou ligar, sim, estou precisando muito — confirmo, tentando não

parecer tão afetada.

— Ficarei feliz se der certo. Creuza nos ajuda há muitos anos na comunidade, sei que ficará em boas mãos com você. — Ele toca no meu ombro, sorrindo. — Já fiz até minhas recomendações para o Samuel.

— Muito obrigada, padre Juracir — agradeço, correspondendo o sorriso.

— Deus te abençoe, filha. Agora, preciso ir, vai começar a novena daqui a pouquinho e tenho que me preparar.

Rápido como chegou, ele some, me deixando parada na frente do bicicletário, olhando para os números do telefone.

Suor se acumula na minha mão, molhando a beirada do papel. Se eu não me conhecesse bem, diria que estou com medo de ligar.

Que merda está acontecendo?

Eu tenho 22 anos, já fiquei com vários rapazes, não sou tímida. Inclusive, me apaixonei umas duas vezes e não me lembro de parecer uma boba desse jeito.

Balanço a cabeça, concentrando-me na possibilidade do emprego, e disco os números antes de pensar demais.

— Alô!

— Senhor Samuel, é a Agnes. Tudo bem? — Passo a mão no rosto, sentindo as batidas aumentarem com a voz suave.

Reviro os olhos para mim mesma. *Caralho*, Agnes, foco!

— Ah, sim. Oi, Agnes. Tudo e você?

— Tudo bem, o padre Juracir me passou seu telefone. Primeiramente, quero dizer que sinto muito por sua mãe.

— Obrigado. — Ele faz um breve silêncio doloroso. Pelo pouco que o conheço, tenho certeza de que essa notícia o arrasou. — Você tem disponibilidade?

— Tenho, sim, eu posso trabalhar depois do meu expediente.

— Eu queria conversar pessoalmente com você, pode ser? — Noto que Samuel tenta ser gentil com as palavras. — Não me leve a mal, mas eu

não te conheço. Como não está vindo de uma agência e parece novinha, preciso ter certeza de quem vai cuidar do meu bem mais precioso.

Mordo o lábio inferior para conter um suspiro ao ouvi-lo falar da mãe dessa forma carinhosa. Que fofo!

— Claro, eu entendo, senhor Samuel. Estou à disposição *pra* conversar.

— Pode ser agora? Eu gostaria de começar os turnos amanhã.

Padre Juracir não mentiu quando disse que o homem está com pressa. Seco a mão suada na minha calça jeans branca e ando até a bicicleta.

Poderia ser agora, para fazer o que ele quiser.

Agnes!? — repreendo meus próprios pensamentos, balançando forte a cabeça.

Estou parecendo uma louca, o caso é sério.

— Pode, sim, onde nos encontramos?

— Onde for melhor *pra* você.

Combinamos de nos reunir às seis horas em uma padaria que tem na esquina de casa. Ele é tão educado, que preferiu vir até mim, para ser mais fácil a locomoção, mesmo que a maior interessada na vaga seja eu.

Engulo em seco e subo na bicicleta, tentando ignorar a ansiedade que começa a formigar em cada parte do meu corpo.



Não é normal estar tão nervosa.

Encho pela terceira vez o copo de água, enquanto Samuel explica como vai funcionar os turnos que organizou. Tomo o líquido, balançando a cabeça em concordância com suas palavras.

Estamos sentados na parte dos fundos da padaria, em uma área ao ar livre. Cheguei primeiro e escolhi o cantinho próximo ao jardim, por ser mais reservado e tranquilo nesse horário.

Fiquei com medo de me atrasar e nem fui em casa. Vim direto com a roupa branca de enfermagem mesmo. Dei só uma passada no banheiro para

renovar o desodorante, soltar o cabelo e colocar uma corzinha na boca.

Não é que eu esteja querendo parecer bonita. Só tentando manter a aparência adequada para uma vaga de emprego.

O calor amenizou um pouco, mas o sol ainda não se pôs completamente. Há resquícios da tarde pelos tons laranjas do céu acima de nós.

Creio que deve ter passado quase meia hora que estamos aqui. O rapaz é bem cuidadoso e realmente se preocupa em me conhecer tecnicamente. contei da minha formação, as experiências que tive no estágio como cuidadora de idosos e o trabalho atual no postinho.

Não tenho um currículo extenso, porém, sempre faço bem feito o que me proponho. Graças a Deus, recomendações é que não vão faltar, se ele achar que é necessário.

— Vai funcionar na carga horária de 12 por 36, com quatro enfermeiras para ajudar no suporte de domingo a domingo — Samuel explica, me encarando sem desviar o olhar.

É difícil encontrar alguém que olhe nos seus olhos e permaneça o contato durante toda a interação. O gesto mostra tanta verdade. O problema é que também está me deixando ainda mais desconfortável.

Apesar dessa intensidade, é um olhar diferente. Não sei explicar muito bem. Como se não fizesse diferença se eu sou mulher ou homem. Ele é educado, nada além disso. Não transparece uma emoção.

Será que tem uma namorada ou noiva? Talvez seja casado, embora não tenha aliança.

Se for alguma dessas opções, a mulher é sortuda.

Pode ser que seja gay também.

Não, acho que gay não é, não. Ele tem uma cara de homem com pegada, que gosta de...

— Qual o seu horário atual? — Pisco duas vezes para sair desses malditos devaneios.

Estava mesmo pensando em sexo durante uma entrevista de emprego?

Acho que estou passando muito tempo de casa para o trabalho. Preciso dar uma saída, isso deve ser falta de interação com homens. Pelas minhas contas, faz uns cinco meses que não fico com ninguém.

— Das oito às cinco da tarde, de segunda a sexta — respondo, ajeitando a coluna na cadeira para me recompor. — O sistema 12 por 36 é ótimo, daria bastante flexibilidade.

— Eu combinei na agência do turno ser das sete da noite às sete da manhã. Você conseguiria chegar ao Montana a tempo?

Penso nos itinerários dos ônibus que passam perto de casa e me lembro de uma linha direta para esse bairro. Se eu não me engano, o trajeto demora 40 minutos.

Vai ser bem corrido, dará tempo de tomar um banho de gato, comer algo e pegar o horário das seis.

O problema maior vai ser de manhã, terei uma hora para ir direto ao trabalho.

— De tarde, dá tempo, sim, são duas horas de janela *pra* me organizar. — Teria que abdicar da bicicleta e andar só de ônibus para ser mais rápida a locomoção. — Só de manhã, que eu ficaria mais apertada. Tenho que conferir os horários do transporte para voltar ao meu bairro.

— Pode tomar banho lá, se precisar — afirma, e respiro aliviada. Estava começando a ficar com medo de ser inviável. — Como eu disse para a outra enfermeira da noite, é mais uma precaução minha do que realmente necessidade de cuidados específicos com ela nesse horário. Você pode dormir, só preciso que fique atenta. Tem um quarto de hóspedes ao lado do dela.

— Claro, com certeza. Meu sono é muito leve, tenho duas sobrinhas pequenas em casa. — Solto uma risada tímida e Samuel mexe os lábios em algo que mais parece um gesto automático de educação do que espontâneo.

— O salário com adicional noturno é de R\$4.332,50, mais vale-transporte. Apesar de você ser técnica, pagarei o mesmo valor que será desembolsado para a agência.

Uau!

Acho que minha cara de assustada não deve ter ficado muito discreta.

Meu Deus, isso é mais do que o dobro do que ganho no postinho. Vai ajudar muito lá em casa.

— Ok — limito-me a dizer, ainda chocada com o valor.

Com quatro funcionárias, serão quase R\$20 mil por mês. Realmente, ele vem de uma família rica.

— Acho que podemos fazer um período de teste de 30 dias, Agnes. — Samuel pega seu copo de água e toma um gole. — Você começa na sexta, *pra* dar tempo de ver certinho essas questões de ônibus. Tudo bem?

— Ex... excelente — respondo, animada demais, mexendo no cabelo para conter o frenesi. — Agradeço muito a confiança que está depositando em mim, garanto que não vou decepcionar vocês.

Acertamos mais alguns detalhes e saímos juntos da padaria para o terreno vazio ao lado que usam como estacionamento. Sem querer, minha bicicleta ficou bem ao lado do Volvo dele.

— Bom, então ficamos combinados na sexta. — Tiro a chave do cadeado do bolso da calça e fico parada na frente da minha rosinha. — Às sete em ponto estarei lá.

Reparo seu olhar desviar de mim para o objeto nada imperceptível. O movimento nos seus lábios aumenta um pouco para o lado.

Bem pouco. Se eu não tivesse observado tanto antes, não teria visto a mudança.

De forma alguma parece debochado, como se ele fosse superior a mim por ter um carro de última geração e eu, uma simples bicicleta rosa de cestinha. Soa como de curiosidade genuína.

O sorriso comedido foi espontâneo, pela primeira vez na noite, e um rebuliço ainda mais louco do que antes se apossa do meu peito.

Olhos para as mãos por um segundo, me xingando mentalmente pelos pensamentos aleatórios.

Se eu tiver que ver esse homem todo dia no trabalho, isso não vai dar certo.

CAPÍTULO 7

Samuel



Tomo um gole do café fumegante, ajeito a pasta na outra mão e empurro a porta de vidro da imobiliária com o ombro. Estou com pressa, atrasado para o trabalho, depois de permanecer quase a semana inteira ausente, devido à internação da minha mãe.

Tive que passar no Starbucks e garantir uma bebida bem forte para conseguir ficar acordado. Ainda não gozei de uma noite decente de sono: a dor de cabeça e o cansaço estão cobrando seu preço.

Pelo menos, resolvi a questão das enfermeiras ontem mesmo. O primeiro turno começou pontualmente às sete horas, estava lá verificando se tudo ia ocorrer bem.

Dona Creuza não está muito feliz de ter alguém grudado no seu pé, mas o importante é que não se opôs à minha ideia. Se ela ficasse sozinha o dia todo, eu não conseguiria fazer nada, de preocupação.

— Bom dia, senhor Samuel! — Patrícia me recebe com um sorriso.
— Sua mãe está bem hoje?

— Acordou bem, obrigado. — Correspondo com um de praxe e sigo em direção ao elevador. — Pede para o José Paulo ir à minha sala, por favor.

— Pode deixar, já vou pedir.

Aperto o botão com rapidez e encosto próximo ao espelho. Dois corretores também aproveitam a subida, me cumprimentam com cordialidade e perguntam sobre a saúde da minha mãe.

Assim que desço no andar, quase não consigo chegar ao destino, de tanta gente que me para desejando melhoras e oferecendo orações. Apesar de não frequentar mais a empresa desde o golpe do Telso, dona Creuza ainda é

muito querida entre os funcionários.

Patrícia mandou flores em nome da equipe, assim que chegamos ontem do hospital. Esse tipo de carinho não tem preço. Ela merece.

Entro na sala, já tirando o paletó, pegando documentos da pasta e ligando o computador. Estou com várias atividades pendentes, o que só faz a enxaqueca aumentar ainda mais.

Ouçoo um barulho na porta e nem levanto a cabeça para checar quem é, crente de que se trata de José Paulo.

— Como foi a reunião na Supremac? — pergunto, olhando duas planilhas ao mesmo tempo.

— Que belo administrador você é, deixando qualquer um resolver assunto sério da imobiliária. — Cerro os dentes ao notar o tom de voz autoritário do meu doador de esperma.

— O que você quer, Telso? Não tô com paciência *pra* você hoje — resmungo, ainda com a atenção nos papéis.

— Você veio cheio de marra me dar lição de moral e agora está aí, faltando no serviço, à toa. — Observo-o de esguelha se aproximar e se inclinar na mesa. — Seu salário também vai ser descontado, viu?!

Com a raiva começando a borbulhar na minha pele, encaro a figura ativa à minha frente. Ele sorri, debochado, ostentando dentes brancos demais para parecerem naturais.

Nojo. É isso que sinto desse homem.

Enquanto os funcionários, que poderiam ser distantes, se importam, Telso sequer ligou alguma vez para saber como estava a mulher com quem viveu durante mais de 27 anos.

Com certeza sabe do diagnóstico do câncer e viu a movimentação da imobiliária. Simplesmente não se interessa mesmo.

— Ao contrário de você, eu não sou sanguessuga — cuspo as palavras, segurando com força os documentos para não voar em cima dele. — Mesmo por um motivo legítimo, não por causa de balada, avisei ao RH *pra* descontar meus dias.

— Acompanhar parente no hospital não é motivo.

Como minha mãe pôde se deixar enganar por uma pessoa mesquinha desse jeito? Pior que nem posso dizer que essa atitude é de agora.

Desde que me lembro por gente, ele só servia para jogar indiretas o dia inteiro em cima de mim.

“Você é um fracote.”

“Música não é profissão.”

“Ela não pertence ao nosso mundo.”

— Primeiro, eu estava acompanhando a minha mãe e dona desta empresa. Segundo, você está aqui há muito mais tempo do que eu e não conhece as normas — desdenho, largando os papéis na mesa e ficando em pé. — Nossa legislação interna garante atestado de acompanhamento médico, há anos. Além disso, eu tenho um banco de horas que daria *pra* tirar férias duplas, se eu quisesse.

— Claro que daria. — Telso amplia os lábios, fitando o fundo dos meus olhos. — Desde que aquele imprestável morreu e sua pobretona te largou, só sobrou isso *pra* sua vida medíocre.

— Seu filho da puta, desgraçado! — vocifero, puxando-o pela gravata em direção ao meu corpo.

A raiva que eu tentava reprimir explode com tudo e, pela primeira na vida, eu realmente fico perto de bater no meu próprio pai. A mão em punho chega a levantar e mirar o rosto excêntrico do homem que me gerou.

— Samuel, não faça isso! — José Paulo corre na minha direção e empurra meu corpo para trás, antes que seja tarde demais. Nem o vi chegando à sala. — Você vai se arrepender.

Afasto-me, mordendo os nós dos dedos para controlar a ira. O pior é que, mesmo ele merecendo um belo soco, eu iria me arrepender de fazer isso.

— Depois eu digo que é um fracote e ainda fica bravo. — Telso endireita o corpo e arruma a gravata torta. — Nem *pra* fazer o que morre de vontade, serve.

Dou um passo à frente e abro a boca, mas José Paulo novamente toma à dianteira da situação.

— É melhor o senhor sair, agora. — Ele segura o braço do meu pai e

o direciona até a porta.

— Tira a mão de mim, rapaz — ordena, sério, e limpa o lugar que o funcionário segurou.

Olhando-me com um ar vencedor, de quem conseguiu exatamente o que queria, Telso vira as costas e se vai, sem dizer mais nada.

Sento-me na cadeira, com a respiração irregular pela frustração de não liberar a fúria acumulada em mim. Apoio os braços na mesa e encosto a testa nas mãos, tentando voltar ao normal.

— Desculpe me intrometer, senhor Samuel, mas é que eu te conheço e sei que...

— Tudo bem, José Paulo — interrompo-o, antes de terminar. — Você fez certo, obrigado.

Ficamos em silêncio por um tempo que eu nem sei dizer se foi muito ou pouco. O necessário para retomar o fôlego e deixar a raiva baixar.

— Como foi a reunião com a Supremac? — indago, observando o homem sentado à minha frente.

Devido à internação da minha mãe, ele me representou na reunião de apresentação das propostas do terreno. Como captador dos espaços, era a pessoa mais qualificada para explicar as escolhas.

— Se o senhor quiser, posso voltar mais tarde — alerta, preocupado.

— Não, já estou bem. Pode falar.

— Eles não aprovaram as sugestões — José Paulo diz, um pouco cauteloso. — Gostaram das propostas, mas não para a sede do projeto social.

Que merda! Mais essa para piorar o dia que não está bom. Passo a mão no cabelo e me encosto na cadeira macia.

O funcionário conta as pontuações que a empresa fez sobre o lugar e itens que mudou no briefing inicial.

— Qual o prazo *pra* novas sugestões?

— Duas semanas. — Suspiro, anotando a data na minha agenda. — Deixaram em aberto pesquisar galpões à venda também.

— Pesquise então, por favor. É prioridade encontrar o lugar perfeito.

Com tudo isso de problema à minha volta, o que eu não preciso agora é uma crise com nosso maior cliente.



Abro a porta do meu apartamento e entro, arrastando os pés, enquanto desato o nó da gravata. Estou acabado, ainda com dor de cabeça e muito sono.

Olho no relógio de pulso e vejo que já são quase dez horas. Caramba, o tempo voou. Fui visitar minha mãe depois do expediente e acabei ficando mais que o planejado.

A enfermeira disse que ela não comeu quase nada o dia inteiro e ainda sentiu tontura ao insistir em varrer a casa. Não tinha me lembrando disso, é claro que ela iria abusar.

Liguei para Zélia imediatamente e combinei com a diarista de ir lá de manhã, de segunda a sábado, dar uma ajeitada na casa e manter a despensa abastecida.

Depois pedi o jantar no restaurante, que já tinha acertado de entregar as refeições dela e da acompanhante diariamente, e tive que dar na boca para a teimosa não ficar de estômago vazio.

Para ajudar, minha mãe também não gostou muito das enfermeiras. Achou as duas primeiras sérias demais e muito “profissionais”.

Não consegui deixar de sorrir com o adjetivo. Aquela mulher é uma figura.

O ápice da noite foi a conversa nada sutil da espertinha tentando inserir a tal Agnes no assunto, enaltecendo que a garota seria a melhor de todas, por ser espontânea e divertida.

Dona Creuza pensa que me engana. Conversou com a menina uma vez só e já fica nessa puxação de saco. Ela não cansa de tentar arrumar alguém para preencher o vazio dos meus dias.

Dei logo um jeito de avisar para tirar essa ideia da cabeça. Não vai rolar.

Não mesmo.

Deixo minha pasta em cima do sofá e dou dois passos à frente para alcançar a geladeira. A discrepância entre a casa enorme da minha mãe e essa aqui é gigante.

Enquanto a dela esbanja cômodos e uma decoração cheia de colorido, tenho apenas um quarto, um banheiro, e uma sala anexa com a cozinha. Nenhum objeto de enfeite, somente móveis essenciais.

Nem parece um lar.

Pego uma garrafa de água gelada e bebo no gargalo mesmo. Levo o recipiente para o quarto, a fim de procurar os benditos calmantes que tenho guardados em algum lugar.

Devem estar ainda dentro do prazo de validade. Houve uma época que estava viciado neles para aplacar um pouco da dor.

Faz tempo que não uso, mas hoje é por uma questão de necessidade. Se não dormir, amanhã não conseguirei fazer nada.

A exaustão está demais.

Deixo a garrafa na mesinha de cabeceira e tiro a gravata, o paletó e a camisa. Estralo o pescoço e abro o guarda-roupa. Se eu não me engano, coloquei em uma caixa de sapato.

Puxo o primeiro para ver se está ali e uma fotografia solitária cai no meu pé de cabeça para baixo. Minha consciência tenta alertar para não mexer nisso, mas as mãos parecem ter vida própria e pegam o pedaço de papel.

Automaticamente, meus olhos se enchem de lágrimas ao ver o sorriso lindo de Isabela.

Lembro-me perfeitamente desse dia. Era um domingo nublado e passamos 24 horas dentro do antigo apartamento. Não fizemos nada além de comer, assistir a filmes, dar risada e nos amar em cada pedacinho da casa.

Aquilo era um lar.

Simples e completo.

Engulo em seco, sentindo a bolota na garganta me sufocar. Toco o papel na altura do seu rosto e não resisto a fazer um carinho ali.

Escondi todas as fotos que tinha dela e do Benjamim, justamente para

que esse rebuliço no meu peito não piorasse. Droga, o que essa merda está fazendo aqui?

Jogo a imagem longe e deslizo o corpo no chão, encostando-me na porta do guarda-roupa. Tento refrear, mas as lágrimas são mais fortes do que eu.

Tenho tanta saudade do que fomos.

Tanta...

Abro a caixa de sapato e, como um sinal divino, encontro os calmantes. Pego dois de uma vez e engulo, sem água mesmo.

Agora não é só uma questão de necessidade, é uma questão de urgência.

Nem que um dia eu quisesse, não há espaço para outra.

É impossível amar quando seu coração está afogado na dor.

CAPÍTULO 8

Agnes



Passo pela portaria do luxuoso condomínio fechado vislumbrando as casas enormes, sem muro e com jardim na frente. Parece que estou naqueles filmes americanos.

Olho no relógio quando avisto o número do meu destino e respiro, aliviada, que consegui chegar a tempo. Ainda faltam 20 minutos para o horário do próximo turno. Hoje vim bem devagar, conhecendo o bairro e as paradas de ônibus. Creio que não terei problema quanto a isso.

Caminho pelos quadrados de cimento no chão, emoldurados pela grama verdinha, e aperto a campainha, admirando os entalhes perfeitos da porta de madeira.

Uau, este lugar é incrível!

— Boa noite, eu sou a Agnes! — cumprimento, sorridente, a mulher de meia-idade que abre a porta.

— Boa noite, sou a Elza.

Ela não corresponde o sorriso, mas libera a minha passagem. Pelas roupas brancas, sei que se trata da enfermeira.

Merda! Será que tinha que vir com algum uniforme? Entro reparando na minha calça jeans e blusa de malha simples.

— Tinha que vestir algo específico? — Puxo assunto, preocupada.

— Nossa agência oferece uniforme padrão para esse tipo de atendimento em casa. — É a única coisa que me diz.

Aceno com a cabeça e mexo nas mãos, ansiosa.

Samuel não falou nada sobre isso e imaginei que poderia vestir

qualquer coisa. Espero que não tenha problema no primeiro dia. Era só o que me faltava.

Sigo-a por um corredor amplo, cheio de quadros na parede, e constato que por dentro é ainda mais bonito que por fora.

— A senhora Creuza está tirando um cochilo, não se sentiu muito bem hoje, por causa da experiência com a quimioterapia — ela explica, e entra em um quarto onde a mulher pálida está deitada. Parece tão frágil e cansada.

— Quais efeitos colaterais ela teve? — pergunto, baixo, sentando-me ao seu lado em uma espécie de sofá, no canto esquerdo do ambiente.

Não combina muito com a decoração, acho que foi colocado aqui recentemente para este fim.

— Náusea, vômito e boca seca, além da falta de apetite que já vinha tendo — enumera, parecendo um robô.

— Coitada da dona Creuza, no começo é ruim mesmo.

A mulher não diz mais nada e fico quieta, observando a cama. Será que a enfermeira passou o dia todo assim? Deus, não consigo ficar parada desse jeito por tanto tempo, não.

Quando dá seu horário, ela se despede e vai embora, deixando uma pasta na minha mão com o relatório do dia para entregar ao Samuel.

A minha aflição só aumenta. Tinha que trazer material para fazer relatório escrito também?

Admito que um pouco do suor que se acumula nos meus dedos é pela inquietação em vê-lo. Esse bendito homem invadiu até meus sonhos ontem, que porcaria. Não consegui entender até agora essa fixação nos seus olhos verdes.

Exatos quinze minutos se passam, até que dona Creuza abre os olhos. Escancaro um sorriso enorme de alegria, porque, definitivamente, não nasci para ficar sentada sem fazer nada de útil.

— Como está se sentindo? — Aproximo-me da cama e a ajudo se sentar.

A senhora simpática corresponde meu sorriso com um caloroso, como

se estivesse muito feliz com minha presença.

— Ainda estou com um pouco de náusea — admite, fazendo uma careta e fica de pé. — Esses efeitos são muito ruins, e hoje só foi o primeiro dia.

— Muitos efeitos colaterais desaparecem rapidamente, após o término do tratamento, fica tranquila. Se Deus quiser, o tumor vai diminuir, a senhora vai operar e ficará boa de novo.

Passei a noite de ontem estudando no meu quarto sobre várias coisas da doença. Quero estar o mais preparada possível para ajudá-la no que for preciso.

— Amém, minha filha. Amém! — Toca no meu rosto e faz um carinho ali.

Mal a conheço, mas já gosto tanto dela. Aparenta ser uma mulher espetacular.

— Quer sair um pouco deste quarto?

— Ai, por favor. — Balança os braços, apontando para a porta. — Não aguento mais ficar parada aqui. As outras enfermeiras só sabem me mandar repousar o dia inteiro.

— Eu também não tenho vocação *pra* isso, não. — Rio de novo e estendo meu braço para que possa se apoiar.

Voltamos pelo corredor dos quadros e Creuza vai me apresentando aos poucos sua casa. Surpreendo-me ao saber que mora sozinha em um espaço tão grande. contei por cima três quartos com suíte e dois banheiros sociais.

O cômodo que mostra por último é o que chama mais minha atenção. A cozinha dela é a dos meus sonhos. Toda planejada nos tons preto e vermelho, ostentando uma bancada central de dar inveja até nos participantes do Master Chef.

— É tudo fantástico, dona Creuza — elogio sinceramente.

Meus olhos quase não piscam ao ver o fogão na bancada de mármore. Sempre quis um desses. Lá em casa temos um Dako velhinho, sem uma boca funcionando, para ajudar.

— Obrigada, querida — agradece, e noto um pesar na sua voz. — Era a casa dos meus sonhos, pensei em cada espacinho dela. Não consegui me desfazer depois do divórcio, nossa mente é um mistério e adora se martirizar.

— Sinto muito.

— Já faz tempo, estou aprendendo a me redescobrir. Nada como um dia após o outro *pra* curar nossas feridas, não é mesmo?

— É verdade. — Coloco um cacho revoltado atrás da orelha e aproximo-me da bancada. — "O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã."

— Salmos 30, versículo 5 — complementa, sorrindo radiante. — Eu sabia que você era perfeita.

Fico sem entender a segunda parte do comentário, no entanto, não me estendo no assunto porque uma enxurrada de lembranças do meu pai e de Ayla invadem a minha mente.

Passo a mão no mármore gelado para não precisar encará-la com os olhos marejados. Realmente, o tempo cura nossas feridas, mas jamais esquecemos. Aqueles que amamos sempre estarão com um pedaço do nosso coração.

O importante é que agora ficou a saudade boa e foi embora toda revolta e angústia que o sofrimento traz.

— Preparações com gengibre e limão ajudam a diminuir a náusea. — Quebro o silêncio que ficou mudando completamente de assunto. — Se a senhora quiser, posso preparar alguma coisa *pra* jantar.

— Imagina, não precisa se incomodar com isso. — Ela caminha até onde estou e para ao meu lado. — O Samuel contratou um restaurante *pra* enviar refeições aqui, *pra* mim e a enfermeira do turno.

— Eu amo cozinhar, não seria incômodo algum. *Pra* mim, quanto mais me mexer, melhor. Se tiver abóbora e gengibre aí, tenho uma receita deliciosa em mente.

Aprendi a cozinhar com minha mãe, ainda criança, quando fazia quitutes para vender. Dona Cilene faz milagre com qualquer alimento e não desperdiça nada. Um dom nato!

— Amo abóbora! — Sorrio das suas feições empolgadas. — Sério? Você não se importaria?

— Claro que não, vai ser um sonho realizado cozinhar em um lugar assim.

Com o salário que estão me pagando, eu até faxinaria a casa inteira, se precisasse.

— Não me farei de rogada, Agnes. Há dias estou sem apetite, mas foi só você falar de abóbora, que até salivei.

— Me mostra onde guarda as coisas que, em quarenta minutos, o jantar estará servido.

Animada, dona Creuza me ajuda a separar tudo e liga no restaurante para cancelar a entrega de hoje.

Fico feliz em saber que está com vontade de comer. Pacientes com câncer de estômago perdem o apetite com muita frequência, fazendo quimioterapia o quadro piora.

O tempo passa e a gente nem percebe, falando de diversos assuntos, enquanto me divirto com suas painéis brilhantes de aço inox. Quando sirvo, ela come com vontade, o que só me faz sorrir ainda mais.

— Fiz bem molhadinho *pra* ajudar com a boca seca também — conto, pegando meu prato e fazendo companhia ao seu lado.

— Agnes! — Ela faz uma pausa dramática. — Está incrivelmente delicioso.

— Que bom que gostou, só de ver essa carinha...

— Que cheiro gostoso é esse? — A figura altiva que aparece na porta da cozinha, vestindo uma camisa preta dobrada no braço, interrompe todos meus pensamentos.

Nunca me canso de admirar como Samuel é bonito.

— Filho, a Agnes fez um creme de abóbora com gengibre, divino! — Passa os dedos nos lábios, imitando um gesto de joia em seguida. — Você precisa comer, pega um prato. Aposto que estava na imobiliária até agora, sem se alimentar direito.

— Você não precisa cozinhar, não faz parte das suas obrigações — ele explica, preocupado, como se eu fosse entrar na Justiça por causa disso.

— Eu adoro cozinhar, não tem problema nenhum — respondo, me perdendo no seu olhar penetrante.

— Eu já falei sobre isso com ela — dona Creuza fita-me com carinho, tocando na ponta do meu cabelo solto —, mas a abençoada fez questão e tenho que admitir que faz tempo que não comia com tanta vontade.

— Que bom que está com apetite agora, mãe. — Ele se aproxima dela e deixa um beijo na sua testa. Assim fica cada vez mais difícil! — Ontem me deixou muito preocupado.

— Nem estou com ânsia, a Agnes disse que gengibre melhora náusea e fez um prato especial.

A atenção do homem volta novamente para mim e reprimo com todas as forças a necessidade de engolir em seco. Ele ia perceber minha garganta mexendo.

Seu olhar agora parece de aprovação, como se tivesse feito certo de escutar a mãe e me contratar. Pego uma nova colher de sopa para tentar distrair minha mente desse magnetismo esquisito.

— Não te falei que seria bem mais espontâneo e divertido? — Ela encara o filho, sorridente, e quase derrubo o talher, quando Samuel corresponde seu sorriso, balançando a cabeça.

Se eu estava preocupada antes, de isso não dar certo, agora, eu tenho certeza.

Esse homem vai acabar comigo. É fácil demais viciar nesses olhos verdes selvagens e no movimento dos lábios que parecem tão macios.

Tenho medo de perceberem que estou estranha e acabar sendo demitida por ficar babando no filho da minha paciente. Ou posso resolver o problema do dinheiro extra, e acabar arrumando outro, como me apaixonar por Samuel.

Apaixonar? Senhor, cada vez piora mais. Não acredito que disse essa palavra na terceira vez que vi o homem.

Como me manter neste emprego, assim?

CAPÍTULO 9

Samuel



Tenho que dar o braço a torcer para a Agnes. Minha primeira impressão sobre ela é que seria nova demais para cuidar da minha mãe, fiquei preocupado com a falta de recomendações e sua experiência na área.

Já acompanhei um pouco do trabalho das outras três enfermeiras — de fato, mais velhas e com currículo vasto —, porém, nenhuma delas deixou dona Creuza tão animada e com apetite.

Aposto que jamais iriam se prontificar a fazer algo além de suas funções. Minha mãe estava certa, a garota é espontânea.

Vejo-a se levantando para repetir o prato e não resisto a sorrir de novo. É praticamente um milagre isso acontecer duas vezes na mesma noite.

Sorrir de verdade é bem raro agora.

— Uau, desse jeito vamos ter que pedir *pra* Agnes fazer creme de abóbora todo dia! — brinco, levando uma colherada à boca.

Está delicioso, também estou bem propenso a repetir. Tirando com minha mãe, em nenhuma outra ocasião desde que cheguei à fase adulta, comi uma refeição caseira.

Ao contrário de Agnes, Isabela não gostava de cozinhar e nem sabia fazer um ovo frito. Vivíamos em restaurantes ou pedindo algo em casa.

Arqueio a sobrancelha, fitando o prato, e balanço discretamente a cabeça.

Por que estou comparando as duas?

— Seria um prazer cozinhar *pra* dona Creuza. — A voz dela me obriga a sair do transe. — Se quiserem, deixo pronto vários pratos nos dias

que vier. Só congelar que fica bom.

— Imagina! — minha mãe exclama, sentando-se novamente ao meu lado. — Não precisa fazer isso, querida, um cansaço desnecessário.

— Eu estava brincando — explico, ainda não entendendo de onde veio esse pensamento aleatório. — Você não tem obrigação nenhuma de cozinhar.

Costumo sempre falar olhando para meu interlocutor, mas neste momento prefiro não encarar Agnes. Faz tempo que não entro nesse jogo ridículo de comparação.

Odeio isso, embora seja involuntário.

Aconteceu todas as vezes que meu corpo venceu a batalha e acabei transando, nesses últimos quatro anos. Foram poucas, ainda bem. A tristeza que fica no meu peito quando acaba é pior que a necessidade fisiológica.

As mulheres com as quais saí são exatamente como eu — somente procuram alívio. Escolho a dedo, fora do meu círculo social, porque não quero contato com nenhuma delas. Relacionamento está fora de cogitação para mim.

Acredito que só temos a chance de viver o amor uma vez na vida, ele não bate na mesma porta.

Já tive o meu.

— Eu sei que não tenho, mas adoraria. — Ela observa com carinho dona Creuza e sorri, depois volta a atenção para mim. Desta vez, correspondo o contato. — Você está me pagando muito mais do que ganho no meu trabalho atual. Além disso, equiparou o salário de enfermagem, sendo que ainda sou técnica. De coração, eu ia adorar deixar a comida pronta.

Viro para minha mãe e trocamos um olhar de dúvida, se isso não seria abusar dela. Dona Creuza acena com a cabeça em positivo, e entendo que podemos testar.

— Não deve ser uma obrigação, Agnes — reforço, fitando seus grandes olhos castanhos. — Só vamos aceitar se fizer quando puder. Os dias que estiverem mais agitados, o restaurante faz a entrega aqui.

— Claro, como acharem melhor.

Minha mãe muda de assunto, falando das sobrinhas gêmeas da garota e eu aproveito a deixa para espantar da minha mente qualquer resquício da comparação.

Não faz sentido nenhum pensar nisso agora, nem dar mais munição para a minha mente fodida.

Acabo sendo inserido na conversa e entro no meu modo educado, que presta atenção e responde, mas não necessariamente está ali presente. O tempo passa rápido e, quando percebo, já são quase dez horas.

— Mãe, preciso ir — aviso, limpando a boca com o guardanapo. — Queria dar uma palavrinha com a senhora antes, sobre a imobiliária.

Hoje encontrei uns contratos suspeitos no sistema. Tenho uma grande desconfiança e quero seu aval para investigar a fundo. Fiquei até tarde verificando informações para embasar nossa conversa, por isso, nem consegui chegar a tempo para o início do turno, como fiz com as outras.

— Claro, filho. Vou rapidinho ao banheiro e encontro você lá no quarto.

— Quer ajuda? — Agnes prontamente se oferece.

— Não, querida. Estou me sentindo bem melhor.

As duas sorriem e a garota se levanta, retirando os pratos da mesa. Vejo minha mãe se virar e decido auxiliar a enfermeira na arrumação, enquanto vai ao banheiro.

— Não precisa lavar nada, viu?! — Deixo os copos que bebemos suco dentro da pia e percebo Agnes se retesar ao meu lado. Será que a assustei? — A Zélia vem amanhã cedo e limpa tudo.

— Ok. — Sua voz é quase um sussurro.

— Deu tudo certo com os horários de ônibus? — pergunto, tentando melhorar o clima que ficou diferente.

— Deu, sim, fui em casa depois do trabalho e cheguei com folga. — Ela se afasta e vira de costas. — Falta confirmar o horário na parte da manhã.

— Que bom. Qualquer coisa, me avisa.

— Ah, eu já ia me esquecendo. — Ela apressa o passo até uma bolsa

guardada em cima do armário da cozinha e retira uma pasta de lá. — A enfermeira Elza pediu *pra* entregar o relatório do dia.

Pego a pasta personalizada com logo da agência e avisto uma planilha organizada por horários. Confirmo que, com Elza, minha mãe não comeu quase nada. Participei da primeira sessão de quimioterapia e estava ciente das reações que poderiam ser causadas. Ainda bem que não foi nada grave.

— É preciso usar algum tipo de uniforme e fazer esse relatório escrito? — Agnes pergunta, tímida.

— A roupa não, mera formalidade da agência. Mas o relatório, eu gostaria. — Passo a mão no cabelo e solto um suspiro cansado. — Minha mãe tem a mania de não me contar as coisas *pra* poupar a preocupação.

— Coisa de mãe. — Ela também suspira, como se sofresse com o mesmo problema. — Vou providenciar o relatório diário.

— Não precisa ser tão detalhado desse jeito. — Balanço a pasta com dezenas de informações desnecessárias. — Quero saber o essencial, se ela passou mal, se teve reação com algum remédio, se não comeu, não dormiu... Essas coisas.

— Pode deixar, amanhã entrego *pra* enfermeira do turno.

— Obrigado, Agnes. — Estendo a mão em sua direção e penso ter visto sua garganta subir e descer, tensa. Ela demora alguns segundos para corresponder o toque. — Agradeço muito por se dispor a fazer a comida e ser atenciosa com a minha mãe.

Não passou despercebido por mim como as duas sorriem toda hora uma para outra, tão à vontade. Fico mais tranquilo se dona Creuza estiver com alguém que a faça se sentir bem.

— Não... não é nada — garante, um pouco sem graça.

Despeço-me dela, ignorando a curiosidade, que quer analisar como reage quando minha mãe está perto e quando fica sozinha comigo.

Não viaja, Samuel!

Isso não tem importância nenhuma.

Estou cansado e imaginando coisas.



— Você acha que ele seria capaz? — minha mãe pergunta, pela segunda vez, lendo com atenção os documentos que deixei em sua mão.

— Eu acho — admito, sincero.

Não gosto de esconder nada dela no que se refere à Mendonça Negócios Imobiliários, porque é um patrimônio de sua família. Sua opinião é importante para definir o que deve ou não ser feito.

A tristeza no seu rosto, porém, eu tenho certeza de que é mais pelo desgosto com Telso do que pelo nome da empresa.

Esse maldito não cansa de me decepcionar, se for verdade, desta vez vai pagar caro. Até hoje não engulo a forma planejada que conseguiu sua porcentagem na imobiliária, sem nos dar margem para reagir.

Ele faz tudo milimetricamente calculado para se safar.

— José Paulo está pesquisando terrenos e galpões para a Supremac implantar o projeto social deles — explico, passando a mão no rosto. — Ele me mostrou no final da tarde umas opções bem em conta em um lugar chamado Jardim Flora. Estranhei ser um bairro de classe média-baixa, porque de manhã estava fazendo um levantamento no sistema, sobre as regiões que mais nos trazem receita, e esse nome apareceu entre as 20 principais.

Aponto para o papel e mostro os valores de algumas propriedades que encontrei depois da conversa com o funcionário. As vendas intermediadas por nós no local, de dois anos para cá, parecem supervalorizadas.

— Não faz muito sentido — minha mãe comenta, o mesmo que tenho pensado, desde que vi os números. — Por que as pessoas estão comprando propriedades em um bairro inferior, por um valor que daria *pra* investir em um local melhor?

— Também pensei isso, tem alguma coisa estranha e quero sua autorização *pra* investigar. — Encaro seus olhos verdes e vejo ali o medo de uma nova decepção com o homem que amou. — Foi pura coincidência ligar os pontos, mãe. Se não tivesse feito a pesquisa de manhã, não teria desconfiado. São dezenas de bairros, até hoje não decorei todos, nem

conheço tudo. Mas sinceramente acho que há um problema grande por trás desses dados.

Silêncio.

Ela não responde nada de imediato e fico aflito ao notar a tristeza evidente no seu rosto cansado. Parece até que já tem certeza do sofrimento que está por vir com mais um golpe.

— Pode ir a fundo nisso, filho. — A voz sai rouca, engasgada pelo choro reprimido.

Deixo um beijo carinhoso em sua testa e trago seu corpo franzino para perto do meu, abraçando-a forte.

Telso foi um pai de merda, um marido pior ainda e só sabe se aproveitar da empresa da minha mãe.

Se eu descobrir qualquer fraude dele, não vou hesitar nenhum segundo em mandá-lo para trás das grades.

CAPÍTULO 10

Agnes



Solto um bocejo preguiçoso e coço os olhos, passando pelo portão estreito de pedestres. Não consigo deixar de notar a diferença dos lugares. Os prédios amarelados, juntos demais um do outro, e sem nenhum verdinho que seja no piso de cimento quebrado, são um contraste enorme com o condomínio fechado que acabei de sair.

A noite foi longa.

Não consegui dormir direito por causa da preocupação com a dona Creuza. Fiquei morrendo de medo de ela se sentir mal e eu não escutar, mesmo tendo o sono leve.

Acabou que, no meio da madrugada, me sentei no sofá improvisado no canto do seu quarto e fiquei lá até o final do plantão. Tirei breves cochilos e acordei várias vezes à toa.

Ela conseguiu descansar a noite inteira, graças a Deus.

Caminho em direção ao meu bloco, cumprimentando todo mundo que encontro, com um sorriso cansado no rosto. O pior é que nem poderei me dar ao luxo de deitar agora. Minha mãe deve estar saindo para a feira da semana e eu terei que cuidar da faxina.

— Agnes, espere aí! — Escuto meu nome e viro para trás, avistando Vanessa correr desajeitada com um monte de bolsas penduradas pelo corpo.

Sorrio e dou meia-volta, indo ao seu encontro. A ruiva de curvas avantajadas é minha melhor amiga desde o ensino fundamental. Na época da escola, a gente se via, literalmente, o dia inteiro. Ela mora no bloco C e eu, no F, quando terminava a aula nos enfurnávamos uma na casa da outra.

A vida adulta nos trouxe responsabilidades e não nos encontramos o

tanto que gostaríamos, porém, a amizade continua a mesma.

— Eu voltando da labuta, e você, indo — brinco, abraçando-a. Ela tem uma barraca no centro de comércio popular aqui perto. — Melhorou o mau humor da TPM?

— Nada que um chocolatinho não resolva. — Sorri e eu acompanho. Vanessa é uma chocólatra assumida. — Como foi o primeiro dia no emprego? Viu o gostosão?

No dia que consegui a vaga, nos vimos rapidamente e eu contei sobre Samuel e sua beleza que me deixa desnorteada. Como sempre faz, Vanessa já está na torcida que eu dê em cima do homem e o leve para cama.

Eu não sou tímida com o sexo masculino, mas minha amiga é um patamar acima, a desinibição em pessoa.

— A dona Creuza é um amor, foi bem legal. Só não consegui dormir direito de preocupação. — Passo a mão no rosto e dou uma leve bufada ao me lembrar de como fiquei ontem, quando Samuel pegou na minha mão. Pensei que ele ia sentir meu coração na palma. — Sobre o gostosão, além de lindo, é o cara mais cheiroso da face da Terra. Tenho uma raiva de mim, quando ele chega perto, fico parecendo uma boba, sem reação.

— *Eita*, estou sentindo cheiro de romance no ar! — Vanessa zoa, e dou um tapa no seu ombro.

— Que romance, *tá* doida?! O cara mal me reparou, é só educado. Aposto que não faço seu tipo.

— Querida, você faz o tipo de qualquer um, com esse corpão e esses cachos poderosos! — Ela toca meu cabelo solto para enfatizar. — Se esse Samuel não vir isso, é cego ou gay.

Balanço a cabeça e ajeito a bolsa, não querendo mais pensar nele. Já basta invadir meus sonhos pela segunda vez. Isso está ficando perigoso, não posso nutrir nada pelo filho da minha paciente.

Muito menos, algo com teor sexual.

Além de ser antiético, somos de mundos completamente diferentes.

— Enquanto ele não enxerga sua beleza, *bora* exibir a outros! — Vanessa volta a falar, pegando o celular do bolso da calça justa. — O Fê me

mandou mensagem, avisando da inauguração de um barzinho hoje. Ele vem nos pegar às onze.

Fê é o nosso amigo gay caçador de diversão. O abençoado sempre está a par das festas.

— *Ahh*, eu estou cansada *pra* sair, amiga. Não que...

— Para de ser velha, Agnes! — ralha, interrompendo-me. — Nós vamos sair, sim, daqui a pouco vai criar teia de aranha aí embaixo.

Não aguento e acabo gargalhando. É, talvez não seja uma má ideia. Eu preciso mesmo me distrair um pouco, tenho passado muito tempo trabalhando.

Talvez ajude nessa coisa esquisita com Samuel.

— Tudo bem, estarei pronta.

— Convince seu irmão delícia a ir também. Tô querendo um *remember* com ele.

Todas as minhas amigas já quiseram tirar uma casquinha do Alisson. Ele é lindo, com o cabelo encaracolado como o meu e um corpo atlético. Vanessa foi a única que conseguiu aproveitar por uma noite, pelo menos.

Meu irmão ficou muito fechado depois do que aconteceu com a mãe das crianças e raramente o vejo com garotas.

— Pelo amor de Deus, deveria ser proibido melhores amigas e irmãos se pegarem! — Faço uma careta ao recordar quando me contou da transa alucinante que tiveram, ano passado. — Não aguento ouvir detalhes sórdidos de novo, não. Além disso, o Alisson está em São Paulo, minha filha. Esqueceu?

— Eu o vi chegando há mais ou menos meia hora. Até mandei beijinho da janela do meu quarto.

As provas finais!

Nossa, com a correria, esqueci que seriam esta semana. Ele deve ter acabado tudo e agora aguarda o resultado, para saber se vai conseguir vaga aqui, em nossa cidade.

Dou um beijo rápido no rosto de Vanessa e saio apressada em direção

ao meu bloco, com ela gritando ao longe para não me esquecer de convencê-lo a sair com a gente.

Duvido muito que aceite. Deve estar morrendo de saudade das filhas e, se bem o conheço, vai passar a noite inteira mimando-as com pipoca, suco e filmes infantis.

Ele é um pai maravilhoso.

Aperto o botão do elevador, afoita, como se assim funcionasse mais rápido, e fico esperando a porta se abrir com o pé balançando para cima e para baixo. Estou morrendo de saudade do Alisson, mas, além disso, estou ansiosa para saber se vai ter a chance de colocar em prática seu plano arriscado.

É um sentimento dúbio.

Ao mesmo tempo que quero que ele consiga e tente descobrir algo sobre a morte da Ayla, morro de medo de ser descoberto.

Abro a porta de casa e logo sou invadida pela risada gostosa das minhas sobrinhas. Sigo o som e encontro a família inteira abarrotada na mesa pequena da cozinha. Caren e Lorena estão sentadas na perna do meu irmão, e minha mãe está logo à frente, arrumando um prato de bolo.

— Maninho, que saudade! — Agarro seu pescoço por trás e deixo um beijo estralado na sua bochecha.

— Eu também estava com saudade de você, pirralha — ele brinca, bagunçando meu cabelo.

Cumprimento minha mãe e as crianças e me junto a eles na mesa, pegando uma fatia generosa do bolo. Pelo cheiro maravilhoso, com certeza é de fubá. Dona Cilene me entrega uma xícara grande de café e entro na conversa, ficando a par de como foram as últimas provas da Acadepol.

A alegria estampada no rosto do Alisson causa um rebuliço no meu coração. Ele foi bem, muito bem.

Isso significa que pode estar bem perto de remexer no passado. O assunto muda para o meu primeiro dia no emprego novo e conto como foi a noite com dona Creuza.

Omito dos dois o fato de Samuel me deixar sem palavras, é claro. A

conversa flui e nem vemos a hora passar.

— Deus do céu, já são quase nove horas! — Minha mãe olha para o relógio redondo na parede da cozinha, exasperada. — Preciso ir à feira, antes que fique lotado aquilo lá.

— Eu vou sair também, prometi um certo parquinho *pra* duas princesas — Alisson conta, e as meninas pulam do seu colo para o chão, dando gritinhos de alegria. — Vão lá tirar esse pijama, vão!

As duas saem correndo e minha mãe se levanta, pegando o carrinho velho de feira atrás da porta. Apressada como só ela, sai se despedindo pelo corredor.

Quando ficamos a sós, dou um abraço apertado no meu irmão mais velho.

— Você tem certeza de que vai seguir com isso? — sussurro no seu ouvido o medo que se amplifica no meu peito.

— Mais do que nunca, Agnes. — Ele se afasta e olha no fundo dos meus olhos, segurando meus ombros. — Preciso saber a verdade, entender direito tudo aquilo. Eu fui superbem, acho que tenho grandes chances de escolher a unidade daqui.

— Vai demorar *pra* sair o resultado? — pergunto, sentindo minha boca secar com a possibilidade de ele se prejudicar ou até mesmo ser preso, por mexer em provas de um caso antigo, sem autorização.

— Acho que não, estamos em ano eleitoral e o governador prometeu aumentar o efetivo policial na campanha. Até agora, isso não aconteceu. Acha que vão perder a chance de angariar votos?

Balanço a cabeça em negativa, ficando mais apreensiva.

Com certeza, não. Talvez até apressem o processo para poder explorar esse assunto o resto do ano, até as eleições.

Passo a mão no peito e suspiro fundo. Senhor, proteja meu irmão de todo perigo.

Por favor. Por favor.

— Vai ficar tudo bem, pirralha. — Ele dá um beijo na minha testa, lendo meus pensamentos. — Eu prometo que vou me cuidar.

— Estou com medo — confesso, agarrando sua cintura.

— Não vai acontecer nada, eu garanto. A gente vai descobrir toda a verdade e honrar a memória da Ayla.

— Amém! — murmuro, confirmando para mim mesmo suas palavras.

Eu preciso que isso seja verdade.

Preciso demais.

Minha mãe e eu não vamos aguentar se algo de ruim acontecer com mais alguém da nossa família.

Abraço-o forte e afasto a voz insistente que cochicha no meu coração que isso está longe de acabar e pode ser muito perigoso.

CAPÍTULO 11

Samuel



Estou atrasado, odeio me atrasar. Aumento as passadas e atravesso a porta de madeira do restaurante, olhando para o fundo do ambiente onde combinei de encontrá-la.

Logo avisto a morena de cabelos curtos, que vi pelo anúncio na internet, sentada em uma mesa lateral. Está perto das janelas grandes também de madeira. Escolhi um lugar simples e aconchegante na cidade vizinha, longe dos olhares curiosos de pessoas do meu círculo social.

Preciso do máximo de discrição possível no que pretendo fazer.

— Boa noite, desculpe-me o atraso — falo, assim que me aproximo e estendo a mão para cumprimentá-la.

A mulher estende a mão de volta e oferece um aperto firme, sorrindo para garantir que está tudo bem.

— Acabei de chegar também — explica, ajustando os óculos no rosto. — O trânsito está infernal por causa da chuva.

— Fiquei preso na imobiliária, Telso, *pra* variar, resolveu me encher o saco.

É impressionante a sua capacidade de me tirar do sério, implicando com qualquer coisa para me desestabilizar.

Dessa vez não cai na dele, ignorei, porque sou capaz de dar aquele soco que interrompi outro dia.

— Telso é o nosso principal investigado, certo? — ela confirma, pegando da bolsa uma agenda e uma caneta.

— Sim. — Suspiro, cansado pela semana turbulenta, e me sento do

lado oposto. — Ele é meu pai.

Desde a conversa com a minha mãe, na sexta-feira passada, tenho analisado escondido os contratos da empresa. Chego ainda mais cedo do que antes e sou o último a sair, tentando encontrar alguma brecha nas vendas intermediadas no Jardim Flora.

Acabei descobrindo outros três bairros de classe média-baixa com o mesmo tipo de supervalorização suspeita. Tentei contato pelos telefones cadastrados no sistema e adivinha? Nenhum deles funciona, só cai na caixa postal.

Até agora, tinha feito tudo sozinho, porque não quero que ninguém da imobiliária desconfie. Nunca se sabe quem pode estar envolvido. O problema é que temo demorar e Telso prejudicar ainda mais minha mãe roubando dinheiro do seu patrimônio.

Foi por isso que busquei empresas de investigação corporativa e acabei encontrando o site da Ana Fischer em um anúncio. A mulher à minha frente tem 15 anos de experiência como detetive particular em fraudes empresariais.

Dei uma sondada no seu CNPJ e inscrição municipal da capital e me pareceu confiável. No momento, é a minha melhor chance de descobrir algo.

Mostro cópias do que pesquisei e conversamos sobre minhas suspeitas, enquanto jantamos. Fico animado pela sua perspicácia e apontamentos inteligentes, acho que vai valer a pena o investimento considerável no seu trabalho. Mesmo tendo que arcar também com transporte e hospedagem sempre que for preciso, visto que, a mulher mora em São Paulo.

— Pela minha experiência, só essa comparação que você fez, mostrando anúncios de outras imobiliárias na mesma região, com um preço bem abaixo, já é um indício de fraude — avisa, terminando seu risotto de queijo.

— Eu pensei isso, não tem como três imobiliárias serem coincidência.

— É impossível ser, ainda mais com o histórico que me contou do seu pai. — A mulher me observa e junta as mãos na altura do rosto. — Até que ponto você está disposto a ir, *pra* descobrir a verdade?

— Até o fundo, quero saber de tudo — garanto, encarando-a de volta.

— Então, na segunda-feira, vou visitar esse bairro, Jardim Flora.

— Não quero levantar suspeitas, caso avisem meu pai que tem alguém questionando o contrato, ele pode se safar, como sempre. — Termino de comer e coloco os talheres no prato.

— Pode ficar tranquilo, faço tudo com sigilo e sem chamar a atenção. Meu lema é rapidez e eficiência.

Espero que sim, já estou impaciente, querendo entender tudo que está acontecendo. O lado bom dessa confusão, se é que existe um lado bom nessa merda, é que minha mente deu uma nova trégua da Isabela e do Benjamim.

Pelo menos, por enquanto.



Abro a porta da casa da minha mãe e estranho o silêncio que vem da sala e do amplo corredor. Arqueio uma sobrancelha e olho o relógio de pulso, assustado.

00h13.

Droga, perdi de novo a noção do tempo.

Esqueci que a cidade vizinha não é tão perto assim, ainda mais com chuva na estrada. Deveria ter reparado o horário antes de estacionar.

Já que estou aqui, decido dar um beijo em dona Creuza e sigo até seu quarto. Esta semana não consegui vir no turno da noite, nenhuma vez, de tão concentrado nos documentos que estava. Tenho a visitado de manhãzinha ou na hora do almoço para saber se está tudo bem.

Chego ao cômodo e a vejo dormir, serena, com o rosto corado. A enfermeira não está no sofá. Sorrio e me aproximo mais, fazendo um carinho na sua cabeça.

— Boa noite, mãe! — sussurro ao deixar um beijo na sua testa.

Avisto um aparelho estranho na mesinha de cabeceira do outro lado da cama e inclino o corpo para pegá-lo. Faz um chiado baixo, como de um rádio quando não sintoniza.

Isso é uma babá eletrônica?

Curioso, fico com o objeto na mão e saio para ver se a enfermeira de plantão ainda está acordada. Olho nos quartos com a porta aberta e na biblioteca, mas nada dela. Viro para conferir a cozinha antes de desistir, contudo, um som grave e um barulho melodioso me barram antes de entrar.

O timbre intenso e resistente me deixa confuso em um primeiro instante, demoro para raciocinar que tem alguém cantando e que estou parado, escutando.

Porra! Há quanto tempo eu não ouço música? Ouço de verdade?

Quando, sem querer, algum som me atinge, logo desvio a atenção para outra coisa e não me permito sentir a adrenalina pelo corpo. Não tem mais espaço para esse Samuel dentro de mim.

Agora, porém, estou aqui parado e sem reação. Fissurado no barulho do que parecem talheres batendo em copos, com uma voz incrivelmente linda de fundo.

Hipnotizado, como um pescador encantado pela voz da sereia, dou dois passos à frente, lutando com minha mente, e vejo um amontoado de cachos de costas para mim.

Agnes.

Encosto no batente e não consigo desviar a atenção da sua mão lavando louça e tocando delicadamente nos copos com uma colher. Eu estava certo, ela está criando sua própria melodia de forma improvisada para a canção Radioactive, do Imagine Dragons.

Caralho, de onde saiu esse vozeirão?

Benjamim amava essa banda, a gente sempre adaptava as músicas deles na versão clássica.

Conversando com ela, jamais imaginei que sabia cantar e, muito menos, que teria um dos tons mais difíceis de se alcançar. Não é todo dia que se encontra um contralto, ainda mais com o tipo de rouquidão suave como o seu.

Quero sair daqui, fingir que não ouvi nada disso, no entanto, meus pés não obedecem. Esta merda de coração está acelerado, os dedos se mexem por

conta própria. Fecho os olhos por instinto e é quase como se estivesse com um violoncelo à minha frente, acompanhando o ritmo com as cordas.

Posso perfeitamente imaginar Benjamim e eu no estúdio do antigo apartamento, tocando e sorrindo um para o outro, entregues à música.

Porra! Porra! Porra!

Não posso deixar essa adrenalina invadir minha pele de novo, foi tão difícil arrancar isso de mim. Não sinto essa coisa avassaladora desde a última vez que ensaiei com ele, antes daquela noite maldita.

É claro que a trégua não seria longa, o passado sempre volta à tona na minha vida.

I'm waking up

Estou acordando

I feel it in my bones

Eu sinto isso em meus ossos

Enough to make my system blow

O suficiente para fazer meu sistema explodir

Como um sinal do destino, o trecho que ela canta com tanto sentimento me desperta do transe.

Não posso acordar. Não quero acordar sem meu melhor amigo do meu lado para tocar comigo.

Levanto as mãos para tapar os ouvidos e fugir daqui, mas me esqueço da babá eletrônica e ela se espatifa no chão, sem que eu consiga sair sem ser notado.

Merda!

Agnes vira-se, assustada, e eu fico ainda mais estático, odiando ter que falar com ela depois de todo esse alvoroço que sua voz me causou.

Não quero ouvir. Não posso ouvir.

CAPÍTULO 12

Agnes



Olho para trás, assustada com o barulho de algo caindo no chão, e dou de cara com um Samuel pálido, me encarando de volta. Sua respiração está entrecortada e as pupilas dilatadas.

Confesso que senti falta de vê-lo esses últimos dias. Não apareceu por aqui nenhuma vez durante meu turno.

Ele parece nervoso e, talvez, um pouco desconfortável também. Está lindo como sempre, vestindo uma camisa social cinza e calça preta. Roupa social deve ser praxe no trabalho, já que sempre está com ela.

Dona Creuza tinha comentado comigo que o filho administra a imobiliária da família.

— Está tudo bem? — pergunto, com receio, desligando a água da torneira, e pegando o pano de prato do ombro para secar as mãos molhadas.

Noto-o fechar os olhos por breves segundos e balançar discretamente a cabeça. Aperto com força o pano, preocupada com sua reação. Será que fiz algo errado? Será que me viu cantando e ficou bravo?

Merda!

Desde que saí com a Vanessa e o Fê, no fim de semana, não consigo passar um dia inteiro sem cantarolar nem que seja um pouquinho. O bendito bar que eles me levaram tinha karaokê e fui arrastada para o palco.

Fazia quatro anos que não cantava em público e isso mexeu demais comigo.

Sentir a vibração do pessoal com a minha voz reacendeu uma chama que eu tento apagar a todo custo dentro de mim. Foi incrível ver os sorrisos, ouvir as palmas e receber os elogios no final da apresentação pedindo bis.

Sei que não devo alimentar isso, no entanto, está sendo mais forte do que eu. Quando percebo, estou cantando, tocando instrumentos imaginários ou fazendo melodia com o que tem por perto.

— Estou bem — ele responde, vacilante, longos segundos depois, esfregando o rosto. As palavras saem tão baixo que quase não escuto.

Samuel se abaixa para pegar o objeto que derrubou e sigo seu movimento, avistando a babá eletrônica que era da Caren e da Lorena. As pilhas estão jogadas uma para cada lado, talvez tenha quebrado com o impacto. Alisson adquiriu de segunda mão, é bem velhinha.

Achei o aparelho na última faxina, arrumando o quarto do meu irmão e das meninas. Estava me ajudando muito a ficar mais tranquila durante a madrugada. Pelo menos, tenho conseguido cochilar um pouco, agora que posso ouvir qualquer ruído no quarto da dona Creuza.

— Desculpa se não pode usar a babá eletrônica, era das minhas sobrinhas — explico de antemão, imaginando que se pegou o aparelho, é porque iria me questionar a respeito. — Você disse que podia dormir, mas eu não estava conseguindo, por ficar preocupada com sua mãe.

— Tudo bem, Agnes. — Seu tom denota um pouco de impaciência e fico mais retraída perto da pia. — Nem devia ter pegado isso, devia ter ido embora, tinha que ter olhado as horas antes...

Samuel não olha para mim enquanto fala e entendo que é mais uma conversa consigo mesmo do que comigo.

Fico quieta, o encarando de longe, desviando o olhar ora para o chão, ora para o seu corpo ainda parado.

Hoje não deve ter sido um bom dia.

— Minha mãe está bem? — pergunta, sem me fitar, andando até a mesa para deixar a babá e as pilhas.

Apesar de intimidante, prefiro sua versão que encara profundamente para conversar. Essa nova está me deixando muito inquieta e ainda mais sem reação do que de costume.

— Ela teve enjoo por causa da quimioterapia, mas, antes de deitar, tinha melhorado um pouco. — Mexo no pano de prato com as mãos, usando-

o como escudo para essa interação diferente. — Fiz uma comidinha leve e dei o remédio *pra* náusea.

— Você não precisa lavar a louça do que cozinha, Agnes — reafirma o que já tinha dito antes, me observando por breves segundos, de relance.

— Eu sei, só não me custa nada quando dá. Gosto de ter algo útil *pra* fazer.

Ele não responde de imediato e penso que o silêncio vai se instaurar na cozinha de novo, mas logo seu timbre forte invade o ambiente.

— Ok. — Samuel segura a gravata, afrouxando um pouco o nó. — Já vou indo. Boa noite!

— Boa noite! — Limpo a garganta para a resposta sair sem falhar.

Meu Deus, isso foi esquisito.

Coloco a mão no peito e noto que as batidas estão um pouco rápidas demais enquanto ele sai, apressado, como se tivesse visto um fantasma.

— De novo isso, Agnes? — repreendo-me baixinho, passando a mão no rosto.

Aparentemente, meu problema não é a falta de interação com homens. No sábado, conheci um moço atraente e a conversa fluiu normalmente, rendendo até uns amassos.

Temos nos falado por mensagem, desde então, e nunca fico me sentindo dessa forma.

O meu problema é especificamente Samuel e seus olhos verdes misteriosos.

Ah, merda.

Por que eu tenho que complicar as coisas?



— O que houve, minha filha? — dona Creuza questiona, deixando a xícara de café em cima da mesa e me encarando, como seu filho costuma fazer.

— Nada, não — disfarço, passando manteiga no pão.

Sei que estou muito quieta e provavelmente parecendo um panda por causa das olheiras.

São 6h10 da manhã e já estamos em pé. Ela, porque dormiu muito cedo, eu porque não preguei o olho.

A babá eletrônica não quebrou com a queda, contudo, meu cérebro decidiu que seria uma boa passar a madrugada inteira pensando em Samuel.

Que beleza!

Foi uma luta interessante. Ora eu tentava entender o que aconteceu ontem, ora lembrava como meu corpo reage a ele e, na maior parte do tempo, ficava irritada por estar pensando nisso.

Eu não devia dar corda para essas reações à sua presença. Não posso fazer isso.

— Eu estava sonolenta, mas percebi Samuel no meu quarto deixando um beijo na minha cabeça. — Ela toca na minha mão, impedindo que eu pegue mais manteiga. — Ele falou algo que te magoou? Fez alguma coisa?

— Não, ele não fez nada, não — tranquilizo-a, olhando nos seus olhos. — Acho que eu que fiz.

— Como assim?

Conto da babá eletrônica e do susto que levei com o aparelho se espatifando no chão. Explico também que estava cantando antes de ele chegar e que não sei bem se não gostou do aparelho no quarto ou de me ver tão à vontade durante o trabalho.

— Ele agiu estranho, no entanto, pode ser coisa da minha cabeça também — conto, colocando um fio de cabelo solto atrás da orelha. — Deve ter tido um dia cheio.

— Samuel teve essa reação na hora que você estava cantando? — O sorriso que se abre no seu rosto me faz arquear uma sobrancelha, confusa.

— Sim, eu estava cantando baixinho, enquanto lavava louça.

Dona Creuza se levanta de repente, sorrindo ainda mais, e me chama para segui-la. Mesmo sem entender nada, a acompanho pelo corredor até uma portinha escondida que não tinha reparado antes.

Ela abre com uma chave guardada debaixo de um vaso de flor no aparador ao lado e liga a luz.

— Vamos descer, quero te mostrar uma coisa.

Olho para dentro e vejo uma escada, a casa é tão chique que tem até um porão. Desço os degraus e constato que o lugar é usado para guardar objetos.

Tudo está muito bem organizado em armários e caixas, dando espaço tranquilamente para andar.

Lá em casa também temos um cantinho para as tranqueiras, só que mal dá para abrir a porta que cai tudo em cima da gente.

Dona Creuza abre um armário maior no fundo da sala e meus olhos piscam duas vezes com a visão de um lindo violoncelo.

— Era do Samuel — ela diz, emocionada, e eu me aproximo para ver melhor o instrumento. — Ele deixou no apartamento antigo quando vendeu com tudo que tinha dentro. Eu fui lá e peguei sem meu filho saber.

— O que houve? — Passo o dedo indicador nas cordas grossas, encantada. — Ele não toca mais?

— Essa é uma história que não cabe a mim te contar — ela explica, e sorri ao acariciar meu cabelo. — Mas algo dentro de mim diz que ele vai te contar. Eu senti algo em você no dia que te conheci no postinho, hoje só tive a certeza.

— Va... vai me contar? — A pergunta sai gaguejada, as mãos começam a suar segurando as cordas. — Do... do que a senhora teve certeza?

— Agora você só precisa saber uma coisa, minha filha. — A mulher tem um brilho no olhar tão grande que faz meu coração falhar uma batida. — Ele não ficou bravo com você, Samuel ficou mexido com sua voz. Ele te ouviu.

Uma lágrima escorre pelo seu rosto e eu tenho vontade de abraçá-la, ao mesmo tempo que quero exigir que me explique direito isso tudo.

— O que isso significa? — Engulo em seco, com medo da resposta.

— Mais do que você imagina — garante, firme. — Faz quatro anos que ele se nega a ouvir.

Balanço a cabeça, atordoada, com mil perguntas gritando para serem respondidas na minha mente.

A frase que pisca como neon, entretanto, é a única que eu deveria esquecer:

“Ele te ouviu.”

Seja lá o que isso significa, faz meu peito se encher de uma esperança que não deveria existir.

CAPÍTULO 13

Samuel



Pego o copo de água à minha frente e viro o líquido, sem desviar a atenção da tela do computador, que mostra um e-mail de José Paulo com a nova apresentação de terrenos e galpões para a Supremac.

Com a saúde da minha mãe debilitada e a suspeita de fraude na imobiliária, acabei deixando de lado o assunto, mas agora preciso garantir que isso seja resolvido, porque terceiras tentativas não são muito o forte deles.

Os diretores são ótimos, porém, gostam de agilidade e competência no trabalho.

Noto que o arquivo tem umas vinte opções e concentro-me em avaliá-los, a fim de deixar tudo em ordem para a reunião que vai acontecer esta semana.

Fico tão centrado na leitura, que demoro a perceber o movimento involuntário de vai e vem da minha mão direita na mesa. Fecho o punho com raiva e obrigo minha mente a ver os dois últimos slides sem interrupções.

É quase um martírio essa tarefa, porque, uma vez que meu cérebro assimilou o movimento como o do arco do violoncelo, o som que ele deveria emitir se espalha pelo meu corpo na velocidade da luz.

Caralho!

Isso tem acontecido várias vezes ao dia desde que ouvi a voz surpreendente da Agnes na cozinha da minha mãe. Eu tento controlar, mas parece uma batalha perdida, porque no final a sensação que fica não é ruim.

Porra, eu não deveria sentir essas coisas de novo.

Bufo, encostando na cadeira e fechando os olhos. É só a escuridão

chegar que logo é substituída pela luz direta do palco, a euforia da plateia e o sorriso do meu amigo.



— Tem certeza de que eles vão gostar dessa música em versão clássica? — sussurro para Benjamim, enquanto entramos no palco.

A luz branca acompanha nossos passos até os dois bancos posicionados bem rente ao público. É nosso primeiro show de verdade como profissionais e estou quase vomitando, de tão nervoso.

— Claro que vão, relaxa e curta o momento, como se estivéssemos gravando um vídeo para o Youtube, irmão.

O sorriso de Benjamim me faz sorrir também. Ele é sempre otimista com tudo.

Sento-me no banco, meio trêmulo, e tento olhar só para ele, enquanto nos apresentam. A multidão está eufórica e compreender a dimensão disso agora não vai me ajudar em nada a manter a calma.

Mais um refletor é ligado em nossa direção e entendo como a deixa para começar o show. Por breves segundos, a plateia fica em silêncio, na expectativa do que virá.

— Tem que ser prazeroso, só curte. — Benjamim coloca sua mão em cima da minha e a aperta, transmitindo confiança. — A gente consegue.

Respiro fundo e fecho os olhos, imaginando o estúdio, como ele sugeriu. Levanto um pouco o braço e posiciono o arco na parte inferior do violoncelo para meu solo inicial.

Na primeira sequência de notas, o público reconhece a canção e explode em gritos. Sorrio, ainda de olhos fechados, constatando que meu amigo escolheu bem quando selecionou Thunderstruck, do AC/DC, para a abertura.

À medida que o povo se empolga, eu me empolgo ainda mais. Balanço a cabeça e movo as pernas junto, afoito como nunca. A animação acende uma chama que se espalha pelo meu corpo e se concentra nos meus dedos, fazendo a entrega para a música ser única.

Quando chega o momento de tocarmos juntos, a confiança está em cada parte de mim e abro os olhos, me permitindo vivenciar a alegria no rosto de quem se dispôs a pagar o ingresso e veio nos ver.

As luzes se tornam coloridas no palco, frenéticas como nós.

Encaro meu amigo, ambos sorrindo feito meninos diante do Papai Noel, e um arrepio na espinha toma conta de mim, junto com o frio no estômago e uma aceleração do coração.

Parece um raio poderoso, uma espécie de orgasmo.

Sim. Um orgasmo musical intenso e forte.

Caralho! Caralho!

É a sensação mais incrível do mundo.



Atordoadado com a lembrança tão viva, pisco várias vezes e me levanto da cadeira, caminhando de um lado para o outro no escritório, a fim de recuperar o fôlego.

Quando Benjamim morreu, eu não vivi o luto só dele. Vivenciei a perda do meu melhor amigo, da Isabela e da música ao mesmo tempo. Foi como ter a pele arrancada do corpo à força, as cinco fases do luto foram lentas e dolorosas.

Na negação, me isolei na tristeza e passei dias soterrado em lembranças. Se hoje é ruim, no começo foi infinitamente pior. Era difícil até respirar com tanta memória me inundando a cada segundo. Na fase da raiva, foi quando comecei a não conseguir nem chegar perto do estúdio ou ouvir música. As brigas com Isabela aumentaram e eu não me conformava em ninguém acreditar na inocência de Benjamim.

Na época da negociação, barganhei com Deus para trazer meu amigo de volta, fazer meu relacionamento sobreviver ao abismo que se tornou. Fiz promessas, jurei, e nada aconteceu, afastando-me de vez da religião.

No dia que meu amor da adolescência saiu do apartamento e foi embora, a depressão se instaurou de vez. Foram meses de lágrimas e lamentações, levando ao impulso de vender o apartamento e desistir dos

palcos.

A aceitação é algo que acho que não alcancei até hoje. Não considero que regredi para as fases anteriores, porém, também não estou pronto para enfrentar com naturalidade meus lutos.

Há dias muito ruins, ruins e os menos ruins. Até então, tenho tentado sobreviver sem desmoronar.

Estou relutando em admitir, mas parece que a música quer sobreviver ao caos, acordou do coma e está me forçando a respirar, mesmo com a ajuda de aparelhos.

Não posso. Não posso.

Cansado desse dilema, chacoalho a cabeça e me sento de novo, decidido a gastar energia com outra coisa.

Disco o ramal de José Paulo e o chamo para mostrar minha preocupação com as opções apresentadas. Nenhuma me pareceu 100% perfeita para a Supremac.

Preciso me ocupar urgentemente e esquecer essa merda.



Aciono o botão para entrar no condomínio da minha mãe com a cabeça a mil. Do meu lado, a mulher franzina e abatida parece alheia à bomba que o médico nos soltou. Acabamos de sair da consulta e ele sugeriu adicionar a radioterapia no tratamento, porque só a quimioterapia não está surtindo o efeito esperado de forma rápida.

Queria ocupar a minha mente, mas não com isso. Essa preocupação me corrói ainda mais.

Era para ser uma consulta de rotina, eu ansiava por boas notícias.

— Não se preocupe, meu amor, vou ficar bem. — Dona Creuza acaricia meu ombro, forçando-me a olhar para ela.

Seu sorriso me quebra, é tão injusto o que está passando. Fiquei apreensivo porque, segundo o médico, a radioterapia quando administrada simultaneamente com a quimioterapia torna os efeitos colaterais mais

intensos.

Minha mãe já tem se sentido tão mal, com vômitos e cansaço. Suspiro, resignado, e aperto os dedos no volante, estacionando na frente da sua casa.

— Queria que isso fosse um pesadelo, mãe. — Passo a mão pelo seu rosto cansado e deixo um beijo na sua testa. — A senhora não merecia passar por isso.

— Confia, meu filho. Eu confio que tudo ficará bem.

Aceno meio desanimado e entro com ela em casa. Dispensei a enfermeira do turno da tarde porque quis ir pessoalmente no médico. Nem sempre consigo acompanhar as sessões da quimio, no entanto, as consultas eu largo tudo que estou fazendo e vou.

Logo que adentro a sala, os cachos volumosos da Agnes preenchem meu campo de visão. Está sentada no sofá com as duas mãos no colo, olhando fixamente para a porta.

Que beleza, é claro que tinha que ser o plantão dela hoje.

— Boa noite, foi tudo bem na consulta, dona Creuza? — pergunta, genuinamente preocupada e se aproxima para abraçá-la.

Minha mãe, para variar, abre um sorriso, feliz, ao ver a garota. Afasto-me das duas e comparo, mesmo que seja a última coisa que eu quero fazer, a diferença da voz dela falando e cantando.

É tão discrepante, que chega a parecer que tive um sonho e não a ouvi de verdade.

Minha mãe conta as novidades e, assim como eu, Agnes parece aflita com os dois tratamentos ao mesmo tempo. A enfermeira a abraça novamente e garante que tudo vai ficar bem, se Deus quiser.

Pelo jeito, também acredita n'Ele fielmente.

— Eu já vou indo, preciso voltar à imobiliária. José Paulo passou o dia tentando encontrar mais opções *pra* Supremac, temos uma reunião agora.

— Tenho certeza de que vão achar um terreno ou galpão como precisam. — Ela se afasta da morena e vem me abraçar.

Na ida para o médico, contei sobre minha preocupação com a reunião desta semana.

— Está difícil achar um espaço grande como querem, em um bairro de classe baixa.

— Desculpa me intrometer. — Agnes levanta a mão, acanhada, e nós dois a encaramos. — Minha família tem um galpão enorme, que está parado desde que meu pai morreu. Não sei se interessaria, porque fica em uma rua sem saída, não tem pavimentação no local e...

— É no bairro do posto de saúde que trabalha, certo? — interrompo-a, entusiasmado com a possibilidade.

Aquele lugar seria perfeito para um projeto social. Se me lembro bem das conversas com minha mãe, só a igreja do padre Juracir faz algo pelos moradores que ficam esquecidos pelo poder público.

Como não me lembrei de lá antes?

— Sim — confirma, ainda envergonhada de entrar na conversa. — Eu não queria me meter, desculpa mesmo. Ouvi vocês falando e soltei por impulso. Faz tempo que estamos tentando passar o ponto e não conseguimos, justamente por ser em um bairro pobre.

— Talvez seja o que estamos procurando, Agnes. Você se importaria de nos mostrar o lugar amanhã, na hora do seu almoço?

— Não, claro que não. — Ela sorri, como se estivesse muito feliz pela proposta. — Amanhã está ótimo.

— Legal, a reunião é quinta-feira, nos dando tempo *pra* avaliar. Vou conversar com José Paulo e te ligo combinando certinho de manhã.

— Ótimo, vou esperar.

Dona Creuza olha de mim para a enfermeira e solta mais um dos seus sorrisos animados. Ignoro e me aproximo de novo para beijá-la.

Queria evitar Agnes por causa da sua voz, mas talvez ela seja a salvação para um dos meus problemas.

À essa altura, qualquer alento é bem-vindo.

CAPÍTULO 14

Agnes



Não contei para a minha mãe que vou mostrar o galpão para alguém hoje. Só Alisson sabe. Toda vez que surge a oportunidade, ela se enche de confiança que vamos conseguir pagar a dívida, mas, no fim, recebemos a mesma resposta: “desculpa, o local não atende nossa necessidade”.

Ayla sempre dizia que a frustração é proporcional à expectativa gerada. Segundo ela, precisamos viver bem e dar o nosso melhor, sem criar uma ilusão do que poderia acontecer. Quando vejo o olhar sem brilho de dona Cilene com as negativas, acabo acreditando nessa teoria.

Caminho pelo chão de terra batida e me repreendo em pensamento por não ter me lembrado de levar um par de roupas extra para me trocar. Meu sapato e a barra da calça jeans, ambos brancos, já estão ficando encardidos.

Pego o molho de chaves da minha bolsa e abro a porta, inclinando o corpo para o lado, a fim de pegar impulso com as mãos e desemperrá-la. Precisa trocar urgente, está muito desgastada pelo tempo. Também é necessária uma pintura nova das paredes e o reparo nas rachaduras do piso de cimento queimado.

O problema é que nunca sobra grana para fazer as melhorias necessárias aqui.

Assim que entro, a luminosidade vinda das oito grandes janelas laterais me mostra a extensão do galpão. É realmente grande, 320 metros quadrados de área construída.

A ideia inicial do meu pai era fazer do local o ponto de encontro para qualquer festividade relacionada a futebol. Tanto acompanhar os jogos brasileiros, como promover os times do bairro. Ele queria construir um

campo de society na área dos fundos e realizar eventos nos finais de semana para confraternização.

Na época, ele fez o empréstimo com a empresa de crédito justamente para poder pagar à vista o antigo dono, que estava desesperado por dinheiro e vendeu por um preço bem abaixo do mercado. Seu Alceu achou que estava fazendo a negociação da década, mas só ganhou dor de cabeça.

Ajeito a bolsa no ombro e ando até o centro, reparando se o local ainda está limpo. Venho aqui com frequência dar uma faxina, nunca se sabe quando vai aparecer alguém interessado.

Ou quando vou dar uma de enxerida e oferecê-lo desesperadamente.

Passo a mão no cabelo, suspirando baixo. Fiquei morrendo de vergonha de me meter na conversa de dona Creuza com o Samuel, ontem, saiu sem pensar quando os ouvi falando da necessidade de um galpão em bairro de classe baixa.

Foi mais forte do que eu. Se a imobiliária se interessar, se der certo, irá salvar nossa...

Balanço a cabeça, interrompendo o pensamento.

— Sem expectativas de novo! — repito o mantra da minha irmã.

— Agnes? — uma voz suave chama meu nome e viro para trás, alisando a blusa branca na cintura.

Um homem alto e loiro está parado na porta, sorrindo de forma simpática para mim. Deve ser o tal José Paulo. Sorrio de volta e vou em sua direção, não conseguindo deixar de reparar que meu par de olhos verdes preferido não veio junto.

Quando ele perguntou ontem se eu me importaria de mostrar o local usando um “nos” na frase, e confirmou hoje de manhã a visita, imaginei que se incluiria no processo.

Olha a frustração dando as caras.

Pelo jeito, o pronome se referia à imobiliária, não a ele especificamente.

Pode ser coisa da minha cabeça, porém, sinto como se estivesse sendo evitada, desde que me ouviu cantando na cozinha.

— Muito prazer! — Estico a mão, assim que paro à sua frente e o homem prontamente a preenche. — José Paulo, certo?

— Eu mesmo! — responde, aumentando o riso.

Ele é bonito, mas seu chefe é bem mais.

Meu Deus, eu ando parecendo uma tarada ultimamente, quando penso no Samuel. Que droga!

— Posso te mostrar o lugar? — pergunto, emendando outro assunto para parar de pensar bobeira. — Desculpe-me não ter muito tempo, estou na minha hora do almoço.

— Sem problemas, Agnes. O Samuel me falou sobre isso. — Voltamos a andar, um do lado do outro. — Obrigado pela disponibilidade em cima da hora, queremos ter na mão um leque grande de opções para a Supremac.

Mostro cada área do galpão e explico sobre a documentação em dia e o débito quitado. Tento não criar expectativa, no entanto, fica difícil com cada sorriso animado que ele me dá ao tirar fotos do ambiente.

José Paulo conta para que a empresa precisa do espaço e fico ainda mais feliz ao imaginar as crianças do bairro tendo um local para participar de atividades recreativas, esportivas e culturais.

Seria perfeito duplamente, tenho certeza de que meu pai ficaria realizado com o destino do galpão de onde estiver.

— Vou mostrar tudo ao Samuel, mas sinceramente é o melhor que temos até agora — ele afirma, e meu coração acelera, mesmo querendo ter precaução. — O custo-benefício também é excelente.

Estamos tão desesperados para vender logo, que decidimos repassar o ponto pelo preço exato da dívida com seus juros enormes. É bem mais do que meu pai comprou na época, porém, ainda abaixo da valorização que recebeu nos últimos anos.

— A estrutura foi feita *pra* sustentar um andar a mais, se for necessário ampliar o projeto no futuro — defendo, passando a mão na parede. — Na parte dos fundos, dá até *pra* construir uma quadra.

— Sim, eu pensei nisso — responde, entusiasmado. — Vi que tem um

terreno pequeno logo atrás da propriedade também. Sabe se está disponível? Podemos adicionar como opção para ampliar a área externa, se eles quiserem.

— É do senhor Carlos Peixoto, um amigo da minha família. — Apanho o celular do bolso da calça e começo a procurar meus contatos. — Tenho o telefone dele aqui, esse terreno está parado desde que eu era adolescente. Talvez se interesse em vender.

— Vou ligar agora mesmo, se ele puder, já nos falamos antes de eu voltar *pra* Mendonça. — José Paulo anota o número que mostro no seu próprio aparelho. — A reunião com a Supremac é quinta de manhã e posso deixar a apresentação completa.

Saímos juntos em direção à entrada e eu fecho a porta de correr, conversando sobre mais possibilidades de reforma e ampliação do ambiente.

Dona Marinalva, minha paciente do postinho que adora um debate, ia gostar de ver meu poder de argumentação a florado como nunca nos últimos minutos.

— Foi um prazer conhecê-lo. — Estendo a mão novamente, estampando um sorriso no rosto. — Estou à disposição, se precisarem de mais alguma coisa.

— O prazer foi todo meu, Agnes. — O loiro bonito sorri de volta e dá uma piscadinha, que não sei identificar se é um flerte ou se faz parte do seu charme natural. — Espero voltar a vê-la muito em breve. Estou confiante de que este é o galpão que precisamos.

— Tomara que sim!

Minha família e as crianças do bairro vão adorar se vier uma notícia positiva. Principalmente minha mãe.

Agora o que me resta é focar no trabalho e esperar dois dias, sem ficar neurótica com isso.



Passo pela entrada do meu bloco, distraída, lendo uma mensagem que acabei de receber no WhatsApp do carinha do bar.

Quero muito te ver de novo. Vamos comer uma pizza, sábado?

Ele é bonito, engraçado, beija bem e é gentil, mas não estou conseguindo me sentir animada.

Talvez, se fosse um certo moreno sério, com a barba por fazer e o maxilar quadrado...

Bufo, revirando os olhos. Meu cérebro sempre dá um jeito de colocar Samuel no meio das minhas divagações.

Que viagem, meu Deus. Nunca acontecerá nada entre nós.

Desculpa, vou cobrir plantão no final de semana. Talvez no próximo dê. Bjo.

Digito a resposta mentirosa e jogo o aparelho na bolsa assim que alcanço o elevador. Meu horário este fim de semana é na sexta e no domingo, só não estou nenhum pouco a fim de sair no sábado.

Talvez seja o cansaço. Deve ser isso.

Estou indo para a segunda semana de trabalho em dois turnos, o corpo sente a rotina mais puxada. Só preciso de boas noites de sono nas minhas folgas para voltar ao normal.

Escuto um grito agudo do Alisson quando chego ao andar e nem penso direito ao correr desesperadamente até a porta. Entro, sem fôlego, procurando meu irmão na sala.

Pelo silêncio, minha mãe ainda não veio com as meninas da escola.

— Alisson, o que houve? — grito de volta, preocupada.

Ele aparece no corredor, sem camisa e com o cabelo todo bagunçado. Estou de longe, mas posso ver os olhos brilhando de emoção.

— Fiquei em primeiro lugar da turma na Acadepol, Agnes! Em primeiro lugar!

Avanço em sua direção e o abraço apertado, deixando o choro me tomar.

É um misto de orgulho, emoção e medo ao mesmo tempo.

— Parabéns, meu irmão. — Afasto-me um pouco para segurar seu rosto. — Você se esforçou tanto.

— O melhor é que, como eu esperava, o governador não vai perder

tempo e já poderemos escolher as unidades semana que vem. — Ele coloca as suas mãos em cima das minhas e deixa uma lágrima solitária escorrer. — Acho que a nomeação acontece no final do mês que vem.

— Já? — questiono, notando meu peito se fechar com a notícia.

— Enfim, minha irmã. — Alisson suspira, como se tirasse um peso das suas costas. — Enfim, vamos saber exatamente o que aconteceu aquela noite.

É oficial.

Meu Deus, agora não tem volta.

Espero que essa busca não destrua nossa família de vez.

CAPÍTULO 15

Samuel



Arrumo a postura na cadeira e coloco as mãos nas pernas, mexendo-as para cima e para baixo. Noto pelo canto de olho José Paulo fazer a mesma coisa. Provavelmente está tão ansioso quanto eu pela resposta dos representantes da Supremac.

Os dois homens de terno alinhado do outro lado da mesa de vidro permanecem sérios, cochichando entre si e conferindo as planilhas da apresentação que acabamos de fazer.

A reunião começou há mais de uma hora e eles não nos deram nenhum sinal concreto se gostaram de algo.

Estou começando a ficar preocupado.

— Essa questão do projeto social está sendo cuidada especialmente pela filha caçula do senhor Chagas, por isso ficamos tão cautelosos. — Peter, o meu contato mais frequente na empresa, quebra o silêncio. — Amanda não queria saber daqui, até o pai sugerir tomar à frente dessa área.

Isso explica muita coisa.

Quando a filha do dono está envolvida pela primeira vez, os funcionários ficam mais precavidos.

— Compreendo, vocês acham que ela vai gostar de algum desses? — Aponto com a cabeça para os papéis na sua mão, não aguentando mais o suspense.

— Vou chamá-la aqui, Amanda pediu para ver só quando achássemos um lugar que atendesse a todos os seus apontamentos. — Ufa! Se vai pedir o aval dela, deve ter alguma opção em potencial.

O homem calvo se levanta e segue até uma mesinha no final da sala

ampla, que se parece muito com a riqueza ostentada na imobiliária. Ele fala ao telefone com alguém e a quietude novamente toma conta do ambiente.

Quando a porta é aberta, longos minutos depois, quatro cabeças se viram para ver uma jovem ruiva entrar, sorridente. O jeito que os representantes da Supremac engolem em seco mostra como estão tensos.

O senhor Chagas deve ter mandado dar atenção redobrada ao projeto.

— Boa tarde, gente! — Ela cumprimenta José Paulo e eu com um aperto de mão e se senta na cadeira da ponta. — Me digam que já temos um espaço, por favor. Estou ansiosa para começar.

Peter mostra uma das planilhas e assim que começa a falar do galpão amplo com possibilidade de aumentar no futuro, eu já sei qual se destacou.

É o da família da Agnes.

No dia que José Paulo voltou da visita, eu soube que era a melhor das nossas alternativas. Foi uma sorte muito grande ela ter ouvido a conversa senão, neste momento, provavelmente teríamos uma nova negativa.

— Eu adorei! — a garota exclama, passando as folhas. — Pelo resumo que tem aqui, será o lugar perfeito tanto pelo local como pela perspectiva de crescimento do projeto.

Colocamos na apresentação um panorama econômico e social de todos os bairros apresentados a fim de que pudessem fazer a melhor escolha.

Esse é um dos principais diferenciais da Mendonça, nós sempre oferecemos um atendimento completo e personalizado aos nossos clientes.

— O galpão está disponível para visita, quando quiserem conhecer pessoalmente — informo, puxando a agenda da minha pasta.

— Não é necessário, seu material está bem completo. Será esse! — a filha do Chagas afirma, com convicção. — Quero visitar já com os arquitetos para esboçar o que precisamos mudar na estrutura. Você acha que demora o processo de compra? Papai disse que fará o pagamento à vista.

Que beleza! Pelo jeito, o trâmite agora será mais fácil do que imaginava.

— Não, o imóvel está com tudo em dia. Será rápido.

— Maravilha! — Amanda coloca as mãos no ombro de Peter, o encarando. — Pode tocar com esse. Tente agilizar as coisas ao máximo que puder, por favor.

— Claro, pode deixar — o homem assente, balançando a cabeça. — A Mendonça é a melhor nisso. Tenho certeza de que terá o galpão livre em breve.

A garota sai da sala, animada, e acertamos mais alguns detalhes antes de encerrar a reunião, ambos lados aliviados por ter encontrado o que a empresa queria.

No carro, de volta para a imobiliária, não consigo deixar de notar o sorriso bobo no rosto de José Paulo. Ele está no banco do carona e mal consegue disfarçar a empolgação. Sei que era algo importante para nós, mas não me lembro de tê-lo visto assim antes.

— O que foi? — pergunto, sorrindo da sua cara.

— Nada... — Tenta disfarçar, limpando a garganta. — Só acho que Agnes ficará bem feliz pela venda. Ela comentou que a família estava precisando.

Arqueio uma sobrancelha, reparando melhor no homem loiro à minha frente. Os olhos brilhando e as mãos se mexendo no colo o denunciam.

— Você gostou dela.

Não é uma pergunta e, assim que a frase sai, eu me recrimino em pensamento por ter falado em voz alta.

Desde que comecei a trabalhar na imobiliária, José Paulo está lá também. Sempre nos demos bem profissionalmente, porém, nesse tempo todo nunca conversamos sobre nada pessoal.

Eu não gosto de perguntar, porque jamais falo do meu.

— É um pouco difícil não gostar com tanta beleza e simpatia juntas. — Ele sorri, sem graça por admitir para o chefe que flertou durante o expediente.

Involuntariamente, minha mente tenta se lembrar dos detalhes de Agnes. A única coisa dela que ficou forte para mim é a sua voz surpreendente.

Ando tão no automático nos últimos anos, que não me atento aos atributos físicos das pessoas, muito menos, das mulheres. Eu vejo, converso, interajo, no entanto, é como se fossem todas com a mesma feição para o meu cérebro.

É uma espécie de bloqueio, sei lá.

Forço minhas memórias e recordo do dia em que a vi com a minha mãe no postinho. Tento reviver a cena e a primeira coisa que aparece é o seu cabelo longo e cacheado. Faço o mesmo com outros momentos que estivemos juntos e consigo reparar no rosto fino e o corpo esguio, mas com curvas nos lugares certos.

Nossa, ela é realmente bonita.

Linda, eu diria!

Também é simpática mesmo, porque, em todas as lembranças, a garota estava sempre sorridente.

Merda! O que você está fazendo, Samuel?

Incomodado com o rumo dos pensamentos, aperto a mão no volante e evito olhar para José Paulo.

Ficamos em um silêncio esquisito até chegar à imobiliária. Por sorte, o trajeto é curto e não pegamos trânsito.

Era só o que me faltava agora, não devo e não quero reparar na enfermeira que cuida da minha mãe.



Olho para o relógio de pulso e bocejo, cansado. Hoje eu não vou ficar aqui até tarde, de jeito nenhum, preciso de um banho relaxante e um dos meus remédios para dormir à noite inteira.

Minha cabeça está explodindo de dor, a tarde não fluiu direito por causa de alguma coisa que está me incomodando, mas não sei o que é.

Parece um rebuliço no peito, algo fora do lugar.

Estranho demais, tendo em vista que, por um milagre, não tive lembranças de Benjamim nem Isabela, que são os que costumam me deixar

agitado.

Fecho o computador e pego minha pasta, tentando desligar a mente por um segundo. Grande parte da minha exaustão se deve a esse tanto de coisa na minha cabeça, o tempo todo.

Logo que chego ao estacionamento, o celular começa a vibrar no bolso da calça, sem parar. Penso em ignorar, porém, com medo de ser da enfermeira de plantão, confiro o nome no visor.

Não é sobre minha mãe.

É a detetive.

Coço os olhos, já me preparando para ficar esgotado de novo, e atendo ao entrar no carro.

— Oi, Ana.

— Boa noite, Samuel. Tenho novidades importantes.

Ela tem me mantido a par do seu trabalho por e-mail e telefone. Visitou o Jardim Flora e confirmou que os imóveis vendidos pela Mendonça foram por um valor bem acima de grande parte das casas de lá.

Até mesmo as antigas, que não estão à venda ou disponíveis para aluguel.

A última vez que nos falamos, Ana estava investigando uma das compradoras em específico para tentar encontrar um padrão. Segundo ela, de todos os outros clientes da imobiliária no bairro, a mulher era a mais vulnerável.

— O que você descobriu? — Coloco o telefone no suporte do carro e ligo o viva-voz, saindo do estacionamento.

— Como eu imaginava, aquela compradora que te falei é boca aberta. Encontrei com ela na porta da escola das suas filhas por três dias seguidos, fiz amizade. Fingi que tinha um filho e que ele tinha conseguido vaga só naquela unidade, mas eu morava em outro bairro e precisava ir de bicicleta todo dia. — Caramba, a detetive realmente leva a sério o trabalho. Será que arrumou uma bicicleta de verdade para sua atuação? Passo a mão no cabelo, atento ao que diz. — Inventei que estava procurando uma casinha para financiar e me mudar de vez, porque o trabalho do meu marido era mais perto dali também.

— Ela disse algo importante? — questiono, ansioso.

— Fiz parecer que a gente está crescendo aos poucos, que quer sair do aluguel e conquistar algo só nosso, mas que ainda temos restrição no nome. Foi então que, ontem, a mulher soltou que isso não era problema, que ela conhecia alguém que podia ajudar.

— Como assim? — Aumento o volume do celular para poder ouvir bem.

— Eu estava pesquisando, Samuel, e encontrei várias notícias sobre quadrilhas que supervalorizam imóveis, conseguem o financiamento e ficam com uma parte da grana. — Ouço, contudo, não consigo reagir à sua afirmação de imediato. — Algumas falsificam até documentos *pra* isso. É um esquema que movimenta milhares de reais.

Atônito, a única coisa que consigo fazer é sair do fluxo da avenida e parar o carro no acostamento. Meu peito se comprime só em imaginar que Telso está manchando o nome da minha família, fazendo algo dessa magnitude.

— Hoje passei o dia levantando o histórico de todos que compraram imóvel acima do valor de mercado pela Mendonça, no Jardim Flora, e descobri que 100% deles tinham algum empecilho que impedia a compra.

— Co... como meu pai iria conseguir fazer isso? — Mal consigo raciocinar direito, isso é surreal. — É muito complexo, não?

Seria muito baixo até para ele.

Não...Não é possível!

— Sim, se for comprovado, com certeza é um esquema alinhado e que envolve gente grande. Mas faz todo sentido diante dessas vendas suspeitas e pelo que a mulher me disse. Vou continuar dando corda *pra* ela e ver até onde mais consigo chegar.

Não sei bem em que momento me despedi de Ana e desliguei o telefone. Nem há quantos minutos estou parado no acostamento, com o pisc-alerta ligado. O tempo parece que congelou e a minha cabeça, que precisava tanto relaxar, está trabalhando mais acelerada do que nunca, ligando todos os pontos.

Por mais que seja absurdo, tem toda coerência e pode ser verdade. Não sei se minha mãe vai superar esse grau de traição do homem que amou.

Eu, com certeza, tenho ódio fervilhando na minha pele mesmo antes de confirmar.

CAPÍTULO 16

Agnes



O sorriso de orelha a orelha não consegue sair do meu rosto. Fiquei emocionada ao ver minha mãe chorar, quando contei sobre a venda do galpão, mas depois foi só alegria.

Dona Cilene ficou tão empolgada que fez almoço especial no domingo para comemorar essa conquista e a nota do meu irmão nas provas da Polícia, com direito a churrasco e visita das nossas vizinhas.

Ela queria, a todo custo, convidar Samuel e a sua mãe para participarem, em agradecimento pela imobiliária nos ajudar com a transação. Foi um sufoco convencê-la de que não era uma boa ideia. Dona Creuza poderia até gostar, no entanto, não faz o estilo do moreno sério de olhos verdes comer coxinha de frango e linguiça assadas em uma grelha improvisada.

Não me lembrava de um dia tão feliz em família desde a morte do meu pai. Rimos, brincamos e agradecemos muito a Deus pela graça de não ter mais preocupação com essa dívida que estava virando uma bola de neve.

Mal podemos acreditar que é real e está acontecendo com rapidez.

Samuel me mandou uma mensagem, avisando sobre a aprovação do espaço na quinta-feira à tarde e, no outro dia de manhã, José Paulo e a equipe jurídica já estavam resolvendo as questões burocráticas.

Hoje, na hora do almoço, Alisson e eu fomos assinar no Cartório a escritura e agora iniciará o processo do registro para a transferência final. O imóvel estava no nome dos três filhos.

Pego uma panela no armário e encho de água, colocando para ferver no fogão. Da geladeira, apanho batata e cenoura para fazer uma sopa. Deu

uma esfriada esta noite e fará bem para dona Creuza.

Assim que começo a picar os legumes, ela aparece na porta da cozinha, com o cabelo molhado e um sorriso no rosto abatido. Cheguei para o plantão e já estava no banho.

Coitada, a radioterapia está judiando ainda mais dela.

— Está tudo bem? — Largo as coisas na pia e me aproximo para ajudá-la a se sentar. Parece fraca, cansada.

— Está sim, querida — afirma, e se ajeita na cadeira, coçando a lateral da barriga.

Desde que comecei aqui, nunca vi essa mulher reclamar de nada, uma única vez.

— Tem certeza? — Arqueio uma sobrancelha, fitando-a com carinho. — Não coça, não, que pode irritar a pele.

Ela para de coçar e sorri para mim de novo, fazendo um carinho no meu braço.

Volto para a pia e termino de picar os legumes, enquanto conversamos sobre nossos dias. Como sempre, a senhora simpática fica feliz pelas minhas conquistas.

— Que bom que deu tudo certo no Cartório, Agnes. Que dia vão liberar o dinheiro pra vocês?

— Esta semana ainda, disseram que não precisa esperar sair o registro final. — Suspiro, soltando o sorriso de orelha a orelha. — Minha mãe não tá nem dormindo direito de ansiedade.

A primeira coisa que vamos fazer, assim que o valor cair na conta, é ir na mesma hora quitar o débito com a empresa de crédito.

— Imagino a ânsia dela de resolver logo as coisas. — Noto sua mão coçar mais uma vez o local sensível pela radiação e fico atenta. — É o Samuel que tem conversado com você sobre essas coisas?

— Não, tenho falado só com o pessoal do jurídico ultimamente. — Eu adoraria que fosse ele, mas, de novo, o abençoado sumiu. — A última vez que conversamos foi quando me avisou da aprovação do galpão.

— É mais fácil... fugir... encarar... — dona Creuza sussurra.

— O quê? — Aumento o tom de voz, observando-a. — Não ouvi direito.

— Nada, não, querida. Divagações de uma velha senhora — brinca, no entanto, sei muito bem que é sobre o filho.

Lembranças do dia que visitamos o porão vem à minha mente e a sua conversa sobre ele me ouvir. Nosso contato está bem menor do que antes nos últimos dias. A impressão que me evita só aumenta.

Além da imobiliária, de novo, não está aparecendo aqui durante os meus plantões à noite.

Não sei bem o que dona Creuza espera que ele me conte, mas acho que não vai acontecer.



Ouçó barulho de burburinhos pela babá eletrônica e me levanto, apressada, indo em direção ao quarto da dona Creuza. Olho no celular antes e vejo que não faz nem uma hora que me deitei.

Caminho ao mesmo tempo que pego a buchinha no meu pulso e prendo uma parte do cabelo em um coque samurai para domar um pouco os cachos rebeldes.

Logo que me aproximo da cama, noto que ela não está acordada, apenas mantém um sono agitado. A mão volta a coçar a barriga e decido levantar a blusa para conferir.

Solto um suspiro preocupado ao perceber como está vermelha e com aspecto descamado.

Fiquei atenta desde a hora do jantar e não a vi mais coçando até o momento que saí daqui e fui para o meu quarto. Dona Creuza se deitou cedo por causa da exaustão, passei cerca de uma hora velando seu sono, antes de decidir deitar também.

Essas alterações são consideradas inevitáveis pelo contato da radiação na pele, mas podem se agravar com coceira, uso de sabonete não recomendado pelo médico, banho quen...

Ah, meu Deus!

Será que por causa do tempo frio ela aumentou a temperatura da água hoje? Pode ter sido o estopim para provocar essa reação mais intensa.

Corro até o guarda-roupa e pego uma camisola folgada de algodão. Com cuidado, acordo dona Creuza e explico que vamos precisar tomar um banho morno para diminuir a irritação.

Assim que termino, enxugo o local com uma toalha macia, sem esfregar, e procuro no armário dos remédios o hidratante natural à base de camomila e aloe vera que o médico receitou.

Nas minhas pesquisas, eu li que esses componentes têm ação antibacteriana e cicatrizante, que ajudam na reidratação da pele.

— Você é um anjo, Agnes — ela murmura, sonolenta, quando a deito de novo. — Obrigada, querida.

— Shhh, volte a dormir. — Acaricio seu cabelo, ajudando-a a ficar de lado para o tecido confortável não tocar na pele machucada. — Não foi nada, estarei aqui do seu lado o resto da noite.

Fico sentada na cama, até que ela começa a rressonar baixinho. Samuel me disse uma vez que qualquer problema fora do comum era para avisá-lo, independente da hora.

Corro no meu quarto para pegar o celular e confiro que é uma hora da madrugada. Não está tão tarde, acho que vou ligar para comunicá-lo.

Se a irritação piorar, precisaremos levá-la na emergência e é melhor que já esteja ciente.

Disco seu número e não chega a dar o terceiro toque. Com certeza, está acordado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta, inquieto, logo que atende.

— Sua mãe teve uma descamação na pele no local da radioterapia — explico, parada no corredor para não falar alto e acordá-la. — Eu já prestei os primeiros cuidados, no entanto, talvez seja necessário levá-la na emergência, caso piore nas próximas horas.

Conto em detalhes o que houve, minhas suspeitas e como agi. Samuel fica ainda mais preocupado.

— Estou indo aí.

Escuto barulho de chave e posso apostar que já está na porta, prestes a sair. Ele nem me espera responder e desliga.

Vinte minutos depois, estamos sentados no sofá ao fundo do quarto observando dona Creuza na cama. O móvel não é muito grande, então nossos joelhos vez ou outra se esbarram.

Assim que chegou, eu verifiquei se a irritação tinha melhorado e aproveitei para mostrar a ele o ferimento. Está bem vermelho ainda, mas pelo menos parou a coceira.

Escuto um suspiro lento sair de sua boca e percebo que só agora ele realmente relaxou, desde a ligação.

— Perdão se te assustei. — Viro-me para o seu lado e é impossível não admirar um pouco seu rosto. — Você pediu *pra* avisar sempre que acontecer algo fora do normal, achei que era melhor contar...

— Você fez o seu trabalho, Agnes — ele corta, seco, sem olhar para mim. Abaixa a cabeça e passa as mãos pelos fios escuros.

Noto uma certa tensão nos seus músculos, como se tivesse voltado ao estado normal e não soubesse muito bem o que fez e onde está. Parece incomodado com minha presença tão próxima.

Afasto-me um pouco para o lado, com receio de estar invadindo seu espaço.

O silêncio toma conta do quarto e foco na cama.

— Eu não quis ser grosso, me desculpa. Estou cheio de coisa na cabeça, o estado de saúde da minha mãe me deixa atormentado.

— Você é um bom filho, Samuel. — A voz sai com rouquidão por ter ficado quieta um tempo. Encaro-o novamente e nesse momento ele também corresponde o olhar. — Sua mãe tem sorte.

Meu Deus, perco um pouco o fôlego pela intensidade do contato.

Não é aquele olhar educado de antes, como se eu fosse mais um rosto comum entre um milhão.

Sinto-me como se fosse minuciosamente memorizada desta vez por

seus olhos verdes tão lindos.

Engulo em seco, com o coração batendo forte contra a caixa torácica.

Acalme-se, Agnes! Ele vai acabar escutando o barulho.

Repito várias vezes para minha mente entender, porém, pelo jeito meu coração não se comunica muito bem com a cabeça.

Samuel não desvia e eu, sem forças e vontade para fazer por ele, continuo o fitando na quietude do quarto.

Se isso for um sonho, eu não quero acordar.

Não mesmo!

Toda mulher deveria ser olhada dessa forma por um homem.

CAPÍTULO 17

Samuel



Abro o olho devagar e noto uma luminosidade fraca vir da janela. Estou meio zozinho, nem percebi a hora que caí no sono. Viro a cabeça para o lado e um cheiro gostoso de shampoo invade minhas narinas.

Congelo o movimento e prendo a respiração com medo de me mexer ou fazer barulho.

Putá que pariu! O que aconteceu aqui?

Agnes está com a cabeça encostada no meu peito e, para piorar tudo, meu braço está em volta dela. A mão direita repousa confortavelmente apoiada no seu ombro.

Fica quase impossível raciocinar quando e como isso aconteceu, com esses benditos cachos exalando um aroma tão bom.

Merda. Merda. Merda.

Desesperado, mexo os dedos e tiro um a um da sua blusa, como se minha vida dependesse do cuidado que faço cada gesto.

Ela não pode acordar, eu não sei o que faria se essa garota abrir os olhos agora e ver essa cena.

Quando a mão fica livre, com ainda mais delicadeza puxo meu braço até encostar sua cabeça na borda do sofá. Todo processo demora uns cinco minutos e eu nunca desejei tanto que o tempo passasse rápido.

Com uma distância segura entre nós, salto para fora do móvel e ando depressa para o outro lado do cômodo, bem longe dela.

Olho no meu relógio de pulso e vejo que são 5h15. Que horas eu peguei no sono?

Em casa, é uma dificuldade dormir, ultimamente só com a ajuda dos meus calmantes tenho conseguido. Justo no dia que preciso ficar acordado, eu pego no sono, sentado?

Inferno!

Bufo, puxando os fios do meu cabelo com as duas mãos.

Tento recapitular que droga aconteceu e a primeira recordação que me vem é a nossa troca de olhares intensa.

Quando a adrenalina da preocupação com a minha mãe baixou, eu me dei conta de que estava perto demais de Agnes e a vontade de olhá-la de verdade foi quase sobre-humana.

Queria ter certeza se vi direito seus traços, se o que eu recordava era real.

Tentei reprimir o desejo repentino e estava quase conseguindo, mas foi só aquela voz rouca chegar aos meus ouvidos, para todo meu autocontrole se esvaír em questão de segundos.

“Você é um bom filho, Samuel.”

Ouvi o som e me perdi nela. Perdi completamente o senso quando fisguei seus olhos castanhos expressivos nos meus e delineeí na minha mente cada traço seu.

O que eu me lembrava era muito pouco.

Reparei na boca cheia, os cílios longos, uma parte do cabelo presa de forma bagunçada no topo da sua cabeça e até mesmo em algumas sardas na bochecha.

Não sei dizer quanto tempo fiquei imerso nessa loucura até cair em mim e desviar o olhar, transtornado por me deixar levar.

Depois disso, um novo e longo silêncio se instaurou no quarto, ambos encarando a cama, com afinco. Aparentemente a quietude trouxe o sono e acabamos nessa posição embaraçosa.

O que eu fiz? Por que estou agindo assim?

Uma mera curiosidade de saber se ela era tão linda quanto José Paulo disse pode trazer um mal-estar enorme entre nós.

E se Agnes interpretou errado meu olhar? E se as coisas ficarem esquisitas?

Porra! Há anos não fico inseguro assim com uma mulher, pensando em um monte de perguntas aleatórias. Na verdade, a única vez que...

Balanço a cabeça com força, proibindo-a de fazer comparações.

Não. Isso não tem nada a ver.

Sentindo-me sufocado por tantos pensamentos confusos e sem sentido, observo o corpo dormindo sereno na cama e saio do quarto, quase correndo.

Além de tudo, a garota ainda é uma boa enfermeira.

A vontade de ir embora é enorme, mas decido fazer um café forte na cozinha e esperar minha mãe acordar para ter certeza de que está bem.

Foi para isso que eu vim, é isso que irei fazer.

Essa curiosidade foi momentânea, não vai acontecer de novo.

Tudo isso vai passar.

Sei que vai.



A manhã passou voando com um monte de problemas para resolver na imobiliária. Pelo menos isso, não tive tempo para pensar em mais nada, além de trabalho, nas últimas cinco horas.

Ao sair da casa da minha mãe, de manhã, com um climão entre Agnes e eu, imaginei que o dia todo seria uma droga de lamentação.

Nós dois parecíamos tímidos com a presença um do outro, evitando a todo custo o contato visual. Com certeza a observadora dona Creuza percebeu algo. Ainda bem que não comentou nada, nem saberia explicar o que houve.

Fecho o computador e decido almoçar. Não tomei café e estou começando a ficar com dor de cabeça, que vai piorar com a fome.

Passo pelo corredor dos captadores e paro na mesa de José Paulo antes, para verificar se ele conseguiu dobrar o dono de um terreno no Centro

que está reticente em vender seu espaço para uma construtora.

Esse assunto foi um dos percalços do dia. A empresa está desesperada, querendo que a gente dê um jeito de convencê-lo.

Assim que me aproximo, noto que fala ao telefone. Ele me vê e eu faço um sinal com a mão que termine sua ligação com calma.

Enquanto espero, avisto uma pasta com o nome da Supremac em cima de uma pilha de outras pastas. Pego para passar o tempo e constato que são as cópias dos documentos do contrato com a Agnes.

A primeira folha é da escritura assinada ontem. Folheio e vejo a parte da assinatura com três campos. Agnes, Alisson e Ayla Costa.

Ayla.

O espaço dela está em branco.

Meu coração dá um salto no peito e meus olhos se arregalam ao me lembrar da notícia estampada em todos os jornais na manhã seguinte ao assassinato.

A modelo morta também se chamava Ayla.

É um nome tão incomum.

Por que a irmã da Agnes não assinou este documento? O José Paulo disse que estava tudo certo.

Porra! Não... não... é impossível.

— Aconteceu alguma coisa, Samuel? — A voz preocupada do funcionário me faz olhar em sua direção colocando o telefone na base.

Eu devo estar branco, minha mente está um turbilhão de suposições neste momento.

— Por que está faltando uma assinatura aqui? — Balanço o papel na minha mão. Aperto com tanta força a pasta que as pontas dos meus dedos estão até brancas.

— A titularidade era só da Agnes e do Alisson. A irmã do meio morreu.

Morreu.

Morreu.

Morreu.

A palavra faz um eco na minha cabeça, reverberando por cada célula do meu corpo.

Sinto como se um bolo se formasse na minha garganta, impedindo a passagem de ar. Largo a pasta na mesa sem dar nenhuma explicação e volto para a minha sala, sem enxergar nada.

Bato a porta com força e começo a caminhar de um lado para o outro, forçando meus pulmões a respirarem.

— Que merda! Não é possível! Não é possível! — brado contra o ar.

Sento-me na cadeira e ligo o computador de novo, afoito, abrindo um navegador com as mãos trêmulas no mouse.

Digito Ayla Costa no Google e dezenas de matérias antigas surgem na busca.

É ela.

É a modelo.

Ainda sem conseguir acreditar na coincidência, abro também meu e-mail e procuro o contato do detetive antigo que contratei na época do assassinato.

Acho o arquivo que ele me mandou e passo o olho, desesperado, no relatório, encontrando lá um resumo da jovem morta.

Dois irmãos. Agnes e Alisson Costa.

Que surreal! Nem me lembrava disso, faz tanto tempo.

Esfrego o rosto três vezes seguidas, levanto, sento-me, apoio as mãos nas pernas e fito o chão.

Nem sei como agir, o que fazer com essa informação.

Eu cheguei a contratar dois detetives para tentar descobrir algo do crime, um inclusive enquanto estava com Isabela. Ambos não encontraram nada de útil, chegaram à mesma conclusão que a polícia, para a minha ira.

Quando Agnes descobrir...

Ela vai surtar, capaz que peça até demissão do trabalho de enfermeira com a minha mãe.

Se quem conviveu a vida toda com Benjamim, não acreditou na sua inocência, por que a irmã da garota assassinada iria acreditar?

CAPÍTULO 18

Agnes



Passo a escova no cabelo de Lorena, observando Caren fazer careta no espelho para o vestido florido que está usando. Terminei a trança dela e agora vou arrumar a irmã, para que possamos sair.

— Você está parecendo uma boneca, meu amor — elogio, segurando o riso da sua carranca de brava.

Caren odeia vestidos, mas minha mãe comprou dois modelos iguais para que usem na formatura de Alisson e será a terceira Guerra Mundial se a gente escolher outra roupa.

— Tinha que ter esse negócio horroroso atrás, tia? — Ela se vira de lado e a fita extravagante presa na sua cintura, de cor rosa com strass, chama a atenção.

— Eu acho que estou parecendo uma princesa — Lorena palpita, alisando o tecido no seu corpo.

— Está mesmo. Aliás, vocês ficariam bonitas até usando um saco de batatas — digo, toda babona, tentando encerrar a conversa.

— Pois eu preferia um saco de batatas a essa fantasia de circo. — A irritadinha bufa e se senta na cama, de frente para mim. — Não vejo a hora de escolher minhas roupas. Tipo um vestido preto com esse rasgo aí, tia Agnes.

Preciso abaixar a cabeça para não soltar uma risada alta. Escolhi um modelo simples, porém, elegante com uma fenda comportada na perna.

Essa menina vai deixar Alisson doidinho daqui a uns anos. Se com 10 anos age assim, imagina com 15, em pleno auge da adolescência?

Foco na trança e termino o penteado, puxando assunto sobre nosso passeio até São Paulo. Funciona, as duas ficam animadas. É a primeira vez

que elas vão conhecer a capital.

Mal dá para acreditar que um mês já passou. Tanta coisa aconteceu.

O dinheiro da venda do galpão saiu, encerramos nossa dívida e meu irmão escolheu a delegacia da cidade para trabalhar.

Agora esperamos apenas o posicionamento final de quando a nova turma entrará em ação, não disseram nada ainda.

— Uau, que tanta mulher linda por metro quadrado. — A porta do quarto se escancara de repente, espantando minhas preocupações.

Vanessa e Fê aparecem no meu campo de visão, com um sorriso amplo no rosto, entrando sem fazer cerimônia.

São de casa.

— Não vai abrir seu camelô hoje? — pergunto para a minha amiga, estranhando o horário.

Sábado é dia de movimento, principalmente na parte da manhã.

— Vou, sim, passei aqui só *pra* te dar um beijo e ver se precisava de ajuda.

Arqueio uma sobrancelha na sua direção, duvidando de toda essa boa vontade. Lorena se levanta da minha penteadeira e vai para o lado da irmã na cama.

Fê aproveita e se senta no meio delas, puxando as duas para o seu peito e tapando o ouvido de ambas com as mãos.

— É claro que não viemos oferecer ajuda, *né*, Agnes. — Ele ri, debochado. — Nem ferrando iríamos perder a chance de ver Alisson de terno. Um deus grego desses precisa ser venerado.

— Você sabe que dá *pra* ouvir tudo, *né*, tio? — Caren avisa, se afastando das mãos dele e eu gargalho.

— A gente sabe que o nosso pai é bonito, as mães das minhas amiguinhas ficam inventando desculpas *pra* falar com ele quando vai *na* reunião da escola. — Lorena coloca a mão na boca, rindo, tímida.

— Outras aproveitam *pra* fazer visita *toda produzida*, sempre que ele está em casa, *né*, tia Vanessa? — Caren ataca novamente com a sua

esperteza. — Quando papai estava em São Paulo, você vinha aqui de chinelo havaianas e short jeans. No último mês, parece que está participando de um desfile de moda.

Estou dizendo, essa aí não deixa passar nada. Um perigo!

Sento-me na penteadeira e pego a bolsinha de maquiagem para retocar os olhos e passar um batom enquanto me divirto.

— Meu Deus, garota, você é uma anã que se finge de criança igual naquele filme “A órfã”?

— Credo, Fê! — brado com meu amigo pela comparação, mas acabamos todos rindo.

O som reverberando pelo quarto logo se transforma em um silêncio sepulcral. Viro para o lado, com o lápis levantado próximo ao olho, para descobrir o motivo vindo pelo corredor de terno preto, gravata vermelha e cachos volumosos.

Meu maninho está deslumbrante, o peito se aquece de orgulho e amor por ele.

— Nossa, papai, você está lindo. — É Lorena quem quebra a quietude e se levanta para abraçá-lo.

— Obrigado, meu amor, vocês também estão. — Ele deixa um beijo na testa dela e estica a mão para Caren. — Sua avó fez uns sanduíches, vão lá comer antes da gente sair, porque essas coisas de formatura demoram.

As duas obedecem e o seguem. Antes de ir, Alisson acena para os meus amigos, que permanecem como estátuas, o encarando. Quando fecha a porta, eu não resisto a provocá-los.

— Quer que eu pegue um babador *pra* vocês?

— Cara, eu daria *pra* esse homem na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê — Fê brinca, suspirando.

— É muita beleza em uma pessoa só — Vanessa completa, se jogando de costas na minha cama e abraçando um dos travesseiros. — Falando em babador, como anda o seu, amiga?

— Hãh? — Faço-me de desentendida e volto a prestar a atenção na maquiagem.

— O boy magia ainda tá sumido? — Fê se levanta e vem até mim, ajeitando os cachos do rabo de cavalo que fiz no cabelo mais cedo.

Dou um balanço de cabeça confirmando, sem querer falar do assunto.

Samuel já tinha sumido várias vezes antes, mas desta vez está sendo o maior tempo de todos.

Definitivamente, estou sendo evitada. É oficial.

Há semanas não nos encontramos durante meu plantão e, se preciso resolver algo na imobiliária, quem entra em contato comigo é José Paulo ou o pessoal do jurídico.

Nunca ele.

Aquela semana da nossa troca de olhar intensa, nos vimos uma outra vez. Foi a última.

Ele estava esquisito e parecia nervoso demais, mexendo na gravata toda hora. Percebi que queria me dizer alguma coisa e tentei puxar assunto, falando do tratamento de dona Creuza, até que me perguntou do nada se eu tinha irmãos.

Foi mais estranho ainda, nunca falamos de nada pessoal. Eu contei do Alisson e da Ayla brevemente e os seus olhos verdes ficaram escuros. Deu uma desculpa esfarrapada, foi embora e não voltou.

Sua mãe me disse que Samuel está na fase fechada, em que prefere não conversar. Fica assim às vezes e a melhor coisa é dar espaço.

“Ainda não desista dele.”

As suas palavras suaves e emocionadas têm me perseguido.

Eu não entendo por que coloca tanta fé em mim com relação ao filho e, o pior, porque eu sinto como se realmente não pudesse desistir de algo que nem existe.



— Não é a formatura de policiais? *Pra* que tanto segurança aqui? — Caren pergunta, curiosa, olhando para o tanto de homens de preto à nossa frente.

Reparo no salão amplo e bem-iluminado, notando que há dezenas deles espalhados estrategicamente em vários pontos. Estão com radiocomunicadores e bem sérios.

— Acho que o governador veio — Alisson comenta comigo e com a filha. — Não te disse que não ia perder a chance?

Lembro-me da nossa conversa sobre as eleições deste ano e aceno, concordando. Esse pessoal não perde uma oportunidade mesmo.

Meu irmão vai para o palco de madeira, na área reservada aos formandos, e eu com minha mãe ficamos com as meninas nas cadeiras da frente, para poder vê-lo receber o diploma.

— Calma, mãe! — Nem começou e dona Cilene já está chorando, toda emocionada. — Desse jeito, vai passar mal.

— Ayla ficaria radiante ao ver o irmão se formando na Polícia.

Engulo em seco, sentindo a garganta comichar, e fico quieta.

Ela é o motivo para ele estar aqui neste momento.

A cerimônia começa com o discurso de várias pessoas sobre a importância da profissão e o dever de cada um na Polícia Civil. O governador está em um falatório inflamado agora, sobre como seu governo tem investido na segurança do Estado.

— Estou ansioso para que nos ajudem nos próximos dias. — Fico estática e olho na direção do meu irmão, que também está me fitando em expectativa. — A boa notícia é que já vão começar a trabalhar. Estou definindo tudo para que seja em uma semana. Precisamos muito de vocês na ativa.

Uma semana.

Ajeito a postura na cadeira, as mãos de repente suando.

É muito pouco tempo para um passo tão grande. Pensei que ia demorar mais uns dias.

Passo o resto do discurso e da cerimônia de entrega dos diplomas em transe, fazendo uma oração silenciosa pela vida do meu irmão.

Que Deus o proteja de todo mal!

Precisa cuidar dele, meu Pai.

Por favor.

— Você está bem, Agnes? — minha mãe pergunta, enquanto caminhamos para o salão ao lado, onde está sendo servido um coquetel. — Ficou meio aérea.

— Estou, sim, é cansaço e fome. Vamos comer algo?

— Vai indo lá, preciso levar as meninas ao banheiro.

Viro para o lado esquerdo e ela segue para o direito. Avisto de longe Alisson conversar animado com um grupo de amigos, é nítido o sorriso de alívio estampado no seu rosto.

Uma semana.

Balanço a cabeça e sigo até a mesa de salgados, ficando em dúvida de qual pegar. Na verdade, não estou com fome, mas preciso de distração.

— O de salmão com cream cheese é o melhor. — Sigo a voz e vejo um jovem bonito de terno ao meu lado.

Alto, moreno, forte, olhos castanhos. É o mesmo que estava no palco minutos atrás, deve ser alguém importante.

Seu sorriso é simpático, mostrando dentes brancos e perfeitamente alinhados.

— Obrigada — agradeço, sorrindo também, e pego o canapé que sugeriu.

Ele faz o mesmo.

— Sou Bruno Sá Junior. — Estica a mão se apresentando e eu a aperto, um pouco atônita.

— Sá Junior?! — pergunto, já afirmando. É o mesmo sobrenome do governador.

Minha expressão de espanto me denuncia.

— Por favor, não fique diferente por causa disso. — Faz uma careta engraçada. — As pessoas tendem a ficar mecânicas na frente do filho do governador. É um saco.

— Eu sou Agnes Costa, só irmã de um formando. — Amplio o sorriso pela sinceridade dele, brincando.

Conversamos brevemente sobre trivialidades, que me fazem relaxar um pouco da preocupação, até que um dos homens de preto se aproxima e cochicha algo em seu ouvido.

— Desculpa, preciso ir. Tenho outra agenda com meu pai agora. — Galantemente o jovem pega minha mão e deixa um beijo bem no estilo cavalheiro. — Foi um prazer conhecê-la, Agnes Costa. A visão mais linda do meu dia.

— O prazer é meu. — Dou um sorriso tímido e aceno, educada, vendo-o se distanciar com o segurança.

Caramba, que vida injusta, viu?! É o carinho do bar que não para de mandar mensagem, piscadinha de José Paulo e até cantada do filho do governador...

Pelo jeito, todo mundo me nota, menos quem eu mais queria que notasse.

CAPÍTULO 19

Samuel



Olho para os lados, nervoso, sem saber onde estou e como vim parar aqui. Há um silêncio enorme no salão, embora dezenas de pessoas estejam à minha volta. Todos observam atentos o microfone sozinho no palco, envolto por um jogo de luz azul e roxo.

Sinto um peso nos ombros e noto o case do meu violoncelo pendurado nas minhas costas. Eu não tinha me desfeito dele? O que está acontecendo?

Pisco duas vezes, tentando achar lógica nisso, e quando olho de novo para frente, ela está lá.

U.a.u.

É a visão mais linda que já vi em toda minha vida.

Agnes está com os cachos soltos e usa um vestido branco de seda que se arrasta no chão e valoriza cada centímetro do seu corpo. O decote abraça os seios e chega até a cintura. As duas coxas grossas também estão à mostra através de fendas sexys que enaltecem o quadril largo.

Depois de alguns segundos criando coragem, ela abre a boca para começar a cantar e meu coração salta no peito, tão rápido, que seria capaz de gerar energia elétrica. Não me incomodo com isso desta vez, eu gosto.

Gosto da forma como ele parece ganhar vida novamente, preenchendo cada centímetro do espaço que esteve vazio esses anos em um lugar cheio de adrenalina.

Aproximo-me do palco, vidrado na letra de Listen, e na sua rouquidão que tanto amo.

*Listen to the sound from deep within
Escute a canção que vem do meu interior*

*It's only beginning to find release
Ela é só o começo para encontrar a libertação*

Estou tão perto agora que ela me enxerga. O sorriso no seu rosto nasce genuíno e realmente feliz. Não resisto a sorrir também, hipnotizado por sua beleza.

Apesar da quantidade de pessoas, parece que só estamos nós dois aqui. Nada mais importa, não vejo ninguém além dela toda linda no palco.

Agnes estica a mão e me chama para acompanhá-la, apontando para o case nas minhas costas. Estagno no lugar, sem responder ou me mexer.

Eu não toco mais. Não posso.

De repente, Isabela e Benjamim aparecem do meu lado. Estão brilhosos demais, não dá para ver direito. Observo-os, atônito, sem conseguir decidir se foco neles ou nela.

A melodia fica mais lenta e séria. Fito Agnes e seu rosto muda de feição completamente. Uma lágrima grossa escorre pela bochecha enquanto canta.

*Now I'm done believin' you
Agora eu não acredito mais em você
You dont know what I'm feelin'
Você não sabe o que eu estou sentindo
I'm more than what, you made of me
Eu sou mais do que você fez de mim*

O corpo dela vai sumindo aos poucos da minha frente, meu amigo e minha ex-noiva também. As pessoas em volta desaparecem, como se fosse uma grande ilusão da minha mente.

A última coisa que enxergo antes de tudo apagar são suas lágrimas sentidas e a mão esticada, que ainda tenta me chamar uma última vez.



— Não, espera! — Acordo, assustado, e me sento, notando gotículas de suor escorrerem no meu rosto.

A cama está uma bagunça.

Vejo a escuridão do lado de fora pela janela aberta do quarto. O silêncio está por toda parte.

É um sonho.

De novo, a merda desse sonho.

Passo a mão nos cabelos molhados, bufando de irritação.

Faz semanas que apago e tenho essa visão que não consigo entender.

Por que sempre a mesma coisa? Por que Benjamim e Isabela aparecem nele? Por que Agnes chora e some? Por que canta tão sentida a parte da música que diz “Agora eu não acredito mais em você”?

Tantas perguntas... nenhuma lógica.

Jogo o lençol para longe e me levanto depressa, andando a passos duros até a cozinha. Eu não aguento mais isso.

O sonho começou depois que descobri que Ayla é a jovem que Benjamim foi acusado de assassinar.

Só pode ser um sinal. Preciso contar para a enfermeira e deixar que decida o que fazer.

Sei que dona Creuza gosta dela, e que teremos mais uma na fila de pessoas que não acreditam no meu amigo. Só que se esse for o preço para que isso pare, estou ficando disposto a pagar.

Meu primeiro instinto foi tentar arrancar alguma informação útil de Agnes sobre a irmã. Pensei até em um plano de aproximação de alguns dias, como se fosse algo casual. Cheguei a ir de propósito na casa da minha mãe durante seu plantão para puxar assunto.

Eu quis, juro que quis. Poderia descobrir algo novo, tentar uma pista que ajude a reabrir o caso. Mas não sou esse tipo de pessoa que usa as outras.

Acho que devo comemorar por não carregar o gene ruim do Telso. Se ele soubesse, com certeza tiraria sarro de mim pela fraqueza.

Depois de constatar no meio da conversa que era uma ideia ruim, fui para o plano B: ignorá-la. Se eu não a visse, poderia fingir que nada aconteceu e seguir com a vida.

Pessoalmente eu consegui, já se passou um mês.

O problema é que a morena decidiu se infiltrar nos meus sonhos, vestida com a *porra* de um vestido branco sexy dos infernos. Tenho vontade de socar José Paulo por me fazer reparar na garota. Se eu não tivesse a olhado de verdade, minhas noites poderiam ser menos desesperadoras.

Agora tenho uma mensagem subliminar e uma bela mulher para me martirizarem.

Minha mente é fodida, só pode.

Não há trabalho na imobiliária, nem investigação junto com a detetive sobre a fraude, que tem conseguido me distrair.

Abro a geladeira e pego uma garrafa de água, bebendo todo o líquido no gargalo mesmo.

Isso vai ter que acabar hoje.



A enfermeira da tarde sai da sala, deixando-me sozinho com minha mãe. Ela me observa, preocupada por aparecer do nada querendo conversar. Tenho a visto todos os dias, mas nunca nesse horário tão próximo à mudança de plantão.

Algo nela me mostra que sabe que quero falar sobre Agnes.

Dona Creuza nunca me força a nada, isso não quer dizer, porém, que não perceba as coisas.

Às vezes percebe até o que não existe.

— Eu descobri algo que a senhora não vai acreditar. — Decido ser direto, não gosto de enrolar.

— O que houve, meu filho? — Ela inclina o corpo para frente, encostando sua mão na minha perna.

— A jovem que morreu no dia que Benjamim foi preso é irmã da Agnes.

Silêncio.

Sua boca se abre sutilmente e os olhos se dilatam, incrédulos.

Entendo bem a reação, também custei a acreditar nessa coincidência.

— Te... tem certeza? — questiona, afastando-se.

Minha mãe tenta disfarçar, mas percebo a tristeza nos seus olhos.

— Absoluta. — Fica visível seu medo da reação da enfermeira quando souber. — Vi a assinatura faltando, há um mês, na escritura do galpão e depois chequei com informações que aquele primeiro detetive levantou *pra* mim.

Explico tudo que descobri e a cada frase ela fica mais cabisbaixa. Droga, era justamente isso que temia.

Agnes é uma das poucas coisas que têm dado alegria para minha mãe ultimamente. Não tenho nenhuma esperança de que queira continuar trabalhando aqui, quando descobrir o tamanho da nossa ligação com Benjamim.

Meu melhor amigo, o irmão que nunca tive. Ele era tratado como filho pela dona Creuza.

Nós dois e os pais dele são os únicos que acreditam na inocência do jovem extrovertido que amava tocar violoncelo.

— Vamos ter que falar *pra* ela, é injusto esconder essa verdade — pede, passando a mão na boca.

Sei que está se segurando para não chorar.

— Eu tentei ignorar isso, mas também acho que é melhor falar, mãe. — Reaproximo-me dela, segurando sua mão. — Essa informação está me angustiando nas últimas semanas.

— Eu achei... — Minha mãe limpa a garganta, secando uma lágrima que escapa. — Eu acho que ela é especial, mas *pra* ter confiança é preciso haver sinceridade. Agnes tem que decidir, só ela pode.

Não entro no mérito do que exatamente está querendo dizer com suas palavras, porque a porta da sala se abre com cachos volumosos e um sorriso grande, que paralisa ao me ver.

Preciso piscar para não cair na tentação de me perder em seus olhos de novo, chega disso. Não é o foco aqui.

— Está tudo bem? — ela pergunta, olhando de mim para minha mãe.

— Preciso muito falar com você, Agnes.

Noto sua garganta se mexer, da mesma forma que a minha neste momento.

Ela está tensa para saber do que se trata, e eu com receio do seu surto.

De uma forma ou de outra, não acho que isso vai terminar bem.

CAPÍTULO 20

Agnes



Não sei o que me deixa mais preocupada: os olhos vermelhos de dona Creuza ou o rosto sério de Samuel. Aproximo-me do sofá com o semblante totalmente diferente de quando abri a porta, feliz porque cheguei 25 minutos adiantada para o turno, graças ao ônibus que passou no horário certo, desta vez.

Pego a mão esticada da mulher que aprendi a amar nas últimas semanas e me sento ao seu lado. Sinto um nó no peito ao ver a tristeza tão evidente nela.

O que está acontecendo, meu Deus?

— Estou ficando tensa, gente. O que houve? — Acaricio a pele franzida, entrelaçando nossos dedos. — A senhora está bem?

— Você quer falar com ela, sozinho? — Dona Creuza não me responde e encara o filho.

— Você quer ficar? — rebate, e eu pareço uma bola de pingue-pongue, sem saber a quem dar atenção. — Se estiver se sentindo mal, pode...

— Eu quero ficar — interrompe, decidida, e um silêncio toma conta do espaço.

Estou completamente perdida, sem fazer ideia do motivo desse suspense que está deixando meu coração pequenininho. Não tenho um bom pressentimento.

Tomara que não seja nada relacionado à saúde dela.

Nós três nos entreolhamos antes de Samuel quebrar a quietude.

— Agnes, primeiramente eu gostaria de te pedir desculpas pelo que

vou dizer. — Sua aparência nervosa só me deixa mais apreensiva. — Minha mãe soube agora, mas eu já tenho essa informação há dias e não estava sabendo o que fazer com ela.

Balanço a cabeça em compreensão, no entanto, nenhuma palavra sai da minha boca.

A situação está me deixando tão afobada que mal consigo engolir a saliva neste momento.

Samuel abaixa a cabeça e respira fundo. Tenho a impressão de que está perdendo a coragem de falar pelo tanto de vezes que a mão esfrega a calça social.

Com certeza, é sério.

— Agnes... — Seus olhos tempestuosos alcançam os meus. — Eu... — Para novamente e observa a mãe, que o incentiva com um toque no braço se afastando dos meus dedos. — Nós... conhecemos o homem acusado de matar a sua irmã.

A última frase sai tão rápida que eu penso não ter escutado direito.

Balanço a cabeça e o encaro de novo. Samuel quase não respira, enquanto aguarda alguma reação minha. Dona Creuza está do mesmo jeito, atônita.

Eu ouvi bem.

Eles o conhecem.

— Ele é o meu melhor amigo, desde a infância — continua explicando, diante do meu silêncio. — Minha mãe o tratou como filho até o dia da sua morte.

Amigo... filho...

Sabe quando você sonha que está sendo perseguido por algo, quer correr e não consegue sair do lugar?

Estou me sentindo assim agora.

Eu quero falar, quero me expressar de algum jeito, mas não vai. A única coisa que funciona é o turbilhão do lado de dentro.

Acho que estou em estado de choque pelo susto, como fiquei aquele

dia.

Eu jamais esperava isso.

Samuel começa a contar como soube da informação, porém, minha mente está longe demais para realmente assimilar qualquer coisa.

A manhã em que descobrimos sobre a morte volta de repente, tão forte que é como se eu vivesse as sensações de novo.

Cada uma delas.



Acordo, assustada, com batidas que parecem alguém na porta. Ouço mais uma vez e me levanto depressa, deixando cair da cama as apostilas de música que estava lendo. Pelo jeito, perdi a noção do tempo e adormeci.

Verifico as horas no celular e estranho que já são seis da manhã. A cama da Ayla vazia ao meu lado faz uma sensação de frio percorrer meu corpo. Ela disse que não voltaria tarde, ia só fazer umas fotos no estúdio.

Apanho um robe no guarda-roupa e apresso o passo para atender a pessoa insistente. Pode ser ela. Deve ter ido se divertir um pouco e perdeu a chave.

Quando chego ao corredor, dona Cilene também está saindo do seu quarto, preocupada com o som alto.

Seguimos juntas, e em silêncio, no curto trajeto até a porta. Ao abri-la nos deparamos com dois policiais nos fitando, sérios.

Ai, meu Deus!

Polícia a essa hora não é um bom sinal.

Será que... será que...

Não, Agnes!

Não surta. Está tudo bem.

— A senhora é Cilene Costa?

— O que aconteceu? — minha mãe retruca, já chorosa, e se vira na minha direção. — A Ayla tá no quarto, Agnes? Vai ver se o Alisson chegou.

Eu... eu acabei dormindo e não os vi. Vai ver, vai...

Fico estática, observando a reação dos policiais. O jeito que o rosto de um deles muda ao notar o desespero, faz algo dentro do meu peito se esmagar, como uma mão comprimindo todos os órgãos.

— Senhora Cilene, nós precisamos que a senhora nos acompanhe até a delegacia. — O homem mais velho toca o ombro dela, tentando ser cauteloso. — Sinto muito, mas sua filha Ayla foi encontrada morta.

Não.

Não.

Não.

Busco ar nos meus pulmões, ele não vem. Meu corpo inteiro começa a tremer, como se tivesse alguém me chacoalhando forte.

Isso não é real.

Estou tento um pesadelo.

Acorda. Acorda. Acorda!

— Ayla! — O grito de dor da minha mãe me faz dar um salto. — Ayla, vem aqui falar pra esses policiais que está tudo bem, meu amor. Ayla! Ayla!

Seguro seu braço e a puxo para o meu ombro, buscando acalmá-la e me acalmar.

Tento a todo custo respirar e não consigo.

— Ela não está lá, mamãe. — Quase não reconheço minha própria voz, que sai baixa e embargada.

Ela não está lá.

O choque da notícia finalmente é assimilado pelo meu cérebro, disparando uma descarga de gelo por cada centímetro da minha pele.

Acaricio seu cabelo, enquanto um choro alto e cru invade a sala.

Não sei discernir se é dela ou meu.

Ou de nós duas.



Só noto que estou chorando quando sinto dedos delicados limpando meu rosto. Olho para frente e encontro os olhos verdes preocupados de dona Creuza me observando.

— Respira, querida. — Ela puxa o ar pelo nariz e solta pela boca devagar. — Se acalme, por favor.

Repito o movimento no automático, tentando afastar da minha cabeça a imagem do corpo da Ayla no caixão, o desespero da minha mãe no cemitério e todos os dias que Alisson se martirizou depois disso, por não ler aquelas malditas mensagens.

— Eu sinto muito por sua perda, Agnes. — É Samuel quem diz e não consigo deixar de notar o tom realmente de pesar nas suas palavras.

O assassino era amigo dele. Convivia com dona Creuza.

Era alguém querido? Era bom, antes daquela noite? Por que estava na boate? O que o fez atirar e arrancar a vida da minha irmã?

Diversas perguntas começam a emergir, suprimindo o ar de novo.

Esfrego o rosto várias vezes e aumento a intensidade do exercício de respiração.

— Ela não devia ter ido *pra* boate — falo, pela primeira vez, ganhando a atenção imediata dos dois. — Ayla ia só tirar umas fotos no estúdio, ia voltar cedo. Ela mandou mensagens que não queria estar lá. O Alisson não viu. Ele não viu. Por que seu amigo fez aquilo?

A pergunta desesperada é direcionada especificamente para Samuel. Foco meu olhar nele e percebo o acúmulo de água na sua íris. Está emocionado por falar desse assunto.

— Você não vai acreditar, Agnes, e compreendo isso. Não conheceu Benjamim, tem várias provas contra, mas... — Ele abaixa a cabeça e dá leves socos na têmpora. — Ben não fez. Eu tenho certeza de que não fez. Não te contamos, porque esperamos que entenda nosso ponto de vista, mas porque precisava saber a verdade.

Volto minha atenção para dona Creuza e ela me dá um sorriso triste,

concordando com a cabeça.

Como não fez? Há testemunhas, balística, imagens...

— Ele era um bom menino, sempre arrumava um jeito de ajudar as pessoas — a mulher conta, observando minha reação. — Nós ainda não conseguimos provar, mas acreditamos que existe algo escondido por trás desse crime.

A mesma suspeita do Alisson.

Tudo foi resolvido tão rápido, porém, ainda há tantos questionamentos sem respostas.

Como Ayla foi parar lá? Quem a levou? Embora tenha feito aulas de judô por muitos anos, teria força suficiente para empurrar alguém daquele jeito? Estava mesmo sozinha naquele cômodo?

Nunca chegamos a desconfiar do assassino por causa das provas. Queríamos entender melhor as circunstâncias, o que motivou, o que realmente aconteceu.

Para a polícia, depois de desvendado o autor do crime, nada mais importou.

Será... será que... estão certos?

Lembro-me das imagens que encontramos do assassino na internet. Ele parecia um jovem comum, era...

Ah, meu Deus! Coloco a mão na boca, levantando-me do sofá.

Pelo canto de olho noto que Samuel e dona Creuza acompanham meu movimento de vai e vem, atentos.

O violoncelo no porão.

O jovem era violoncelista, tocava em dupla.

Como não reconheci o rosto do Samuel antes? Havia várias imagens deles em shows, rindo, brincando.

— Por que vocês acham que ele é inocente? — A voz sai mais urgente do que pretendia.

Samuel parece perplexo com a pergunta inicialmente e não responde nada.

É dona Creuza quem começa contando como os dois se tornaram amigos na infância e descobriram a vocação na música. O garoto que ela descreve com tanta afeição realmente não parece o mesmo descrito pelos jornais, na época do crime.

Depois de algum tempo em silêncio, o filho entra na conversa e aponta as incongruências que encontrou na cena do assassinato, a morte repentina do amigo logo depois.

Alguns dos seus apontamentos são os mesmos que tivemos.

— Vocês podem... estar certos. — Puxo minha bolsa e procuro desesperada o celular para falar com Alisson.

Assim como fiquei chocada quando disseram, eles também estão agora com a minha reação.

Branco, olhos assustados, boquiabertos.

Meu irmão precisa saber e, se concordar, eu quero contar seu plano para Samuel e dona Creuza.

Eu confio neles, embora a gente se conheça há pouco tempo.

Jamais esperava isso, mas pode ser que nossos maiores aliados venham do lado que, por anos, acreditamos ser o inimigo.

CAPÍTULO 21

Samuel



Minha cabeça está doendo muito. Esfrego o rosto e olho para o corredor, onde Agnes fala sem parar com alguém ao telefone. Não dá para ouvir nada além de burburinhos, só consigo perceber os gestos agitados.

Passo as mãos do rosto para as pernas e as mexo ali, em um movimento ritmado de cima para baixo.

Caralho! Estou uma confusão, um misto de incredulidade com ansiedade.

Ainda não assimilei direito o que ela disse agora há pouco. Não faz sentido nenhum.

Como assim, podemos estar certos? Será que se referiu ao Ben mesmo? Cadê os gritos? Os xingamentos?

Eu imaginei várias reações quando eu dissesse sobre a nossa relação com Benjamim.

Choque, lágrimas, raiva, incompreensão... Ela aparentou sentir cada uma assim que a frase saiu.

Mas... isso? Que *porra* significa isso?

Definitivamente, empatia não passou por minha cabeça nenhum segundo. Jamais imaginei que Agnes teria interesse em saber a nossa visão dos fatos.

— Fala comigo, meu amor. — Sinto um toque na minha perna, tentando parar o movimento. — O que você está sentindo?

Fico em silêncio por alguns segundos, não tenho como explicar em palavras.

— Não sei, mãe. Sinceramente, não sei — confesso, e continuo olhando para Agnes no corredor. — Com quem será que ela *tá* falando? Você entendeu alguma coisa do que aconteceu aqui?

— Não, filho — responde, sincera, tão chocada quanto eu. — Agnes é bem mais madura do que eu havia imaginado para seus 22 anos. Muito mais especial também.

Fito seu rosto e noto um sorriso feliz despontar, em meio às lágrimas que insistem em cair.

Vinte e dois anos? Nossa, ela realmente é jovem. Nunca tinha parado para pensar na sua idade.

Isabela conhecia Benjamim desde os 11, tinha 24 quando tudo aconteceu e não conseguiu acreditar na sua inocência.

— Não vá por esse caminho, Samuel. — Dona Creuza segura minha mão, que continua esfregando a calça. — Eu sei que *tá* fazendo comparação.

Abaixo os ombros, encolhendo-me no sofá. Por mais que eu não queira, ela vem com tudo. Inevitável.

Chega a ser surreal para a minha mente que Agnes me ouça, justo a irmã da assassinada, e a garota que amei desde a adolescência não consiga.

Não dá.

Inspiro fundo e puxo os fios do meu cabelo. Está virando um hábito isso.

— É impossível controlar, mãe — admito, envergonhado. — Por que ela não conseguiu dar um voto de confiança?

— As pessoas são diferentes, Samuel. Cada uma age nas situações conforme seu jeito de ser, a bagagem que tem. — Ela passa a mão no meu rosto, carinhosa. — Isabela amava Ben, amava você, mas também era muito analítica. As provas contra ele foram cruciais *pra* sua decisão. Isso não significa que ela não se importava, que não sofreu.

Dona Creuza é muito justa.

Sempre tentou me mostrar o lado da minha ex-noiva na situação. Foi depois de uma conversa com ela, que defini que era hora de dar um fim ao relacionamento.

Eu não queria que meu amor se transformasse em ressentimento com o tempo. Não queria mais ficar discutindo, obrigando-a a entender meu ponto de vista e vice-versa.

Isso estava nos destruindo.

— Enquanto você fizer comparações, seu coração nunca vai se curar.

Mal tenho tempo de assimilar o conselho, Agnes aparece, esbaforida, à nossa frente.

As bochechas estão vermelhas e há suor no canto do seu rosto. A mão esquerda segura o celular ainda ligado na altura do peito.

— Meu irmão pode vir aqui agora? Nós queremos contar algo sobre o assassinato.

Prendo a respiração em expectativa. O que ela pode saber que nós não? Uma pista? Uma testemunha diferente?

Novamente fico sem fala e minha mãe precisa responder por nós.

— Claro que pode, querida.

Não consigo deixar de reparar no brilho dos olhos da Agnes. Estão cheios de... de... seria esperança?

Ainda não entendo.

Levanto de repente e me aproximo da janela para tentar retomar a respiração. Preciso ficar calmo.

O tempo, com certeza, nunca vai demorar tanto para passar como agora.



Eu estava certo. Os minutos pareceram se transformar em intermináveis dias.

A enfermeira do turno da tarde foi embora. Minha mãe tomou banho para se acalmar. Agnes fez chá de camomila. Eu quase rasguei minha calça de tanto passar a mão nela e nada do cara chegar.

Agora Alisson está sentado à nossa frente e eu questiono se não veio rápido demais.

Ele parece nervoso, assim como eu, evitando contato visual e se remexendo sem parar no sofá.

Ainda não sei o teor da conversa, por isso, a ansiedade está em níveis quase insuportáveis.

— Bom, é melhor a gente falar de uma vez *pra* ser mais fácil — Agnes começa, estralando os dedos. — Alisson e eu também achamos muitas coisas suspeitas no assassinato. Não chegamos a duvidar do autor do crime por causa das provas, mas não concordamos com o rumo da investigação que focou só nisso e ignorou todo o resto.

— Como assim? — A pergunta sai no automático. — Qual resto?

Agnes olha para o irmão e sussurra um “pode confiar neles”, antes que o homem decida se abrir.

— Ayla saiu *pra* tirar fotos de um trabalho, avisou que voltaria cedo. Tenho mensagens no meu celular dela dizendo que foi parar em uma boate, mencionou drogas e não “querer fazer aquilo”. — Nos seus olhos, consigo ver a culpa. Ele se sente de alguma forma responsável pelo que aconteceu. — A gente nunca soube quem a levou lá, não fazia o estilo da minha irmã esse tipo de festa. Assim que viram as câmeras de segurança e saiu a balística, ignoraram todo resto.

— Eu contratei dois detetives logo na época do crime *pra* tentar encontrar alguma informação que passou despercebida, mas chegaram à mesma conclusão que a polícia. — Apoio os cotovelos nas pernas e me inclino, com total atenção na conversa. — Eles investigaram a Ayla também, nenhum mencionou nada de mensagem. Conseguiram informações básicas do trabalho, da família de vocês. Nada que fosse importante para o caso. Parecia mais uma vítima aleatória.

— A polícia usou esse termo: “vítima aleatória” — Agnes comenta, cabisbaixa. — Disse que a minha irmã estava no lugar errado, na hora errada. Aparentemente, o Benjamim agiu assim porque estava sob forte efeito de drogas. Tentou uma aproximação, foi ignorado e agiu por impulso.

— Ele nunca faria isso, só bebia. — Sinto uma necessidade absurda de defendê-lo. — Às vezes exagerava, porém, nunca perdeu a consciência dos seus atos. Eu conhecia Ben desde bebê praticamente, posso dizer com

toda certeza do mundo que nunca usou drogas e muito menos teve uma arma na vida.

— Eu coloco minha mão no fogo por aquele menino, era do bem — minha mãe completa.

Os irmãos se entreolham de novo, parecem acreditar no que dizemos, e isso faz meu peito se inflar de um jeito bom.

É reconfortante a sensação de honrar a memória do meu amigo, depois de tantos anos.

Voltamos a conversar sobre coisas que nos incomodaram no processo e, apesar de prestar atenção em cada detalhe, não consigo parar de pensar nos detetives.

É estranho.

Agora, pensando bem, a Ana Fischer parece bem mais comprometida e envolvida no processo de fraude imobiliária do que os dois naquela época.

A detetive é tão boa que há dias criou um verdadeiro teatro. Alugou uma casa e está com atores fingindo ser sua família para ganhar a confiança da mulher que vai dedurar o esquema. Não foi tão simples como pensamos no início, até agora não soltou nada que realmente ligue Telso ou qualquer pessoa ao golpe.

— A parte mais importante, e que eu fiz questão de pedir permissão ao Alisson, antes de contar a vocês, é que demos um passo grande *pra* tentar fuçar nessas coisas que ficaram esquecidas. — Desfaço todos meus pensamentos e fito Agnes intensamente. *Como assim, passo?* — Meu irmão acabou de se formar e vai trabalhar como escrivão na delegacia que investigou o caso.

— O quê? — Tenho consciência de que falei alto demais e que estou possivelmente com o queixo caído no chão neste momento.

O escrivão tem acesso a todos os inquéritos policiais, vai mexer no arquivo da polícia.

Isso é... isso é... perfeito!

— Como ele conseguiu isso? — Minha mãe também está atônita.

— Foram quatro anos me preparando para esse momento — Alisson

afirma, determinado. — Só Deus sabe o quanto abdiquei e me esforcei.

Levanto do sofá e coloco a mão no coração, que está latejando no peito. É uma coisa que não consigo explicar, uma alegria que há tempos não sentia.

— Podem contar comigo *pra* tudo, quero fazer parte disso — digo, enfático. — Nós três vamos descobrir juntos o que aconteceu.

Olho para Agnes e vejo que está emocionada. *Porra*, eu não tenho palavras para dizer como estou agradecido de verdade por ela ter sido madura e compartilhado esse momento comigo.

O sorriso que sai dos meus lábios eu pensei que não existisse mais. Tem uma chama poderosa se acendendo dentro de mim. É como uma brisa suave no deserto.

Esperança.

Eu agora também estou com os meus olhos brilhando. Por Benjamim. E por Ayla.

CAPÍTULO 22

Agnes



Ansiedade é uma coisa difícil de controlar. Por mais que eu queira ficar calma e não sofrer por antecipação, é quase impossível.

Seco o suor das mãos na calça jeans e arrumo o cabelo atrás da orelha, pela terceira vez, em menos de dois minutos. Dona Creuza foi tomar banho e me deixou na sala, esperando pelos meninos.

Mal posso acreditar que somos uma equipe em busca de justiça.

Quando liguei para o meu irmão, contando do Benjamim, ele não confiou de imediato na história de sua inocência. Somente quando apontei as incoerências vistas por Samuel, é que começou a ceder.

Até então, só eu sabia do seu plano. Foi uma atitude arriscada compartilhar com dois desconhecidos, mas eu senti tanta verdade no que disseram que meu coração não conseguiu se fechar.

“Você nunca erra sobre as pessoas, Agnes. Vou confiar em você.”

As palavras de Alisson ao telefone ainda me deixam emocionadas, quase uma semana depois de abrir o jogo. Sua vida está em perigo e ele confiou no meu julgamento.

Isso significou muito para mim.

Hoje foi seu primeiro dia na delegacia e combinamos de nos encontrar aqui na casa da dona Creuza, ao final do expediente. Decidimos não comentar nada sobre o caso por celular, a fim de se precaver no futuro, caso haja necessidade.

Escuto um barulho e me ajeito no sofá, curiosa. Percebo que é Samuel entrando, devido à roupa social bem alinhada e a barba por fazer.

— Nada dele ainda? — pergunta na porta e aceno com a cabeça, em negativa.

Está com um semblante que parece tão ou mais ansioso que eu, porém, mais leve do que nunca estive antes, desde que o conheci. Há um brilho bonito no seu olhar.

Embora permaneça com seu jeitinho fechado, demonstra um pouco de felicidade por nossa ajuda. Como se não tivesse encontrado muita gente disposta a acreditar nele pelo caminho.

Nos vimos durante todos os dias do meu plantão, semana passada, foi um alívio não ser mais evitada.

Samuel compartilhou o laudo que os detetives que havia contratado fizeram do caso e colocamos no papel cada fato e perguntas sem respostas, até tarde da noite.

Estou tentando separar as coisas e parar de pensar nele de outra forma, no entanto, fica mais difícil a cada dia que ele baixa a guarda.

Mesmo que sejam em detalhes quase imperceptíveis, meu coração pega todos eles.

— Será que ele vai demorar? — Senta-se ao meu lado e passa a mão no rosto. — Por mais que a gente saiba que hoje não vai ter nada de mais, estou quase tendo um infarto de expectativa.

— Nem me fale, minha orelha *tá* quase caindo do tanto que ponho cabelo atrás dela — confesso, sorrindo, e ele mexe sutilmente a boca para a direita.

Olha um detalhe aí!

O rosto sisudo de antes tem dado espaço para esses lábios tímidos me deixarem em êxtase.

Samuel fica muito mais bonito assim.

Semana passada, quando sorriu de verdade, eu pensei que meu peito ia sair para fora do corpo. Senti um formigamento percorrer meu sangue, assim que seus olhos fitaram os meus.

Ele se permitiu.

“Ele te ouviu.”

A frase da dona Creuza sempre volta à minha mente quando essas pequenas conquistas acontecem. Refleti sobre isso nos últimos dias, será que ele nunca mais ouviu música, desde a morte do amigo?

Não aguentei e acabei pesquisando sobre os dois no Google. Encontrei várias matérias sobre apresentações, porém, nenhuma atual. A dupla era simplesmente magnífica junta. Também não há rede social ativa, até o canal do Youtube mencionado em diversas entrevistas está fora do ar.

As lembranças devem doer muito. Sei como é isso na pele.

— Estava pensando mais cedo, vocês já chegaram a conversar no estúdio onde as fotos foram tiradas no dia do assassinato? — A voz de Samuel quebra o pequeno silêncio que fazemos depois do quase-sorriso. — Sei lá, para saber quem estava junto, *pra* quê eram as fotos...

— Nós fomos, sim, na mesma semana — conto, lembrando-me de como aqueles primeiros dias foram desesperadores. Não parecia verdade. — Era *pra* uma campanha de biquíni, a responsável por ela na agência de modelos, inclusive, aceitou nosso pedido e não publicou as fotos. Não queríamos exposição depois da morte.

— Ninguém lá a viu saindo? Não disseram nada relevante? — Balanço a cabeça em negativa.

— Nos passaram uma lista das modelos que estavam trabalhando e falamos com todas. Ninguém viu nada, nem sabe de nada. — Bufo, incrédula até hoje. — O estúdio tem câmeras internas e na calçada também. Verificamos cada frame e não havia suspeitos. Ela aparece saindo junto com um monte de garotas antes de desaparecer das imagens.

— Estranho, *né?!* — divaga, passando a mão pela boca. Preciso desviar o olhar para não ficar encarando o movimento dos dedos. — Geralmente, mulheres conversam e compartilham informações umas com as outras sobre planos *pra* sair.

— Muito estranho, é o que mais nos incomodava até agora nesse caso. Ayla sempre foi tranquila, não gostava de festas — explico, cutucando a unha para não olhar para ele ainda. Odeio essas reações fora de hora. — Eu tenho uma teoria pessoal que alguma das modelos que conversamos insistiu

que fosse e depois ficou com medo de falar por causa da morte. Para aquele tipo de boate, só poderia ter ido com alguém desse universo. Onde moramos o pessoal não frequenta locais caros.

— Faz sentido...

O barulho de uma batida na porta interrompe sua fala, colocando Alisson no nosso campo de visão. Meu irmão ganhou até o nome liberado na portaria agora, de tão frequente que será sua presença.

Ambos o fitamos, com a expectativa exalando dos nossos poros. A conversa foi uma boa distração momentânea do que mais ansiamos nesta noite.

Junto com ele, do outro lado da casa, dona Creuza também aparece com uma roupa de algodão confortável e os cabelos molhados.

Tento não pensar no fato que ela pode ter deixado o filho e eu sozinhos de propósito para interagir um pouco mais. Tenho sentido isso em todos os meus plantões, essa senhorinha esperta sempre arruma um jeito.

— E aí, como foi lá? — Não aguento e sou a primeira a indagar, enquanto os dois novos integrantes se cumprimentam e se juntam a nós no sofá.

— Passamos quase o dia todo conhecendo a delegacia e conversando com funcionários mais antigos sobre as funções — narra, tirando a mochila das costas e colocando no chão. — O delegado fez um discurso babando o ovo do governador, reforçou o que ele disse na formatura sobre cuidar da população e enalteceu o prazo rápido que começamos a trabalhar.

— Como se político não tivesse interesse nisso — Samuel solta, revirando os olhos, e Alisson concorda, sorrindo.

Eu gosto da interação deles.

Não devia gostar tanto.

Mesmo que essa seja só a terceira vez que se encontram pessoalmente, porque a nomeação deixou Alisson na correria os últimos dias, a comunicação dos dois é muito natural.

Sei que meu irmão acredita de verdade agora, que não está só depositando a confiança em meu julgamento.

— Ninguém lá na delegacia reconheceu você da época do crime? — dona Creuza questiona, preocupada.

Nossa, eu nem tinha pensado nesta hipótese. Seria uma pedra e tanto no nosso caminho, tornaria tudo ainda mais perigoso.

Quando pesquisaram o passado do Alisson e da nossa família na Acadepol, ele disse aos superiores que sentiu vontade de entrar para a Polícia e ajudar no combate à criminalidade por causa da Ayla.

Como o caso estava encerrado e o pessoal da capital não se envolve muito com as unidades do interior, ele ficou sossegado. Acreditaram facilmente nessa desculpa.

— Não, acho muito difícil alguém suspeitar. Na época, nem deram atenção para todas as vezes que eu, Agnes e minha mãe fomos à delegacia. — Isso é verdade, mal olhavam na nossa cara. Não importava para eles como Ayla chegou à boate, já tinham aumentado a estatística de casos resolvidos e estava tudo certo. — Além do mais, o delegado responsável e alguns dos policiais envolvidos nem estão mais na unidade. Foram transferidos *pra* São Paulo.

Assim que a palavra “transferidos” sai da boca do meu irmão, eu percebo um suspiro cansado ao meu lado. Automaticamente, meus olhos fitam Samuel e noto que ficou um pouco agitado, desconfortável.

Dona Creuza também observa o filho brevemente, mas tenta disfarçar, puxando assunto com Alisson sobre o que mais aconteceu.

Conversamos por cerca de uma hora sobre cada detalhe na delegacia e planejamos juntos algumas estratégias de ações discretas.

Os olhos verdes mais lindos que já conheci estão atentos ao plano, contudo, o brilho agora é opaco; diferente de quando chegou.

O gosto amargo na minha boca, ao ver o vazio escondido ali, me deixa cabisbaixa também.

Será que existe mais alguma coisa o incomodando, além do melhor amigo?

CAPÍTULO 23

Samuel



Abro a gaveta da mesa para guardar um documento e avisto a chave do imóvel que aluguei no bairro da Agnes e do Alisson. Ontem, durante a nossa conversa, comentei que tinha encontrado aqui na imobiliária um ponto comercial disponível mais perto para nossos encontros.

O lugar é pequeno e discreto, perfeito para nós.

Ir à casa da minha mãe de ônibus está totalmente fora de mão para o policial e, apesar da ansiedade, não é necessário nos vermos todos os dias. O cara é pai, tem compromisso com as filhas e a rotina mais agitada.

Todos adoraram a ideia, principalmente, porque nesse começo as coisas serão devagar.

É arriscado Alisson tentar mexer em arquivos tão antigos. Precisa sondar o território primeiro, entrar no fluxo de trabalho da delegacia e depois se infiltrar de fininho. Conversamos bastante sobre isso, traçando algumas estratégias para os próximos dias. Agnes vai me manter informado quando não nos virmos, como fez durante a semana passada, no seu plantão com minha mãe.

Temos organizado todas as pistas e documentos para ficar mais fácil enxergar falhas e dar um norte do que Alisson pode procurar. Está sendo uma dinâmica interessante com ela, a garota é inteligente e esperta.

O difícil é controlar a mente para não pensar na sua voz cantando; e os olhos para não ficar vendo como a bendita é bonita.

Nem sei como não tinha reparado antes. É uma beleza simples e ao mesmo tempo muito marcante. Especialmente, quando ela sorri.

Parece um imã que me faz ter vontade de retribuir o sorriso.

Ainda bem que não ficamos muito tempo sozinhos, sempre tem alguém por perto, mesmo que dona Creuza dê uns perdidos de vez em quando. Sucumbir àqueles olhos pode ser um caminho perigoso.

Amo minha mãe e seu cuidado comigo, mas o que está pretendendo não tem chance alguma de acontecer.

A garota e o irmão estão na minha lista de gratidão eterna pelo voto de confiança. Nunca vou esquecer. Porém, um envolvimento emocional com Agnes é impossível. Admito ter gostado de vê-la cantando, de achá-la linda. Se eu for sincero, sinto atração física por ela desde aquele sonho bizarro.

Só que é uma péssima ideia deixar algo rolar entre nós.

Não quero estragar esse elo que nos uniu em busca de justiça por nenhum sexo rápido. Ainda mais, porque, todas as vezes que cedi ao corpo, fiquei me sentindo um lixo depois.

Isso, dona Creuza não aprovaria, tenho certeza. E acho que nem Agnes toparia. Mas é a única coisa que sou capaz de oferecer.

Só de mencionar os policiais que foram transferidos na conversa, ontem, eu já dei uma balançada. Não acho que haja cura para meu coração machucado.

Embora a mente tenha entendido que não há mais forma do relacionamento com Isabela dar certo, é impossível não pensar como seria...

Como seria se Benjamim não tivesse ido àquela festa. Como seria se ela tivesse acreditado.

Passamos muito tempo juntos, Isabela foi a primeira e a única da minha vida, até os 26 anos. É raro um homem se envolver com uma mulher dessa forma.

Por isso, não acho que seja possível sentir aquela avalanche de sensações de novo.

Fecho a gaveta e me levanto para pegar uma garrafa de água no frigobar que fica no canto da sala. Não posso enveredar nesse abismo, é uma estrada tortuosa e cheia de espinhos.

Tanto o amor que senti por Isabela, como a atração por Agnes. Ambas devem ser esquecidas.

Quando tomo o primeiro gole, escuto a voz exaltada do Telso na sala ao lado. Está falando com a insuportável da Miriane. Sem pensar demais, saio no corredor para ver se essa garota está aqui.

Eu já disse milhares de vezes que não aceito essa afronta.

Nossas salas ficam no canto inferior do prédio, separada por um longo corredor dos demais funcionários. Há uma janela de vidro, então consigo enxergar claramente meu pai bravo ao telefone.

Menos mal.

Penso em voltar e não perder tempo com a criançice, mas algo que ele diz me faz parar e escutar a conversa alheia.

— Esse negócio de tempo não existe — exclama, exaltado. — Você não vai me deixar, está ouvindo? Já falamos sobre isso.

Arqueio a sobancelha, atento às suas mãos amassando um papel com força na mesa.

— Engole esse choro, Miriane. Não vou aceitar essa merda.

Ela fala alguma coisa e Telso se levanta, jogando alguns documentos no chão, de forma irritada. Já presenciei muito comportamento ignorante dele antes, mas nunca assim.

Meu pai me vê observando da janela e encerra a ligação abruptamente. Seu olhar furioso vem direto na minha direção.

— Perdeu alguma coisa?! — vocifera, falando alto, sem sair da sala.

— Eu que pergunto — provoco, aproximando-me do vidro. — Que cena foi essa?

— Vai se *foder*, Samuel. Cuida da sua vida de merda, que da minha cuido eu.

Sem falar mais nada, Telso desce a persiana da janela. Fico parado, sem entender seu rompante de raiva.

Apesar de não gostar da Miriane, não suporto esse tipo de tratamento com qualquer mulher. Aliás, ninguém deve ser tratado desta forma, independente do gênero.

Sorte que fui criado pela minha mãe e não por ele — o número de

maus exemplos só cresce.

Espero que a garota esteja bem.



Combinei de encontrar os irmãos no ponto comercial que aluguei para mostrar como é o espaço. Se eles tiverem com tempo, já quero aproveitar a visita e organizar tudo que levantamos até agora, em um grande mapa visual na parede.

A ideia foi da Agnes e eu adorei. É bem mais fácil de ligar as informações e ver de forma ampla.

Estaciono na frente do prédio e pego no porta-malas uma caixa com objetos que comprei para deixar aqui. Tem desde impressora, papel, caneta e fita adesiva até alguns petiscos para beliscar, se der fome.

A ânsia é tão grande da nossa parte que temos perdido a noção do tempo quando começamos a desmembrar o caso.

Assim que aciono o alarme do carro e ajeito a caixa nos meus braços, avisto uma bicicleta rosa de cestinha virar a esquina.

É ela, inconfundível.

Sem conseguir controlar, solto um sorriso involuntário pela cena. Na primeira vez que a vi, já achei engraçado.

Ao mesmo tempo que combina, não combina nenhum pouco com Agnes.

A mulher é grande e intensa demais para um objeto tão delicado.

Recomponho minha postura e fico neutro antes que ela se aproxime muito e perceba o sorriso.

— Boa noite! — cumprimenta, parando na calçada, sem sair da bicicleta.

Só então percebo que Alisson não está junto.

Ah, merda. Será que ele não vem?

— Boa noite! Cadê o Alisson? — A pergunta sai instantânea.

— Ele não pôde vir. Lorena está com um pouco de febre e toda manhosa. — Agnes passa a mão nos cabelos e noto que estão molhados. — Vim *pra* avisar. Se preferir, a gente pode ver o espaço depois.

A ideia de ficar sozinho com ela não me agrada nenhum pouco, contudo, dispensá-la na porta do lugar seria muita falta de educação.

Além de estranho.

— Não, vamos ver, sim. — Coço a nuca, sem graça, e dou um passo à frente para abrir a porta.

De canto de olho, noto que Agnes está receosa, como eu, ao guardar a bicicleta ao lado do carro.

Será que ela também sente essa atração?

Porra, Samuel.

Nem pense nisso.

CAPÍTULO 24

Agnes



Entro logo atrás de Samuel, tentando controlar a respiração para não chamar a atenção dele. Deus podia me ajudar, fazendo esse homem ficar menos sexy.

É muita sacanagem com a minha pessoa.

Hoje ele está com uma camisa social verde escura que combina perfeitamente com seus olhos. Para piorar, fez a barba bem rala, deixando-o com a fisionomia ainda mais atraente.

Reparo nos músculos do braço contraídos por causa da caixa e penso brevemente como deve ser a pegada dele.

Eu acho que é daqueles homens que seguram com força.

Que beijam com paixão e se entregam ao momento sem pensar muito.

Que...

— Agnes?! — Sua voz confusa me faz piscar, espantando os pensamentos.

Foco nele e constato que Samuel não está mais com a caixa nem virado de costas. Encara-me, tímido, com as mãos no bolso.

Deve ter falado comigo, e eu aqui, pensando em como provar minhas teorias.

— Desculpa. — Esfrego o rosto, um pouco atordoada. — O que você disse mesmo?

— Perguntei o que achou do lugar.

Só então meus olhos dão atenção para o espaço. Percebo que é pequeno, mas bem organizado.

Tem uma sala central com alguns poucos móveis, um banheiro na lateral esquerda e uma mini cozinha nos fundos.

A rua fica um pouco longe de casa, o que é ótimo. Assim, minha mãe não desconfia de nada.

— Eu gostei, é discreto e funcional. — Ando até a parede branca para evitar encará-lo. — Podemos fazer aquele mapa visual aqui.

— Pensei nisso, trouxe os arquivos que separamos e fita adesiva.

— Legal, estou animada *pra* descobrir logo alguma pista. — Sigo na direção da mesa que ele deixou a caixa e observo os objetos dentro dela. — Quer organizar hoje?

Assim que a pergunta sai, eu reseto no lugar, arrependida.

Ai, caramba! Não era para ter dito isso.

Finjo que estou muito ocupada analisando uma pasta de documentos, enquanto aguardo sua resposta.

Demora uns dez segundos para isso acontecer.

— Po... pode ser. — Limpa a garganta, parece meio ansioso.

Posso estar ficando doida, mas acho que existe uma tensão sexual entre nós desde aquela troca de olhares intensa, no quarto de dona Creuza.

Ele tenta reprimir também, só não sei direito quais são seus motivos.

Antes, a minha preocupação era ser o filho da minha paciente e de um mundo totalmente diferente do meu, agora soma-se o fato de estarmos em uma investigação sobre a morte de pessoas que amamos.

Poderia estragar tudo.

Por que, então, a minha mente não sossega e esquece isso ao invés de alimentar ainda mais a vontade de experimentar?

— Rapidinho a gente termina. — Descontraio para quebrar o clima e me sento em uma das cadeiras próximas. — Vamos separar por pessoa e depois é só colar.

Samuel acende a luz para ficar mais claro e eu começo a mexer nos arquivos pela sequência que a gente vinha arrumando esses dias.

Logo ele se junta a mim na mesa, do lado oposto e de frente para onde estou, e vou entregando os do Benjamim na sua mão.

Ficamos concentrados, trabalhando e falando um pouco sobre como os dois eram enquanto estavam vivos. Pequenas coisas, que fazem a saudade apertar.

Podem passar quantos anos forem, mesmo se um dia a gente conseguir desvendar o mistério, a dor da perda não vai mudar.

Abaixo a cabeça e fico em silêncio, pegando uma folha sulfite para anotar palavras-chave e fazer um fluxograma.

— Você fez muita caligrafia quando criança? — Samuel questiona do nada e até assusto por puxar assunto.

Olho do seu rosto levemente repuxado para o lado, mais uma vez, para a folha à minha frente.

— Eu tinha vários cadernos, adorava treinar a letra cursiva. Por quê?

Esse quase-sorriso está a cada dia ficando mais comum, para o desespero do meu coração.

— A sua letra é muito gordinha e reta. Parece de criança.

— Ah, não parece de criança, não! — retruco, fazendo careta. — Minha letra é muito fofinha.

Ele arqueia uma sobrancelha, como quem diz “logo, de criança”, e eu acabo caindo na risada.

É, pensando bem, parece mesmo.

Nossos olhares se encontram por um momento com aquela faísca intensa, no entanto, ambos desviamos rapidamente para evitar ficar estranho.

Parece até que percebeu minha tristeza e quis me fazer rir. Será?

Voltamos para a quietude, mas não de um jeito ruim. O clima está mais leve.

Assim que deixamos tudo pronto e colamos fita adesiva nas folhas, levo a cadeira que estava sentada até a parede e subo nela para montar o mapa visual.

— Primeiro, vamos fazer o do Benjamim, que tem mais informação

— oriento, virando-me na sua direção. — Passa o nome dele, e depois na ordem: boate, crime, provas, testemunhas e desfecho.

Samuel obedece e começo a colar, subindo e descendo toda hora da cadeira, para deixar o mais organizado possível.

Eu amo organizar coisas.

— Ficou ótimo! — ele elogia, assim que finalizamos o do violoncelista.

— *Né?! — concordo, admirando a parede, e fito a primeira fileira de informações. — Você não levantou dados dos amigos que foram com ele na boate?*

— Ben sempre ia sozinho às festas, arrumava companhia nos lugares — Samuel conta, coçando a cabeça. — Na Mutley, bateu carteirinha dezenas de vezes. Inclusive, o advogado tentou usar essa informação na audiência de custódia para comprovar seu bom comportamento e não adiantou nada.

— Ele costumava usar a parte de cima? — instigo, curiosa.

Não me conformo de o corpo ter sido encontrado em uma sala que dá para dois quartos privativos do segundo andar.

Não faz o tipo da Ayla.

— Sim, por isso, gostava bastante daquela boate. É bem frequentada e discreta.

— Além da minha irmã não curtir festas, como te contei aquele dia, era mais reservada com os homens, nunca foi de dar liberdade assim. Eu, aos 18 anos, peguei mais do que ela, com 23. — Percebo o que falei e fico sem graça de repente, apanhando a cadeira e empurrando para o outro lado da parede. — Isso só reforça minha teoria de alguma amiga bem persuasiva desse universo de modelo estar junto. Esse pessoal leva tudo na boa.

— Você já ouviu falar de “book rosa”? — Samuel pergunta, cauteloso.

— Não. O que é isso?

Olho na sua direção e o noto mexer as pernas, desconfortável.

— É... tipo um trabalho extra que algumas modelos fazem de sair com

pessoas, por dinheiro.

— Você quer dizer: prostituição? — confirmo, chocada. — Ayla jamais faria isso!

— Não estou dizendo que fez — apressa em explicar, aproximando-se. — Mas, e se quem foi com ela à boate, tentou convencê-la disso? Faz sentido com as mensagens que mandou para o Alisson, o fato de estar na área vip.

Passo a mão no rosto, pensativa e aflita.

Meu Deus, será? Mas quem? Quem faria isso da agência?

— Em sã consciência, ela não subiria por dinheiro, eu tenho certeza. Nem que fosse muito e desse *pra* pagar as dívidas do galpão — defendo minha irmã, mais uma vez. — No exame, não constou drogas no seu organismo, só álcool. Não tinha uma quantidade tão alta que a deixasse sem saber o que estava fazendo. Será que dá *pra* batizar a bebida e ficar camuflado no organismo?

— Não sei, temos que dar uma pesquisada nisso. — Subo na cadeira de novo e Samuel me entrega a folha com o nome da Ayla. — É um bom ponto de partida que podemos explorar.

— Vou ver se acho lá em casa a lista das modelos que estavam no ensaio aquele dia, podemos tentar descobrir se alguma faz esse tal book rosa.

— Eu tenho contato com uma detetive nova, muito boa — comenta, me entregando mais papéis. — Ana é focada em outra área, mas posso ver se pode nos ajudar a descobrir, se você souber os nomes. Os dois daquela época, comparados a ela, não me transmitem muita confiança mais.

— Acha que podem ter sido negligentes?

— Ou comprados...

— Comprados? — questiono, alarmada, observando sua reação.

— Não duvido de mais nada, Agnes. — Ele suspira fundo, parecendo cansado.

Colo os papéis do fluxograma da minha irmã, comentando com Samuel alguns pontos que também podemos investigar mais a fundo.

Há muitas possibilidades, diversas provavelmente não darão em nada, mas só vamos descobrir se tentar.

Força de vontade, pelo menos, não será problema para nós.

Levanto o braço para arrumar a última folha e observo pela fresta da janela como está escuro lá fora.

Perdemos de novo a noção do tempo.

— Samuel, já deve ser umas nove...

Merda!

Um segundo de distração na cadeira e meu pé escorrega.

Por instinto, coloco a mão na frente do rosto me preparando para a queda, mas braços firmes me socorrem antes.

Sinto um aperto forte na cintura.

Ai, Senhor! Eu estava certa em uma coisa.

Afasto os dedos do rosto com o coração retumbando no peito e observo sua respiração pesada perto.

Perto demais.

Não sei se é pelo susto de me ver escorregando ou por causa da proximidade.

Não consigo me mover do lugar, hipnotizada por seus olhos verdes, que parecem me atacar.

Samuel também não se mexe, nem fala nada.

Correspondo seu olhar, com uma vontade absurda de empurrar a cabeça um milímetro para frente.

Só um milímetro e eu tocara o seu nariz.

Como se não estivesse me torturando suficientemente, ele desvia a atenção para a minha boca.

A respiração aumenta — não sei bem ao certo se a minha ou a dele.

Noto seus lábios entreabrirem e a língua se mexer, lentamente.

Ai, meu Deus, me dê forças para resistir, se isso for uma grande burrada.

Por favor.

Sozinha, eu não aguento, não.

Engulo em seco e fito a sua, assim como faz com a minha.

— Ah, *porra*, Agnes! — ele esbraveja, com uma rouquidão que me faz morder a boca, cheia de tesão.

Não tenho tempo para pensar em mais nada. Ele me invade com uma impetuosidade tão grande, que chega a assustar.

Os pelos dos meus braços se arrepiam instantaneamente, sinto-me como um vulcão em erupção soltando lava por todo lado.

Samuel faz uma pressão gostosa na carne macia da minha cintura com uma mão, enquanto a outra se infiltra entre meus cachos, puxando os fios com a força certa.

Apoio-me no seu peito, agarrando a camisa para me sustentar em pé, e me entrego ao beijo.

Eu estava certa sobre a outra suposição também.

Uau, nunca fiquei tão sem fôlego antes.

CAPÍTULO 25

Samuel



Mordo seu lábio inferior, puxando bem devagar a pele para retomar o fôlego, e volto a possuir sua boca, com ânsia. Deslizo facilmente para dentro, brincando com a língua e explorando cada centímetro. É molhado, macio e intenso.

Porra, que delícia.

Sem pensar demais, empurro seu corpo em direção à parede e a preno contra a superfície fria. Minha perna fica bem no meio das suas e eu não resisto a provocá-la, me mexendo devagar para cima e para baixo, enquanto os dedos pressionam a cintura e os fios com mais força.

Agnes solta um gemido baixo de aprovação e meu pau lateja na calça, louco de vontade de experimentá-la.

Ela sobe a mão do peito para o cabelo e aumenta a intensidade do duelo com a língua. Sinto um arrepio gostoso na nuca com seu toque suave e ao mesmo tempo desesperado.

De novo sem ar, desço os beijos molhados para o seu pescoço — intercalando mordidas e lambidas. A nossa respiração aumenta, os sons do desejo latente reverberam pela sala.

Mordisco a orelha e flexiono a coxa no seu centro, ávido por ouvir um gemido mais alto.

Caralho, dá certo.

Dou uma apalpada na sua bunda e aproximo ainda mais nossos corpos, mostrando como estou duro.

— Gostosa... e cheirosa — murmuro no seu ouvido, enfeitiçado pelo aroma bom que sai dos seus cachos.

Agnes puxa meu rosto e volta a me beijar. Parecemos duas pessoas com sede no deserto diante de um pouco de água.

Uma mistura de ânsia com necessidade.

O tesão começa a ficar insustentável. Estou por um fio de arrancar sua roupa e *fodê-la* em pé nessa parede.

Confesso que queria, mas um letreiro luminoso em neon pisca na minha mente.

Perigo.

Apesar de soltar que tem uma vida sexual ativa, inclusive, mais que a irmã, na época do crime, não sei até que ponto ela é como as outras poucas mulheres que fiquei nesses quatro anos.

Sempre fui sincero sobre o grau de envolvimento, não eram do meu círculo social. Eu vejo Agnes quase todo dia.

Quão ruim pode ficar isso se me deixar levar?

Ela será tão desprendida?

— Tudo bem? — pergunta, afastando-se ao perceber que diminuí o ritmo.

Tiro minha mão do seu corpo e dou um passo para trás. Respiro fundo para me recuperar e encaro seu rosto preocupado me fitando. O cabelo está bagunçado, as bochechas levemente rosadas e a boca inchada.

Puta que pariu.

Fecho a mão e a pressiono na lateral do corpo para conter a vontade de beijá-la mais uma vez.

Por que deixei ir tão longe?

— Desculpa, tenho medo de ultrapassar um limite aqui, me deixando levar pelo momento. — Movo as mãos de mim para ela, a voz ainda afetada pelo tesão. — Não quero criar um clima estranho entre nós, ainda mais agora, que estamos trabalhando juntos no caso.

Agnes fica em silêncio por breves segundos, como se avaliasse bem o que dizer.

— Somos adultos, isso não precisa deixar nada esquisito, *tá!*? —

sugere, ajeitando o cabelo atrás da orelha e saindo de perto da parede. — Foi bom e está tudo ok. Sem neuras e não precisa me evitar.

Eu deveria confirmar que não vai se repetir, que não me relaciono com ninguém, porém, apenas aceno com a cabeça, sem responder nada.

Realmente foi bom. Muito melhor do que eu poderia imaginar.

Não estou arrependido nem com o peito angustiado, como geralmente acontece.

“Sem neuras”, repito para o meu cérebro.

Eu consigo.

Somos adultos. Vai ficar tudo bem.

Não preciso criar caso nem me desesperar.

É só esquecer que isso aconteceu e seguir a vida.



Claramente não está dando certo a tática de fingir que nada aconteceu.

Abaixo a cabeça e olho para os pés, enquanto aguardo o médico nos chamar na sala de espera do consultório.

Foi só sair de perto dela ontem para o cérebro começar a martelar cada cena da noite e do beijo.

Tudo começou na hora que resolvi comentar sobre sua letra gordinha, ao perceber que ficou triste com as lembranças da irmã que compartilhou comigo. Impressionante como passei de alguém que nem enxergava a garota para um observador tão atento.

Bufo e passo a mão no cabelo, confuso com isso tudo. Não consigo deixar de reparar mais.

A tristeza dela me incomodou. Sei bem como é ser atormentado por memórias e senti uma vontade enorme de distraí-la daquilo.

Não foi uma boa ideia. A troca de olhares intensa, mesmo que breve, fez minha pele formigar de desejo.

O resto foi consequência, impossível resistir. Assim que toquei sua

cintura livrando-a da queda e a vi mordendo os lábios, todo autocontrole foi para o espaço.

Agnes mostrou sua maturidade mais uma vez e terminou de arrumar as coisas no escritório de forma natural. Nem parecia mesmo que tínhamos nos esfregado na parede, minutos antes.

Eu demorei para relaxar, mas no fim consegui agir normalmente.

Pelo menos, até entrar no carro e ficar sozinho. Desde então, tem sido uma tortura de pensamentos conflitantes e desconexos.

Meu corpo quer repetir, minha mente grita que é uma péssima ideia.

Ah, merda!

— Vai sair fumaça da sua cabeça, daqui a pouco — minha mãe brinca, tocando meu ombro.

Olho para ela e disfarço com um sorriso, afirmando que está tudo bem.

É claro que dona Creuza não acredita e quer sondar.

— Como foi ontem no escritório? Os irmãos gostaram?

— O Alisson não pode ir, a Agnes gostou.

— Alguma novidade? — Noto seu tom mais animado.

Espero que realmente seja pelo caso e não por ter ficado sozinho com a enfermeira.

— Não — digo, de prontidão, antes que pesque algo no ar. Ela sempre pesca. — Quer dizer, levantamos uma hipótese de a Ayla ter sido levada para a boate por alguém que frequentava o lugar *pra* fisgar clientes.

— Como assim? — questiona, assustada, e se encosta no sofá.

Conto sobre minhas suspeitas com relação ao book rosa. Sei dessa prática, porque Benjamim ficou com uma modelo em ascensão logo que começamos a ter sucesso.

Ele nunca negou que gostava de curtir, e acabou me confidenciando que pagou quinhentos reais para passar a noite com a loira que conheceu em um evento beneficente da alta sociedade.

Chegamos até a discutir, não sou a favor de movimentar esse mercado que, por vezes, explora garotas ingênuas que precisam de dinheiro.

Pelo que sei, foi a única vez que Ben fez isso.

Agnes ter afirmado que a irmã era tímida e que não iria para a área privativa me acendeu essa lembrança. Onde tem gente rica, é a chance de ouro para conseguir clientes. A Mutley tem o público segmentado, não é uma teoria impossível.

— Senhora Creuza Mendonça! — o médico chama da porta de sua sala, nos interrompendo.

Minha mãe cochicha que depois quer saber mais e entramos juntos para a consulta de rotina.

— Tenho uma notícia maravilhosa — conta, quando nos sentamos. Só então noto que segura um exame nas mãos e o seu rosto está mais leve. — A quimio junto com a radio está funcionando, tivemos uma diminuição do tumor. Creio que vai dar *pra* fazer a cirurgia mais cedo do que esperávamos.

Mais cedo. A palavra demora para ser processada pelo meu cérebro.

— Graças a Deus! — ela exclama, emocionada.

— Acredito que mais um ciclo do tratamento será suficiente, no máximo dois. — A voz do médico me soa distante.

Fico atônito, sentindo o coração acelerar e a cabeça ferver ao mesmo tempo.

Apesar da alegria de saber da notícia, vem também o medo intrínseco de algo dar errado na cirurgia.

E se...

Inspiro fundo e balanço a cabeça, proibindo esse tipo de pensamento.

— Vai dar tudo certo. — A frase é mais uma confirmação para mim do que para os dois, que me fitam, sorrindo.

Primeiro, veio a ajuda repentina de Agnes e de Alisson no caso do Ben, agora isso. Vou levar como um sinal de trégua do destino.

Porra, eu mereço um alento no meio de tanto caos.

CAPÍTULO 26

Agnes



Escuto barulho de passos no corredor e me apresso a desligar a torneira. Pego o pano de prato na mesa e enxugo as mãos, encarando, ansiosa, a porta. Cheguei faz uns cinquenta minutos e resolvi deixar a janta pronta, estou agitada demais, desde ontem, para ficar sentada no sofá, esperando.

Logo dona Creuza aparece no meu campo de visão com um sorriso radiante no rosto. Sem nem saber o motivo, sorrio também e já me aproximo para abraçá-la.

— Boas notícias?

— Ótimas! — Ela toca meu cabelo com carinho. — O tumor diminuiu, temos esperança da cirurgia em breve.

— Graças a Deus! — Agarro-a, apertado, realmente feliz. — Orei tanto por isso. Essa foi a melhor notícia do meu dia, com certeza.

— Obrigada, querida, suas orações são muito especiais *pra* mim.

Vejo o vulto de outra pessoa próxima e, só então, percebo a presença de Samuel, encostado no batente. Sorrio discretamente para ele, que acena com a cabeça e move a boca daquele jeito característico.

Ele encara nossa interação com um brilho no olhar. Acho que gosta de como nos damos bem.

Confesso que fiquei com receio de ser evitada mais uma vez, depois daquele beijo incrível que trocamos. Estou precisando travar uma batalha interna para controlar minhas emoções e fingir que não significou nada.

Deus está de prova, pela noite em claro que passei e o coração acelerado só de vê-lo agora, que não é fácil.

Apesar do medo que está sufocando meu peito, não quero que a gente regrida novamente. Por isso, a melhor saída que encontrei foi respirar fundo e transparecer naturalidade.

Pode ser que eu esteja cometendo uma loucura enorme, mas algo no seu jeito me prende. Não sei ao certo o que sinto. Só... só não quero que ele fuja.

Quero que fique por perto.

Tenho a impressão de que se eu mostrar todo meu interesse neste momento, Samuel vai fugir para as montanhas.

Talvez a gente caia em tentação mais uma vez. Duas. Dez. Se rolar, estou disposta a continuar fingindo que é só atração? É algo a mais que atração?

Estou tão confusa.

Eu realmente sou bem tranquila com relação a relacionamentos, não sou cheia de pudores. O problema é que, mesmo nas ocasiões que estive apaixonada por alguém, não tinha esse rebuliço dentro de mim.

É diferente com Samuel.

Alisson sempre diz que não me engano com as pessoas. Meu instinto grita para dar um voto de confiança a ele.

Espero não sair machucada dessa decisão. Talvez fosse mais sensato deixá-lo me evitar.

Enquanto dona Creuza conta sobre tudo que o médico disse, coloco o jantar na mesa para que possamos comer. Para a minha surpresa, o lindo homem de olhos verdes não inventa uma desculpa para ir embora de imediato.

O plano de fingir naturalidade está dando certo.

— Novidades do seu irmão? — questiona, se deliciando com a canja que eu fiz.

— Ele já começou a implantar aquela ideia que nós demos — conto, me sentando também. — Hoje elogiaram uns documentos que separou e chegaram a comentar da falta de organização do arquivo.

A forma mais rápida de a gente obter informação do caso, é se Alisson tiver acesso irrestrito à área de arquivos. Pensamos na hipótese de se mostrar muito organizado a ponto que, daqui uns dias, possa sugerir arrumar o setor, sem suspeitas.

Como é novo no trabalho, ainda não está pegando nenhuma responsabilidade grande.

— Isso é ótimo! Se todo dia fizer um pouquinho, eles mesmo podem sugerir, antes que Alisson levante a bola. Seria melhor ainda.

— Ele está animado e ansioso *pra* ter uma pista concreta logo. — A espera é a pior parte. Já esperamos tanto tempo. — Aliás, falando em pista, não acho de jeito nenhum a lista das modelos lá em casa. Acho que joguei fora, sem querer, em uma das faxinas, não pensei que iria usar de novo. Vou mandar um e-mail *pra* agenciadora responsável, que me deu na época, e pedir se pode reenviar.

— Boa! Falei com a detetive e ela vai nos ajudar, assim que você tiver os nomes. — Samuel ajeita a postura na cadeira e desvia o olhar para a mãe. — Sobre a questão da droga camuflada no organismo que comentamos ontem, eu também pesquisei. Não achei muita coisa útil, só umas notícias sobre falsificação do exame toxicológico.

— Nossa! — Assusto-me, colocando a mão na boca. — Você acha que tem alguma possibilidade de isso ter acontecido com a Ayla? Por que a polícia faria isso?

— Pode ter sido propina de alguém de fora também — Samuel sugere, colocando a colher na mesa e me observando com atenção. Percebo que alguns tópicos ele aborda com cuidado, avaliando minha reação. — Temos uma infinidade de possibilidades, Agnes. Tudo é possível.

Passo a mão no cabelo, atordoada. As possibilidades que aparecem sempre são muito surreais. Mesmo sendo mais complexo esse caminho, não acredito que minha irmã tenha ido para aquela área vip por vontade própria.

Ela não iria se prostituir, tenho certeza. Também não faria sexo consentido, dentro de uma boate.

Não combina nenhum pouco com sua personalidade.

Continuamos levantando sugestões do que pode ter acontecido, até

que percebo dona Creuza se levantando da mesa. Ela coloca os utensílios que usou dentro da pia e nos encara, com um sorriso no rosto. Samuel e eu falamos tanto, que estamos com metade da canja no prato ainda.

Deve ter esfriado tudo.

— Vou tomar um banho, estou cansada da consulta — explica, já saindo da cozinha.

Sempre tenho a impressão de que essa senhorinha esperta adora me deixar sozinha com o filho. Balanço a cabeça discretamente, segurando um sorriso que quer sair dos meus lábios.

— Daqui a pouco, eu vou embora também, mãe. Tenho que revisar uns documentos da imobiliária. — Ele vira o pescoço para fitá-la na porta. — Vou esperar a senhora sair *pra* deixar um beijo de boa noite.

Ai, Samuel!

Você, definitivamente, não me ajuda.

Esse carinho com dona Creuza é tão fofo. Fico imaginando como não deve ser com uma namorada. Bonito, gostoso, atencioso, beija bem...

Se for bom de cama, os outros homens que lutem. Está difícil o páreo.

Pela pegada, aposto que é.

Ela acena com a cabeça, oferecendo um novo sorriso e nos deixa a sós. Antes que o clima estranho tenha chance de se instalar, levanto-me com o prato na mão.

— Acho que nossa canja esfriou, vou dar uma esquentada.

De costas para onde está, coloco o prato no micro-ondas e me distraio limpando uma sujeira imaginária no balcão. Tudo para não o encarar ainda. Assim que o apito avisa que terminou, tiro o meu e viro-me para pegar o dele na mesa.

Quase trombo com o corpo alto de Samuel bem atrás de mim.

Deus, o que esse homem está fazendo tão perto?

Ele se assusta com a minha virada brusca e dá um passo para trás. As pupilas estão dilatadas, o olhar recaindo na minha boca.

O ar parece sumir da cozinha.

Quero tanto beijá-lo que chego a sentir dor física ao tentar impedir esse desejo avassalador.

— Desculpa, não tinha visto você se aproximando — falo baixo, e estico a mão para pegar o prato que ele segura. Meu coração está acelerado. — Pode deixar que eu esquento *pra* você.

Samuel não responde nada, mas obedece. A ponta dos seus dedos toca os meus de relance e eu sinto um arrepio imediato por cada célula do corpo. Acho que ele também sente, porque encara meus olhos, atônito, por breves segundos.

Suspiro fundo e foco minha atenção em colocar o prato no micro-ondas. Fico parada de costas mais uma vez, tentando fazer meu coração voltar ao ritmo normal.

A tarefa é praticamente impossível, porque a respiração pesada dele me faz ter certeza de uma coisa: a atração física é mútua.

Samuel também quer me beijar de novo.



Já deve fazer uma hora que ele foi embora. Meu peito ainda está agitado e a boca salivando. Droga! Se toda vez que a gente ficar sozinho acontecer isso, eu vou morrer de desejo reprimido.

Percebo dona Creuza me observando e viro na sua direção. Estamos na sala, assistindo a um filme juntas antes de dormir.

— Eu não deveria me intrometer, mas preciso dizer algo. — A senhora suspira e pega o controle, pausando a televisão.

Ajeito a postura no sofá, ficando de frente para ela. Seu rosto está preocupado.

Reparo na testa enrugada e no cabelo mais ralo. Os fios não caíram de uma vez por causa da quimioterapia, ainda bem.

— O que houve? — instigo, e não tenho retorno imediato.

Seguro uma de suas mãos e me aproximo mais.

— O Samuel é fechado porque já sofreu muitas perdas. — Noto um

pouco de receio em tocar no assunto, parece que quer e não quer falar. — Na mesma época do Benjamim, meu filho se separou da noiva, que era apaixonado desde a adolescência.

Noiva. Caramba!

Sabia que tinha alguma coisa além do amigo. Se era um relacionamento tão longo, foi sério de verdade. Será que ainda gosta dela? Por que se separaram?

É inevitável que dezenas de perguntas comecem a se formar na minha mente. Ao invés de questionar, porém, decido ficar quieta, ouvindo.

— A única vez, nesses quatro anos, que o vi mais animado foi agora, com vocês se unindo pelo caso. — Ela faz um carinho no meu rosto com a outra mão. — Já te contei que, desde o postinho, senti algo especial. E a cada dia que vejo você e meu filho próximos essa sensação de paz fica maior no meu coração. Eu não sei se vai dar tudo certo na cirurgia, se eu vou...

— É claro que vai dar tudo certo, não fala isso! — interrompo-a, a voz ficando embargada. — A senhora vai ficar boa.

— Só Deus sabe os planos que tem *pra* mim, querida. — Fita-me, serena, um sorriso bonito nos lábios. — De qualquer forma, eu não sei o que vai acontecer. Não queria partir com meu único filho infeliz, não se dando uma nova oportunidade de viver de verdade. Você gosta dele, *né*?

Fico quieta e cabisbaixa. É tão confuso as coisas com Samuel que nem sei dizer.

Eu gosto? É só atração?

Já fiz essas indagações e não encontro resposta.

— Não sei — afirmo, sincera.

— Será que não sabe mesmo? — insiste, levantando meu rosto.

— Às vezes eu acho que gosto. — Encaro seus olhos verdes tão parecidos com o do filho. — Mas tento dizer a mim mesma que não, *pra* não acabar machucada.

— Lute por ele — sussurra, como se pedisse desculpa por falar isso. — Samuel pode ser fechado, porém, tem um coração enorme e eu tenho certeza de que também sente algo. Só precisa de um empurrãozinho. Quando

ele deixar você entrar...

A continuação da frase fica no ar e meu peito se enche de alegria só em imaginar o que poderia acontecer.

Aceno com a cabeça, sem coragem de perguntar da noiva e de falar mais sobre meus receios.

No fim, esse homem sempre consegue preencher mais meu coração de esperança do que de dúvida.

CAPÍTULO 27

Samuel



Olho no relógio, ansioso. A detetive me ligou mais cedo e pediu para conversar pessoalmente. Escolhi um café discreto na cidade vizinha para o ponto de encontro. Ana passou os últimos dias para cá e disse que tinha novidades.

Fiquei tão afoito com o pedido, que cheguei bem antes do combinado. Sua voz denotava boas notícias para dar. Tomara que seja isso mesmo.

Depois de tomar três cafés, ela enfim aparece para matar minha curiosidade. Mal consigo cumprimentá-la direito.

— O que aconteceu? — questiono, sem rodeios.

— Vamos entrar no esquema — afirma, sorridente, sentando-se na mesa. — Consegui ganhar a confiança a ponto de ser apresentada a um cara.

— Que cara? Qual o nome dele? — Pareço uma criança impaciente.

— Afonso Pena. — Sinto um baque imediato com a informação. Ele é funcionário da Mendonça. Não acredito! A empresa da minha mãe está mesmo no meio disso. — Eu já pesquisei que entrou na imobiliária há pouco mais de dois anos, logo quando começaram as fraudes. Pode ser que tenha sido contratado com esse objetivo.

Passo a mão no cabelo, nervoso. Meu pai não tinha o direito de manchar o nome da minha família desse jeito. Só consigo pensar na cara de decepção de dona Creuza quando souber.

— O que ele falou com você?

— Explicou que a restrição do nome seria resolvida facilmente, mas que eu tinha uma gama limitada de opções de compra com os parceiros deles. Não pode ser qualquer casa ou apartamento. — Ana ajeita a postura na

cadeira. Parece tão impressionada quanto eu. — Pelo que entendi, eu ganho uma porcentagem desse valor extra, quem indicou e o proprietário do imóvel também. A maior parte, é claro, fica com os mandantes do crime.

— Filhos da mãe! — esbravejo, descrente. — O esquema é bem organizado.

— É sim, Samuel. O tal Afonso não disse nada, no entanto, a mulher me alertou *pra* não abrir o bico e nem pensar em dar pra trás agora. Ameaçou sutilmente, avisando que tem gente barra pesada envolvida. — Certeza que tem alguém do banco que financia, não iriam conseguir passar documento falsificado sem isso. — Usou até a expressão “a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco”. Estamos diante de uma quadrilha.

Quadrilha.

Caramba, isso soa tão sério e chocante.

A falta de informação sobre todos que estão envolvidos nos deixa de mãos atadas. E se eu faço algo agora e não consigo provar nada porque agem mais rápido do que nós?

O caso do Benjamim me deixou frustrado com a justiça.

— É possível realmente chegar a comprar o imóvel? Eu arcarei com os custos, só queria reunir mais informações.

— Sim, eu ia sugerir isso. — A detetive tira o celular da bolsa e mostra para mim a tela. — Estou filmando tudo com uma câmera escondida, teremos muitas provas no final. Você disse *pra* ir fundo, vamos fundo, então!

Mais uma vez a diferença entre ela e os detetives que contratei no passado gritam na minha mente.

Tento afastar essa preocupação, não é o momento.

Vejo algumas cópias das imagens no rolo de sua câmera e fico chocado em confirmar a participação do Afonso. Parece tão sereno e calmo, como se estivesse acostumado a fazer isso.

— Já comecei a rastrear o funcionário da imobiliária *pra* ver se ele deixou pontas soltas por aí. — Ana parece ler meus pensamentos. — Apesar do esquema ser organizado, eu senti um pouco de afobação em resolver logo.

Como se estivessem precisando muito do dinheiro. Isso é bom *pra* gente. A pressa é inimiga da perfeição.

Para que será que o Telso usa esse dinheiro?

Não acho que se arriscaria à toa, apenas para manter suas regalias. O valor que tira da imobiliária já é alto o bastante depois do golpe que deu na minha mãe.

— Eu quero provar que meu pai está no meio, temos que chegar fundo a esse ponto — desabafo, esgotado.

Ele precisa pagar pelos seus erros, não aguento mais.

Se o seu final será atrás das grades, que assim seja.



Estaciono em frente à sala comercial e a primeira coisa que vejo é Agnes, encostada na porta com a bicicleta rosa ao seu lado. Ela mandou uma mensagem, minutos atrás, avisando que estava aqui e que Alisson iria se atrasar um pouco porque ficou preso na delegacia.

Saio distraído, a cabeça latejando, desde a conversa com Ana Fischer.

— Você está bem? — pergunta, preocupada, assim que me aproximo.

De novo, o cheiro gostoso do seu shampoo invade minhas narinas, fazendo o cérebro esquecer momentaneamente o que deve fazer. Ontem, isso foi perigoso quando fui levar meu prato de canja para esquentar.

Cheguei perto demais, inebriado, e a gente quase se trombou.

Pego a chave do bolso e abro a porta, entrando logo para me distanciar um pouco.

— Não muito — admito, coçando o olho. — Tive um dia difícil.

— Se quiser conversar, sou uma boa ouvinte — avisa, meio tímida.

— Obrigado — agradeço sua oferta, no entanto, não me arrisco a dizer mais nada.

Eu sinto falta de conversar com alguém. Isso é fato. Faz tempo que não tenho amigos para dividir as coisas do dia a dia — as grandes e as

pequenas.

Não quero contar para minha mãe ainda sobre a imobiliária. Sei que sua decepção será grande demais com Telso. Tenho a impressão de que o amor não acabou, mesmo que não admita de jeito nenhum.

Porém conversar com Agnes também não vai dar certo. As coisas já estão confusas o suficiente misturando trabalho e atração física.

Depois do arrepio que senti pelo toque sem querer dos nossos dedos, eu fiquei com muito tesão acumulado. Fui dormir cedo para esquecê-la e acabei tendo de novo aquele sonho estranho do vestido branco.

Só que dessa vez não houve o final inusitado. Ficou na música, na sua beleza e sensualidade no palco. Resultado: acordei duro e precisei me aliviar no chuveiro antes de ir trabalhar.

Fazia muito tempo que não me sentia assim tão necessitado. O que será que está acontecendo comigo? Qual foi a última vez mesmo que transei com uma mulher? Não me lembro. Talvez o corpo esteja sentindo falta.

Deve ser por isso que não consigo fingir que nada aconteceu. Não posso negar que Agnes é muito linda e atraente.

Como se estivessem com saudade de observá-la, meus olhos seguem na sua direção e a veem encostada na mesa. Por estar de costas, não resisto a fitar com mais atenção — notando desde as sandálias baixas nos pés, até as panturrilhas grossas e a coxa à mostra pelo vestido soltinho.

Um gemido baixo escapa e coloco a mão na boca instantaneamente, mas é tarde demais.

Ela ouviu. *Caralho, Samuel!*

Sabe que estou excitado só pelo jeito que me encara de volta por cima do ombro. A sua boca levemente entreaberta faz a vontade de ir lá morder aqueles lábios ser quase arrebatadora.

Prendo o ar ao ver que está virando o corpo e vindo na minha direção. O que ela vai fazer? Por que está se aproximando como uma felina *fodidamente sexy*?

— Agnes... — A voz sai completamente rouca, não sei ao certo se é um chamado ou uma reprimenda.

— O que, Samuel? — O timbre mais intenso, parecido com o que tem cantando, me obriga a mexer a perna, desconfortável com o volume eminente entre as pernas.

— O que... o que você... está fazendo?

A morena tentadora não diz mais nada e fica parada à minha frente. Muito perto. Perto demais para a sanidade de um cara com tanto tesão.

Meu peito sobe e desce, descompassado, ao observar sua íris luminosa. Eu gosto de olhar no fundo dos olhos dela. Tem alguma coisa que me conforta ali.

Agnes também respira mais pesado, o que torna a tarefa de diminuir o desejo quase impossível para o meu pau. Ele está latejando.

Minha mente tenta fazer o corpo se mexer dali, daquele embate perigoso e deliciosamente bom, mas está perdendo feio. Continuamos nos encarando. Aproximamo-nos sem querer a cada segundo, como a *porra* de um imã.

— Eu estava pensando uma coisa — fala, de repente, e eu engulo em seco. — Está claro que temos uma química inegável, talvez a gente não precise fingir que nada aconteceu.

Sem conseguir me mexer, observo atento seu rosto. Tenho medo do que vai dizer, contudo, confesso que cada célula do meu corpo está ansiosa para ouvir.

— E se... — Meus olhos vão para os seus lábios carnudos, que se umedecem assim que recaio ali. Filha da mãe, sabe me torturar. — E se a gente deixasse rolar, sem nenhum tipo de pressão? Só curtir quando ambos quisermos.

Merda, isso é muito tentador. Não deveria ser tão tentador.

Busco pensar racionalmente nos prós e contras da proposta, no entanto, só aparecem os bons motivos na mente. É a aproximação que está afetando meu raciocínio.

O beijo é gostoso, ela parece ser uma pessoa sensata e desprendida. Não vai confundir as coisas.

— Não quero gerar nenhuma expectativa, Agnes — solto, de uma

vez, para ouvir de sua boca a resposta que preciso. — Não quero relacionamentos e nem atrapalhar nosso trabalho em equipe.

— Não estou sendo iludida aqui — ela rebate, serena. — Eu sei muito bem onde estou me metendo, Samuel. E, como disse antes, somos adultos. Isso não precisa atrapalhar nada do caso.

Passo a mão no cabelo, muito — muito — tentado a aceitar essa oferta. Pode dar errado, mas também pode ser bom. Eu ando precisando descarregar minhas energias.

Se ela quer, se está sugerindo...

— Tem certeza? — Sinto necessidade de confirmar se está ciente.

Não quero enganar, muito menos, magoar ninguém. Especialmente ela, que me deu um voto de confiança tão grande.

Agnes abre um sorriso bonito, que reverbera no meu peito. Pisco para assimilar suas mãos indo em direção à minha nuca. Tocando meu cabelo.

— Eu quero, Samuel Mendonça. — Até o jeito que ela fala meu nome se tornou sexy. Estou muito ferrado. — Você quer?

Respiro fundo e observo mais uma vez seus olhos. Eles não parecem mentir, mostram certeza do que está fazendo. Em um rompante, infiltro meus dedos entre seus cachos e trago seu rosto em direção ao meu.

Essa é a minha resposta.

Não penso muito ao invadir seus lábios convidativos e beijá-la com a ânsia que venho guardando desde a primeira vez que fizemos isso.

De novo, sinto aquela descarga de adrenalina pela coluna.

De novo, é gostoso e inflama em questão de segundos.

Puxo-a para mais perto e desço uma das mãos pela lateral do seu corpo, do pescoço até a coxa, sentindo cada curva.

Ela é deliciosa, *porra*.

Agnes deixa escapar um murmúrio e mordo seus lábios, tendo como resposta um puxão de cabelo. Estamos excitados demais, isso vai...

Uma batida na porta nos afasta, tão rápido quanto nos aproximamos.

— Cheguei, gente! — É a voz do Alisson, do lado de fora.

— Que péssimo timing, podia ter demorado mais uns 15 minutos — deixo escapar e escuto uma risadinha da Agnes.

Não resisto a sorrir da sua feição de menina levada, quase pega fazendo arte. Ela me encara diferente, mas disfarça em seguida arrumando o cabelo.

— Estamos combinados então, moço bonito dos olhos verdes. Quando a gente quiser, deixa rolar.

Ajeito a calça, enquanto Agnes vai abrir a porta para o irmão, sem esperar a resposta. Por dentro, meu corpo grita que a quer agora. Aqui. Naquela mesa. E não é só para um beijo quente, não.

Merda! Espero não me arrepender dessa decisão. Estamos só muito atraídos um pelo outro. É um desejo carnal e vai passar logo, sem nenhum problema. Repito o mantra para o meu cérebro, querendo muito acreditar que escolhi direito.

CAPÍTULO 28

Agnes



Sorrio ao ver Caren e Lorena brincando de se equilibrar no meio-fio enquanto voltamos para casa. Tinha prometido levá-las à sorveteria assim que recebesse meu salário este mês e as espertinhas não esqueceram. Empanturraram-se com todas as guloseimas disponíveis no self-service.

Sem a dívida do galpão e com os novos trabalhos, a situação econômica melhorou em casa, nos permitindo esses pequenos luxos. Alisson e eu abrimos até uma poupança, a fim de guardar dinheiro para o futuro das pequenas. Ele ainda não chegou a ter seu rendimento da delegacia, mas pretende depositar grande parte lá. Não queremos que passem o mesmo perrengue que enfrentamos por tantos anos.

— Você está diferente esses dias — meu irmão comenta, do nada, fazendo-me desviar a atenção das meninas para ele.

Seu rosto mostra um sorriso maroto de quem sabe o motivo, no entanto, está esperando que eu fale alguma coisa.

— Diferente como? — Finjo-me de desentendida, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Esses olhinhos brilhando aí. — Aponta para o meu rosto com o dedo. — Sem contar, a cara de boba.

— Não estou com cara de boba nada — retruco, batendo no seu braço.

— Não? — provoca, rindo mais. — Vou comprar um espelho *pra* te dar de presente. Confessa, vai, *tá* rolando alguma coisa entre você e o engomadinho, *né?!*

Abaixo o olhar, sem saber direito como explicar o que está rolando.

Quando conversei com dona Creuza sobre o filho, eu ainda estava com medo de sair machucada se tentasse algo.

No outro dia, reuni Vanessa e Fê em casa, antes de me encontrar com Samuel no escritório, e ambos foram enfáticos ao me incentivar a não pensar demais e apenas viver o momento.

“A vida é muito curta pra gente inventar empecilhos. Antes se arrepender do que fez, do que lamentar não ter arriscado.”

Foram as palavras da minha amiga que me incentivaram a ouvir meu instinto ao notar seu olhar sobre mim de costas e o gemido que soltou sem querer.

Ele não é imune. Eu sinto uma forte atração. Por que não curtir essa química entre nós?

Talvez não tenha sido o mais sensato, diante de todo rebuliço sem explicação no meu peito, contudo, é o que desejo fazer no momento.

Já cansei de reprimir as coisas dentro de mim. Basta a música.

— Acho que posso dizer que estamos ficando — confesso, depois de escolher bem as palavras.

— E eu acho que isso vai ser bem mais que uma ficada.

— Por quê? — pergunto, curiosa, encarando-o.

— Porque ele anda com a mesma cara de bobo.

Será?

Não quero me iludir, achando que vai ser algo além do que eu propus, mesmo com dona Creuza alimentando a esperança.

Se bem que Samuel anda até sorrindo ultimamente. A primeira vez que nos beijamos, e ele mostrou aqueles dentes brancos por causa da interrupção do Alisson, quase morri do coração.

Eu disse que quando a gente quisesse, era para deixar rolar, e tem rolado quase todos os dias, desde então.

Seja na casa da sua mãe ou no nosso esconderijo de investigadores clandestinos, cada vez mais vou tendo um pouquinho dele. Pareço uma adolescente roubando beijos escondidos e trocando olhares cheios de

segundas intenções.

Tem sido maravilhoso, não posso negar. E olha que não fizemos nada de mais.

— Estou deixando acontecer... — Interrompo minha fala ao notar Caren e Lorena correndo em direção ao galpão que era do meu pai. — Voltem aqui, meninas.

— É o galpão do vovô! — gritam em uníssono, sem obedecer.

— Ah, merda! A porta está aberta, elas vão entrar. — Alisson apressa o passo ao perceber a intenção das duas.

Vou logo atrás e noto um carro chique estacionado na frente. Não alcançamos a tempo de elas invadirem o espaço.

— Ei, olha só, que visitas lindas! — Uma ruiva muito bonita está passando a mão na cabeça das minhas sobrinhas, assim que entramos.

Paro ao lado do Alisson, um pouco sem fôlego pela corrida inesperada. Meu olhar vagueia pelo galpão e fico impressionada em como está diferente. As paredes estão coloridas e grafitadas com desenhos infantis e há divisórias por todo ambiente. Acho que serão usadas como salas.

— Oi... é... boa tarde — Alisson cumprimenta, um pouco sem jeito. — Desculpa a invasão.

— Não tem problema, boa tarde! — A mulher sorri, simpática.

— Sou Agnes e esse é meu irmão, Alisson. — Aceno de longe. — O galpão era do nosso pai, por isso, as meninas ficaram empolgadas ao ver aberto.

— Era de vocês! — Ela se aproxima, animada, e percebo Alisson tenso ao meu lado. Dou uma olhadinha para ele, quase rindo. Quem está com cara de bobo agora? — Sou Amanda, da Supremac, muito prazer em conhecê-los. Sou a responsável pelo projeto social aqui.

— Tá muito mais maneiro agora do que antes! — Caren diz, enquanto a cumprimentamos.

— Você achou? — Amanda volta a prestar atenção na minha sobrinha, claramente feliz pelo comentário. — Espero que possam vir participar, vamos começar a funcionar amanhã.

— Já? Nossa, será ótimo para a comunidade — comento, dando mais uma olhada nos grafites. — Ficou incrível demais o trabalho que fizeram.

— Querem dar uma olhada? — A ruiva tem um sorriso tão genuíno no rosto que parece que é o trabalho da sua vida. — Estou ansiosa demais para começar. Vim até conferir no domingo, para ter certeza de que está tudo certo.

— Eu quero! Eu quero! — Lorena se empolga, dando pulinhos.

— Vem, vamos então! — Amanda oferece as mãos e as minhas sobrinhas nem hesitam em pegar e andar com a desconhecida.

Alisson e eu vamos logo atrás das três, porém, noto que meu irmão ainda está um pouco sem reação. Não sei se pela beleza da garota — que realmente é deslumbrante — ou se pela atenção tão espontânea que está dando para as filhas dele.

Amanda mostra cada área reformada do galpão e conta com detalhes para nós sobre todas as atividades que serão feitas — de cursos profissionalizantes gratuitos a sessões de cinema. Uma gama diversificada de educação, cultura, lazer e esporte. Fizeram até uma piscina na área dos fundos!

— Uau, estou sem palavras. — Ponho a mão na boca, encantada com o cuidado e carinho em cada detalhe.

A empresa realmente está investindo bastante, não é apenas fachada para marketing.

— Você acha que a comunidade vai gostar e participar? — questiona, receosa. — Insisti no melhor para o meu pai, se ninguém vier, minha irmã vai adorar jogar na minha cara o fracasso.

— Claro que vai, nem tenha dúvida. — Pelo jeito, ela é herdeira da Supremac e tem problemas familiares.

— Eu quero vir fazer aula de balé, de desenho e a recreação, aos finais de semana, pai! Você deixa, né? — Lorena já se adianta, puxando o braço do meu irmão.

— Eu quero a aula de capoeira, de grafite e o curso de robótica para crianças — a outra enumera.

— Tá bom, tá bom. — Ele fita a ruiva, dando um sorriso tímido. — Meça o sucesso pela empolgação da Caren e da Lorena. Vai dar tudo certo!

— Espero que sim! — Amanda sorri de volta e percebo seus olhares se demorem um pouco um no outro.

Ai, meu Deus! O cupido que existe em mim dá até um pulo de alegria.

Alisson está há tanto tempo sem se envolver emocionalmente com alguém. Queria que tivesse rolado algo entre ele e Vanessa, mas infelizmente da sua parte a conexão não aconteceu.

Seria incrível se nós dois nos apaixonássemos ao mesmo tempo.

Por um momento, um breve e sonhador momento, imagino Samuel e eu saindo de casal com os dois. Não me prolongo muito na imaginação, entretanto.

Sem expectativas, Agnes!

Nem pense em se apaixonar!

Quase grito internamente para meu cérebro e meu coração entrarem em sintonia.

Só viva o momento, por favor.



Saio de casa massageando o cabelo com os dedos para deixar os cachos molhados mais definidos. Assim que chegamos da sorveteria e da visita ao galpão, recebi uma mensagem do Samuel, dizendo que a detetive enviou um relatório sobre as modelos que estavam na sessão de fotos junto com a Ayla.

Mandei e-mail para a agenciadora como combinamos e, apesar de demorar um pouco para me responder, ela passou a listagem sem problemas.

Combinamos de nos encontrar às vinte horas e já estou morrendo de ansiedade por antecipação. Alisson inventou que está cansado e precisa relaxar para o expediente amanhã na delegacia, mas pela carinha de cúmplice, tenho certeza de que fez isso para me deixar sozinha com o ficante.

Pego a bicicleta no fundo do prédio e pedalo pelas ruas, sentindo o vento fresco da noite tocar meu rosto. A cada esquina que eu viro e fico mais próxima do escritório, mais meu peito se comprime.

Ai, droga!

A merda do meu coração não está facilitando para o cérebro entender que não deve criar expectativas. Nenhuma merda de expectativa, nem que seja de transar loucamente com Samuel a noite inteira naquela mesa pequena da sala.

Quando enfim chego ao destino, percebo que já está ali pelo carro estacionado e a luz acesa. Guardo a bicicleta e seco a mão suada no vestido, antes de bater na porta e entrar.

Preciso morder a bochecha por dentro para não exprimir nenhuma reação aparente com a surpresa de vê-lo usando uma camiseta normal e uma bermuda jeans escura.

Nunca tinha visto Samuel sem roupa social, desde que nos conhecemos.

Por que tem que ser tão lindo, meu Deus? Por quê?

Nossos olhares se encontram e não se desviam, como tem acontecido toda vez.

— Boa noite! — Ele varre meu corpo de cima a baixo e sinto um calor subir pelas pernas imediatamente. Confesso que, fora do ambiente de trabalho, tenho caprichado no look para ficar mais bonita. — Alisson não pôde vir? Desculpa ter falado em cima da hora, sei que a gente tinha combinado de evitar os encontros aos domingos, por causa da família, porém, achei que era importante.

Ele parece um pouco nervoso e ansioso, assim como eu. Será que estou imaginando coisas?

Seco a mão no tecido mais uma vez. Não devia estar tão nervosa com algo casual.

— Ele está cansado, as meninas deram trabalho hoje — conto, me aproximando da mesa onde está sentado. — Não tem problema, não, estou curiosa para saber o que a detetive descobriu.

— Eu nem abri o arquivo ainda, esperei *pra* ver aqui — conta, virando o computador na minha direção.

Puxo uma cadeira e me sento ao seu lado, deixando o lado investigadora falar mais alto que o desejo. Realmente, estou interessada em descobrir se o book rosa era uma prática comum para alguém inserido no mesmo ambiente que minha irmã.

Samuel também ativa o lado centrado e lemos em silêncio o documento que ele abre na tela. As informações estão separadas por ordem alfabética, abordando cada uma das modelos.

De sete meninas presentes, três foram identificadas pela detetive como acompanhantes de luxo. Há prints citando o nome delas em mensagens da internet, alguns comentários bem obscenos, e link para vídeos caseiros jogados em sites pornô.

— Como será que ela descobre essas coisas tão rápido? A gente ia demorar uma eternidade — comento, abismada.

— Acho que pela deep web. — Samuel passa a mão no cabelo, encarando o computador. — Geralmente, detetives tem contato com bons hackers, isso quando eles mesmos não são.

Já li uma vez uma matéria sobre a deep e a dark web. Tinha até a imagem de um iceberg para ilustrar. A parte fora da água é o que conhecemos, tudo o que é indexado por mecanismos de busca. A maior parte, entretanto, o que está abaixo, são as profundezas invisíveis a olho nu da rede mundial de computadores.

Lá se encontra de tudo.

— A Ayla tinha comentado comigo sobre essa questão do nome — falo, ao ler uma observação da detetive sobre muitas das modelos não usarem os nomes reais para trabalho. — Se a sonoridade não é boa, a agência sugere escolher um artístico.

— Essa tal de Melissa Paes foi a única que a Ana não encontrou nada, nem coisas básicas. Como se não tivesse existido. Que estranho! Você se lembra dela? Da sua irmã citá-la?

— Não lembro, quase não tive contato com as meninas fora o interrogatório que fizemos depois da morte. Na época, eu estava muito

envolvida na música, fazia aula e ia participar de um concurso.

Assim que solto sem querer, me arrependo. Samuel foca toda a sua atenção em mim, a sobranceira arqueada comprova seu interesse no assunto.

Sinto que quer saber mais, quer perguntar, no entanto, graças a Deus, não diz nada.

— O que a gente faz agora com essas informações? — questiono, voltando ao caso.

Ele faz um breve silêncio, me encarando mais um pouco, antes de responder:

— Temos que focar nessas três meninas que descobrimos serem adeptas do book rosa — sugere, pegando uma folha sulfite da gaveta e me entregando junto com uma caneta e a fita adesiva. — Vamos tentar localizá-las e pensar em uma abordagem.

Anoto no papel o nome das três e me levanto para colar na parede ao lado das pistas da Ayla. Assim que me viro de volta para Samuel, noto seu rosto vidrado em mim e a tensão sexual retorna instantaneamente.

— O que foi? — instigo, mordendo o lábio inferior.

— Você... esse vestido... essas coxas — responde, ainda me escaneando.

Acho que posso ter esticado o corpo para colocar o papel e a roupa deve ter subido um pouco. Juro que não foi de propósito, mas bem que estou gostando dessa conversa.

Caminho até ele, sustentando a intensidade do nosso olhar. Ao invés de me sentar, entretanto, paro em pé ao seu lado, aguardando uma reação.

— Agnes, eu estou bem a fim de deixar rolar agora — afirma, engolindo em seco. — E você?

— Com certeza, eu também. — Nem penso para responder.

Sem eu menos esperar, Samuel me puxa para sentar no seu colo. Fico de frente para ele, minha calcinha roçando na bermuda jeans.

A leve fricção já me faz soltar um gemido antes mesmo que nossos lábios se toquem. Afoito, ele pega a nuca daquele jeito gostoso com uma mão

e me empurra para cima dele. A outra se infiltra sem timidez por baixo do vestido, levantando o tecido.

Esses dias de beijos escondidos acho que não deixou somente a mim com tesão reprimido.

Ele apalpa a bunda, beija minha boca com ânsia, puxa meu cabelo.

Puta merda, além de bonito, ainda tem pegada firme. Não há sanidade que aguente.

Excitada demais, começo a me movimentar no seu colo em um vai e vem frenético, procurando alívio.

Samuel solta uma espécie de rosnado baixo e muito sexy, abandonando rapidamente a boca para atacar o decote. Ele afasta para o lado o tecido e abocanha, como se estivesse morrendo de fome.

Chupa forte, morde a ponta, lambe e volta a mamar devagar. O barulho da sucção me leva à loucura, adoro ouvir sua respiração pesada na minha pele. Sua entrega.

As mãos mudam de lugar. A direita apoia minhas costas para intensificar o movimento e a esquerda começa a dar atenção para o outro seio.

Deus, que atenção!

Samuel não é controlado, estou amando isto nele. Aperta com gosto, beija com gosto, chupa com gosto.

Solto um gritinho de êxtase, jogando a cabeça para trás e aumentando o movimento na sua bermuda. Está muito gostoso, sinto minha vagina pulsando desesperada e a lubrificação molhar a calcinha.

Não me lembro de ter ficado tão empolgada só com uma esfregação antes.

Ele se afasta um segundo para recuperar o ar e é minha vez de atacar. Puxo sua cabeça para cima e mordo seu queixo, descendo beijos molhados pelo pescoço.

Samuel suspira pesado e passa os dedos devagar pelas minhas pernas. Um arrepio percorre cada canto da minha pele. Sinto os pelos ouriçados.

— Você está me deixando muito molhadinha — sussurro no seu ouvido e recebo de presente o rosnado baixo.

É o meu novo som preferido no mundo. Muito, muito sensual.

— Eu quero ver.

Sem nenhum esforço, ele levanta meu corpo do seu colo e me coloca na mesa. Nem tenho tempo de racionar o que vai fazer quando o noto se ajoelhando no chão e abrindo minhas pernas.

Samuel literalmente abre e enfia o rosto lá, primeiro cheirando e depois dando uma lambida, que faz meu coração dar um salto no peito.

— *Porra, Agnes* — esbraveja, rouco.

Porra! Porra, digo eu. Quase não consigo respirar.

Como se fosse um animal sem controle, o homem, que muitas vezes vi sério e comedido, afasta a calcinha e me ataca com a língua.

Ele não perde tempo tirando roupas, não que eu esteja reclamando.

Longe disso.

Esse negócio de só jogar a peça para o lado deixa tudo mais excitante.

Assim que o seu dedo indicador entra em cena junto eu perco o controle e aperto firme seu cabelo. Puxo os fios e empurro seu rosto para frente, querendo fundi-lo comigo.

Samuel entende o recado e intensifica a chupada, sabendo exatamente como arrancar gemidos de mim com a ponta da sua língua no meu clitóris. Nunca tive um parceiro que sabia tão bem dosar a hora de chupar e estimular, a velocidade exata.

— Meu Deus, que delícia — elogio, sentindo suor escorrer pela minha testa. — Está maravilhoso, mas eu quero gozar dentro de você.

Ele judia mais uma, duas, três estocadas com o dedo e a boca antes de se afastar, olhando para mim. Samuel está com a boca inchada e toda lambuzada, me fitando como se eu fosse a mais linda de todas no universo.

Puxo-o para cima e volto a beijá-lo, adorando sentir meu próprio gosto pela sua saliva. O beijo é ainda mais duro, mais exigente. Mordo seus lábios, não me afasto até abrir seu zíper e estar completamente sem ar.

Samuel tira a carteira do bolso e arranca de lá um preservativo, que é aberto com uma rapidez surpreendente. Pego a camisinha da sua mão e faço questão de colocar, dando um sorriso safado para ele.

Surpreendendo-o desta vez, eu mesmo direciono seu membro na minha entrada que logo o engole, afoita.

Nós dois soltamos um gemido abafado.

— Ah, merda. — Ele morde meu ombro, entrando mais fundo. — Tão quente. Tão úmida. Tão gostosa.

Sou empurrada mais para a borda da mesa e arremetida com a mesma avidez que fui mamada, apalpada e chupada.

Samuel finca os dedos na carne da minha cintura e da minha bunda para se equilibrar e isso me deixa ainda mais excitada do que é possível estar.

Perco a noção do tempo com a entrada e saída dele de dentro de mim. Intensa. Sem parar. Forte.

Nunca. Eu nunca fiquei tão molhada em toda minha vida!

A sensação de prazer vai me tomando de tal forma, que só consigo gemer e falar palavras desconexas.

Sinto um puxão abaixo do estômago, uma pressão estranha e maravilhosamente boa.

— Eu... Ah... Nossa... Ai, meu Deus!

Ele aumenta as estocadas e se inclina levemente para trás para me tocar, enquanto entra e sai em um ritmo cadente. Sinto meu corpo inteiro tremer, como se estivesse se preparando para uma explosão.

Engulo em seco e olho bem no fundo dos olhos dele, tentando entender o que está acontecendo.

Não era para ser tão intenso assim. Será que tem alguma coisa errada?

— Samuel... — As palavras se perdem com mais uma pressão grande vindo com tudo.

— Goza comigo, Agnes. Vem, linda. Não vou aguentar muito.

Sem controle do meu corpo, fecho os olhos e sinto o orgasmo mais intenso que já tive. Minha pélvis se contrai desesperadamente, percebo um

líquido escorrer pelas minhas pernas.

Caramba. O que aconteceu aqui? Eu fiz xixi?

Ainda sem fôlego, fito Samuel e percebo que olha para baixo, para nossos corpos unidos.

Nossa, se eu fiz xixi, será muito constran...

— Acho que você ejaculou — ele interrompe meu pensamento, boquiaberto.

— O quê? — Pisco, atônita, passando a mão na testa para secar o suor que escorre na lateral do meu rosto.

Esse líquido é ejaculação?

Apesar de já ter lido muito a respeito, nunca aconteceu comigo e cheguei a pensar que era uma dádiva apenas possível por meio dos efeitos especiais dos filmes pornô.

Até no meio científico há controvérsias a respeito do assunto.

Se for, é um pouco assustador e delicioso ao mesmo tempo.

Será que foi bom para ele também? E se estiver com nojo?

— Já aconteceu antes? — O sorriso espontâneo que ele solta ao passar o dedo no líquido e colocar na boca, junta um bolo na minha garganta.

Pelo jeito, não sentiu nojo. Samuel gostou.

Trocamos um olhar meio abobalhado, parece tão íntimo.

Merda. Não pensa nisso agora, Agnes.

— Não, foi a primeira vez — conto, desviando a atenção da sua íris verde. — Desculpa a bagunça na sua roupa.

— Isso definitivamente não é um problema... — Ele inspira fundo, tirando devagar seu pênis de dentro de mim. — Foi incrível, Agnes. Vou pegar papel *pra* você se limpar.

“Foi incrível.”

Duas palavras que têm o poder de fazer uma escola de samba habitar no meu coração.

Assim que ele se vira em direção ao banheiro, ponho a mão no peito

para inutilmente refrear as batidas inconstantes que aceleram.

Se eu já estava ferrada antes, agora estou completamente *fodida*.

Prevejo ser impossível não me apaixonar por esse homem.

Tomara que dona Creuza esteja certa. Nunca quis tanto que alguém estivesse.

CAPÍTULO 29

Samuel



Eu imaginei que aquilo podia acontecer quando fiquei inquieto na sala de casa, andando de um lado para o outro com o e-mail da detetive na caixa de entrada.

O assunto podia ser tratado hoje, podia até mesmo ser resolvido com uma mensagem encaminhada, mas e a vontade de vê-la?

Eu desejei que acontecesse quando Agnes respondeu, avisando que se encontraria comigo no escritório, e passei na farmácia para comprar camisinhas.

Tínhamos combinado de dar uma folga no domingo, talvez Alisson não pudesse ir e ficaríamos a sós. Antes andar prevenido do que sair frustrado.

Eu tive certeza de que aconteceria, assim que ela parou ao meu lado com aquele olhar sexy dos infernos e nem pestanejou para confirmar que também queria deixar rolar.

Fiquei tanto tempo sem relações, que a adrenalina de trocar beijos escondidos, durante a semana, me deixou muito excitado. Ataquei-a feito um animal selvagem, desesperado.

Porra, mas eu não estava preparado para a intensidade do sexo.

Foi... foi...

Passo a mão no rosto e volto a olhar para a tela do celular, onde, descaradamente, estou relembando o que já li no passado sobre ejaculação feminina durante o expediente de trabalho.

Isso nunca me aconteceu antes — as duas coisas — e estou ficando um pouco ansioso pela falta de controle dos meus instintos.

Eu podia jurar que a atração ia se dissipar, assim que me aliviasse, contudo, ultrapassando todos os sinais de alerta da minha mente, desejo tê-la em meus braços de novo.

Eu quis de novo, assim que terminamos, se for sincero. Precisei desesperadamente ir ao banheiro, com a desculpa de pegar papel para nos limpar.

Quero chupar, estocar, levá-la ao orgasmo mais uma vez. Talvez duas. Cinco.

Meus ouvidos ficaram viciados no som delicioso que ela soltou de susto e prazer ao chegar ao ápice, sem entender bem o que tinha acontecido.

Logo que senti uma pressão no meu pau, como uma espécie de esguicho, imaginei que poderia ser uma ejaculação. Não foi nada igual àquele exagero dos pornôns que espirram líquido para todo lado, no entanto, foi *fodidamente* excitante.

Ela estava muito molhada e quente. Mexo na cadeira, desviando a imagem do meu cérebro, antes que fique em uma situação constrangedora no escritório. Quando cheguei em casa, não consegui fazer nada além de tomar um banho, gozando de novo, ao lembrar o seu gosto na minha boca.

Apesar de nunca ter acontecido comigo, como garoto curioso que começou a vida sexual cedo, eu já li de tudo.

Posso ter ficado com apenas uma parceira, por anos, porém, isso nunca foi sinônimo de timidez ou falta de conhecimento. Sempre tive um fogo fora do comum e adorava descobrir novas formas de apagá-lo.

Abro uma entrevista com uma sexóloga e vejo sobre glândulas de Skene, áreas erógenas e ponto G.

Ao ser estimulada sexualmente, essas glândulas podem ser forçadas pelas contrações musculares da vagina que, conseqüentemente, podem expelir pela uretra um líquido viscoso.

Por isso é conhecido como squirting, do inglês "squirt", que significa esguicho.

Não é muito comum entre as mulheres, contudo, é possível. Pelo que percebi ontem, é de fato transparente e sem cheiro. Não tem a ver com a

lubrificação natural da vagina.

A posição sentada na mesa ajudou o pênis atingir o ponto G, junto com o estímulo no clitóris aumentando a sensibilidade na região. Foi bem na hora que me afastei um pouco, para usar o dedo ao mesmo tempo das estocadas, que ela se perdeu.

Ai, *caralho*. Queria tanto fazer isso de novo agora.

Estou *fodido*. Tinha que diminuir o desejo, não aumentar.

O que eu faço se isso não passar logo?



Acho que não foi uma boa ideia.

Olho para a varanda da casa da minha mãe, ainda dentro do carro, e tamborilo os dedos no volante, pensando se entro ou não.

Mais cedo, eu liguei, perguntando se estava tudo bem e disse que não conseguiria passar aqui hoje, por causa de uma reunião até tarde com um cliente novo que nos contratou esta semana.

A conversa terminou antes do que eu previa e, sem que eu percebesse, já estava no caminho para cá. Apesar de ter as três modelos para pesquisar com Agnes, não é nada urgente que não podia esperar.

De novo agi por impulso. Merda!

Passo a mão no rosto e tiro a chave da ignição, saindo do veículo. Vou só dar um beijo na dona Creuza, pegar uma marmita fresquinha para o jantar e ir embora.

É. É só isso.

Não tem nada de mais.

Abro a porta da sala e percebo que está tudo silencioso. Vejo a cozinha e os quartos, nada delas. Onde se meteram a essa hora?

Volto para o corredor, pensando em conferir no quintal, mas noto uma portinha aberta que dá para o porão.

Nossa, nem me lembrava que tinha um aqui.

Logo que chego perto, escuto barulho de palmas e um burburinho. Desço as escadas e ambas entram no meu campo de visão. Agnes está com uma vassoura na mão e minha mãe com um pano de tirar pó. Pego o final de uma conversa.

— É um dom lindo, você é abençoada!

— Obrigada.

Abro a boca para perguntar o que pensam que estão fazendo, no entanto, a próxima frase me faz ficar quieto mais um pouco.

— Tocando em frente, do Almir Sater, você sabe também? — pergunta, animada. — É da sua época?

— Claro que sei, um clássico!

Pelo jeito, está tendo uma faxina com show particular aqui. Agnes sorri, mexe a vassoura, como se fosse um microfone, e começa a cantar.

Ando devagar porque já tive pressa

E levo esse sorriso

Porque já chorei demais

Caralho, ainda não consegui me acostumar com seu timbre potente e único.

Como da primeira vez, sou envolvido pela música e meus pés não saem do lugar. As mãos se mexem involuntariamente próximo à perna, querendo acompanhar as notas.

Não sei se por ouvi-la tanto em sonho, não me incomoda mais. Vindo de Agnes, estranhamente, a melodia não machuca como fez nos últimos anos.

É bom, traz saudade.

Ouçó cada letra entoada com paixão, tentando entender por que essa menina é enfermeira ao invés de estar nos palcos do país inteiro.

Ontem fiquei muito curioso quando deixou escapar a informação de fazer aulas de música e estar participando de um concurso. Só não questioneei o que aconteceu, porque não gosto que me façam esse tipo de pergunta.

Há algum bloqueio nela, porém, diferente de mim, Agnes consegue colocar para fora. Seja o que for, não a impediu de cantar nem que seja em

casa.

Eu nunca mais toquei. Nenhuma vez.

Peraí! Meu coração se sobressalta, de repente.

Pisco várias vezes, pensando ser uma visão da minha cabeça. Não... não é possível.

Estou tão envolvido no momento que comecei a imaginar coisas.

Desço mais dois degraus, ficando bem na ponta da escada. No fundo do quarto, minha mãe abriu um armário grande para limpar e avisto lá meu antigo violoncelo.

Uma enxurrada de lembranças me toma de uma vez, fazendo a perna bambear e eu escorregar pelo corrimão e me sentar.

— Samuel! — minha mãe grita, assustada, e corre até mim.

Olho mais uma vez na direção do armário. Está lá. É ele. É real.

Meu... meu violoncelo...

Agnes para de cantar e nos encara, sem entender o que aconteceu. Um silêncio enorme preenche cada centímetro do porão.

O ar parece estar ficando escasso. Sinto meu peito se contrair e se expandir, rápido demais.

Meu violoncelo. O primeiro que ganhei ainda na adolescência e usei até o último show.

— Você o pegou... — sussurro, sentindo lágrimas se acumularem nos meus olhos.

Abaixo a cabeça, tentando controlar a emoção que vem com tudo. O bolo na garganta dificultando ainda mais a respiração.

— Me perdoa, meu filho. Eu não queria que você soubesse assim. Ai, meu Deus! — Ela toca meu cabelo e se ajoelha à minha frente. Sinto o tremor nas suas mãos e as pego com as minhas. — Me perdoa, por favor. Eu sei que você não quer mais tocar, sei que não consegue, mas...

— Obrigado — interrompo-a, olhando nos seus olhos verdes que também estão entregues ao choro. — Obrigado, mãe.

Puxo-a para um abraço e não seguro mais a emoção. Eu deixo sair, deixo extravasar.

Elas não são de tristeza. *Caralho*, não são.

Desfiz do instrumento em uma hora de raiva e dor, eu não queria fazer aquilo. Fui ao lixo procurar depois, eu tentei descobrir o que tinha acontecido com ele.

Era tarde demais. Quer dizer, agora não é mais.

Mesmo que nunca mais toque, esse violoncelo fez parte da minha história. Estou grato por ainda ter um pedaço de mim inteiro.

Vivo.

CAPÍTULO 30

Agnes



É impossível não se emocionar ao ver mãe e filho no chão, abraçados e chorando, de forma tão verdadeira. Seco as lágrimas que escorrem do meu rosto e me apoio na vassoura, quietinha para não atrapalhar o momento dos dois.

Quando dona Creuza disse que Samuel não viria hoje, por causa de um trabalho na imobiliária, nós resolvemos dar uma arrumada no porão para passar o tempo. Parece que seu ciúme é tão grande pelo cantinho, que não gosta de deixar a faxineira mexer em nada.

Em meio a risadas e cantoria, eu jamais imaginaria uma cena dessas. Aposto que essa senhorinha sofreu tanto quanto o filho ao vê-lo perdido sem o melhor amigo, a noiva e a música.

Não há sentimento mais poderoso e puro do que o maternal.

— Eu... eu pensei que você ficaria bravo se soubesse... — sussurra, acariciando o cabelo dele. — Mas meu coração pediu *pra* pegar mesmo assim e guardar pelo tempo necessário.

Silêncio.

Um longo e pesado momento de quietude se instaura pelo espaço, onde o ar parece ficar ainda mais escasso que o normal para um local pequeno.

Samuel deixa um beijo na testa da mãe e se levanta, meio cambaleante, sem dizer nada. Pelo seu estado, suponho que mal consegue formar uma frase neste instante. É nítido em cada parte do seu corpo, como aquele violoncelo era importante em sua vida.

Andando a passos lentos, ele passa por mim, sem desviar a atenção do

instrumento, e se aproxima do armário. As mãos não têm coragem de pegá-lo, ficam no ar, um pouco distantes.

Minutos se passam com ele contemplando o violoncelo sem tocá-lo.

— A senhora lembra quando me deu ele? — O tom sai quase em um fio de voz.

Dona Creuza sorri e se levanta, caminhando em direção ao filho. Fica do lado dele e observa.

— Como se fosse hoje — responde, saudosa. Sua mente parece estar longe, relembrando a cena. — Nunca te vi tão feliz! Você pulou de alegria pela casa, ligou correndo para o Ben e os dois ficaram a tarde inteira azucrinando meus ouvidos com tanta desafinação.

Todos acabamos sorrindo com o relato — até ele.

Sinto-me uma intrusa no meio de um momento tão íntimo. Porém, ao mesmo tempo, agraciada e em paz por saber que Samuel conseguiu compreender a atitude de dona Creuza.

Se ele aceitar a música de novo, talvez possa se recuperar melhor do passado. Talvez também descubra que o coração pode amar novamente.

Se ele permitir... se me deixar entrar...

Ai, Senhor! Passo a mão no peito, constatando neste exato segundo algo que estava estampado bem na minha frente.

Eu previa ser impossível não me apaixonar por ele, pensando que isso poderia acontecer no futuro. Mas já estou apaixonada.

É presente. Muito presente.

Essa agitação toda dentro de mim, quando estamos próximos, não é só por causa de uma atração física. Eu gosto dele na essência.

Gosto do jeito que repuxa os lábios, como sorri abertamente, se emociona, me toca, me olha, me beija...

A clareza com que a confirmação vem me deixa um pouco atônita. Não estava preparada para admitir desta forma tão intensa. Ao contrário da lógica, contudo, não sinto vontade de me afastar para me preservar.

“Lute por ele.”

O instinto é justamente oposto, impulsionado pela frase de sua mãe, dias atrás. Quero provar que, assim como seu violoncelo, que imaginou estar perdido, o coração também pode se reencontrar.

A pergunta que fica, no entanto, é: como fazer isso, sem assustá-lo?



Samuel e eu caminhamos em silêncio até a porta da sala. Já são quase duas horas da manhã. Depois de passar um tempo no porão, nós três subimos para tomar um lanche na cozinha e acabei escutando mais histórias sobre o violoncelo. Foi uma noite muito agradável, em que o sorriso não saiu do meu rosto.

Parte disso, se deve a leveza que ele ficou — como se um peso tivesse saído das suas costas — e a outra, pela minha recente descoberta.

Mesmo não querendo levar o instrumento para casa ou, ao menos, pegá-lo com as mãos, sei que ficou realmente feliz.

Dona Creuza foi se deitar agora há pouco e, embora eu quisesse prolongar mais as horas, o enigmático moreno de olhos verdes também precisa se despedir.

Estou com tanta vontade de lhe confidenciar uma coisa, só não sei se é uma boa ideia e se ele vai gostar da intromissão.

— Queria que as coisas tivessem sido diferentes para nós — solto, de forma impulsiva, quando chegamos à varanda.

— Diferentes? — indaga, confuso, parando perto do seu carro estacionado.

— Queria que você pudesse tocar e eu, cantar, que esse amor tão grande que temos pela música transbordasse de dentro de nós. — Preocupada com a reação do comentário, coloco o cabelo atrás da orelha e fito o chão.

Silêncio.

Mexo os pés na grama verde, sentindo as batidas do coração retumbarem contra o peito, em expectativa. Preciso me lembrar de não o assustar.

Eu devia ter pensado melhor antes de...

— Por que você parou de cantar? — Sou surpreendida com a pergunta suave.

Encaro-o e engulo em seco com a linda expressão do seu rosto, os olhos atentos realmente interessados na resposta. Não esperava por essa abertura.

— Minha mãe ficou destruída quando Ayla morreu, a gente tinha perdido nosso pai há pouco tempo. — Passo a mão no braço, sentindo meu próprio calor para não entristecer com a lembrança. — Ela acha que se minha irmã nunca tivesse entrado nesse meio artístico, ainda estaria viva.

— A vida é tão imprevisível, não dá *pra* ter certeza de nada.

— É, eu sei. — Inspiro fundo, os lábios em linha fina. — Só que eu não aguentava mais vê-la sofrendo. Se eu insistisse, ficaria neurótica toda vez que eu fosse para um show. Não tive coragem de fazer isso com ela.

— Sinto muito, Agnes — diz, com pesar, e eu aceno com a cabeça, dando um sorriso que não convence.

Caminhamos mais alguns passos e ele para do lado da porta do motorista. Não tenho pretensão que a conversa continue, Samuel já falou muito para um dia só.

— Eu não sabia se eu tinha mais tristeza ou raiva — confessa, me pegando de surpresa mais uma vez. Fico em silêncio, esperando se quer se abrir. — Tudo aconteceu rápido demais e aquela chama da música que me alimentou por tanto tempo não parecia fazer mais sentido sem eles.

Eles.

Benjamim e a noiva, provavelmente. Será que também tocava? Queria mais informações sobre ela, descobrir por que saiu da vida dele nessa época.

— Você nunca mais tocou? — questiono, mesmo sabendo a resposta.

Preciso falar, antes que a pontinha do ciúme que apareceu aqui na minha mente tome conta de vez.

— Não. — Desvia o olhar. — Eu sinto falta, mas não consigo. Tento a todo custo arrancar de mim. É como se traísse a memória do Ben... Não é justo, se ele nunca mais pode, entende?

A tristeza é tão evidente nas suas palavras que, de novo, sem pensar demais, chego perto e o abraço pelo pescoço. É notável o seu susto, porque Samuel fica imóvel.

— Não se culpe por querer sentir a chama. — Acaricio seu cabelo e me afasto um pouco para fitá-lo. Ainda estou perto o suficiente para sentir sua respiração pesada no meu rosto. — Eu tenho certeza de que Benjamim ficaria orgulhoso lá no céu ao vê-lo tocando, perpetuando o legado de vocês.

Novas lágrimas se formam nos seus olhos e eu me perco na imensidão verde. Nos encaramos, em silêncio.

Samuel sobe uma das mãos para a minha cintura e eu crio coragem para fazer o que estava desesperadamente com vontade. Volto a me aproximar e toco seus lábios, atenta a uma possível recusa de sua parte. Afinal, estamos na varanda da casa de sua mãe. Não é um contato escondido.

A recusa não vem.

Coloco meus dedos no seu rosto e o beijo com suavidade em um primeiro momento. Diferente de todos os outros que trocamos desde a primeira vez, ele não se torna afoito e desesperado.

Fica lento, carinhoso, uma exploração cuidadosa de línguas. Uma respiração baixa, cheia de significado.

Meu coração acelera, sem controle, adorando este momento mais do que qualquer outro que compartilhamos.

— Preciso ir, está tarde. — Samuel se afasta quando o beijo se estende demais e ficamos sem ar. Ele dá um passo para trás e abre a porta do carro. — Boa noite, Agnes!

— Boa noite — respondo baixo, mesmo que não possa ouvir, e ponho a mão na boca para tocar os lábios.

Meu corpo inteiro parece iluminado, como se uma corrente poderosa de energia tivesse passado, acendendo a pele.

Sorrio, boba, ao perceber o veículo dar ré e se perder pela rua do condomínio. Ele também sentiu que foi diferente, tenho certeza. Não teria saído tão atordoado, se não significasse nada.

Vale a pena lutar por esse homem! Eu não posso desistir de tentar.

CAPÍTULO 31

Samuel



Aperto o botão para o segundo andar e sou surpreendido com uma mão impedindo a porta do elevador de se fechar. Assim que a figura mediana entra no meu campo de visão, fecho os punhos instantaneamente ao lado do corpo.

— Bom dia, senhor Samuel. Tudo bem? — Afonso cumprimenta, simpático.

Encaro-o com desdém, acenando com a cabeça. Sinto meus dentes rangerem pela força que faço para ficar quieto e não estragar as coisas. Está cada dia mais difícil fingir que não tenho vontade de esmurrar esse homem e arrancar dele toda verdade sobre em que merda enfiaram a empresa da minha mãe.

Apenas 20 dias se passaram, desde que a detetive me contou sobre ele, e o dinheiro para a compra do imóvel já foi autorizado. Ana Fischer, se passando por Carmen Santos, vai assinar os documentos ainda esta semana.

Como é possível?

Normalmente, nossos clientes demoram em média 45 dias para conseguir o financiamento. O esquema deles é muito pesado para uma aprovação tão rápida.

O elevador chega ao andar e Afonso se despede, sorridente, como se tudo estivesse a mil maravilhas. *Filho da puta!* Quem o vê andando por aqui, com essa cara de bonzinho, nem imagina o que esconde.

A detetive tentou encontrar alguma informação obscura do rapaz e do Telso, na deep web — eu estava certo, ela tem contato com uma hacker muito boa —, porém, nada que os comprometa apareceu.

A única coisa que descobrimos foram duas empresas no nome do pai dele. Uma é de EPI hospitalar (como máscara, luva e touca), que foi aberta há um ano e dois meses na capital; e a outra, de uniformes, que fica no interior do estado e tem oito meses de funcionamento.

Ou seja, ambas criadas no período em que estava aqui.

O detalhe que mais tem me intrigado é que o pai dele está internado em um lar para idosos, há dois anos, e é portador de Alzheimer. Afonso não tem irmãos e a mãe morreu quando ele era criança.

Quem administra essas empresas? Por que trabalharia em uma imobiliária, se é o único parente direto que poderia cuidar do patrimônio da sua família?

A hacker tentou levantar informações sobre os lucros de ambos negócios, porém, até agora não conseguimos nada. Segundo ela, tudo está muito protegido. Só foi possível constatar uma vasta gama de clientes — tanto privados como públicos.

Quero ir a fundo, mas confesso que tenho ficado cada vez com mais medo de aonde vai parar. Ana comentou da possibilidade do pai adoentado estar sendo usado como laranja.

Algo totalmente possível diante dos fatos.

Passo a mão no cabelo e sigo pelo corredor sem falar com ninguém. Antes de entrar na minha sala, paro um segundo na janela de Telso e o avisto falar ao telefone. Está com a cara fechada de novo, algo que tem sido habitual.

Apesar de não duvidar que seria capaz de usar um laranja inocente, bate um desespero ao imaginar o homem que me gerou nesse nível de ambição e falta de escrúpulos.

Por que está fazendo isso? Quem são os envolvidos?

A cada hora surgem mais e mais perguntas. Estou ficando louco já. Quando não é com a imobiliária, a preocupação é a saúde da minha mãe e o caso do Benjamim.

As informações das três modelos que praticam book rosa não nos levaram a nada. Uma delas está no exterior e não atendeu a nenhuma das

nossas ligações nem respondeu mensagens. A outra saiu recentemente do meio e disse nem se lembrar do dia do crime. Quando questionei sobre o envolvimento com clientes, ficou nervosa e encerrou a chamada no mesmo instante.

Para não perder a última pista, nós descobrimos um evento de alta sociedade que ela iria participar na capital e eu me infiltrei. Porém, o trabalho foi em vão. A garota ficou alterada quando mencionei a agência de modelos que Ayla trabalhava e não quis mais conversar.

A única notícia boa dos últimos dias é que Alisson foi chamado para arrumar o arquivo, como planejamos, e está tendo acesso fácil a área dos documentos antigos. Ainda não encontrou o caso do Benjamim, mas é questão de tempo. De acordo com ele, está realmente bagunçado.

Inspiro fundo e entro na minha sala, fechando a porta devagar. Encosto na madeira e o sorriso fácil de Agnes preenche meus pensamentos por um minuto.

Tenho que confessar que só não surtei ainda, por causa dessa mulher. Seja no sexo ou com a calma que transmite, ela tem me ajudado a viver um dia de cada vez de forma menos esgotante.

Tive medo de não dar certo essa ideia de deixar rolar, mas está sendo a melhor decisão que tomei recentemente.



Escuto barulho na entrada do escritório e olho na janela para ver se é Agnes. Estou tão inquieto, que cheguei mais cedo e fiquei perambulando de um lado para o outro na sala. Observo-a encostar a bicicleta rosa na parede e demorar para pegar o cadeado na bolsa. Suas mãos se mexem freneticamente no ar.

Franzo a testa e aproximo-me do vidro, escutando uma melodia. Ela está cantando! Sorrio ao perceber sua entonação animada ao final de Tempo perdido, do Legião Urbana.

*O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido*

*Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão jovens! Tão jovens!*

Sem saber que estou vendo, Agnes ainda tamborila os dedos na cesta da bicicleta para dar mais efeito à sua apresentação escondida. Sorrio de novo. Essa garota é uma figura!

Quando se vira para frente e ajeita a postura para bater na porta, corro rapidamente para perto da mesa. Não estou preparado para falar de música com ela. Dá última vez que tocamos nesse assunto, as coisas saíram do controle — tanto no teor da conversa como no toque.

Não gosto nem de ficar pensando naquilo, foi... intenso demais.

— Está aberta, pode entrar! — aviso, ofegante pela pequena corrida.

— Boa noite, Samuel! — Ela entra, entusiasmada, mas arqueia uma sobrancelha logo que me vê. — Você está bem?

Agnes fecha a porta e se aproxima, seu rosto realmente preocupado. Passo a mão no cabelo, será que está desganhado?

— Estou. Por quê? — Aliso a camisa, encarando-a, como se não tivesse acontecido nada.

— Tem certeza? Parece que *tá* meio sem fôlego, você está com falta de ar?

— Estou bem! — confirmo, arrumando uma pasta da mesa para desviar a atenção para outra coisa. — Você parece animada. Aconteceu alguma coisa?

Ela para um segundo, demonstrando não acreditar muito no que eu disse e claramente percebendo a tática de mudar de assunto, contudo, logo abre um sorriso enorme.

Seja lá o que tem a dizer, é mais interessante do que brincar de gato e rato comigo.

— Alisson ligou, quando estava saindo da delegacia, e disse que tem ótimas notícias — enfatiza o “ótimas”, ampliando os lábios. — Pelo seu tom, devem ser mesmo! Ele não costuma se empolgar à toa.

— Será que encontrou o caso? — A alegria é contagiante, dou um passo à frente e fico mais próximo dela.

— Eu acho que sim, Samuel! — Agnes dá pulinhos, deve ser por isso que estava cantando com tanta energia.

Está feliz. Ah, *porra*! Eu nem acredito que pode ser verdade.

— Nossa, meu coração acelerou aqui. — Sinto a adrenalina subindo pelo meu corpo de forma avassaladora.

— Nem me fala, estou frenética, desde que ele me ligou, agora há pouco.

Olho para Agnes de cima a baixo, uma ideia nada pura passando pela minha mente para nos aliviar. Fizemos sexo aqui todas as vezes que Alisson não pôde vir, desde a primeira vez, mas não arriscamos nada além de beijos e uns amassos quentes quando sabíamos que ia aparecer.

No entanto, hoje... hoje o desejo está quase incontrolável.

— Se você não está pensando o mesmo que eu, para de me olhar desse jeito. — Fito seu rosto e a vejo mordendo os lábios.

— Em quanto tempo seu irmão disse que chegava? — pergunto, sem desviar o olhar.

— Vinte... vinte minutos.

— Há quanto tempo foi a ligação?

— Uns dez, eu acho.

Observo a mesa e o seu corpo de novo, focando no vestido amarelo soltinho fácil de subir — não me passa despercebido que Agnes sempre opta por essas peças. Ela também sabe que facilita a transa. Se eu a pegar de quatro bem ali, a gente consegue fazer uma rapidinha gostosa.

A ejaculação seria um problema por causa da bagunça, porém, como infelizmente não se repetiu e temos pouco tempo para preliminares, creio que não irá acontecer justo agora.

Isso não quer dizer que não vou tentar em outras oportunidades, estou louco para sentir aquela pressão novamente. Cheguei a pensar na possibilidade de chamar Agnes para ir lá em casa, um dia desses, com calma

eu poderia degustar cada centímetro dela até se perder em mim, mas não sei se é uma boa ideia.

Pessoas que se pegam sem compromisso fazem sexo em casa? Na cama que dormem?

Percebendo que estou perdendo tempo com divagações, puxo-a pela cintura de repente, adorando o gemido de satisfação que solta.

— Eu acho que a gente resolve em cinco — sussurro, próximo ao seu ouvido. — Topa?

Ela não responde com palavras. Sobe o rosto e me beija com todo desejo que transparece estar sentindo. Nossas bocas duelam, enquanto os pés caminham apressados para a borda da mesa.

As mãos não ficam paradas: levantam o vestido e apalpam a bunda com ânsia, brincando com a borda da calcinha. Fico um tempo assim, adorando o cheiro de tesão no ar.

Quando fico sem fôlego, desço os lábios mordiscando seu pescoço e, ao mesmo tempo, afasto o tecido para abocanhar um dos seios. Mamo sem vergonha do barulho alto que reverbera pela sala.

Eu queria muito chupar sem pressa, mas logo pulo para o outro e passo uma das mãos para a frente, afastando a calcinha para o lado.

— Deixa eu ver se você tá molhadinha. — Sem esperar retorno, sinto a umidade e penetro o dedo indicador que desliza, me fazendo gemer. — Sempre quente e pronta *pra* mim. *Porra...* que gostosa!

Enfio mais um dedo e estoco três vezes bem fundo, antes de me afastar e virá-la com o peito meio para fora no tampo da mesa.

— Deus do céu, qualquer dia você me mata... — ela elogia, as costas subindo e descendo pela respiração pesada.

Sorrio, imaginando matá-la de tanto gozar, e ajoelho-me à sua frente. Passo a língua da panturrilha até o topo da bunda, descendendo a linda calcinha preta, sem cuidado. Comprovo o cheiro do seu desejo levando a peça no nariz e inalando, inebriado.

Guardo o pequeno pedaço de pano no bolso da minha calça social e tiro de lá a camisinha. Levanto, a contragosto, amando a visão do traseiro

empinado bem na minha cara. Posicionado para o ataque, abro o cinto e coloco o pau para fora. Está duro feito pedra, latejando.

Coloco a proteção e brinco com a entrada da sua boceta, por breves segundos, antes de estocar com tudo.

— *Ahhhhh!* — O grito não é de dor, eu tenho certeza.

Seguro suas duas mãos para trás, um pouco levantadas, e fecho os olhos, penetrando rápido e forte. O som de sexo bruto e selvagem toma conta da sala. Fico fora de mim com o entra e sai, a batida do meu corpo contra o seu.

— Eu quero que você goze na minha boca — ela pede e eu libero uma das mãos, dando um tapa na sua bunda.

O tom avermelhado na pele branca me deixa ainda mais excitado do que já estou. Essa mulher me dá um tesão do *caralho!*

Inclino o corpo para frente e deixo meu peito em cima das suas costas. A roupa não atrapalha em nada nosso desejo. Coloco as mãos por baixo para segurar seus seios e mordisco a orelha.

— Você quer leitinho, safada? — Agnes solta um gemido rouco pela proximidade, que entra como música nos meus ouvidos. — Goza gostoso *pra* mim, que eu te dou. Vem, linda. Vem!

Com o estímulo das mãos e do meu pau, ela obedece em uma rapidez surpreendente. Preciso me segurar como nunca para não me perder junto ao notar seus murmúrios e os nós dos dedos brancos, pela força que faz segurando a ponta da mesa.

Espero seu corpo parar de estremecer e estoco mais uma vez, saindo logo em seguida de dentro dela. Começo a bater punheta assim que se vira, esfomeada, e se ajoelha diante de mim.

O cabelo está desgrenhado, a boca entreaberta e tem uma parte dos seios à mostra. Agnes é uma bagunça linda e deliciosa.

— Nada de punheta, vai gozar de outro jeito.

Nem tenho tempo de assimilar o que disse quando sua boca quente abocanha a glande e engole tudo. Nunca alguém me chupou com tanta vontade antes. Fecho os olhos de novo e infiltro meus dedos nos seus cachos,

ajudando a ditar o ritmo.

Eu quero mais oral dessa mulher. Mais ejaculações. Mais fodas boas como essa.

A cada vez que se repete, eu quero muito mais! Será que é possível manter essa casualidade para sempre?

Eu não quero me relacionar de novo, só que Agnes ainda é nova. Ela pode querer um namorado, um marido, filhos, um dia.

O pensamento me traz uma sensação ruim no peito, fora de lugar. Balanço a cabeça e aumento a pressão da minha mão no seu cabelo.

Meu cérebro tenta alertar que isso está fugindo do controle mais uma vez, no entanto, mando a preocupação para a *puta que pariu*, assim que explodo dentro da sua boca e a vejo engolir cada gota, sorrindo ao me olhar de baixo para cima.

CAPÍTULO 32

Agnes



Olho meu reflexo no espelho do banheiro e sorrio ao perceber as bochechas coradas pelo esforço físico feito, segundos atrás. Abro a torneira e jogo um pouco de água no rosto e no pescoço. Que calor! Eu nunca imaginei que Samuel tinha uma pegada tão forte assim.

Além de quente como o inferno, ele gosta de provocar, sabe o que faz. O filho da mãe não quis devolver a minha calcinha de jeito nenhum. Tem algo mais sexy do que saber que vamos ter que fingir que nada aconteceu, enquanto está com ela no bolso da calça?

Hoje foi arriscado, sabendo que meu irmão apareceria a qualquer momento, mas não me arrependo de nenhum segundo. Foi muito bom. Bom demais para a minha sanidade! O gosto salgado dele ainda está na minha boca, tão gostoso.

Esta é a quarta vez que fizemos sexo, não que eu esteja contando. Devo essa proeza ao Alisson pelas sumidas esporádicas. Uma parte é para me ajudar e a outra porque encontrou uma boa distração ruiva, eu tenho certeza. Ele tem adorado levar as meninas para as atividades do projeto social.

Sorrio de novo, desligando a torneira e secando o rosto com uma toalha. Lá vai eu imaginar uma saidinha de casal mais uma vez...

Em cada oportunidade nova, nestes últimos dias, a ligação com Samuel fica melhor. Tanto o contato físico como as conversas não estão ajudando em nada a controlar a paixão avassaladora que cresce dentro de mim.

Pelo menos, ele ficou mais relaxado e não tem se fechado logo depois que algo acontece entre nós. Será que isso é um sinal que está gostando da

minha companhia?

— Entra, Alisson! — Escuto-o falar para meu irmão e ajeito o vestido no corpo, antes de abrir a porta, apressada.

Essa divagação vai ter que ficar para outra hora. Estou curiosa demais pelas boas notícias que veio trazer. Assim que volto para a sala, sinto um aroma diferente no ar, parece...

Ah, não acredito que ele está tentando disfarçar o cheiro de sexo! Olho para Samuel com um olhar divertido e o espertinho dá uma piscada para mim, quase fazendo meu coração sofrer um infarto.

Ai, Deus! Me ajuda aqui.

— Eu encontrei o caso da Ayla, pessoal! — Alisson avisa, com a voz embargada, fazendo toda a atenção se dirigir a ele.

Encaro seu rosto emocionado e me aproximo entrelaçando os braços na sua cintura. O coração do meu irmão está tão acelerado que é impossível não se comover junto. Samuel também vai ao nosso encontro e coloca mão no ombro dele.

— Agora estamos muito perto, cara — afirma, emocionado. — Vai dar certo, vamos conseguir!

Puxo meu moreno de olhos verdes para entrar no abraço e ele vem, me fazendo engolir em seco pela intensidade do momento. Ficamos um tempo assim, alimentando a fé de que a verdade irá aparecer.

— Como é um caso antigo, a pasta do inquérito e as provas estão juntas em uma caixa. Isso vai facilitar as coisas. — Alisson quebra nosso contato e se afasta, limpando o rosto. — Já deixei em um lugar fácil *pra* ficar mexendo sempre que der, enquanto arrumo tudo por lá, sem chamar atenção. Quero olhar cada detalhe.

O caso nem chegou a ser julgado, parou na investigação da polícia. Com a morte do Benjamim, o processo foi arquivado porque a pena não é transferida a terceiros.

Minha família teve que confiar no que o delegado nos disse, não tivemos acesso a nada.

— A primeira coisa que eu olhei foi o teor dos depoimentos. — Meu

irmão vai até a mesa e puxa uma cadeira para se sentar. Nós o seguimos e fazemos o mesmo. — Só três funcionários estão no inquérito oficial. O que alega que não tinha ninguém nos quartos privativos na hora do crime; um da segurança, que disse que o acusado não foi revistado porque era membro ativo na boate; e o bartender, que confirmou que Benjamim tinha bebido muito aquela noite e que já tinha o visto usando drogas lá dentro.

— Não sabia que ele tinha afirmado que viu Ben usando drogas — Samuel comenta, surpreso, passando a mão no cabelo. — A essa altura, eu não confio em nada de informação que recebi no passado. Nem mesmo do advogado do Ben, que teve acesso aos autos durante o inquérito policial e nos repassou cada etapa. Minha única certeza é na inocência do meu amigo.

Observo o semblante sério dele ao mencionar sua incerteza e me lembro de ter falado antes sobre os detetives que contratou. Será que Samuel é desconfiado assim mesmo ou andou tendo motivo recentemente para isso?

— Se a gente tentar falar com essas testemunhas por fora, pode ser suspeito, *né?* — pondero, preocupada com a segurança do Alisson na delegacia.

— Sim, eu acho que não é o momento — meu irmão concorda, e olha para Samuel. — O cara que vendeu a arma era da capital e disse em depoimento que Benjamim tinha comprado há dois meses. Isso você sabia?

— Sim, desse sim! Fiquei cismado com esse cara e acompanhei o processo dele. Pegou a pena mais branda de quatro anos e saiu da cadeia pela progressão poucos meses depois. — Ele parece nervoso só de lembrar, é perceptível pelas feições que ficam duras e a boca em linha fina. — Tem dias que eu fico pensando no absurdo que é isso tudo, quão grande foi essa merda *pra* alguém mentir que Ben comprou uma arma e chegar a ir preso por isso.

— Como você mesmo disse, vai dar certo! — conforto-o, colocando a minha mão por cima da sua. — Três cabeças em busca de justiça são implacáveis.

Samuel acena me encarando e noto o brilho da esperança voltar ao seu olhar, substituindo a irritação. Sorrio e faço um carinho de leve nos seus dedos, antes de afastar o toque e a gente voltar a conversar sobre o que mais Alisson viu.

Eu tenho certeza de que, desta vez, iremos descobrir as respostas que tanto queremos.



Há uma aflição palpável no ar desde que Samuel e dona Creuza cruzaram a sala, voltando do médico, e me informaram sobre a data da cirurgia. Ele está tentando se mostrar forte por ela, e vice-versa, mas a preocupação é óbvia na cara dos dois.

— Vou tomar um banho e me deitar, estou cansada — a senhora afirma, disfarçando um sorriso no rosto, e se levanta do sofá onde nos sentamos para conversar. — Boa noite, meus amores.

— Boa noite, mãe! — Samuel fica de pé e deixa um beijo na bochecha dela.

— Boa noite, dona Creuza! Qualquer coisa, só me chamar — aviso, levantando-me também. — Quer algo *pra* comer antes de dormir?

— Não, querida, obrigada. Estou satisfeita.

Hoje a consulta foi no período noturno, eles saíram bem depois que eu tinha chegado e deu tempo de jantar. Apesar de o médico ter dito dias atrás sobre a viabilidade da cirurgia, agora a data foi realmente marcada e o nervosismo aumenta.

— Qual procedimento será feito? — pergunto, assim que a vejo virar o corredor.

Evitei tocar no assunto o restante da noite para não a deixar mais apreensiva. Falamos um pouco sobre as novidades do caso da Ayla e do Benjamim, depois sobre trivialidades.

— Gastrectomia subtotal. — A voz de Samuel está arrastada, cansada. — O médico disse que vai retirar o tumor e tentar preservar o máximo possível do estômago.

— A alimentação se torna mais fácil, se apenas uma parte do estômago é removida em vez de todo o órgão — comento, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Mesmo assim, será necessário cuidado redobrado com isso, a partir de agora.

— O médico falou de acompanhamento nutricional para o resto da vida, provavelmente usará sonda por um tempo também. — Suspira fundo e toco seu braço. Quando fica triste, tenho uma necessidade absurda de demonstrar de alguma forma que estou perto, que quero ajudar. — Sem contar quimio e radio, de novo, após o procedimento cirúrgico.

— É comum isso acontecer, ajuda na recuperação.

— Eu prometi que seria forte, que ficaria otimista, mas...

— Você está com medo, *né*?! — concluo a sua frase que ficou no ar.

— Estou apavorado, Agnes! — Ele coloca as duas mãos na cabeça e olha para o teto. — Os riscos da cirurgia ficam como letreiro na minha mente. O médico explicou que, às vezes, a situação está pior do que mostrado nos exames e é necessário tirar parte de outros órgãos próximos. Imagina se isso acontecer com minha mãe? Não posso perdê-la!

— Dona Creuza é forte, Samuel — conforto-o, subindo a mão do braço para seu rosto. — Eu acredito que Deus cuidará dela! Não se culpe por ter medo, é normal. Só não pode ser maior do que a esperança.

— Minha mãe acredita tanto em Deus, você também confia tanto n'Ele. Eu não consigo, muito menos depois do que aconteceu com o Ben.

— Você não consegue ou você nunca tentou? — sondo, fitando seus olhos verdes.

Ele não responde de imediato, parece pensar na pergunta.

— Acho que um pouco dos dois — responde, sincero. — Nem que eu quisesse tentar, não sei como me comunicar com Ele.

— Você me deixa tentar uma coisa? — questiono, e de novo Samuel pensa antes de dizer. A resposta vem tímida, com um aceno de cabeça. — Espere aí que eu já volto.

Corro no quarto que eu durmo e apanho a babá eletrônica, para escutar caso dona Creuza precise de mim, e o celular. Volto para a sala e puxo pelo braço um Samuel meio atônito, sem entender o que vamos fazer.

Assim que paro na porta do porão, ele dá um passo para trás, desconfiado.

— O que você vai fazer, Agnes?

— Confie em mim! — peço, e descemos juntos os degraus.

Ligo a luz e empurro um banquinho para ficar de frente para o armário que o violoncelo está guardado. Abro a porta e deixo o instrumento à mostra, sentando-me em seguida.

— Vem, senta aqui do meu lado.

— O que você vai fazer? — ele volta a questionar, parado. — Não sei se isso é uma boa ideia, não.

— Homem de pouca fé! — brinco, dando risada, e bato a mão na madeira, o chamando para me acompanhar. — Só tenta uma coisa aqui comigo, se não se sentir bem, a gente sobe no mesmo instante.

Percebo o receio em cada parte do seu corpo. Samuel não está confortável com minha proposta, mas eu senti tão forte a necessidade de vir aqui, que quero arriscar.

A contragosto, ele se senta e mantém um pouco de distância.

— Se você não consegue se conectar com Deus, talvez a música te ajude — afirmo, pegando o celular e procurando a versão instrumental de Ninguém explica Deus no Youtube.

Assim que as notas suaves do violoncelo começam, noto sua garganta se mexer e a mão direita apertar o pano da calça social. Canto a letra, observando sua reação.

Nada é igual ao Seu redor

Tudo se faz no Seu olhar

Todo o universo se formou no Seu falar

Teologia pra explicar ou big bang pra disfarçar

Pode alguém até duvidar sei que há um Deus a me guardar

Samuel está com os olhos cheios de lágrimas, o peito subindo e descendo. Estico minha mão e o incentivo a deitar a cabeça no meu colo. Sem receio desta vez, ele obedece e vem. Faço carinho no seu cabelo e continuo a canção.

E eu tão pequeno e frágil querendo Sua atenção

No silêncio encontro resposta certa então

Dono de toda ciência, sabedoria e poder

*Oh dá-me de beber da água da fonte da vida
Antes que o ar já houvesse Ele já era Deus
Se revelou ao seus do crente ao ateu
Ninguém explica Deus*

Vejo seu corpo se encolher, abraçando minha perna, e sinto lágrimas discretas molharem minha calça. Não paro de cantar, nem de acariciar seus fios macios.

Meu coração acelera ao constatar o poder incrível da música em nós. Ele pode não conseguir tocar, mas quando se permite ouvir, ela entra, avassaladora.

Deixo a melodia nos guiar e o choro também me tomar. É impossível controlar a emoção e a fé que preenche este momento.

Eu acredito com toda minha alma que vamos esclarecer o caso e que dona Creuza ficará bem.

CAPÍTULO 33

Samuel



Apesar de tudo que está acontecendo, há anos eu não me sentia tão leve. Depois que saí da casa da minha mãe, ontem, dormi como um anjo por exatas oito horas. Nem lembro quando isso aconteceu da última vez. Acordei bem-disposto e o dia fluiu sem o pessimismo querer me dominar com relação à cirurgia.

Confesso que fiquei receoso quando Agnes quis ir ao porão e, muito mais, quando a melodia começou a tocar no celular. Não fazia ideia de que seria um momento tão forte e genuíno.

Mesmo não dizendo uma palavra, vivenciei uma conexão verdadeira pela primeira vez. Foi diferente e bom. Realmente me deixei envolver e não tive vergonha de transparecer a emoção que veio desenfreada.

Não posso dizer que sou íntimo de Deus, porém, também não me sinto mais indiferente. Nasceu alguma coisa dentro de mim, que ainda não entendi.

Porra, essa espontaneidade dela tem me pegado de surpresa de um jeito positivo. Agnes sempre faz de tudo para que as outras pessoas se sintam bem. É uma qualidade admirável. E o melhor ainda é que não força a barra, respeita meus limites.

Estaciono o carro na loja de conveniência perto do escritório e desço correndo. Estou atrasado para nosso encontro, mas quero comprar uns petiscos antes. Notei que a enfermeira é viciada em doces e sempre devora os chocolates, enquanto investigamos.

Menos de cinco minutos depois, chego ao meu destino, cheio de sacolas. A parte ruim é que Alisson também chegou e nem vai dar tempo de

trocar uns beijos escondidos.

— Boa noite, gente! — cumprimento, fechando a porta e me dirigindo até eles na mesa. — Como temos muito trabalho pela frente, reabasteci as comidas.

— Você é um anjo enviado *pra* curar minha TPM. — Agnes fuça nas compras e abre um sorriso enorme. — Precisava muito de um chocolatinho.

— Cara, você salvou o dia — o irmão alfineta, batendo o ombro no dela. — Essa aí de TPM, ninguém aguenta.

Sorrio da interação deles e da morena, que nem se dá ao trabalho de responder, devorando a maior barra que eu trouxe.

Sento-me na cadeira e pego uma das folhas sulfites espalhadas na mesa com anotações para o mural da parede. Nela, está escrito “Mensagem sobre balinhas coloridas”.

— O que temos de novidade? — pergunto, arqueando a sobancelha.

— Verifiquei o laudo da toxicologia que mostra overdose de ecstasy no organismo do Benjamim — Alisson explica. — Dentre as mensagens que Ayla enviou aquela noite, menciona que ofereceram umas balinhas coloridas *pra* ela.

— O que será que isso significa? — pondero, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça. — Ben não usou por vontade própria, aposto nisso. Será que a pessoa que ofereceu *pra* ela foi o verdadeiro assassino e drogou meu amigo? Seria possível o drogar depois do crime?

— Tudo é possível! Se o assassino tiver contatos dentro da Polícia, pode conseguir adulterar provas e mostrar o que lhe convém.

Caralho, que confusão isso tudo! Parece até um filme de suspense, não a vida real.

— O ecstasy é uma droga estimulante, responsável por aumentar o funcionamento do sistema nervoso, causando estímulo, euforia e excitação — Alisson continua falando. — Pela alta quantidade encontrada no organismo, ele deveria estar em uma agitação extrema, com confusão mental e até perda de consciência. Conseguiria mirar tão bem a ponto de acertar o peito da minha irmã de primeira? Esse estado letárgico do corpo, pelo menos,

explicaria um possível empurrão da Ayla. Benjamim estaria vulnerável.

— Foi o que a policial me disse quando estive lá em casa, que a droga poderia deixá-lo mais leve. Estávamos discutindo a questão da diferença de peso entre os dois — Agnes expõe e o irmão a encara.

— Que policial foi lá em casa? Não sabia disso.

— A gente estava numa confusão, devo até ter esquecido de comentar. Uma mulher apareceu, poucos dias depois que prestamos o depoimento oficial na delegacia, querendo saber mais da Ayla, fez um monte de perguntas. Comentei das aulas de judô que tinha praticado e daí surgiu esse assunto.

Mesmo com a possibilidade, ainda não acho que o confronto foi com a garota. Ela podia estar assustada e tê-lo jogado na parede, porém, algo me diz que aquele golpe foi de homem. E um bem forte, pelo tamanho do impacto.

— Bom, embora haja boas informações do exame toxicológico, a maior pista de hoje foi na avaliação do relatório da balística. Achei estranho a arma usada no crime, é muito específica — Alisson conta e foco minha atenção nele. — Geralmente, se vende no mercado ilegal para civis o revólver 38, nacional.

— Não entendo nada de armas. Qual era a do Ben?

— A balística aponta que a arma usada foi uma pistola semiautomática Glock calibre 40. Ela é muito utilizada pela polícia em todo mundo, o modelo era o de última geração na época do crime. Por que Benjamim compraria algo tão sofisticado e importado? Não faz sentido.

— Pesquisei aqui antes de você chegar, os valores de uma dessa giram na casa de R\$5 mil — Agnes compartilha, com a boca cheia de chocolate, mexendo no celular. — Meu Deus, é muito caro!

— Dinheiro *pra* comprar, ele até teria, contudo, não havia motivo. — Pego uma garrafa de água da sacola de compras e bebo o líquido. — Um tempo antes do assassinato, Ben chegou a visitar o Clube de Tiro aqui da cidade, a convite de um empresário que havia nos contratado *pra* fazer um show na empresa dele. Meu amigo odiou cada minuto.

— A arma estava com a numeração raspada, vou procurar o caso do

cara que deu depoimento sobre a venda ilegal, *pra* entender direito como chegaram até ele tão rápido. — Alisson me encara, coçando a barba do queixo. — Estou achando muito suspeito essa merda.

— É surreal como tudo foi bem amarrado. — Bebo mais um gole da água, sentindo a boca seca com tanta interrogação para desvendar.

— Só faz a raiva aumentar e a vontade de justiça quase explodir dentro de mim. — Alisson suspira fundo, irritado, e fica quieto por alguns segundos. — Quero pegar a fita da gravação da imagem do corredor, *pra* gente avaliar com calma. Não vai ter como ver lá dentro da delegacia.

— Não, isso não! — A irmã se sobressalta, aumentando o tom de voz. — É muito perigoso e arriscado.

— Como o Samuel disse, não podemos confiar em nada que nos foi dito no passado. — Tenta convencê-la. — Nós tivemos acesso só ao que o delegado quis nos mostrar. Ele, ao que o advogado de defesa apresentou. Temos que olhar com atenção, fazer nossa própria análise.

— A gente tinha combinado no começo de tudo que faria as coisas com cautela, Alisson. — Sua voz está embargada. — Que você não iria se arriscar além do necessário. E se for pego? Se derem falta? A mãe não aguenta outra desgraça na nossa família. Você tem filhas, lembre-se disso!

— Calma! — Coloco minha mão em cima do braço de Agnes. Ela me encara com os olhos cheios de lágrimas. — Não vamos arriscar a segurança de ninguém. Também não concordo com isso.

— E se não fosse o dia inteiro? — Alisson propõe, insistente com sua ideia. — Eu poderia retirar a fita só por uma hora, no período de almoço. Samuel me encontra escondido e a gente faz uma cópia no carro mesmo.

Balanço a cabeça, ainda não achando um bom plano. Se alguém da delegacia desconfiar, pode ser preso por roubo de evidência.

— Por favor, pessoal! — implora, levantando-se. — Eu juro que tomo cuidado. Precisamos tentar.

— Se eu bem te conheço, teimoso como uma mula, vai fazer, a gente apoiando ou não. — Agnes encobre o rosto e abaixa a cabeça.

Ah, merda! Se ele é tão teimoso assim, é melhor garantir o mínimo de

segurança possível.

— Vou achar um imóvel disponível na imobiliária perto da delegacia e você vai *pra* lá na hora do seu almoço. Qualquer coisa, tem a desculpa de estar pesquisando casa *pra* alugar.

A enfermeira levanta a cabeça e me observa, suspirando fundo. Percebo que ainda não gosta da sugestão, porém, é melhor do que deixá-lo agir sozinho.

— Ótima ideia! — Alisson comemora, batendo palma. — Você consegue ver isso agora e já colocamos em prática, amanhã mesmo? Preciso aproveitar que estou com moral na delegacia, não vão suspeitar.

Aceno com a cabeça e pego o computador na minha bolsa para acessar o sistema da Mendonça. Agnes fica em silêncio ao meu lado. As lágrimas escorrendo dos seus olhos estão me deixando agoniado.

Assim que o irmão vai ao banheiro, viro-me na sua direção e coloco as duas mãos no seu rosto, obrigando-a me fitar.

— Cadê a minha garota otimista? — instigo baixinho, passando o polegar próximo aos seus olhos a fim de cessar o choro. — Vamos fazer isso juntos, *tá* bom? Será mais seguro do que deixar seu irmão agir sozinho.

— Eu sei... que... que é... — concorda, chorando mais.

— Não gosto de te ver assim. Quero o sorriso espontâneo! — Desço uma mão e faço cosquinha na sua barriga.

Agnes dá risada, fazendo meu peito relaxar, e os lábios corresponderem à sua reação. Ficamos quietos por um momento, observando um ao outro.

— Desculpa pela choradeira, estou mais sensível do que o normal por causa da TPM — declara, ajeitando o cabelo. — Só tenho medo de que algo de ruim aconteça.

— Eu entendo, também tenho. Vamos fazer o seguinte! — sugiro, tendo uma ideia. — Você consegue folga amanhã, no período da tarde?

— Consigo, tenho bastante hora na casa.

— Legal! Eu passo *pra* te pegar lá e vamos juntos encontrar com Alisson. Depois, voltamos *pra* cá e analisamos a cópia da gravação. Que tal?

Ficaria mais calma assim?

— Sim! — Ela sorri de novo. — Muito mais.

— Pronto, estamos combinados, então!

Afasto-me dela e volto a mexer no computador, antes que Alisson saia do banheiro e nos veja tão próximos.

— Obrigada, Samuel. — Agnes põe sua mão delicada em cima da minha no teclado.

— De nada. — Encaro-a brevemente, morrendo de vontade de beijar a sua boca. — É o mínimo que eu podia fazer depois de tudo que tem feito por mim.

As palavras saem com muita sinceridade. Sou mesmo muito grato por sua confiança, carinho e ajuda, desde que entrou na minha vida.

Os dias têm sido melhores — tanto para mim como para a minha mãe — com Agnes neles.

CAPÍTULO 34

Agnes



Ando de um lado para o outro, roendo as unhas sem parar. O som do sapato no chão reverbera pela casa vazia, devido ao eco. Não consigo ficar calma, mesmo com toda a precaução que tomamos.

Estou desesperada para Alisson chegar logo e voltar o quanto antes com aquela prova para a delegacia. Se... se algo... Balanço a cabeça, proibindo minha mente de ir por esse caminho. Tenho que ser positiva e acreditar que vai dar tudo certo.

Precisa dar.

— Está chegando, virou a esquina! — Samuel avisa, ofegante, de vigia na janela, e eu corro em sua direção.

Ele tentou me acalmar desde que me buscou no postinho, porém, eu sei que também está ansioso e com medo. É arriscado demais o que decidimos fazer.

Logo Alisson entra pela porta, apressado e pálido. Abraço-o, enquanto deixa a mochila no chão. As batidas do seu coração estão tão fortes quanto as minhas.

— Vamos fazer isso logo, gente — Samuel pede, e se aproxima com o computador.

Meu irmão se afasta de mim, um pouco trêmulo, e tira dois pares de luva de plástico da mochila. Qualquer cuidado é pouco para não deixar nossas digitais onde não deveriam estar. Em seguida, é a vez do CD com as imagens e meu peito se expande ainda mais.

Não falamos nada enquanto Samuel faz a cópia. São longos minutos em que a tensão é clara em cada partícula de ar da casa.

Todos nós estamos com as emoções afloradas, tentando fingir que não é perigoso.

— Pronto, está feito! — adverte, cortando o silêncio, e devolve o CD original. Noto sua mão também estremecida.

— Trouxe um lanche *pra* você comer depois que a adrenalina baixar. — Vou até a minha bolsa e retiro a sacola. — Também serve como desculpa, caso alguém note que voltou mais cedo do almoço. Diz que comprou *pra* comer lá.

Nessas horas, temos que pensar em cada possibilidade. Eu tive uma noite inteira sem sono para imaginar muitos cenários.

— Enquanto eu não souber que você está bem, não terei paz — continuo falando. — Assim que devolver a prova, me manda uma mensagem dizendo “Caren e Lorena estão bem”. Por favor!

— Pode deixar, eu aviso, sim. — Alisson guarda o CD na mochila e tira as luvas.

Samuel pega as dele e as suas e guarda no bolso da calça. Estamos precavidos até demais.

O medo faz essas coisas.

— A gente ia para o escritório, mas sugeri assistir lá em casa, porque podemos usar a televisão. É melhor do que ver no computador — ele explica ao meu irmão, retirando algo do paletó. — Anotei neste papel o endereço, quando você chegar, esperamos já ter encontrado alguma pista, se Deus quiser.

— Amém, eu espero que sim!

É o que todos nós esperamos do fundo do coração.



— Ele mandou a mensagem! — grito do banco do carona, pulando igual criança que acabou de receber presente. — Jesus, eu estava quase infartando.

— *Porra!* — Samuel pega minha mão e aperta, o sorriso estampado

no rosto. Sua atenção fica entre a estrada e eu. — Tinha um bolo me sufocando aqui na garganta.

Inspiro fundo três vezes seguidas, tentando controlar a respiração instável. Eu não estou sendo exagerada. Estava mesmo a ponto de infartar, se meu irmão não avisasse logo que deu tudo certo na devolução da prova.

Encaro Samuel dirigindo, ainda segurando sua mão, e não conseguimos parar de sorrir um para o outro. Agora que a tensão passou, a esperança de encontrar uma pista naquelas imagens se tornam intensas demais.

— Juro que subo rapidinho e, depois, vamos direto *pra* casa ver o vídeo. — Ele parece ler meus pensamentos.

Aceno com a cabeça e continuo o exercício de respiração para me acalmar. Logo que saímos, a secretária da imobiliária ligou, avisando que uns documentos tinham sido liberados e que precisava da assinatura dele com urgência.

— Tem lugar que vende comida lá perto? Posso comprar algo *pra* gente, o nervosismo está dando lugar à fome. Pensei no Alisson, e esqueci de nós.

— Tem uma senhora que vende marmita bem do lado. É gostoso.

— Samuel Mendonça come marmita? — provoco, fazendo careta.

— Claro que sim, ué! — Ele revira os olhos e sorri. — Quando estou com pressa, só pego lá.

Ficamos nesse clima leve, que faz meu coração errar uma batida, até o carro estacionar em frente à imobiliária.

Depois de brigar sobre quem ia pagar as marmitas, e o moreno de olhos verdes vencer na insistência, ele entra e eu vou atrás da responsável por matar minha fome. Distraída na fila, nem percebo alguém se aproximar.

— Agnes! — Olho para o lado e dou de cara com um José Paulo sorridente. — O que faz por aqui?

— Oi! Que surpresa. — Abraço e beijo o rosto do loiro, de repente nervosa se posso citar o nome de Samuel na conversa. Decido ser vaga na resposta. — Fiquei sabendo que a marmita aqui é boa.

— É a melhor da cidade! — garante, simpático como sempre. Percebo duas sacolas na sua mão, já foi atendido. — Vai viciar!

— Que bom que as referências são verdadeiras, estou morrendo de fome. — Tento ser casual, mas, na verdade, estou nervosa sem nem saber o motivo.

Desconfiar da nossa ligação por causa de Ayla e Benjamim é impossível. Porém, seria esquisito o funcionário da Mendonça me ver com o chefe, sendo que fui cliente da imobiliária. Acho que o moreno não ia gostar de se expor ao ponto de parecer que temos alguma coisa.

Chega a minha vez e faço o pedido para duas pessoas, sem coragem de fitar José Paulo, que continua do meu lado.

— Não te vi mais desde que assinou os documentos da venda do galpão — puxa assunto novamente, quando recebo uma senha para aguardar. — Como andam as coisas? Deu para pagar as dívidas que sua família estava preocupada?

— Deu sim, graças a Deus! — O alívio fica evidente nas minhas feições. — Minha mãe está radiante de alegria. E o melhor é que a venda trouxe algo incrível para a comunidade. Minhas sobrinhas estão amando participar.

Ficamos conversando sobre o projeto da Supremac até minha senha ser chamada. Em seguida, saímos juntos do pequeno estabelecimento, rindo de mim que não resistiu e comprou uma palha italiana para comer.

— Nunca vi comer a sobremesa antes do almoço. — José Paulo sorri ainda mais e estica o braço na direção do meu rosto. Só assimilo o que está fazendo ao notar seu polegar na lateral da minha boca. — Está sujo aqui de chocolate.

Afasto-me um pouco, sorrindo tímida, e termino de limpar a boca. Meus olhos vão para a calçada e avisto Samuel vindo em nossa direção. Tento mexer a cabeça, alertando que é o seu funcionário de costas, mas o homem está caminhando tão rápido que parece nem perceber.

— Tudo certo? — pergunta, assim que se aproxima.

Olho dele para José Paulo, tentando mais uma vez avisá-lo. O moreno encara o loiro e fixa sua íris verde em mim de novo. Ué, viu e continua me

fitando? O coração acelera sem pedir permissão, não fazendo ideia do que está acontecendo.

— Oi, Samuel. — É o funcionário que responde primeiro, todo animado. — Encontrei a Agnes por acaso aqui.

— Ela foi comprar comida *pra* gente. — Minha boca quase cai no chão quando anuncia, sem pestanejar.

Eu pensei que não ia nem querer ser visto comigo, que dirá deixar tão claro que vamos almoçar juntos em algum lugar. José Paulo fica sem graça e troca o peso da perna. Eu mal consigo respirar direito.

— Vamos, Agnes? — Estica a mão para pegar a minha e eu juro que perco os sentidos por alguns breves segundos.

Samuel nunca fez isso antes, por que agiria desta forma justo na frente de alguém que o conhece? Será que ficou com ciúme de ver o rapaz limpando minha boca?

Meu sangue dispara pela corrente sanguínea, desesperada em acreditar nessa hipótese. É a única resposta coerente para a situação. Meu Deus! Será?

Para não ficar mais estranho do que já está, aceito sua mão estendida e dou um aceno com a outra para José Paulo. Samuel pede desculpas, afirmando que estamos atrasados, e caminhamos em silêncio até o estacionamento da Mendonça.

Não tenho coragem de perguntar o que aconteceu e, pela respiração rápida do homem ao meu lado, nem ele saberia explicar.

Uma vez um carinho que estava saindo ficou possesso ao me ver abraçada com o Fê. Não conhecia meu amigo e chegou logo marcando território, todo cheio de toque.

Será que foi isso que se repetiu agora?

Se minha hipótese for verdadeira, quer dizer que não é tão imune como tenta transparecer. Pode ser que sinta alguma coisa.

Não consigo reprimir um sorriso discreto que nasce nos meus lábios ao imaginar essa possibilidade.

Continuo andando quieta até que uma discussão chama a minha

atenção. Sigo a voz alterada e vejo duas pessoas brigando.

— Não me ameace, *porra*! — O homem levanta a mão, como se fosse bater na mulher, e Samuel corre na direção deles.

— O que você pensa que está fazendo, Telso? — Apresso o passo atrás dele, nervosa com seu tom alterado.

— Sai daqui, Samuel! — o desconhecido vocifera e a menina abaixa a cabeça, chorando. — Não se meta na minha vida!

— Está tudo bem, Miriane? — Ele não dá atenção e toca o braço da garota, que se encolhe mais.

Pelo jeito, os três se conhecem. Devem ser da imobiliária.

— Tira a mão dela, moleque! — Telso dá um tapa em Samuel, me fazendo entrar na frente de ambos para evitar uma briga.

— Ei, gente! — falo alto, tentando acalmar os ânimos.

— Miriane, entra nesse carro e vai embora agora! — o homem ordena, bufando.

Assim que a mulher assustada levanta a cabeça, quem se espanta sou eu. Reconheço seu rosto. Sim... é ela! Pela falta de expressão quando seus olhos batem de relance nos meus, não se lembra de mim.

Assisto a cena dela entrando no veículo, Samuel querendo respostas e Telso o xingando, sem me mexer do lugar. A cabeça está fervilhando. Só saio da inércia quando o carro se vai e, mais uma vez, os dois quase saem no tapa.

— Você é um covarde do *caralho*! — Toco no braço de Samuel e o impeço de ir atrás do homem que começa a andar sem responder à sua fúria.

— Calma! — Puxo seu corpo na minha direção. — Respira fundo, daqui a pouco seus funcionários estão tudo aqui fora querendo saber o motivo da gritaria.

Ele me observa e parece se acalmar. Segue minha sugestão e faz o exercício de respiração.

— Meu pai me tira do sério. Um covarde, idiota, *porra*... que raiva!

— Ele é seu pai? — pergunto, assustada.

— Sim! E aquela menina é a namorada dele, foram os dois que enganaram a minha mãe.

Afasto-me e passo as duas mãos no cabelo, achando ainda mais estranho tudo. A mente começa a ficar clara, trazendo a certeza de que a conheço.

— O que foi, Agnes?

— Como é o nome da garota mesmo? — Esfrego o rosto, tentando achar lógica para a coincidência.

— Miriane. Por quê?

— Eu já a vi. — Suspiro, encarando-o. — Era modelo da agência da Ayla.

— Modelo? — É a sua vez de se assustar. — Mas não tinha esse nome na lista. Nem a foto dela na pesquisa da detetive.

Arqueio a sobancelha, pensando em como dizer o que se passa na minha cabeça. Samuel, que é muito esperto, percebe antes que eu abra a boca.

— Melissa Paes? — questiona, boquiaberto, e confirmo com um aceno.

— É ela! Logo que a menina levantou a cabeça, chorosa, eu me lembrei da nossa conversa, depois do assassinato, na agência.

— Meu pai e uma acompanhante de luxo. — Samuel olha para o céu, como se estivesse procurando forças. — Os dois são namorados há anos! Uma garota que desapareceu da face da terra, sem rastros. O que será que isso significa, Agnes?

— Não faço ideia — confesso, tão perdida como ele.

Algo dentro de mim alerta que não podemos acreditar ser apenas uma coincidência.

Tem alguma coisa por trás e nós precisamos descobrir.

CAPÍTULO 35

Samuel



Ajoelho no chão e pego meu computador na bolsa para conectá-lo à TV. Tento me concentrar na tarefa simples, porém, minha cabeça está agitada demais com os últimos acontecimentos para conseguir focar.

Porra!

O que será que significa Telso e Miriane? Nunca achei que havia sentimento ali da parte dela e agora tenho certeza. Está claro que a garota quer sair fora, mas está presa por algo.

O que poderia ser?

Preocupado como é com a imagem, o fato de não ter nada da Melissa Paes na rede deve ser obra do meu pai. Miriane não é um nome muito comercial. Provavelmente, foi orientada a assumir o artístico e, depois de se envolver com ele, deu um jeito de apagar rastros.

Como será que se conheceram? Melissa estava na boate com Ayla? Telso poderia estar lá também? Esfrego o rosto com uma das mãos e olho de novo para o computador. Esse monte de perguntas não vai me levar a lugar nenhum neste momento. Precisamos assimilar uma coisa de cada vez para não pirar.

— Prontinho, esquentei tudo. — Olho para trás e vejo Agnes se sentar, segurando dois pratos.

Ela deixa um na mesinha de centro, tira os sapatos com os próprios pés e logo cruza as pernas, aguardando-me terminar de arrumar a imagem para que possamos assistir à prova do assassinato.

Observo por um segundo sua postura espontânea no meu sofá, comendo com meus talheres, e fica impossível não lembrar a cena de ciúme

que eu dei.

Esfrego o rosto mais uma vez. Hoje está *foda*!

Não faço ideia do que se passou por minha cabeça, quando vi já estava na frente dos dois, querendo desesperadamente mostrar a José Paulo que Agnes estava comigo.

Lembro-me muito bem da cara de bobo dele falando sobre ela na época da venda do galpão. Aliás, foi o funcionário da Mendonça que me fez olhar de verdade para a enfermeira e enxergar como a morena é linda.

Nunca fui dessas reações exageradas, me arrependi da impulsividade logo que viramos as costas e começamos a caminhar em direção ao estacionamento.

Sei que não temos nada, e eu quero que continue sendo assim, casual. No entanto, também não gosto de pensar nela com outro cara.

Aqueles gemidos, a entrega, o oral delicioso...

Não. Definitivamente não quero pensar!

— Samuel?!

— Oi! — Levanto o olhar até o seu, que me encara, confusa.

— Você não escutou o que eu disse, *né*?!

— Desculpa, me distraí. — Com a sua boca carnuda no meu pau, penso, mas não verbalizo. — O que foi?

— A comida vai esfriar de novo. — Ela dá uma risadinha, parece saber exatamente das minhas lembranças inoportunas. Essa garota é uma perdição, *puta merda*. — Vem logo!

Afasto tudo que está anuviando meus pensamentos e termino de fazer a tarefa. Assim que a imagem do corredor da Mutley aparece na televisão, pego meu prato na mesinha e me sento no sofá. O móvel é pequeno, então, fica inevitável nossas peles não se tocarem.

Apesar da proximidade, nós dois mantemos foco total à nossa frente. A ideia era comer primeiro e depois assistir, porém, a curiosidade é tanta que ambos concordamos que não iríamos aguentar mais nenhum segundo de espera.

A cena que eu já sabia se repete na tela: corredor da área vip, Benjamim cambaleante, entrada em uma das portas, empurrão na parede e o tiro.

— É igualzinho ao que o advogado nos mostrou na época — constato, após finalizar a primeira visualização.

Fico um pouco decepcionado. Sei lá, no fundo esperava que na imagem original tivesse algo a mais, cenas extras que poderiam ajudar a provar a inocência de Ben.

— O delegado também mostrou *pra* nós. — Agnes suspira, comendo uma colherada do risoto que escolheu.

— Imaginou que tinha mais coisa, *né*?

— Sim — confessa, olhando na minha direção. — Será que vamos encontrar uma pista que tenha valido a pena todo o risco?

— Não sei. — Cutuco meu prato com o garfo. — Temos que esmiuçar cada frame e tentar ver além.

E é exatamente o que fazemos pelas próximas três horas. Analisamos com atenção todos os momentos apresentados na imagem.

Nada de novo que pode realmente nos ajudar aparece.

— Mais uma vez! — Agnes pede, cansada.

Inclino o corpo para rebobinar o vídeo e ela pega a caneca de café que eu fiz em algum momento da tarde. A essa hora já deixamos o sofá e estamos os dois sentados no chão mesmo, mais perto do computador.

— Para! Para! — Seu grito me assusta tanto, que mexo o braço de forma brusca e esbarro na caneca.

O café cai e mancha quase toda a parte da frente de sua blusa branca. Agnes parece nem se importar. Levanta-se, apressada, e fica em pé ao lado da televisão, os olhos fixos no frame congelado, mostrando Benjamim indo para o começo do corredor.

— Que susto, mulher! O que houve?

— Volta um pouquinho, devagar! — pede, ofegante, e aproxima o rosto da televisão.

Está quase entrando na tela.

Obedeço, mesmo sem entender sua reação, e controlo pelo computador a velocidade da imagem de trás para frente. Não consigo ver nada de diferente.

— Ah, meu Deus! — Agnes não sabe se grita, pula ou sorri. — Não acredito, a gente estava olhando para o lugar errado.

— O que aconteceu? — Levanto-me e fico ao seu lado, buscando enxergar seja lá o que viu.

Continuo não percebendo nada novo.

— Vou te mostrar, *perai*. — Ela vai para o computador e me deixa perto da televisão. — Presta atenção na porta, não nele andando. Foca na porta!

Agnes volta a imagem e, ao invés de dar atenção para o meu amigo, fico observando a porta que ele vai entrar, daqui uns 20 segundos.

— *Porra*, eu vi! — esbravejo, sentindo o coração acelerar tanto, que bate até na garganta. — Ah, *porra*! É uma sombra!

Corro até onde Agnes está e puxo o computador na minha direção para ampliar a imagem. Aumento o máximo que dá, sem desfocar o que já não é de boa qualidade. Claramente é possível visualizar uma sombra próxima à porta.

— A gente não tinha visto antes, porque a atenção sempre fica no Ben caminhando. É quase imperceptível pela rapidez que aparece e some, eu só reparei na hora que você estava rebobinando.

— Ainda não estou acreditando. — Passo a mão no rosto e olho para a figura congelada. — É um homem, veja o tamanho e a largura do corpo. Acho que isso é um boné.

Aponto para uma superfície reta próxima da cabeça e Agnes acena, concordando.

— É comum usar boné em boates chiques assim?

— Não sei. Nunca fui muito frequentador de baladas — afirmo, pensativo. — Pode ser alguém bem jovem e descolado, como também pode ser uma pessoa tentando passar despercebida na multidão. Para um

criminoso, quanto mais descrição, melhor.

Coloco a imagem para rodar e repetimos a cena mais algumas vezes para tentar captar outras nuances do desconhecido. Não aparecem novas sombras, porém, nada tira a alegria do nosso semblante.

— Os depoimentos afirmam que não tinha ninguém ocupando esse espaço na hora do crime, o inquérito também concluiu isso. Sabe o que essa imagem significa, Samuel? — Agnes questiona, tocando meu braço e sorrindo abertamente.

— Estamos mais perto de provar a inocência do Ben. — Sorrio também, colocando minha mão em cima da sua. — Mais perto de honrar a memória da Ayla.

— Graças a Deus, esse sacrifício todo de pegar a prova da delegacia não foi em vão! — Ela me puxa para um abraço, emocionada. — Estava morrendo de medo de não dar em nada e a gente continuar com teorias sem ter como embasar.

Abraço-a mais apertado, agradecido mais uma vez pela confiança que os irmãos depositaram na minha palavra. Nunca estive tão perto de mostrar que meu amigo não é um assassino. Jamais iria conseguir sem Agnes e Alisson.

Ficamos um tempo assim, até que me afasto e vejo que minha camisa social clara também ficou manchada de café pelo contato.

— Ai, me desculpa! — pede, passando a mão no pano repetidas vezes. — Eu fiquei tão empolgada que esqueci que tinha derrubado café na blusa.

— Calma, não tem problema. — Sorrio e seguro seu pulso. — Nada que um bicarbonato de sódio não resolva.

— Come marmita, sabe tirar mancha das roupas... — comenta, boquiaberta. — Você não é bem como eu imaginava.

— Tem muitas coisas sobre mim que você ainda não sabe. — Pisco, brincalhão, e dou um passo para trás, sem pensar demais neste “ainda” na frase. — Vem, vou te emprestar uma camisa minha. Rapidinho eu limpo e coloco na secadora. Antes de você sair, estará seca.

É dia de plantão com minha mãe. Eu sugeri chamar outra enfermeira para substituí-la, por causa de tudo que iria acontecer hoje, no entanto, Agnes não quis. Dona Creuza está apreensiva com a cirurgia e ela sabe como gosta de sua companhia.

Essas pequenas coisas só fazem minha admiração aumentar. À noite, ficaremos Alisson e eu tentando fechar mais pontas soltas dessa trama.

Sigo para meu quarto e pego duas camisas. Coloco uma no meu ombro, para vestir daqui a pouco, e entrego a outra para a morena parada na porta.

— O banheiro é logo ali. — Aponto para a sua direita e espero-a entrar e me entregar a peça pelo vão aberto.

Caminho até a pequena lavanderia ao lado da cozinha e resolvo o problema com água morna e bicarbonato de sódio. Zélia, a diarista da minha mãe que também vem aqui no apartamento, me ensinou uns bons truques nesses últimos anos.

Logo que volto para o corredor, devidamente vestido com a roupa limpa, escuto Agnes esbravejar sobre alguma coisa. Aproximo e encosto na porta para bater, mas não está trancada e se abre.

— Desculpa, acho que você não fechou direito. — Tento olhar para o seu rosto, contudo, fica impossível ao visualizá-la vestida apenas com a minha camiseta e as pernas de fora. — Algum... algum problema?

— É... — Ela parece perceber o ar ficar pesado no banheiro e aperta a calça nas mãos. — Eu fui limpar uma manchinha aqui na borda e acabei molhando demais. Vou vestir assim mes...

— Eu coloco na secadora — interrompo-a, e estico o braço para pegar.

Sem controle, meu olhar novamente percorre seu corpo. Tão linda, *porra!*

A intenção era realmente pegar a peça, porém, o gemido baixo que Agnes solta quando os dedos se tocam entra como um grande e sensual turbilhão pelos meus ouvidos. Jogo a calça na pia, em uma velocidade invejável, e a puxo pela cintura indo direto para seus lábios.

Enquanto a língua explora bem fundo sua boca, seguro-a pelas coxas e a empurro para cima. As pernas esguias logo se entrelaçam na minha cintura, tornando o clima bem mais quente.

Viro-a bruscamente contra a parede e forço meu quadril no seu centro, deixando-a sentir toda excitação que me causa. Em dúvida, se quero apertar a bunda ou os seios primeiro, decido um segundo depois soltar um tapa forte na pele macia do bumbum.

Ela se remexe e inclina o corpo para frente, permitindo escapar novos murmúrios. Enlouquecido com nossa química, aproveito a oportunidade e ataco os seios com leves mordidinhas por cima da blusa.

Agnes pega meu cabelo e direciona meu rosto para o seu, exigindo que nossos lábios voltem a se tocar. Não reclamo. Eu adoro o gosto da sua boca na minha. Passo a mão pela sua nuca e faço minha reivindicação.

Delicadeza é a última coisa que passa pela minha cabeça quando a ataco, igual a um animal sedento.

— *Caralho* de mulher gostosa! — elogio, quando a falta de ar nos obriga a se afastar. — Quero você na minha cama, Agnes.

Sem esperar ela responder, ajeito seu corpo no meu e dou poucos passos em direção ao quarto. Nessas horas, eu agradeço o apartamento pequeno. Jogo-a sobre a colcha arrumada e me deleito com os cachos esparrados pelo travesseiro, ao mesmo tempo que me desfazo da camiseta recém-vestida e dos sapatos.

Algo importante passa pela minha cabeça: é a primeira vez que vou transar com alguém nesta casa. Não deixo o pensamento se estender, tomado pelo tesão.

Que se *foda* isso. Um mero detalhe!

Encaixo minha perna entre as suas e me inclino, roçando a barba rala no seu rosto e pescoço. As mãos, ávidas pela sua pele, se infiltram por debaixo da blusa e brincam com a borda do sutiã.

É muito bom ser guiado pela intensidade da respiração de Agnes.

— Fizemos um ótimo trabalho, agora estamos com tempo e eu não tenho pressa — sussurro, mordiscando a orelha e apertando um dos seios.

Há dias tenho vontade de um momento mais demorado com ela. Sempre nos pegamos no escritório, ora preocupados com Alisson ora com a investigação.

Nada melhor do que um bom motivo para comemorar em grande estilo.

— Estou ansiosa por isso — declara, arfante. — Sou toda sua. Pode fazer o que quiser.

— O que eu quiser? — Levanto a cabeça para fitar seus olhos ansiosos. A adrenalina percorre meu sangue, sedento de desejo. — Qualquer coisa?

— Qualquer coisa. — Mordo os lábios pela forma sensual que a frase sai de sua boca.

— Ah, mulher. Você não devia ter dito isso.

Com o pau duro feito pedra, arranco a camiseta do seu corpo e a deixo de calcinha e sutiã. Um belo conjunto roxo que combina perfeitamente com o tom da sua pele. Desço o dedo indicador da altura do queixo até o umbigo, notando os pelos dos braços se ouriçarem durante o caminho percorrido.

Estampando um sorriso sacana nos lábios, viro seu corpo de bruços sem aviso prévio e empino a bunda. Esfrego a ereção ali, ainda de calça, só para me deleitar com o gritinho de susto e lascívia que Agnes solta.

— Oh... Samuel... Senhor!

Desço novamente o corpo no colchão e me inclino para roçar a barba nas costas. Alterno entre arranhar sua pele, morder e lambe. Como eu disse, não tenho pressa. Ponho o cabelo ondulado para o lado e exploro cada canto.

Ao chegar à altura do bumbum novamente, aliso o local com as duas mãos. Apalpo. Dou um tapa bem dado de cada lado e depois um beijinho para amenizar a vermelhidão.

Afasto a calcinha e passo a língua no buraquinho, adorando ver as mãos da morena agarrarem a colcha com força. Movido por seu tesão, enfio meu rosto nela e beijo com vontade seu cuzinho.

— Que rabo delicioso, *porra!* — esbravejo, dando outro tapa e a

virando de frente.

A visão do seu peito subindo e descendo, o cabelo bagunçado e a boca entreaberta quase me fazem perder a razão. Quero muito fodê-la, mas ainda é cedo.

Tiro sua calcinha pelas pernas, devagar, não desperdiçando a chance de tocar cada centímetro delas, e as arreganho o máximo que posso. Por antecipação, Agnes se contorce e toca meu cabelo.

Sorrio e me abaixo, dando atenção devida à sua boceta apetitosa. Exploro com a língua, os lábios e os dedos, aumentando a pressão todas as vezes que geme e empurra a minha cabeça mais para dentro.

Eu poderia ficar horas aqui sem cansar de sentir seu gosto, no entanto, percebo que está quase gozando e hoje quero a gente chegando ao ápice comigo dentro dela. Não vou descansar até se perder em mim, ejaculando, desnorteada.

Afasto-me a contragosto e deixo um beijo molhado na lateral das coxas. Agnes me puxa para cima e exige saborear sua excitação, novamente, oferecendo um embate selvagem. Sua unha arranha meu peito e minhas costas, fazendo o membro doer dentro da calça social que ainda não tirei.

Somos só suor, gemidos e respiração pesada.

Desabotoo seu sutiã com uma das mãos habilidosas e me dirijo para o cantinho que tanto aprecio. O cuidado é o mesmo que já tive com outras partes: chupar, apalpar, morder, beijar. Rápido e lento. Com força e fraco.

— Minha vez! — A morena me surpreende e rola meu corpo para o lado.

Senta-se com a bunda grande bem em cima do meu pau e começa a se esfregar nele, levando-me à loucura a acrescentar seu dedo atrevido junto.

Não acredito que vai se masturbar para mim.

— Você quer me matar, *puta que pariu!* — vocifero, rouco de tesão.

Agnes morde os lábios e sorri, continuando a tortura. Como se já não me deixasse suficientemente louco apenas por apreciá-la nua nessa posição.

Acariciando meu peito, ela abaixa e lambe a pele ao mesmo tempo que tira a calça. A mão vai para dentro da cueca e orchestra o que fazia nela,

até poucos minutos atrás.

Inspiro fundo, pegando uma mecha do seu cabelo e puxando para o lado. A reação a faz arrancar a última peça que me mantém vestido e abocanhar meu pau com vontade.

— Ah, *porra!* — Sem controle, seguro sua cabeça e ajudo nos movimentos. — Amo seu boquete. Vai, gostosa. Vai mais fundo!

Obediente, a morena engole tudo e me leva à loucura com o trabalho perfeito das suas mãos e lábios. Quase me entregando ao orgasmo, tiro-a dali e deixo um beijo rápido na sua boca, antes de posicioná-la de quatro.

Agora cheguei ao limite. Não aguento esperar. Estico o braço até a mesinha de cabeceira e apanho uma camisinha.

— É minha calcinha aí? — pergunta, animada, espiando o tecido que roubei guardado na gaveta.

Caralho de visão perfeita ela de costas com esses cachos soltos e a bunda empinada, observando-me com cara de safada. Terei muita imagem para trabalhar a partir de hoje.

— Oh, sim! — provoco, encapando meu pau. — Bato uma todo dia antes de dormir, me lembrando do seu cheiro.

O jeito que seus olhos brilham de excitação não tem preço. Fisgado neles, aperto sua bunda com as duas mãos e me enterro nela sem mais delongas. Nunca vou me acostumar em como a sua boceta é quente e úmida, uma tentação.

Preciso fazer uma força sobre-humana para não gozar de imediato. É tão bom. Estoco em um ritmo cadente. Aproveito para brincar com seu cuzinho, entrando e saindo com o dedo.

Os gemidos aumentam, o calor também.

Viro-a de lado e fodo com força, acariciando seus seios. Vejo suor escorrer da sua testa e se juntar ao meu. Sussurro sacanagens no seu ouvido, mordisco o ombro.

Estamos inebriados.

Antes de me entregar de vez ao ápice, coloco-a de costas na cama e fico por cima. Junto suas duas pernas para o alto e penetro o mais fundo que

consigo, tentando estimular o ponto G.

Uma. Duas. Dez. Não paro de estocar. Quando seus gemidos ficam sôfregos e minha visão turva, dou o golpe final.

— Vem por cima, linda. Cavalga invertido em mim.

Logo que se encaixa e começa o rebolado, uso meus dedos para masturbá-la e a força do meu quadril para ampliar os movimentos. As três coisas juntas conseguem o que eu tanto queria.

Sorrio ao sentir a pressão vindo com tudo no instante que seu grito se espalha pelo cômodo. Intensifico o trabalho dos dedos e o líquido jorra, fazendo a minha porra explodir feito granada na camisinha.

Ainda bem que é de tarde e o pessoal do prédio deve estar trabalhando. Com certeza, estamos fazendo inveja se alguém ouviu isso.

A adrenalina foi tão forte que as pernas da Agnes estão tremendo e noto espasmos na minha virilha.

— Uau! — Ela vira a cabeça para trás e respira fundo. — Foi o melhor sexo da minha vida.

— *Pra* mim também — afirmo, com sinceridade, e a ajudo sair.

Sento-me na cama e ficamos os dois de frente um para o outro, olhando e sorrindo como quem quer repetir a dose. Deve ter passado, no máximo, uma hora. Se ela não estiver dolorida, dá para aproveitar no banho, antes do Alisson chegar.

O coração acelera com a possibilidade e esvazio da minha mente qualquer preocupação que tenta alertar que isso está saindo do controle.

Há anos eu não esquecia o peso do passado e a incerteza do futuro. Se o presente é o melhor que eu tenho, que viva cada minuto como se fosse o último.

CAPÍTULO 36

Agnes



Dou um beijo na testa de dona Creuza e acaricio sua mão, oferecendo-lhe um sorriso emocionado. Antes que me veja chorando, afasto-me para o lado e permito que seu filho a abrace.

Samuel está fazendo um esforço enorme para também reprimir as lágrimas. Já o conheço o suficiente para perceber que, quando evita olhar nos olhos, é sinal de uma bagunça interior.

— Vocês precisam sair agora, por favor — a enfermeira alerta, aproximando-se de nós três. — Vamos arrumá-la e avisamos na recepção, assim que for levada para o centro cirúrgico.

O temido dia chegou! Depois de semanas de quimio e radioterapia, ela finalmente poderá fazer a cirurgia. Não quero nem tocar neste assunto com Samuel, mas rezei muito para que as coisas transcorram sem surpresas.

É uma operação complexa demais.

— Eu te amo, mãe! — Ele engole em seco e a abraça mais apertado. — Vai dar tudo certo, tá bom?!

— Se Deus quiser, meu amor! — dona Creuza o conforta, afagando seu rosto, e me fita. — Cuida dele *pra* mim, tá? Daqui a pouco o abençoado sofre um infarto de nervoso.

— Eu cuido, sim. — Sorrio e seco rapidamente uma lágrima que escorre. — Deus te abençoe, dona Creuza.

— Amém, querida!

Como se quisesse nos apressar, a enfermeira entra na nossa frente com sutileza e começa a mexer na maca. Puxo Samuel pelo braço e entrelaço nossos dedos para tirá-lo do quarto.

Ele não se afasta, aceita minha mão. O gesto não tinha nenhuma segunda intenção, foi apenas uma reação espontânea, mas o sorriso cúmplice que recebo da mulher que aprendi a amar acelera meu coração.

Dona Creuza queria ver o filho feliz de novo. Será que estou conseguindo isso?

Nossa intimidade cresceu muito, e não digo só no sexo. Samuel sorri mais, brinca mais, conversa sem receio, está leve. Sinto que fica bem com a minha presença, mesmo em meio a toda bagunça que nos metemos.

Não consigo esquecer o poder da nossa química na sua cama, semana passada, foi uma comemoração e tanto. Todo dia revivo cada toque e palavra que me disse, seu olhar cheio de malícia.

Ai! Respiro fundo e aperto sua mão com mais força, enquanto caminhamos pelo longo corredor de paredes brancas.

Há uma grande chance de o meu sentimento estar me cegando também, alimentando algo que não irá acontecer. Eu me envolvi demais, e é um caminho sem volta. Estou aproveitando loucamente todos nossos momentos, contudo, se for sincera, meu coração está morrendo de medo de sofrer.

Samuel pode curtir e jamais querer sair desse status. Até quando o casual será suficiente para mim?

Assim que chegamos à sala ampla e cheia de cadeiras enfileiradas, o celular dele toca e nosso contato é desfeito. Sinto falta da sua pele instantaneamente. É um vício ficar pertinho.

— É a Ana — ele avisa, olhando para a tela. — *Peraí*, que já volto.

Vejo-o se distanciar para atender e me sento em uma das cadeiras mais afastadas, onde está vazio. Depois da descoberta que fizemos sobre a modelo ser a namorada do seu pai, Samuel me contou que abriu uma investigação na Mendonça, para averiguar fraude imobiliária.

Fiquei chocada com tudo que a detetive já levantou, inclusive, com imagens de assinatura de um contrato vendendo casa superfaturada. Boa pessoa o tal Telso não é, basta saber se está envolvido, de alguma forma, no assassinato da Ayla. Minha intuição gritou ainda mais para não acreditar ser uma coincidência ter visto Melissa Paes aquele dia.

Fizemos um espaço especial para o casal na nossa parede de investigação do escritório. Uma incógnita enorme que não estamos conseguindo desvendar por enquanto. Com a constatação da sombra no vídeo do crime, também abrimos outras frentes de pistas que necessitam de atenção.

Alisson está procurando os casos da pessoa que supostamente vendeu a arma e do preso que matou Ben na briga. É fundamental entender como tudo se amarra para descobrir quem armou e colocou a culpa no violoncelista.

É uma pena não ter mais nenhuma imagem da boate naquela noite. Nem da chegada de ambos para sabermos com quem estavam, nem da minha irmã indo para a tal ala privativa. Na época, o delegado explicou que o proprietário do estabelecimento mantém acessos restritos aos clientes que não querem se expor.

Uma palhaçada, assim nem adianta ter câmera de segurança, então.

— Acredita que o Afonso está abrindo a terceira empresa no nome do pai doente? — Samuel volta e conta, incrédulo, sentando-se ao meu lado. — Ana acha que estavam com pressa na finalização da venda porque precisavam do dinheiro *pra* isso.

— Nossa! Por que será esse bando de empresa diferente, uma atrás da outra?

— Não sabemos ainda. — Passa a mão no cabelo e guarda o celular no bolso. Seu rosto está vermelho, é nítido a raiva que sente sobre isso. — Como não conseguiu informações de lucro, a hacker vai levantar os contratos públicos que as empresas assinaram desde a abertura. Isso é fácil achar nos sites de órgãos governamentais, só dá um pouco de trabalho. Vamos tentar estimar se rende tanto assim, tentar entender essa merda.

— Calma! — Acaricio seu braço, confortando-o. — “Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”. Depois pensamos nisso, vamos focar na sua mãe agora.

Ele sorri de lado, concordando com um aceno de cabeça, e o meu coração dá uma pulsada mais forte. Não importa que não saiba que é uma passagem bíblica, o que minha mente acaba de guardar na memória é a raiva se esvaindo e o brilho no olhar aparecendo.

— Samuel! — Uma outra enfermeira aparece à nossa frente, chamando nossa atenção. Levantamo-nos prontamente, ansiosos. — Vocês já podem ir para a sala de espera da cirurgia. A operação vai começar em instantes.

Nos entreolhamos, tentando transmitir esperança um ao outro.

— Vai ficar tudo bem — sussurro, implorando a Deus para que essa frase de concretize.



Quatro horas e meia.

Está demorando demais, meu Pai! Esse procedimento dura em média três horas. Deve ter acontecido algum imprevisto. *Por favor, não permita que nada de ruim aconteça com dona Creuza.* Ela é uma mulher tão boa e generosa. Ainda tem muito para fazer aqui na terra.

Observo Samuel caminhar de um lado para o outro na sala menor e mais aconchegante, com a mão ora no cabelo, ora esfregando a perna, e o aperto no meu peito se intensifica. Já fiz de tudo para tentar acalmá-lo, nada adiantou.

Agoniada ao vê-lo enfim parar, mas logo em seguida encostar a cabeça na janela e ficar batendo os dedos no vidro, levanto-me e posiciono-me ao seu lado. Puxo seu rosto para o meu ombro e pego sua mão. Ficamos ambos encarando o sol bonito que faz lá fora neste sábado quente.

Por um breve momento, ele não se mexe. Os raios luminosos me fazem lembrar de uma música linda chamada “Hear me now”. A melodia animada sai da minha boca baixinho, antes que eu possa pensar se é uma boa ideia. Só tem mais um casal aqui conosco, reclusos no seu silêncio do outro lado do cômodo. Canto uma pequena parte que parece perfeita para nos inspirar durante essa espera interminável:

*All the lights will guide the way
Todas as luzes irão guiar o caminho*

*If you get to hear me now
Se você me ouvir agora*

*All the fears will fade away
Todos os medos vão desaparecer*

*If you get to hear me now
Se você me ouvir agora*

— Continua, por favor — ele pede, sem me encarar. A voz parece saudosa. — Ben e eu já tocamos essa com Alok, em um festival. O homem quase chorou quando conheceu pessoalmente o DJ, era fã.

Sorrio ao ouvir a confissão, emendando o restante da letra. Sem que a gente se dê conta, a conversa flui em pedidos de música que Benjamim gostava. Canto quatro, ainda na janela, na mesma posição e no mesmo tom baixinho — somente para o homem que conquistou meu coração ouvir.

A ideia foi uma distração muito bem-vinda para acalmar os nervos. A única que pareceu realmente funcionar!

Só nos deslocamos do lugar ao notar barulho na porta e avistar o médico entrando. Samuel se afasta, apressado, e corre na direção do homem, que está sério demais para o meu gosto.

— Ela está bem? Ocorreu tudo bem? Por favor, me conte! — implora, aflito.

— Sua mãe teve um sangramento intenso durante a cirurgia, tivemos que fazer transfusões para mantê-la viva — o médico explica, e Samuel coloca a mão na boca, não contendo as lágrimas. Entrelaço nossos dedos, atenta a cada palavra. — Também tivemos alguns imprevistos com relação ao tumor. Precisei tirar mais do que gostaria do estômago.

Fecho os olhos, inspirando fundo. Droga, o que eu temia aconteceu.

— Mas minha mãe vai ficar bem, doutor? — A pergunta sai sussurrada, o timbre trêmulo pela emoção.

— Ela está estável agora, se recuperando da cirurgia. Vamos acompanhar de perto todas as reações ao procedimento no pós-operatório.

O médico esclarece mais alguns pontos e informa que dona Creuza só poderá receber a visita dele mais tarde. Sabendo que não temos mais nada a fazer no momento, a não ser aguardar, sugiro que a gente vá à cantina comer alguma coisa.

Mal tomamos água, de tão impacientes, desde que chegamos aqui.

— Não estou com fome.

— Mas precisa colocar alguma coisa no estômago, prometi à sua mãe que cuidaria de você e não quero ninguém desmaiando, não. — Puxo seu braço e o direciono para a saída da sala de espera. — Um suco, pelo menos, vamos! Precisa estar bem quando puder vê-la. Confie, estar estável é um ótimo sinal.

Como se estar perto dela fosse um combustível, Samuel muda a postura e concorda em ir comigo. Sorrio, orgulhosa dele e admirada mais uma vez pelo carinho tão grande que tem com sua mãe.

Caminhamos sem as mãos dadas desta vez, porém, bem pertinho um do outro pelos corredores. O silêncio entre nós é reconfortante, de alívio e expectativa que a recuperação será boa.

— Um suco de laranja e dois mistos quentes, por favor — pede, assim que encostamos no balcão da cantina e olha na minha direção. — O que você vai querer?

— Isso aí, gostei de ver! — provoco, batendo com meu ombro no seu.

— Melhor comer antes que a babá brigue, *né?!* — ele rebate, sorrindo, e tenho uma vontade enorme de agarrá-lo aqui mesmo e mostrar que tipo de babá gostaria de ser.

— Não vou responder à altura, porque estamos em público. — Samuel morde a boca e balança a cabeça. Fito a garçonete, que observa nossa interação, se divertindo. — Quero um suco de laranja e um bolo de chocolate, por favor.

— De TPM ainda?

Estamos em um clima tão amistoso que qualquer um poderia achar que somos um casal.

— Não, mas chocolate nunca é demais. É melhor não me provocar que desconto em você no mês que vem, hein?

— Não está mais aqui quem falou! — Ergue os braços, na defensiva.

Viramos para nos sentar em uma das mesas, sorrindo da brincadeira, quando sem querer Samuel esbarra em uma moça que está chegando. Ele

levanta a cabeça para se desculpar e acompanho, como se fosse em câmera lenta, seus lábios congelarem.

A loira bonita também congela no lugar, parece atônita com a imagem que vê à sua frente. Olho para os dois, estáticos, e uma sensação poderosa de medo me toma.

— Isa... Isabela? — É ele quem toma coragem de questionar, longos segundos depois.

— S.a.m.u.e.l. — A resposta vem quase soletrada, de tão nervosa que aparenta estar.

Meu sexto sentido na hora constata que, pela reação de ambos, essa só pode ser a ex-noiva. Engulo em seco, obrigando meu cérebro a parar de encará-los. Parece errado querer esmiuçá-la até achar defeito na mulher, ou mesmo fazer parte desse reencontro.

Será que Samuel ainda gosta dela?

O ciúme vem com tudo ao imaginar a pergunta, queimando minha pele. Com casualidade, eu poderia até aprender a lidar, no entanto, essa outra realidade é sufocante demais para o meu coração.

CAPÍTULO 37

Samuel



Isabela.

Mal posso acreditar que ela está parada na minha frente, depois de tanto tempo. Um misto de sentimentos invade meu peito, sem que eu tenha controle. Carinho, mágoa e tristeza interagem, bagunçando as lembranças.

É estranho demais rever alguém que foi importante na sua vida, de repente. A surpresa te deixa sem reação.

— Co... como você está?

— Estou bem. — Decido ser sucinto. — E você?

— Bem.

Nem a pessoa mais inocente do mundo acreditaria na falta de convicção da sua resposta. Com o silêncio que se forma depois do diálogo rápido e formal demais para quem se conhece há anos, a loira desvia o olhar do meu e repara em Agnes.

Faço o mesmo, saindo da inércia que parece ter congelado a cena.

Sua cabeça levemente abaixada, como se não quisesse participar desse momento, me deixa desconfortável. Ah, droga, com certeza percebeu a tensão palpável no ar.

Passo a mão no cabelo e volto a observar Isabela, sem saber como sair dessa situação. De imediato, o choque foi só por reconhecê-la, não tinha prestado atenção direito. Assusto-me ao constatar que a loira deve ter perdido, facilmente, uns oito quilos. O corpo está magro demais e há olheiras fundas no rosto que denota cansaço.

O que será que veio fazer na cidade? Ainda mais em um hospital?

Meu olhar desce para a sua mão e reparo que cutuca a pele do pulso sem parar. Tem até uma ferida ali. Arqueio a sobancelha e ela percebe que eu vi. Na mesma hora, esconde o braço atrás do corpo e troca o peso das pernas.

— Fo... foi bom te ver. — Isabela mexe a cabeça e me fita de relance.
— Preciso ir agora, estou atrasada. Tchau.

Sem esperar uma resposta, ela vira as costas e sai apressada de perto de nós. Diria até que fugindo de algo.

— O lanche de vocês! — A garçonete se aproxima com uma bandeja.

Sento-me na cadeira, atordoado, tanto pela cena que acabou de acontecer como pela confusão que enxergo no semblante de Agnes. A garota sorridente que estava cantando para me acalmar sumiu e ficou uma acuada, que mal consegue me encarar.

Será que está com ciúme como senti quando a vi com José Paulo?

Meu peito se comprime, sentindo a tensão do dia pesar. Sei que não devo nenhuma satisfação, porém, algo dentro de mim quer quebrar esse clima pesado e voltar à nossa leveza.

— A gente... — Limpo a garganta, observando-a. — A gente se conhece há um bom tempo. Isabela...

— Foi sua noiva. — Não é uma pergunta, ela sabe.

Mexo o corpo na cadeira, concordando com um aceno.

— Sua mãe comentou um dia comigo, que você tinha sido noivo — ela explica, parece arrependida de ter me interrompido e chegado à conclusão primeiro. — Pelo choque de ambos ao se encontrarem, logo notei de quem se tratava.

Droga! Por que nós dois estamos tendo ciúme um do outro? Por que estamos tão incomodados com essa situação?

Era para ser simples, Samuel! Tem que ser simples.

Engulo em seco e ficamos quietos, fingindo prestar atenção na comida.

— Você ainda a ama? — A pergunta quase sussurrada me pega

totalmente desprevenido. — Por isso não se envolve com outras pessoas?

Cogito fingir que não ouvi, mas fica impossível quando Agnes captura meu olhar e me observa com tanta intensidade.

— Eu a conheci quando era um adolescente, vivemos muita coisa juntos. É complicado.

— Não respondeu minha pergunta — insiste.

Eu não sei o que dizer.

Amei Isabela no instante que a vi naquela sala da igreja tocando violoncelo. O sentimento só cresceu com o passar dos anos, se tornando avassalador.

Teria vivido uma vida inteira com ela, com certeza, se o destino não nos pregasse uma peça. Mas será que neste momento ainda a amo ou ficou só uma lembrança de tudo que passou?

— Deixa eu reformular. — Agnes balança a cabeça, ansiosa. — Você pretende se permitir amar de novo um dia?

Esfrego as mãos na calça, notando suor se acumular na palma. Será que ela gostaria que a gente tivesse algo mais sério? A morena nunca tocou nesse assunto antes. A possibilidade faz meu coração acelerar e não compreendo o motivo.

Preciso ser sincero, não posso criar expectativas. Muito menos, com alguém que aprendi a admirar tanto.

— É... — Inspiro fundo, tocando a têmpora. — Ela foi meu primeiro amor e nunca quis tentar de novo. Até porque sempre acreditei que esse tipo de sentimento só aparece uma vez na nossa vida.

— Entendi.

A tristeza no olhar dela está me matando. *Porra!* Não era para essa conversa estar acontecendo, não era para Isabela ter aparecido do nada, fazendo essa confusão.

— Agnes...

— Não precisa falar mais nada, me desculpa ter tocado no assunto. — Ela volta a encarar o prato, cortando nosso contato visual. — Estamos aqui

por causa da sua mãe, eu nem deveria ter colocado mais coisa na sua cabeça. Desculpa, mesmo!

— Você não tem nada *pra* se desculpar.

Na dúvida do que dizer, me limito a apenas isso.

O silêncio se impera novamente por fora, no entanto, por dentro meu corpo se agita, tentando compreender tudo que aconteceu nesta lanchonete em poucos minutos.



Pego o copo de suco da mão da minha mãe e ajeito o travesseiro para que se sintam mais confortáveis na cama. Ela recebeu alta hospitalar hoje e, graças a Deus, tem se recuperado bem da cirurgia, apesar das complicações na operação.

Claro, existem as dores e reações já previstas, porém, dona Creuza está sendo dura na queda. Meu orgulho! Nem tenho como expressar em palavras o alívio que senti quando sorriu para mim, na primeira visita.

De todas as perdas que já tive, se acontecesse algo com minha mãe, com toda certeza, seria a pior e mais devastadora. Eu não iria aguentar.

— O que houve entre você e a Agnes? — questiona, segurando minha mão. — Já perguntei a ela e disse que não aconteceu nada. Estou achando muito tristonha.

— Nem sei como falar.

A morena tenta disfarçar, focando no trabalho, mas não funciona. Ela está triste! Isso tem acabado comigo. Agnes é tão animada e divertida, sempre, não combina com tristeza.

Depois da conversa na lanchonete, sábado passado, não tocamos mais no assunto sobre relacionamentos. Passamos a semana acompanhando dona Creuza no hospital. Nem chegamos a ir ao escritório falar da investigação esses dias.

Ela tem se preocupado como se minha mãe fosse de sua família, indo visitá-la em turnos que nem são os seus. Seu gesto de carinho significa muito para nós dois.

— Conversar é bom — dona Creuza instiga. — Só deixa sair.

É bom mesmo. Nessas horas, sinto ainda mais falta do Ben. Meu amigo me entendia como ninguém, percebia coisas que nem eu mesmo enxergava.

— No dia que você fez a cirurgia, a gente esbarrou com a Isabela na lanchonete — confesso.

— Isabela? — confirma, assustada. — A Isa?

— Sim. — Inspiro fundo e me sento na cadeira que coloquei ao lado da cama, mais cedo. — Ficou um clima estranho entre nós e Agnes percebeu. Ela comentou que você tinha contado que fui noivo. Me perguntou se eu a amava, se eu me permitiria amar de novo.

— Me desculpe ter me metido, meu filho. É que... Ah... — Minha mãe interrompe a frase e fica olhando para mim, por um tempo. Parece preocupada e angustiada. — Como você está se sentindo com isso?

A pergunta de um milhão de reais! Não faço ideia, tudo está uma bagunça.

— Não sei. — Esfrego o rosto e foco a atenção no chão.

— Está tudo bem você não saber, meu amor. — Ela toca meu cabelo, fazendo cafuné. — É normal a gente ficar confuso às vezes, com sentimentos conflituosos. Porém, eu acho que você precisa encará-los quando se sentir pronto, não os jogar *pra* debaixo do tapete. Enfrentar a dor é necessário para se libertar dela.

Aceno com a cabeça e ficamos um tempo em silêncio. Dona Creuza, me acariciando, e eu pensando nas suas palavras. Quando percebo que está ficando tarde e ela precisa descansar, deixo um beijo na sua cabeça e peço para tentar dormir um pouco. A volta para casa foi exaustiva.

Com o copo do suco na mão, sigo para a cozinha e sinto um cheiro gostoso de comida no ar. Há panelas em cima do fogão e Agnes está lavando a louça. Aproximo-me, sem fazer barulho, e a morena dá um pulo quando toco na sua cintura.

Eu percebi que evita me tocar e ser tocada, desde a nossa conversa na lanchonete.

— Você me assustou. — O sorriso no seu rosto não me convence, a tristeza ainda está ali. — Achei que pudesse estar com fome e fiz uma coisinha *pra* você jantar, antes de ir *pra* sua casa.

— Obrigado, não precisava.

Ela está sempre preocupada com os outros, é impossível não se encantar com seu jeito de ser. Pego o prato que oferece na minha mão e encaro seu rosto bonito. Sem me controlar, estico o braço e passo o polegar na sua bochecha.

A pele dela é tão macia. Estou com saudade desse contato.

— Samuel, eu preciso falar uma coisa com você. — Delicadamente, Agnes coloca a sua mão por cima da minha e afasta o toque. — Eu quis esperar sua mãe melhorar primeiro, ela era a nossa prioridade, porém, agora acho que está na hora.

— O que foi? — Estico o corpo, preocupado com a seriedade que vejo no seu semblante.

— É... — Ela também ajeita a postura e noto sua garganta engolir em seco. — Olha, o que eu vou dizer é só *pra* deixar as coisas claras. Ficar guardando *pra* mim não está me fazendo bem. Não espero que me fale nada, só preciso desabafar.

— Certo — comento, ansioso pelo teor da conversa.

— Fui eu quem sugeri que a gente deixasse rolar a química entre nós e foi muito bom tudo que fizemos até aqui. Só que não podemos mais levar isso adiante. — Meu peito se agita quando solta a frase.

Eu não quero parar, ainda. Não mesmo!

— Agnes, eu...

— Deixa eu terminar, por favor — pede, levantando a mão no ar, e eu me silencio. — Eu nunca tive vergonha dos meus sentimentos e não será agora que eu terei, Samuel. A gente precisa parar, porque eu me apaixonei por você.

Ela se apaixonou por mim? Como assim?

Arregalo os olhos e passo a mão suada na calça. O coração acelera ainda mais, sinto um nó na garganta.

Isso é... isso não...

— O que eu sinto, jamais vai atrapalhar o carinho que tenho por sua mãe, muito menos, nossa investigação. Eu quero continuar no meu trabalho, enquanto vocês precisarem de mim, e vamos descobrir quem matou a Ayla e incriminou o Ben. — Como se já não estivessem agitadas o suficiente, as batidas aumentam, retumbando por dentro. — Porém esses toques, nossos beijos, nos... Não podemos mais fazer isso porque eu tenho que ser leal a mim primeiro. Entende?

Balanço a cabeça, sem voz para abrir a boca no momento.

— Eu não vou mentir dizendo que fui inocente. Sabia das suas reservas e sabia que a atração, que tive desde a primeira vez, estava crescendo rápido demais. Alimentei o sentimento dentro de mim. Eu pensei que, com o tempo, você podia se permitir. Contudo, no dia que te vi com a Isabela, eu percebi que não é algo tão simples. — Agnes fala tudo com tanta sinceridade, que me surpreendo novamente em como uma mulher de apenas 22 anos pode ser tão madura. É bem mais do que eu, com 30! — Se você me desse alguma esperança real, eu não teria medo de me arriscar. Mas sua resposta só prova que não quer se permitir mais nada. Quero algo recíproco na minha vida, mereço isso.

— Claro que merece! — Estico a mão, involuntariamente procurando sua pele, mas paro antes de tocá-la. — Eu não queria te magoar, eu juro. Me desculpe.

— Eu sei que não. A culpa não é sua nem de ninguém. Não controlamos o que temos aqui. — Ela aponta para o coração e me oferece um sorriso.

Esse é de verdade, e aquece o meu peito agitado. Sorrio de volta, uma reação espontânea ao seu.

— Já renunciei à música para não preocupar a minha mãe e me arrependo dessa decisão. Deixar de ser você mesmo por outra pessoa nunca deveria ser o certo — continua falando e o orgulho por ela só aumenta. — Estou apaixonada, sim, porém, amor próprio foi algo que aprendi desde criança. Espero que entenda e nada fique estranho entre nós.

— Eu entendo! Da minha parte, também não ficará. Prezo muito pela

ligação que construímos.

Eu não queria parar com nossa casualidade tão cedo, mas ela está certa. O problema é que resisti a deixar rolar e sinto que será difícil me desprender.

“Estou apaixonada por você.”

A sua voz rouca volta ao meu cérebro, novamente atíçando o coração. Eu não devia sentir essa adrenalina tão forte dentro de mim ao ouvir isso. Faz tanto tempo que não escuto essas palavras. É bom.

“Eu te amo.”

Assusto-me com o pensamento e foco no prato que estou segurando, para não precisar encarar Agnes. A sensação boa vai embora e volta a confusão.

Merda! Por que essa declaração de Isabela tinha que aparecer bem agora?

Sigo até o fogão e pego meu jantar. A enfermeira está certa: não merece migalhas.

Eu não posso magoá-la com minha carência. Jamais faria isso.

CAPÍTULO 38

Agnes



É engraçado o abismo enorme que existe entre você fazer o que é certo e ficar bem. Não me arrependo de nenhuma palavra que disse ao Samuel, porém, não significa que está sendo fácil ou que o sentimento vai evaporar de uma hora para a outra porque fui corajosa.

Longe disso.

Dói constatar que não terei mais seus beijos, seu toque e seu olhar intenso tentando me desvendar. Coisas pequenas que passei a torcer muito para acontecer. Dói saber também que eu nunca vou ouvir um “eu te amo”, nem que faremos programas simples de casal, como ficar de boqueira, assistindo a TV em casa.

Eu queria muito tudo isso. Queria, de verdade, até presenciar a tensão entre ele e a ex. Depois das suas respostas, eu soube que era a hora de tirar o time de campo. Ainda há coisas mal resolvidas ali que não o permitem ser livre.

Talvez se encarar o problema, Samuel se resolva interiormente. Ou talvez eles se acertem. Há ainda a possibilidade que prefira ficar exatamente como está. Em quaisquer das hipóteses, é uma escolha que não cabe a mim.

O que me cabe é decidir que não é saudável estar no meio disso.

“Você não pode deixar o bofe escapar.”

“Mostre pra outra que você é melhor do que ela.”

Eu amo o Fê e a Vanessa, mas tive que recusar o conselho dos meus amigos durante a semana que dona Creuza estava em recuperação. Não que façam por maldade, esse tipo de palpite está muito enraizado na sociedade. Acham que amar é imposição e insistência, um jogo de quem é melhor ou

pior, quando é justamente o contrário.

Aceitar metade de alguém pode ser o caminho mais fácil e que traz menos dor a curto prazo, contudo, a longo prazo o estrago é feio. Afeta o que temos de mais importante na vida: nossa identidade.

Se eu pudesse voltar ao passado, não mudaria o fato de que decidi ouvir meu coração mesmo diante das probabilidades. Ter coragem de viver é uma qualidade imensurável e não sou daquelas que fogem. As minhas lembranças ninguém nunca vai tirar.

Valeu a pena e ponto final.

Termino de secar a última louça do escorredor e guardo no armário. Samuel foi embora há cerca de uma hora e eu fiquei aqui enrolando na cozinha, enquanto dona Creuza descansa. Ela é outra que precisarei conversar. Espero que não fique chateada pela minha decisão.

Sem nada para fazer, desligo todas as luzes da casa e decido velar o sono dela no quarto, até a hora da próxima leva de medicamentos. Coloco o celular para despertar e me sento no sofá ao fundo do cômodo, tentando desacelerar a mente um pouco. Distraio-me observando o céu estrelado pela janela aberta.

— Um doce por seus pensamentos. — A sua voz brincalhona me assusta e eu quase caio do sofá de tão compenetrada que estava.

Olho para a tela do celular e vejo que se passaram quase quarenta minutos e eu nem reparei.

— Está se sentindo bem? — Aproximo-me da cama e a ajudo a se sentar. — Quer uma água?

A recuperação será dolorosa e demorada depois dos problemas que aconteceram na cirurgia. Dona Creuza está sendo muito forte.

— Não, querida. Só quero que você venha aqui. — Ela aponta para o espaço vazio do outro lado da cama, batendo a mão na colcha.

Dou a volta pelo móvel e tiro meu sapato para conseguir sentar onde deseja. Assim que chego perto, a senhora simpática passa os dedos pelo meu rosto e me oferece um sorriso verdadeiro.

— Obrigada. — Noto emoção nos seus olhos brilhando. — Por tudo.

Por cuidar de mim, pela companhia, por acreditar na inocência do Benjamim e, principalmente, por fazer meu filho ficar mais leve. Significa muito, muito mesmo, Agnes.

— A senhora não tem que agradecer nada. — Coloco minha mão por cima da sua, devolvendo o sorriso. — Tudo que eu fiz foi de coração. Estou muito feliz de conhecê-los, de poder ajudar a inocentar o Ben.

— Samuel me contou o que houve na lanchonete do hospital. — Dona Creuza abaixa a cabeça por um instante, tristonha. — Já pedi desculpa *pra* ele por ter me metido, e quero pedir a você também. Eu fui longe demais, não deveria ter incentivado, sabendo o que sei. É que você é tão incrível, forte e boa. Sinto que meu filho fica diferente na sua presença. Eu queria muito que desse certo. Perdoe essa mãe egoísta.

Até parece que eu iria ficar chateada ou colocaria a culpa nela pelo que aconteceu. Ninguém, absolutamente ninguém, precisa se desculpar por nada.

— Eu fiz exatamente o que eu queria e foi incrível. — Ajeito as pernas e me sento na posição de índio, para conseguir ver bem seu rosto. — Levei no casual, mesmo sabendo dos meus sentimentos, porque, naquele momento, essa decisão não me machucava. Eu tinha esperanças, estávamos nos conhecendo. A partir do momento que eu percebi o peso do passado no seu presente, meu coração me barrou. Eu só recuei agora, pois o próximo passo não depende de mim. Já mostrei quem eu sou, nos demos muito bem, mas será que seu filho está pronto para um novo amor, um dia? Samuel precisa descobrir sozinho a resposta dessa pergunta.

— Sim! Comentei exatamente isso com ele. — Dona Creuza levanta um pouco o corpo, para ficar mais sentada na cama. — Precisa confrontar sua dor, se perguntar o que quer de verdade. Sinto que meu menino vive em uma espécie de fotografia. Congelou no tempo, prefere se afogar em memórias do que encarar o movimento natural da vida.

— Imagino que seja muito doloroso ter que lidar com tantas perdas ao mesmo tempo — afirmo, sincera. — Só que também não posso ser injusta com os meus sentimentos. Não posso alimentar um amor sem reciprocidade.

— Você está certíssima, Agnes! — Uma lágrima escorre do seu rosto

e ela rapidamente seca, como se não quisesse chorar por esse motivo. — Quem dera eu tivesse amor próprio quando estava casada com Telso. Teria poupado muito sofrimento, teria sido realmente feliz ao invés de empurrar um dia após o outro, esperando sua mudança que nunca vinha.

Fico com o coração apertado ao ver a mágoa tão nítida nos seus olhos. É exatamente isso que não quero que aconteça comigo no futuro. Claro que não estou comparando o filho maravilhoso que criou com o traste do ex-marido. Minha preocupação é a essência da relação, ele saber o que quer.

— Quando insistimos em mudar uma pessoa, mesmo que seja com as melhores das intenções, nos perdemos no caminho. Não podemos fazer pelo outro o que só cabe a ele.

— Independente de qualquer coisa, da minha vida você não sai mais, viu?! — Ela afasta a tristeza do semblante e volta a sorrir. — És uma raridade, menina! Sua mãe deve ter um orgulho enorme de quem se tornou.

Sorrio também, agradecida pelo elogio, mas a menção à minha mãe traz à tona um outro assunto que tem me rodeado nesses dias reflexivos.

Será que dona Cilene entenderia se tivéssemos uma conversa sincera sobre quem eu quero me tornar de verdade? Já tentei puxar esse assunto com ela, no entanto, nunca pareceu ser o momento certo.

Talvez tudo isso seja um sinal de que chegou a hora de encarar esse problema e ouvir meu coração, mais uma vez.

É impossível negar o poder da música em mim.



Saio do postinho, conversando com dona Marinalva, sobre a promessa que fiz de visitar o projeto que ela coordena. Toda vez que a senhora franzina vem verificar a diabetes e me vê, puxa minha orelha pela demora em conhecê-lo.

— Tem sido corrido *pra* mim, por causa do trabalho extra que peguei de enfermeira — explico, caminhando pela lateral da calçada até o bicicletário. — Mal tenho parado em casa.

— Imagino sua correria, mas assim que puder, não se esqueça de dar

uma passadinha lá. — A mulher ajeita a armação dos óculos no rosto e passa a mão no tecido colorido do vestido longo. — No último encontro, discutimos sobre oligarquias com base no livro “A política”, de Aristóteles. Ficamos mais de três horas em debate.

— Que legal! Oligarquia é quando o poder está concentrado em um grupo limitado de pessoas que governam em benefício próprio, *né?*

— Isso mesmo — confirma, batendo palmas. — *Tá vendo?! É uma menina inteligente. Ia dar show no grupo.*

— Eu juro, *juradinho*, que eu vou. — Cruzo os dedos na frente da boca.

— Espero que eu ainda esteja viva até lá! — a senhora alfineta, brincalhona, e eu caio na gargalhada.

— Credo, dona Marinalva! — Paro em frente à minha bicicleta rosa e abro o cadeado, guardando a mochila na cestinha. — Desse jeito, fico com peso na consciência.

— Velha não tem o que fazer e gosta de encher o saco dos outros. — Ela deixa um beijo no meu rosto e um tapinha no meu braço, toda risonha. — Fica com Deus, filha. Tenho que ir, senão eu perco a novela das seis, que *tá* muito boa.

— Amém! Boa novela.

Dona Marinalva mal espera eu me despedir e começa a caminhar o mais rápido que consegue com suas perninhas pequenas. Sorrio de novo, ela é uma figura! Pelo menos, nossa conversa me distraiu um pouco. Por mais que eu queira ser forte, o rompimento com Samuel ainda é muito recente e é impossível não pensar nele.

Subo na bicicleta e pedalo em direção à rua que fica no caminho de casa. Pretendo conversar com minha mãe antes de ir para o escritório. Decidi que é mesmo a hora de falar o que sinto em relação à música.

Ao passar em frente à igreja, vejo padre Juracir sair na porta. Levanto a mão para acenar, mas paro no instante que o percebo acompanhado por uma loira, que automaticamente eu reconheço.

Isabela.

De onde será que os dois se conhecem? Lembro que dona Creuza me disse uma vez que o filho é apaixonado desde a adolescência. Talvez ela também participasse das aulas de violoncelo.

Aquele dia eu evitei ficar observando a mulher, no entanto, hoje não consigo deixar de reparar. A loira é muito bonita. Avisto-a passando a mão no cabelo comprido e um flash passa pela minha cabeça, antes que eu decida ir embora de vez.

Esse movimento rápido... Eu me lembro... Não é possível!

Estreito os olhos e foco minha atenção, mesmo à distância, nos seus traços delicados. Será que é ela mesmo? Se for, quer dizer que...

Curiosa ao extremo, apresso a pedalada e decido deixar a conversa com minha mãe para amanhã. Sigo a rota do escritório, onde Samuel já avisou, na hora do almoço, que chegaria mais cedo para uma reunião com a detetive que está na cidade. A essa altura, deve ter terminado.

Meia hora depois, quando paro na frente do prédio e guardo a bicicleta, tenho várias teorias fervilhando na cabeça. Abro a porta e encontro Samuel debruçado na mesa com um monte de folhas espalhadas para todo lado. Pelo jeito, a reunião com Ana rendeu.

— Oi! Chegou cedo. — Ele tenta disfarçar, no entanto, noto seu olhar varrendo meu corpo. — Veio direto do postinho?

Afasto para as profundezas do meu cérebro a faísca que se acendeu por reparar na forma que eu me visto e o horário que costumo chegar.

— Oi! — Na hora que eu decidi vir direto para cá, movida pela curiosidade, não pensei em como seria estranho puxar assunto sobre a ex. — É... eu vim... Lembra que eu comentei esses dias que uma policial foi lá em casa, depois dos depoimentos oficiais, *pra* perguntar da Ayla?

— Lembro, sim. — Samuel coloca a folha que estava na sua mão na mesa e levanta, se aproximando.

— A Isabela era policial? — pergunto de uma vez.

O homem à minha frente parece ficar tão chocado, que para de andar e me observa, confuso. Depois de um minuto de silêncio, balança levemente a cabeça e volta a me fitar.

— Sim — responde, passando a mão na calça social. — Ela chegou a atender o caso, na noite do crime, porém, logo foi afastada pelo grau de relacionamento com o detido.

— Eu a vi hoje de novo com o padre Juracir, quando estava saindo do postinho, e reconheci pelo jeito que passou a mão no cabelo. Aquele dia da lanchonete... — Limpo a garganta, preferindo não entrar em detalhes. Samuel percebe e olha para a minha boca. Finjo que não reparei. — Enfim, era ela, sim. Não sei se tem alguma relevância para o caso, mas na época, eu lembro que estava muito empenhada em descobrir algo que poderia ter passado despercebido. Fez várias perguntas.

— Nunca soube dessa visita. — Ele parece realmente surpreso. — Não sei o que significa. Isabela não acreditava na inocência do Ben.

Duas das teorias que pensei mais cedo estão certas:

1. O motivo de Samuel perder o amigo e a noiva na mesma época tem a ver com o crime.

2. A policial não deveria ter ido em casa, se tinha envolvimento com o suspeito.

Respiro fundo e me sento na cadeira, fingindo prestar atenção nos papéis em cima da mesa. Se eu for sincera, vim correndo dar essa informação mais por vontade de compreender um pouco da história deles do que pelo caso.

Não devia ter feito isso. Esfrego a mão no rosto e pego uma das folhas.

— A detetive descobriu algo novo da imobiliária? — puxo assunto, querendo quebrar o silêncio que se formou na sala.

— Sim. Terminaram o levantamento das licitações. — Samuel se senta também e noto que o semblante continua confuso. Deve estar tentando digerir o que eu disse. — Ela descobriu que as duas empresas juntas participaram de 65 licitações em todo estado nesse tempo de funcionamento.

— Ganharam quantas? — Observo as informações contidas na folha que está na minha mão. — Qual valor dos contratos?

— Ganharam 13, somando R\$3.300.000 ao todo de contrato.

— Caramba! Isso, fora o dinheiro das empresas privadas que não temos acesso.

— Exatamente. É um negócio muito lucrativo, contudo, é necessário um capital enorme *pra* movimentá-las, porque são novas no mercado. — A respiração forte dele mostra que está cada vez mais decepcionado com as descobertas. — Ana acha que só a fraude imobiliária não ia dar conta de arcar com esses custos. Devem ter mais negócios escusos.

— Meu Deus!

Penso em colocar a mão no seu ombro para mostrar apoio, no entanto, desisto antes mesmo de mexê-la do lugar. Tenho que me acostumar logo.

— Estou esperando o pior do Telso *pra* tudo, é difícil digerir que uma pessoa assim é meu pai.

— Eu sinto muito, Samuel.

Para não cair na tentação de tocá-lo, a fim de amenizar a tristeza dos seus olhos, começo a vasculhar os arquivos das licitações até Alisson chegar. Algo chama a minha atenção na lista dos participantes para compra de EPI hospitalar: há cinco empresas que sempre estão em todas.

Uma ideia passa por minha cabeça ao me lembrar da conversa com dona Marinalva, agora há pouco. Será?

— Pensei em uma coisa aqui, quero ver se é viagem minha. — Aponto para o computador ao seu lado. — Pesquisa aí, por favor, quem ganhou essa licitação que a empresa do Afonso perdeu.

Mostro o papel para ele verificar e o moreno de olhos verdes confirma minha suspeita. Peço para ver mais sete e todas batem.

— Não acredito nisso! — afirmo, boquiaberta. — Está óbvio demais para ser coincidência.

— O que houve? O que está óbvio?

— Têm cinco empresas que sempre aparecem em todas as licitações. Até aí, tudo bem, poderia ser algo normal. Só que eu me lembrei de uma conversa que tive mais cedo com uma paciente sobre oligarquias, pequenos grupos controlando o sistema. — Apanho uma caneta da mesa e começo a escrever na lista das concorrências perdidas quem venceu. — O problema é

que estão alternando quem ganha. Olha isso! Cada hora é uma, sempre entre elas.

— *Porra!* — Atônito, Samuel pega o papel da minha mão e verifica mais de perto. — Isso é cartel! Faz muito sentido. Como as compras estão espalhadas pelo estado, passa batido. Nem a Ana reparou, estava focada no valor ganho.

— Vamos olhar se acontece com a de uniformes também — sugiro, procurando na mesa o arquivo.

Para nosso desespero, a mesma lógica se valida para a outra empresa aberta no nome do funcionário da Mendonça. Passo a mão no rosto e Samuel se levanta, andando de um lado para o outro.

— Meu pai deve participar de uma grande rede de empresários que está fraudando licitações. — Ele me encara, mas não consigo manter por muito tempo o olhar intenso. — Obrigado, Agnes. Você está sempre me ajudando, me surpreendendo. Nem tenho mais como agradecê-la.

— Fico feliz em poder ajudar. — A voz não sai tão firme como eu gostaria.

Fitando a mesa, tento disfarçar como meu coração acelera de repente. Droga!

Conviver com Samuel, nesta nova realidade, será mais difícil do que eu imaginava.

CAPÍTULO 39

Samuel



Meus olhos não conseguem se desviar do movimento que o peito da Agnes faz, para cima e para baixo, por causa da respiração acelerada. Ela está cabisbaixa, fingindo prestar atenção em algo na mesa para não me encarar.

Esfrego o rosto com as duas mãos e me obrigo a andar até a parede. Também vou simular para que meu coração volte ao normal e pare de retumbar no peito.

Tenho uma incógnita enorme na cabeça questionando por que Isabela não me contou que foi à casa dos familiares da Ayla e outra tentando entender como meu pai entrou em um cartel. Nenhum desses problemas, entretanto, está sendo maior que a vontade de me aproximar da morena. É quase insuportável o desejo de só tocar na sua pele.

Não posso fazer nada para magoá-la. Não posso!

Há uma química inegável e muito forte entre nós. Assim como um respeito mútuo e uma admiração que só deixa as emoções mais afloradas. Agnes é tão linda. Engraçada. Boa. Inteligente.

Porra! Eu nunca ia reparar na ligação das empresas se não fosse por ela. Nunca chegaria tão perto de descobrir o verdadeiro culpado do assassinato se não fosse por ela.

— Boa noite, pessoal! — Alisson cumprimenta da porta, entrando sem muito ânimo. — Tenho más notícias.

O policial caminha até a mesa e Agnes e eu ficamos em alerta, espantando para longe qualquer tensão existente entre nós.

— O que aconteceu agora? — pergunto, afoito.

— Vou ficar cinco dias sem poder mexer na arrumação do arquivo e

ainda não encontrei os casos do detento e do vendedor de armas. — Ele joga a mochila no chão e se senta, passando a mão no cabelo. — No feriado, vai ter inauguração de uma unidade da Delegacia da Mulher e a *porra* do governador vem *pra* fazer média. Por consequência, o delegado também quer fazer média e entraremos em uma força-tarefa *pra* melhorar nossos números. Todo departamento estará focado em maquiar a realidade.

— É temporário, logo você volta a procurar — a irmã incentiva.

— Queria resolver de uma vez — esbraveja, irritado. — É frustrante *pra caralho* não sair do lugar.

— Calma, nós vamos conseguir! — encorajo-o, dando um tapa nas suas costas. — Ficamos quatro anos no escuro e em poucas semanas temos várias pistas. Estamos indo muito bem.

— Estamos mesmo! — Agnes me fita de relance e encara o irmão. — Temos a prova de que havia alguém no quarto, Alisson. Quer melhor do que isso? Respira fundo e faz o que o delegado quer sem levantar suspeitas. Daqui cinco dias você procura de novo.

— Vocês estão certos! — O homem joga a cabeça para trás e respira pausadamente. — Vou me concentrar.

— Enquanto isso, damos nosso melhor aqui. Estou cismado demais com a Miriane, acredito que podemos focar nela esses dias — sugiro, olhando para o lugar onde está seu nome na parede.

— Meu sexto sentido também está com um pé atrás — Agnes compartilha, levantando-se. — A gente podia tentar descobrir o que ela faz e segui-la sem levantar suspeitas. Como é namorada do seu pai, não acho que é uma boa ideia tentar conversar, como fizemos com as outras modelos.

— Não é mesmo, não confio em nenhum dos dois. A Patrícia, recepcionista da Mendonça, sabe da agenda social dele. É tão babaca, que vive explorando a mulher para além das suas funções. Vou ver o que descubro.

Embora Telso ande ríspido com a namorada, e eu não concorde com isso, Miriane continua com minha antipatia. Não acho que seja inocente nessa história.



Estaciono o carro na entrada do cemitério e saio apressado em direção aos túmulos. Essa noite eu tive de novo aquele sonho esquisito em que Agnes aparece cantando e todo mundo some. Só que dessa vez, meu amigo estava diferente. Ben parecia desesperado para falar comigo e aquilo me fez acordar suando frio.

Não consegui ir para a imobiliária sem passar aqui primeiro. Preciso pelo menos tocar sua lápide e sentir de alguma forma que ele está bem.

Atravesso a área extensa e, logo que viro a esquina onde fica sua sepultura, paro de repente ao notar uma pessoa se levantando do chão. Não preciso de muitos segundos para reconhecer de quem é o cabelo loiro.

O que será que ela está fazendo na cidade até hoje?

Nos últimos anos, não nos encontramos nenhuma vez. Um dia sua mãe me confidenciou, mesmo que eu não quisesse alimentar nada sobre nós, que a filha não vinha mais aqui porque não aguentava a dor das lembranças.

Por que justo agora?

Lembro-me da conversa com Agnes ontem, sobre a sua visita para saber mais informações da Ayla, e antes que eu pense demais, já estou ao seu lado.

— Isabela — digo, para anunciar minha chegada.

Ela se vira, assustada, e não tem tempo para enxugar as lágrimas que escorrem pelo seu rosto magro. Fico incomodado pela tristeza evidente, mas ao contrário daquele dia na lanchonete, desta vez não sou tomado por uma enxurrada de memórias.

Na verdade, pareço meio anestesiado. Algo dentro de mim está distante. Sei lá.

— Samuel... Hã... Oi! — Ela ajeita a postura e novamente a observo cutucando o pulso. É uma espécie de tique. — Me... me... desculpa por estar aqui. Eu não devia ter vindo.

— Você não precisa pedir desculpa por visitar o túmulo de alguém que foi seu amigo.

Acho que a frase saiu mais séria do que eu pretendia pela reação alarmada do seu rosto.

— Eu... eu... — A loira olha para a pedra de mármore marfim e seca uma nova lágrima. — É melhor eu ir embora, não quero atrapalhar.

— Espere aí! — Seguro seu braço, antes que se vire, e o toque causa formigamento na minha mão. Não é uma sensação boa como antes. Afasto-me no mesmo instante e decido ser direto. — Por que você foi na casa da Ayla, depois de ter sido afastada do caso, e nunca me contou?

Silêncio. Isabela fica parada na minha frente sem se mexer, como se calculasse se quer falar disso ou não.

— Por que você foi lá? — insisto, diante da sua falta de retorno.

Ela respira fundo e cutuca novamente o pulso que está vermelho. Esse tique acende um alerta na minha mente, no entanto, afasto a preocupação para o lado.

Agora preciso de respostas.

— Estava tentando... — sussurra a resposta, emocionada. — Eu procurei evidências pra confrontar, como você queria, Samuel. Eu juro que tentei, mas...

— Como assim?

— Não adiantou nada. Só arrumei mais provas contra ele. — Isabela abraça o corpo, trêmula. — Primeiro, foi o bartender. O homem nem tinha sido interrogado ainda e, ao procurá-lo para saber o quanto Ben bebeu aquela noite, acabou se tornando testemunha oficial para confirmar uso de álcool e drogas. Não desisti de imediato. Descobri que Ayla fez judô por anos e poderia ter empurrado alguém grogue. Falei até com o instrutor dela nas aulas, a menina era forte. Isso confirmou a tese da polícia. Por fim, desconfiei de a arma do crime ser muito cara e sofisticada para um civil, cavei até chegar a uma visita do Benjamim no Clube de Tiro da cidade.

— E qual o problema da visita? — Passo a mão no cabelo, atordoado com a avalanche de informações. Pensei que nunca tinha tentado descobrir a verdade. — Ele foi nesse Clube a convite de um empresário que fizemos show. Ben odiou, chegou falando que foi uma bosta.

— Você estava presente? — pergunta, cabisbaixa.

— Não... eu não...

— Ele brigou com o instrutor, Samuel. — Respira fundo, parece cansada da conversa, cansada de tudo. — Disseram que ficou fissurado com a aula teste, se exaltou. A polícia chegou à conclusão de que a compra daquela arma sofisticada foi por isso. Ele gostou da adrenalina.

— O quê? Não! Isso é mentira.

Como o verdadeiro assassino conseguiu reunir tanta gente para corroborar sua mentira? *Filho da puta!*

A vontade que dá é ir atrás de cada testemunha e obrigá-la a falar a verdade na base da força. Contudo, não posso deixar a raiva me dominar. Só vai servir para alertar o culpado e acabar de vez com as chances de provar a inocência do meu amigo.

— O dono do Clube confirmou que Ben estava proibido de entrar lá por causa da briga. — As lágrimas vencem e voltam a cair do seu rosto. — Não te contei, porque não queria criar expectativas e voltar para a estaca zero. Depois dessa, eu desisti. Se já não bastassem as provas oficiais, tinham três novas tentativas fracassadas que só pioravam tudo. O delegado descobriu que eu estava investigando por fora, mesmo proibida por causa da aproximação com o suspeito. Sorte que compreendeu, me deu uma segunda chance. Eu arrisquei minha carreira, recém-iniciada, *pra* tentar arrancar a dor que você estava sentindo.

— Por mim? — questiono, alarmado. — Eu nunca quis que arriscasse nada, Isabela. *Porra*, eu só queria que você acreditasse no nosso amigo!

De todas as coisas que aconteceram, o fato de ela não confiar na índole do Ben é a que mais me dói. Esperava que não tivesse um milésimo de dúvida, independente de provas, do seu trabalho... Mas é como minha mãe sempre diz: cada pessoa é diferente da outra.

Não tenho como cobrar uma atitude com base no que eu acho certo.

— Essas brigas de novo... — Isabela intensifica a cutucada na pele, chorando sem parar. Noto que está com dificuldade de respirar, agoniada. — Eu não posso mais fazer isso... dói muito...

A reação escancarada do seu corpo é como um soco no meu estômago. Pela primeira vez, em todo esse tempo, me dou conta que não deve ter sido fácil para ela também.

Eu nunca tinha visto a dor tão escancarada nos seus olhos. Ou talvez eu não quisesse ver, cego pela minha própria dor.

Sem esperar que eu fale algo, ela sai correndo no meio dos túmulos. Enfio as duas mãos entre os fios do meu cabelo e os puxo com força, andando em círculos em volta da lápide.

Meu coração está acelerado, a pele transpirando frio, as pernas trêmulas. Nem sei dizer o que estou sentindo. Um turbilhão de todos os problemas que tenho enfrentado resolve submergir de uma vez.

Assassinato. Morte. Separação. Telso. Saúde da minha mãe. Detetive. Investigação clandestina. Fraude imobiliária. Cartel. Cirurgia. Volta da Isabela. Agnes.

Escorrego o corpo até o chão, encostando a cabeça no mármore gelado. Inspiro e expiro, buscando ar para me acalmar.

É muita coisa acontecendo. Muita informação para uma pessoa só.

— Virou uma bagunça, Ben — sussurro, deixando uma lágrima escapar. — Por mais que tenha gente ao meu lado, me sinto sozinho.

O bolo na garganta está tão grande que resolvo desabafar, na esperança de que ele possa me ouvir de onde quer que esteja. Começo a contar baixinho tudo que está sufocando minha mente. Cada descoberta e receio.

Imploro que fale comigo de alguma forma, que me diga como colocar a vida nos eixos, mas é claro que a resposta não vem.

Meu melhor amigo está morto.

A constatação óbvia traz um aperto no meu coração e o choro reprimido se transforma em um soluço abafado. Passo os dedos pelo relevo do seu nome, buscando forças na única coisa que me sobrou dele.

— Tudo vai se resolver. — Fecho os olhos e repito para mim mesmo a frase. — Tem que ter uma resposta *pra* tudo isso. Não é, amigo?

Assim que abro os olhos de novo, levo um susto enorme ao ver um

pássaro marrom parado no topo da lápide. Ele é pequeno e bonito, com uma pelugem alaranjada no peito.

Pisco para ter certeza de que não é uma alucinação e sou arrebatado pelo som incrível que sai do seu bico. Engulo em seco, notando todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Nem que eu fosse capaz, saberia descrever à altura a beleza do canto flautado do animal.

— Obrigado por me permitir isso, Deus! — agradeço, emocionado, inclinando o corpo até a grama. Agarro o mato como se pudesse abraçá-lo. — É você aqui, de alguma forma, Ben. Eu sei que é.

Depois de um momento contemplando o som e sentindo a presença de Benjamim, levanto a cabeça para o céu e abro um sorriso ao observar as nuvens brancas darem lugar à imensidão azul. Neste exato momento, eu entendo sua resposta às minhas perguntas.

Tenho que me desprender de mim e ouvir o meu coração.

CAPÍTULO 40

Agnes



Olho meu reflexo no espelho mais uma vez e seco a mão suada no vestido. Mesmo decidida, tenho inventando desculpas para adiar a conversa, usando a frase: “*amanhã eu falo*”. Já se passaram dias. No fundo, estou com medo de magoá-la.

Saio do meu quarto e caminho pelo corredor silencioso até a cozinha. Alisson foi levar as meninas para passar o feriado no projeto social e eu fiquei sozinha com a minha mãe.

Encosto no batente da porta e respiro fundo por um instante, observando-a sentada na mesa lendo o jornal do dia.

— Pensei que você tinha saído também — ela comenta, sem desviar a atenção do papel. — Ninguém mais para nesta casa! Caren e Lorena quase moram naquele galpão, você e Alisson só Deus sabe onde se enfiam. Estou abandonada.

Sorrio, quebrando um pouco a tensão. Mães são todas iguais, não perdem uma oportunidade de fazer drama com os filhos.

— Claro que a senhora não está abandonada, dona Cilene. — Aproximo-me e deixo um beijo na sua cabeça. — A gente te ama!

— Sei — resmunga, ainda fingindo ler.

Sorrio de novo e me sento na cadeira ao seu lado, arrastando a madeira o mais perto possível do seu corpo.

— Mãe, podemos conversar um pouquinho?

Percebendo meu tom diferente, pela primeira vez ela abandona o jornal e foca sua atenção em mim.

— Claro, Agnes! Está com problemas? Aconteceu alguma coisa?

— Na verdade, aconteceu, sim. — Entrelaço nossos dedos e encaro seus olhos castanhos, ansiosos. É agora! — Recentemente, eu passei por uma situação que me fez refletir sobre como nos anular por causa de outra pessoa, seja qual for o grau de importância dela em nossa vida, apaga um pouco quem somos a cada dia.

Dona Cilene fica em silêncio, escutando, e eu sei que entendeu do que quero falar só pelo aperto involuntário na minha mão. Isso é um assunto que a machuca, tanto quanto a mim.

— Nos últimos quatro anos, eu sufoquei a música dentro de mim, para não trazer à tona novos episódios de depressão em você, *pra* não te deixar triste. — Deus está de prova quantas vezes sofri calada por isso. — Fiz curso técnico, fui trabalhar em outra área. Aprendi a gostar de enfermagem, só que não é o que eu amo.

— Filha... — A frase não é concluída.

Noto lágrimas se formarem nos seus olhos e os meus também se enchem de emoção. Inspiro fundo e continuo explicando meu ponto de vista.

— Mãe, sou muito grata pelo que me ensinou, por toda a força que teve que arrancar de dentro de si *pra* manter em pé nossa família. Não pense que eu não sei como foi difícil. — Subo a mão para o seu rosto e seco o choro com carinho. — Passei muito tempo evitando o assunto *pra* não a magoar. Eu acho que está na hora de sermos sinceras uma com a outra. Eu quero que a senhora tenha orgulho de mim, mas eu também quero ter, em primeiro lugar.

— Eu já tenho muito orgulho de você, Agnes. — Ela toca meu cabelo e fica mexendo nos cachos, tentando retomar o fôlego. — Jamais deixarei de ter.

— Eu não tenho orgulho de abandonar meus sonhos. A música é quem eu sou, é minha essência. — Bato no peito, embargando a voz. — Não quero mais fingir o contrário. Não posso mais fazer isso. Entende?

Ela balança a cabeça em afirmativo e cobre o rosto com as mãos, chorando até o soluço reverberar pela cozinha. O som abafado parte meu coração e a abraço, apertado.

— Eu não... queria... fazer. Muito... medo... — As palavras saem

picadas por causa das lágrimas.

— Viver é um risco, mãe. — Conforto-a, acariciando suas costas. — No postinho posso sofrer um acidente, sendo garçoneiro, advogada, administradora de empresas... Ninguém está imune a nada. Posso sair daqui agora e ser atropelada por um carro desgovernado na garagem do prédio.

— Deus me livre e guarde!

Dona Cilene se afasta, agitada. O rosto está inchado e molhado. A cena não é algo que me deixa feliz. Dói, porém, é necessário. Precisávamos dessa conversa enérgica.

— Não quero assustá-la, mas é a verdade. Cadê nossa fé nessas horas?

Minha mãe fica quieta novamente e me encara por longos minutos. Respeito seu momento de assimilar tudo o que eu disse.

— Des... desculpa. — Ela limpa a garganta e passa a mão no rosto. — Eu tentei me enganar achando que você estava realizada com a enfermagem, *pra* não doer tanto. Queria muito acreditar que estava tudo bem. É mais fácil fingir.

— Eu sei que é! Só que o medo não pode ser o gás propulsor da nossa vida.

— Não vou mentir que será fácil aceitar. — Dona Cilene se levanta e vai até o filtro para encher um copo de água. — Provavelmente passarei muitas noites acordadas, esperando notícias suas. Vou morrer de preocupação, sabendo que viajará por este país afora...

— Mas...? — Abro um sorriso e me levanto também, parando ao seu lado.

— Mas você está certa e merece ser completa. Já superamos tanta coisa, o que é mais um desafio?

— Ah, mãe! — Pulo nos seus braços e a agarro, mexendo nosso corpo de forma desengonçada de um lado para o outro. — Obrigada por entender. Obrigada por passar por cima do meu medo.

— Para com isso, menina! — brada, brincalhona. — Vai esparramar água na cozinha inteira.

— Eu te amo! Te amo muito!

— Eu também te amo, Agnes. Seja feliz, meu amor. É o mínimo que você merece.

Afasto-me do seu abraço, chorando e sorrindo ao mesmo tempo, com o coração em paz por ter tido coragem de falar o que sinto.



Entro no carro e me sento no banco do carona, colocando o cinto de segurança. Apesar de ser de um modelo antigo e bem popular, o veículo tem cumprido seu papel. Mês passado, nós três juntamos nossas economias para dar esse passo importante. É uma nova dívida, porém, por uma boa causa, principalmente para Alisson e as meninas.

— Eu conversei com a mãe sobre a música. — Olho para o lado, sondando sua reação. — Quero voltar a cantar profissionalmente.

— Sério? — Seu rosto demonstra que foi pego de surpresa. Nunca fui de falar sobre isso, nem com ele. — E como foi?

— Ela ouviu tudo, chorou, mostrou suas preocupações... mas, no fim, me apoiou. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha e me viro para observá-lo melhor. — *Pra* você, tudo bem essa decisão? Me apoia também?

— Eu disse que iria estudar, passar no concurso da Polícia e entrar em uma delegacia *pra* descobrir a verdade sobre a morte da nossa irmã morta — Alisson relembra, firme, não desviando o olhar do meu. — Você, em nenhum momento, tentou me impedir, mesmo com os receios que eu sei que tinha e que tem, até hoje. Muito pelo contrário, só tem ajudado. Como vou agir diferente, pirralha?

Solto o ar que nem percebi que estava segurando. No fundo, eu sentia que a resposta seria exatamente essa. Sorrio e me inclino para abraçá-lo.

— Obrigada por ser tão incrível — sussurro perto do seu ouvido.

— Eu tenho a melhor família do mundo — ele responde e noto a voz rouca. — O céu é o limite *pra* você. Brilha, maninha.

— Amém!

Aproveitamos mais um momento o abraço, contudo, logo precisamos nos afastar, antes que Alisson se atrase. Seu chefe está tão fissurado em agradar o governador, que intimou todos os funcionários a participarem da inauguração da Delegacia da Mulher, daqui a pouco.

A contragosto, estou sendo arrastada junto para fazer companhia ao homem que passa tanto tempo sozinho, fuçando no arquivo, que não fez nenhum amigo na unidade.

— Dirija rápido, antes que eu desista desse programa, em pleno feriado — ironizo, dando risada.

Conseguimos chegar pontualmente e passamos mais de uma hora e meia ouvindo um monte de discurso pronto. Quando, enfim, o laço é cortado no meio de um alvoroço de palmas e assobios, eu dou graças a Deus de poder voltar para casa.

— Já podemos ir, *né*?

— Com certeza. — Meu irmão coloca a mão nas minhas costas e começa a se desvencilhar da multidão engravatada que acompanha a inauguração. — Fui visto pelo chefe, *tá* de bom tamanho. A Delegacia da Mulher será maravilhosa para a cidade, só que tenho zero paciência *pra* essa *babação* de ovo, esse fuzuê eleitoreiro. Podia *tá* lá no galpão com as meninas, e *tô* aqui, perdendo meu tempo.

— Sei o galpão que você queria. — Arqueio a sobrancelha, dando um sorriso cúmplice.

— Não tem nada a ver. Você *tá* viajando! — Sua bochecha vermelha prova exatamente o contrário. — Não rola nada com a Amanda.

— Não rola porque você não tentou. Bem que já pesquei umas secadas dela em você. E de você nela.

— Verdade? — Amplio a risada ao ver sua cara de bobo. — Ela ficou me olhando mesmo?

— E eu *tô* viajando, *né*? — Reviro os olhos e continuo andando, sem responder sua pergunta. — Homens! Que dificuldade é essa que vocês têm de assumir as coisas?

— Ainda estamos falando de mim ou o assunto é o Samuel? — Como

bom irmão, Alisson tenta virar o jogo, se divertindo à minha custa.

Contei para ele o que houve, depois que percebeu que estávamos meio tensos nos primeiros dias após a decisão de parar.

— Falo de homens no geral, não de alguém em específico.

— Aham, finjo que acredito.

Sua risada se amplia quando saímos do meio do povo, e avisto Isabela encostada em uma das pilastras mais afastadas da fachada do prédio. Está conversando com um senhor que me parece familiar também.

— Aquele ali não é o delegado antigo do caso da Ayla, o que foi transferido para São Paulo? — Aponto com a cabeça na direção deles, quando me recordo das suas feições.

— É ele, sim! — meu irmão confirma. — Será que veio da capital só *pra* acompanhar essa inauguração?

— Não faço ideia. — Tento não ficar reparando, mas é impossível ser imune à beleza natural de Isabela. — A loira com quem está conversando é a ex-noiva do Samuel.

— A que é policial e confessou que tentou investigar o caso na surdina?

Aceno em concordância. Para minha surpresa, Samuel nos contou um pouco mais sobre seu passado, admitiu que encontrou com ela no cemitério e indagou sobre a visita na minha casa.

O ciúme tenta me dominar de novo ao pensar o que mais os dois conversaram. Balanço a cabeça, espantando os pensamentos.

Não é hora nem lugar para isso.

— Não fui com a cara dela — Alisson palpita, e não sei se é uma espécie de zelo de irmão ou uma opinião sincera. — Jamais faria o que fez com um amigo. Ainda mais, um de infância.

— Não cabe a nós fazer julgamentos — lembro, enfática. — Cada cabeça é uma sentença, com certeza Isabela tem seus motivos.

Voltamos a andar sem falar mais do assunto, meu irmão percebe que é algo que não quero e nem devemos nos intrometer.

— Como agradecimento pela companhia, vou comprar um sorvete pra gente. Quer de chocolate?

— Ainda pergunta? É claro!

— Vai pagando a zona azul ali, que eu já volto.

Enquanto Alisson entra na sorveteria, sigo na direção do paquímetro a poucos metros de distância. Mal ando cinco passos e sou surpreendida com alguém segurando meu braço. Olho para o lado, curiosa para saber de quem é o toque delicado na minha pele, e dou de cara com um sorriso radiante.

— Agnes Costa.

Surpreendo-me por recordar de mim, depois de apenas uma conversa. Não tinha reparado na sua presença junto com o pai, na hora da inauguração.

— Bruno! Como você está?

— Muito melhor agora, com a visão mais linda do meu dia.

Sorrio também, lembrando que usou a mesma frase quando nos falamos na formatura da Polícia. Poderia ser um cantada barata, mas não acho que o filho do governador grave o nome e o sobrenome de todas as mulheres que encontra por aí.

Decido me sentir lisonjeada com o comentário. Afinal, ser notada — mesmo que não seja por quem gostaríamos — traz um quentinho bom no coração.

CAPÍTULO 41

Samuel



Estaciono o carro longe do dela para não chamar a atenção e ser descoberto. Nos últimos dias, tenho seguido Miriane e meu pai, para tentar entender melhor essa ligação estranha entre eles.

Ficou claro para mim que a garota não está aguentando mais o relacionamento e se sente ameaçada. Telso é ríspido quando pensa que ninguém está olhando — tanto nas palavras como nos gestos.

Ontem, observando-os em uma festa de lançamento empresarial, o vi pressioná-la contra a parede do lado de fora do prédio e apertar seu rosto com força. Não era um gesto romântico, com toda certeza do mundo.

Miriane chorou e secou rapidamente as lágrimas, antes de se recompor e entrar, sorrindo, como se nada tivesse acontecido. Não entendo por que mantém algo assim.

Será que meu pai tem alguma prova que possa prejudicá-la e usa isso para prendê-la a ele? Toda possibilidade é possível diante dos absurdos que tenho descoberto.

Agora há pouco os dois estavam em um almoço beneficente do outro lado da cidade. Telso recebeu uma ligação e ambos foram para casa. Fiquei puto por constatar a mansão que estão vivendo e a vida de luxo que ostentam na alta sociedade. Nem *fodendo* apenas a sua parte na Mendonça iria cobrir esse padrão de vida — é muito maior que o da minha mãe.

Assim que o vi deixá-la e seguir no caminho da imobiliária, estava decidido a encerrar o trabalho de vigia por hoje, até que a flagrei saindo com outro carro e uma roupa menos chamativa. Achei suspeito demais e vim parar na inauguração da Delegacia da Mulher que Alisson comentou.

O que será que está fazendo aqui, escondida? Apesar de ter motivo, não creio que seja para fazer uma denúncia contra Telso no meio de tanta aglomeração.

Sigo-a, mantendo uma boa distância. A multidão presente no evento ajuda a me camuflar. Pela forma que olha para todos os lados, tenho certeza de que está procurando alguém.

Fico concentrando em acompanhar seus passos, mas cachos soltos e um sorriso lindo me barram abruptamente. Paro no meio da calçada, vidrado na cena de um cara engravatado beijando a mão da minha morena.

Que porra é essa? Quem é esse engomadinho cheio de marra?

Sinto esbarrões no meu ombro, no meu braço. As pessoas continuam passando e eu não consigo sair do lugar. Meu coração acelera ao observá-la tão bonita e o sangue ferve de saber que está rindo para outro.

Merda! Estou com ciúme de novo. Estou com um ciúme do *caralho*! Não me lembro de vivenciar esse sentimento de forma tão intensa antes.

A minha vontade é ir até eles, abraçar Agnes por trás, e mostrar ao idiota que não pode cantar de galo com ela. Queria marcar território, como fiz com José Paulo, no entanto, não posso fazer isso.

Não depois de tudo que conversamos.

— Samuel! — Assusto-me com alguém parando ao meu lado. — Tudo bem aí, cara?

Olho para a pessoa e vejo Alisson sorrindo, com dois sorvetes na mão. Lembro-me de ter comentado ontem que teria que vir para a inauguração. Deve ter trazido Agnes junto.

— Quem é aquele ali com sua irmã? — Não consigo controlar a pergunta, é mais forte do que eu.

— É o filho do governador, Bruno Sá Junior — responde, divertido. — Não o conheço pessoalmente, mas eles se falaram na minha formatura da Polícia.

Quase reviro os olhos. Grande coisa, ser filho de governador! Agnes percebe minha presença por perto e fica sem graça, trocando o peso da perna de um lado para o outro.

Os cinco segundos que nossos olhos se encontram, e se perdem um no outro, aceleram meu coração freneticamente.

— O que você veio fazer aqui? — Alisson indaga, ainda rindo.

Com certeza, percebeu que estou com ciúme.

— Ah, bosta. A Miriane! — Desvio o olhar a contragosto e procuro a garota ao redor. — Estava a seguindo e acabei na inauguração. Perdi *ela* de vista.

— Está com o Telso?

— Não, ela veio escondida. Alguma coisa tem.

— Com certeza tem! — Observo-o acenando para a irmã e me puxando pelo braço. — Vem, vamos procurar.

— Você vai deixar a Agnes lá? — Olho para trás, fisgando seu semblante confuso nos fitando.

— Minha irmã já é grandinha, sabe se cuidar. — Ele coloca um dos sorvetes na minha mão e continua andando. — Toma aí e vamos focar na procura. Duas pessoas são suficientes.

Quero enfiar a bola de sorvete na sua cara, contudo, em benefício do caso, obedeço e começo a caminhar ao seu lado. Preciso de um autocontrole enorme para não cair na tentação de espiar só mais uma vez.

— Que roupa ela está vestindo? — questiona, se aproximando da multidão aglomerada na frente do prédio.

— Calça jeans e blusa cinza. Está com o cabelo preso e tênis.

Juntos, andamos por toda área do prédio da Delegacia da Mulher por mais de 20 minutos, sem conseguir localizá-la. Miriane parece ter desaparecido do mapa.

Bufo e coloco a mão na cintura, puto comigo mesmo por perdê-la de vista.

— Se veio escondida, não ia ficar dando sopa no meio dessa gente — Alisson pondera, também estressado por não a achar. — Vamos dar uma conferida nas ruas laterais, principalmente, as com menos movimento.

Dito e feito. Foi só virar a esquina, e entrar em uma viela, para

encontrá-la de costas, conversando com um homem. O papo está agitado pelo tanto de gestos com as mãos que ambos fazem.

Nos escondemos atrás de uma caçamba de lixo na entrada da rua para tentar enxergar quem é. Ouvir será impossível pela distância.

— *Porra!* É o delegado da época do caso, de novo — o irmão da Agnes diz, pensativo.

— Como assim, de novo? — pergunto baixo, para não chamar a atenção deles.

— O vimos agora há pouco falando com a Isabela, lá na frente do prédio.

— Pelo que sei, de quatro anos atrás, os dois trabalham juntos. Alfredo Cruz recebeu uma promoção na capital e depois ela também foi. Normal que se falem.

Isabela não foi transferida de volta, senão Alisson saberia. Deve estar aqui passando férias ou por licença.

Licença médica é a primeira coisa que passa na minha cabeça ao lembrar seu tique nervoso e como emagreceu. Pode estar com algum problema de saúde.

Espanto os pensamentos ao observar Miriane praticamente se jogar em cima do delegado, tentando beijá-lo. O homem não cede aos encantos da ex-modelo e segura sua mão, afastando-a de perto dele.

— Opa, *caralho!* Por que será que ele se afastou? — Alisson se mexe atrás da caçamba, curioso. — Queria ouvir essa merda!

Pelo pouco que o conheço, já aprendi que paciência não é o forte do irmão da Agnes. Se não estivéssemos escondidos, com certeza, daria uma bela gargalhada da sua cara de bravo.

— Fica quieto, senão são eles que irão nos ouvir! — Puxo-o pela camiseta, fazendo voltar ao meu lado. — Miriane está de saco cheio com o Telso. Pode estar pedindo ajuda.

— Pede ajuda, se esfregando no homem? — Sorri, debochado. — Queria uns pedidos desses.

— Vai saber. — Dou de ombros. — Pode ser o jeito dela de conseguir

o que quer. Santa, a garota não é.

Tenho a impressão de que Miriane achou, no começo, que meu pai era um alvo fácil para conseguir regalias. Não esperava o lado sombrio e agressivo que conheço desde criança.

O delegado começa a se deslocar e eu percebo que está querendo encerrar a conversa. Se a gente der mole, Alisson vai acabar sendo visto, do tanto que se mexe, afoito, por ouvir uma frase que seja.

— Vamos sair daqui logo. O Alfredo está dando indícios de que está dispensando a garota. Se formos vistos, será uma merda.

Sabendo de tudo que podemos perder com um passo em falso, ele não insiste e sai abaixado comigo, de fininho.

De volta ao movimento da inauguração, fico pensando em como Miriane sabia que Alfredo estava na cidade. Será que mantém contato ele? Por que manteria? Ela veio especificamente para procurar uma pessoa.

— Por que será que o delegado está aqui e como a namorada do seu pai sabia? Nunca o vi lá no DP, desde que entrei.

A linha de raciocínio do Alisson está em sintonia com a minha. Coço o queixo, buscando uma ligação lógica entre os dois.

Nada me vem à mente.

— A Miriane, não faço ideia. Do delegado, talvez tenha sido um projeto da época dele ou sua presença foi requisitada. — Limpo a mão suja dos resquícios de sorvete na calça. — Você mesmo disse que o seu chefe estava fissurado em mostrar resultados ao governador. Vai saber se a delegacia geral convocou gente.

— É, vai saber. Tem mais engravatado aqui do que moradores mesmo. Tudo encenação desse povo. — Alisson passa a mão no cabelo e me encara. Notei que não é muito fã de políticos, assim como eu. — Você sabe por que o Alfredo foi transferido?

— Foi promovido para a 1ª classe e ganhou uma delegacia bem maior, na capital. Isabela comentou na época.

Se eu fosse policial com a idade dele, jamais iria querer deixar a calmaria e segurança do interior — onde trabalhei por longos anos — para

ficar na loucura de São Paulo com um crime por minuto. Teria que ter um motivo muito importante para a mudança.

Minha ex-noiva, até entendo o desejo, era nova e recém-formada. No ápice da vontade de conhecer tudo.

— Você não acha estranho, que alguns dos policiais que trabalharam no caso da Ayla foram junto com esse homem?

— Está falando da Isabela? Acha que está envolvida nesse rolo? — Arqueio a sobrancelha, surpreso. — Eu estava em casa com ela na hora do crime. Insisti para aceitar o convite da transferência diante do que se tornou nosso relacionamento.

Assim como aconteceu quando acusaram Ben, eu jamais iria desconfiar dela. É a mesma situação, seria hipocrisia da minha parte.

Não é porque tudo acabou e não temos mais nada, que sairia apontando o dedo com base na decisão que tomou depois da morte. Não confiar na inocência do nosso amigo é muito diferente de permitir que fosse acusado injustamente.

— Não estou falando dela, especificamente, e sim no geral. — Ele levanta as mãos, em sinal de calma. Não estou nervoso. É só que não faz sentido para mim essa hipótese. — É comum ter transferências de promoção e é comum também o delegado levar gente de sua confiança. Pode não ser nada, mas pode ter algo aí.

— Pela forma como o inquérito foi levado, não ponho a mão no fogo pelo delegado, com certeza. Mas da Isabela, eu não desconfio.

Depois que Alisson teve acesso às provas, minha pulga atrás da orelha cresceu pela falta de vontade em ir mais a fundo no caso. Tudo parece ter sido orquestrado para arrumar logo um culpado e encerrar o assunto. Acredito que Alfredo foi comprado para limpar a barra de alguém.

— Desculpa se exagerei. Fico com o sangue quente e falo sem pensar. — Alisson bate no meu ombro quando paramos no semáforo. — A essa altura, estou desconfiando até da minha sombra e, como não fui muito com a cara da sua ex, acabo despejando. Entendo seu lado também.

Encaro-o e tenho a impressão de sentir carinho no seu olhar, como muitas vezes Ben fez ao falar algo de forma impulsiva e se arrepender.

Atitude de amigo preocupado.

— Relaxa. — Bato no seu ombro também, aguardando o sinal abrir.

Tento disfarçar, mas as suas desculpas mexem comigo. Não por causa de Isabela e, sim, pelo significado que podem conter. Meu peito se agita ao pensar na possibilidade de um dia tê-lo como algo a mais que parceiro de investigação.

Um amigo homem me faz muita falta.

Ficamos um pouco em silêncio e meu olhar traiçoeiro logo procura Agnes no lugar que a deixamos, do outro lado da rua. Nem ela nem o engomadinho, filho do governador, estão mais lá.

Um suspiro cansado me escapa e não passa despercebido pelo irmão da garota que anda enfurnada na minha cabeça.

— Cara, eu juro que não quero me meter. Só vou te dizer uma coisa e você pensa a respeito, se achar que deve.

O sinal abre, no entanto, nós dois permanecemos parados um diante do outro. Engulo em seco, atento ao que quer dizer.

— Eu tive um relacionamento no Ensino Médio, avassalador. Me joguei de corpo e alma e acabei engravidando a mãe das minhas filhas. Amava-a tanto, que não enxerguei os sinais. Assim que Caren e Lorena nasceram, a menina deu no pé e nunca mais apareceu. Era viciada em drogas. — Alisson mantém um semblante sério ao compartilhar sua experiência, mas os olhos não conseguem esconder a intensidade do que está por dentro. Vejo-me nele, um vulcão adormecido. — Tive que me virar *pra* dar conta de criá-las, pensando que nada poderia ser pior do que aquilo. Ledo engano. Um tempo depois, veio o infarto do meu pai e o assassinato da Ayla.

Ele para um pouco para respirar e respeito o seu silêncio, aguardando.

— Fiquei acabado com a morte do meu pai, porém, a morte da Ayla me derrubou. Eu senti demais, éramos muito ligados. Ela praticamente criou as minhas meninas, por anos. — Seria o equivalente a perder a minha mãe para o câncer. Nem consigo imaginar a sua dor e desespero. Passo a mão no coração, como se o gesto pudesse afastar o aperto que se instalou ali. — Estou te contando tudo isso, cara, porque a confusão que eu fiquei depois de tantas perdas, é a que eu vejo em você, desde que nos conhecemos. O que me

ajudou muito a compreender meus sentimentos foi a terapia. Não sei o que pensa a respeito, mas senti a necessidade de falar disso com você.

— Acha que realmente funciona? Tira toda a angústia?

Dona Creuza já tentou me convencer, assim que o Ben morreu, só que estava tão atordoado naquela época, que nem dei atenção.

— *Pra* funcionar, depende exclusivamente de você. O terapeuta é só um meio de te ajudar a ouvir o seu interior, desbravar o que esconde no mais profundo do seu íntimo. — Dá um medo enorme mexer nessas feridas, porém, como disse minha mãe, enfrentar a dor é necessário para se libertar dela. — Tenho problemas e receios ainda, claro, só que vai ficando mais fácil lidar. Pode ser libertador, acredite. É só você se permitir.

A ideia agora não me parece ruim. Ao contrário, me faz ter esperança de que também posso chegar a essa liberdade interior que tanto almejo. Novamente meu peito se agita, notando mais um sinal de amizade: Alisson mostrou apoio.

— Obrigado por compartilhar comigo sua história. — Sorrio, realmente, agradecido. — Eu nunca procurei ajuda profissional, vou tentar dar esse passo.

— Fico feliz por isso. Agnes também fez, foi maravilhoso para nós. É uma pena não ter convencido minha mãe da importância.

O sinal se abre e, desta vez, atravessamos. Olho para o céu azul e fica impossível não me lembrar do momento inesquecível no cemitério.

Tenho me sentido mais leve por dentro, desde então, porém, talvez ainda seja necessário um empurrãozinho extra para realmente conseguir me desprender de mim e ouvir meu coração.

CAPÍTULO 42

Agnes



Encosto na cadeira e estralo os dedos para relaxar um pouco. Estamos atualizando nosso organograma e passei uns 30 minutos escrevendo em folhas sulfites, sem parar. Teorias para o tanto de pista isolada que conseguimos não nos falta.

A parede está parecendo aquelas de filme policial, tomada de fora a fora com papel rabiscado.

— Acho que não tem inquérito do detento e do rapaz que vendeu a arma lá na delegacia — meu irmão desabafa, enquanto cola uma folha. — Estou terminando de arrumar os arquivos do ano do crime e nada. Poderia estar jogado em outro canto, tendo em vista a bagunça daquilo, mas meu sexto sentido está começando a alertar que não.

— E isso é possível? — Samuel questiona, parando sua tarefa para prestar atenção na hipótese.

Estamos realmente assumindo o espírito do trabalho em equipe. Eu escrevo, Samuel coloca a fita e Alisson cola na parede.

— O rapaz da arma não é daqui, estava preso na capital. Podem ter transferido o caso *pra* lá. Pensando com a mente do *filho da puta* que está armando tudo isso, quanto menos pistas fáceis de serem encontradas, melhor. — Fico abismada em como tudo é tão amarrado, nos pequenos detalhes. O verdadeiro culpado, ou culpados, é muito bom no que faz. — Sobre o detento, essas brigas que acontecem dentro da prisão já não têm atenção séria da polícia normalmente, que dirá quando é armado.

— Além do nome e de como foi a briga, você sabe mais alguma coisa sobre ele Samuel? — pergunto, pegando uma nova folha para anotar.

— Não muita coisa. — Suspira, desanimado. — Agora, o Alisson falando, me lembrei de como enrolaram *pra* descobrir quem era o responsável. Os pais do Benjamim tiveram que ficar em cima do advogado e do delegado. Ninguém sabia de nada, tinha visto nada. O agressor foi esperto, fez o serviço na cela com pouca plateia. A sentença foi dada como homicídio culposo, quando não há intenção de matar, porque ele inventou que apenas reagiu a um ataque do meu amigo.

Duas pessoas se sujeitaram a perder a liberdade para armar essa farsa. Eu jamais faria isso, por nada no mundo. Devem ter recebido uma quantia absurda para aceitar.

— No curso da Acadepol, uma vez estudamos um caso que...

Paro de ouvir meu irmão ao notar o celular vibrar no bolso. Pego o aparelho e vejo na tela que são mensagens do Bruno. Cogito ignorá-lo e responder depois, no entanto, a última frase “pena que o delegado Alfredo atrapalhou” ganha minha atenção.

Arqueio a sobancelha e clico no seu nome, curiosa com o conteúdo. De imediato, eu não queria passar meu telefone quando o filho do governador pediu, mas seria até ignorância da minha parte.

Apesar dos galanteios, ele foi super respeitoso durante toda a conversa, como da primeira vez, e não tentou nada. Falamos de vários assuntos, enquanto Alisson e Samuel iam atrás de Miriane.

Mesmo com o peso do sobrenome, o rapaz me pareceu humilde, engraçado e gentil. Chegou até a confessar que não gosta muito de política, porém, não sabe mais como adiar a pressão da família para entrar na vida pública.

Olha o que acabei de achar nos arquivos do fotógrafo oficial do meu pai.

Nossa primeira foto, juntos!

Diz aí se não somos o primor da beleza?! Kkkkkkkkk

Pena que o delegado Alfredo atrapalhou.

Não consigo evitar uma gargalhada abafada. A imagem mostra o delegado em primeiro plano, falando ao telefone, todo sério e altivo, e nós dois ao fundo, conversando. O problema é que ele está com a boca aberta e

um olho fechado, e eu com a mão na altura da bochecha. Pelo ângulo, parece que estou cutucando o nariz.

— Tudo bem aí? — Samuel pergunta e noto a tensão no seu rosto.

De novo, ficamos presos por poucos segundos no olhar um do outro. Ah, Senhor! Essa íris verde acaba comigo: tão intensa e cheia de palavras não ditas. Tenho a mesma impressão de ontem, de que está com ciúme.

Sem permissão, meu coração acelera e mordo o interior da boca. Por que ele não é totalmente imune? Seria tão mais fácil esquecer, se não ficasse tendo essas reações.

Aceno com a cabeça em concordância e forço meus olhos a focarem na tela do celular. Seja forte, Agnes! Digito rapidamente uma resposta para distrair a mente de pensamentos inapropriados.

*Já podemos estampar capas de revista pelo Brasil e o mundo kkkkkkk
Tornamos a foto do delegado muito mais bonita.*

Mal termino de enviar, noto os três pontinhos alertando que Bruno está escrevendo. Roo a unha, enquanto aguardo, sem coragem de dar uma espiadinha na direção de Samuel. Não estou prestando atenção, mas percebo que eles ainda estão conversando sobre o caso que o Alisson estudou na Acadepol.

Vou falar pra ele usar na campanha, vai ser sucesso, com certeza kkkkkkk

Campanha?

O Alfredo é pré-candidato a deputado federal. Foi aí pra anunciar em primeira mão aos conterrâneos. Ele tá no partido do meu pai.

O sorriso morre do meu rosto e ajeito a postura na cadeira. Foi por isso, então, que estava ontem na cidade.

— Vocês não vão acreditar — comento, boquiaberta. — O antigo delegado vai disputar as eleições este ano.

— Quem disse isso? — Alisson sai de perto da parede e vem, apressado, para o meu lado.

— O Bruno. A gente estava conversando sobre uma foto da inauguração, em que nós três aparecemos, daí me contou.

— Então é com ele que você está falando. — Não é uma pergunta.

Escuto cada palavra, no entanto, não ousou fitar Samuel de novo. Melhor não alimentar isso dentro de mim. Ter ciúme não significa nada.

— Essa informação explica o motivo de estar aqui ontem, mas e a cena da Miriane? Ainda é uma incógnita enorme.

Se percebeu o clima entre nós, meu irmão ignorou completamente. Seu foco está no caso. E o nosso também precisa estar.

Despeço-me de Bruno inventando que preciso entrar no plantão e me junto a Alisson para criar teorias com base na novidade que descobrimos. Samuel está um pouco distante, porém, também dá seus palpites.

Entre as possibilidades, a melhor que pensamos é que Miriane pode conhecer Alfredo de outros carnavais — inclusive, prestando seus serviços no book rosa — e, ao saber que seria candidato, foi pedir ajuda pela influência que irá adquirir.

É unânime entre nós que a garota deve ter algum segredo que Telso descobriu para mantê-la presa em um relacionamento abusivo.

— Vocês estão cansados? — Alisson olha no relógio e nos observa. — São quase dez horas, só que tô pilhado hoje e queria continuar levantando hipóteses. Topam mais umas duas horinhas?

— Estou morrendo de fome, mas topo, sim — comento, colocando a mão na barriga.

— Eu topo também. Minha mãe está bem hoje, passei lá antes de vir — Samuel afirma, olhando na minha direção. — A gente pode pedir algo *pra* comer.

— O trailer do Jurão é aqui na esquina, e se a gente pedir um lanche? — Balançamos a cabeça, concordando. Esse amigo do Alisson faz o melhor x-burger do bairro. — Vou ligar e fazer o pedido, quando estiver pronto, corro lá *pra* buscar.

Meia hora depois, estou sozinha com Samuel no escritório. Já ficamos assim várias vezes depois da minha decisão, no entanto, em nenhuma delas o

silêncio se instaurou dessa forma.

Quero me concentrar na parede, mas fica impossível ao notar a íris verde novamente em cima de mim.

Para de me olhar desse jeito fofo, pelo amor de Deus! Ajuda a minha pessoa, universo.

— O seu canal do Youtube com o Ben bombava, *né*? — Decido puxar um assunto aleatório, para ver se o clima fica mais leve. Meu coração não aguenta tanta adrenalina. — *Tô querendo montar um.*

— A gente tinha bastante inscrito, chegamos a bater 1 milhão. — Ele passa a mão no pescoço e se senta na cadeira. — Vai montar sobre o quê?

— Sobre música. — Um sorriso espontâneo nasce nos meus lábios e automaticamente Samuel sorri também.

— Sério? Vai voltar a cantar? — questiona, animado.

Até o seu semblante mudou. De tenso para realmente empolgado com meu comentário.

— Eu conversei com a minha mãe sobre isso e chegamos a um consenso. — Ainda mal posso acreditar que meu sonho está vivo novamente. Puxo a cadeira e me sento também. — Faz muito tempo que estou parada, queria voltar aos poucos, gravar umas coisas e ir publicando na internet. Só que não levo muito jeito *pra* essas coisas.

— O Ben era melhor em tecnologia do que eu, confesso. — Ele sorri de novo e se inclina na mesa, prestando atenção em mim. — Mas no que eu puder ajudar, pode contar comigo. É uma notícia maravilhosa, estou muito feliz por você.

— Obrigada — agradeço, sincera. — Quem sabe um dia aconteça *pra* você também. Seria incrível vê-lo tocar.

Samuel engole em seco e fecha os olhos por um momento. Fico arrependida de mencionar o assunto, não queria vê-lo triste.

— Não sei se será possível, não tenho mais um motivo *pra* tocar.

— Vou torcer pra você encontrar um, aí no fundo da sua alma.

— Falando em alma... — Ele coça a cabeça, meio sem jeito. —

Marquei um psicólogo hoje. Minha consulta será daqui a três dias. Seu irmão me contou que vocês fizeram depois da morte da Ayla e ajudou bastante.

— Foi maravilhoso, você vai adorar! — Levanto a mão, morrendo de vontade de pegar na sua, no entanto, me lembro de que não posso fazer mais isso. — A minha psicóloga me deu outra perspectiva, aprendi a olhar *pra* dentro de mim.

— É o que mais quero... encontrar uma nova perspectiva *pra* minha vida.

Tento não levar essa frase para o lado errado, só que meu coração não entende. Explode no peito com as palavras e o olhar carinhoso que volta a se perder no meu.

Se enfrentar a dor é crucial para sua cura, o primeiro passo ele já deu. Resta-me torcer que se encontre e se resolva — não por mim, mas por ele mesmo.

CAPÍTULO 43

Samuel



Ajeito as sacolas nas mãos e olho para os dois lados da rua, conferindo se não vem carro. Agnes e eu chegamos mais cedo do que o Alisson, como de costume, e decidimos ir em uma quitanda aqui perto comprar algumas frutas para abastecer a geladeira.

Nos últimos dias, quando a fome bate, temos pedido o delicioso x-burger do Jurão. O problema, segundo a enfermeira, é nós três infartarmos antes de solucionar o caso.

Reparo no seu sorriso radiante, ao contar quantas tentativas fez para gravar o primeiro vídeo do seu canal no Youtube, e preciso controlar meus olhos para não se perder por muito tempo ali.

Tem sido um exercício diário, e difícil, de controle.

Agnes está se infiltrando em meus pensamentos muito além da química inegável que temos ou do desejo que sinto por ela. Essa coisa nova e intensa, que acelera meu coração só de torcer para chegar logo à noite, me deixa assustado.

Nas três sessões que já tive com o psicólogo, a morena entrou na conversa sem, ao menos, eu me dar conta. Veio natural, ao relatar como tenho me sentido mais leve, desde que nos conhecemos.

Apesar da timidez do primeiro contato, eu estou gostando de tentar a terapia. Às vezes, o homem calvo de meia-idade não diz quase nada, só me escuta. E mesmo assim, tem sido reconfortante.

— Você não está me ouvindo, *né?* — Agnes me cutuca com o braço, ampliando a risada.

— Hã? Oi? — Balanço a cabeça, fitando-a. — Me desculpa, eu me

distraí aqui. O que você disse?

— Sua dica de incentivar o pessoal a participar... Eu disse que deu muito certo. O primeiro vídeo está com quase 500 comentários de pedido de música.

— Eu vi, li cada um deles! — Passei a manhã inteira imerso na repercussão do canal. — Deixei minha sugestão também.

— Você leu todos os comentários? — Ela para de andar e vira para o meu lado.

Parece surpresa, mas de um jeito bom.

— Me empolguei com os elogios pela sua voz rouca e potente. Não disse que seria sucesso?

Agnes não responde. Fixa seu olhar nos meus olhos e depois desce para a minha boca. Tum tum. Quase posso ouvir o barulho ressonar no meu ouvido, de tão alto. Sem controle das minhas reações, faço o mesmo.

Nossa respiração fica pesada, estou a ponto de...

Ela é mais forte do que eu e corta o contato, voltando a caminhar. Ficamos em silêncio pelos próximos dez passos, até chegar em frente ao escritório. Minha cabeça está a mil, meu peito agitado. Ambos estamos evitando falar coisas das quais podemos nos arrepender depois.

Da minha parte, o desejo é proporcional ao medo de magoá-la.

Pego a chave no bolso e estou prestes a abrir a porta, quando o barulho alto de uma freada nos surpreende. Olhamos para trás, confusos, e observamos Alisson descer do veículo, nervoso, e atravessar a rua.

— O que você pensa que está fazendo? — ele grita com alguém atrás de uma árvore.

Largo a sacola no chão e corro na sua direção. Agnes faz o mesmo. A tensão do nosso momento íntimo dá lugar a tensão de uma briga eminente.

— Calma, cara! — Seguro-o pelo braço, puxando-o na minha direção. — O que foi...

Perco o raciocínio do que ia dizer ao ver que quem está atrás da árvore é Isabela. Com os olhos banhados de lágrimas, a loira nos encara de

volta, cutucando o braço que ostenta uma ferida sangrando.

Olho para a ferida e para o seu rosto, paralisando os movimentos.

— Por que você estava seguindo-os? — Alisson pergunta, entredentes.

Continuo paralisado, não entendendo nada.

— Eu... eu... eu não estava seguindo. Quer dizer... eu segui... mas....

Isabela mexe as mãos no ar, tentando se acalmar e não consegue.

— Ei, respira! — Agnes se aproxima com cautela e respira fundo, incentivando-a a fazer o mesmo. — Puxa o ar e solta. Puxa e solta.

— Você é irmã dela... não é? — A pergunta sai quase inaudível pelo choro que aumenta. — Eu não fiquei do lado dele, e você está, mesmo sendo irmã dela. Você ficou... Eu não fiquei... Não fiquei...

As frases estão confusas, mas eu entendo completamente o que está dizendo. De alguma forma, Isabela percebeu que Agnes é a irmã da jovem que Benjamim foi acusado de assassinar. Como chegou aqui e nessa conclusão, não faço ideia, no entanto, é visível a dor no seu semblante.

— Você precisa se acalmar — a enfermeira diz, serena, e levanta a mão na sua direção. — A falta de ar vai piorar, se não respirar fundo.

Mesmo sem tocá-la, Isabela dá um pulo, assustada, e me observa, aos prantos. Sua agonia está me sufocando por dentro.

— Respira, Isabela. — Coloco a mão no seu ombro e faço o movimento que Agnes instruiu. Na mesma hora, o corpo dela relaxa e me obedece. — Isso! Bem fundo.

— Você ainda não respondeu minha pergunta! — Alisson insiste. — O que estava fazendo aqui?

— Não é hora *pra* isso — Agnes o repreende. — Ela não está bem.

— Você não acha estranho que venha parar justo aqui. — Ele aponta com a cabeça em direção ao escritório. — Eu acho suspeito *pra caralho*!

— Chega, Alisson! — brado, ao notar que Isabela volta a chorar, cutucar o braço e perder o ar simultaneamente.

— Não confio nela, me desculpa. Entendo seu lado, mas *pra* mim,

não dá. Essa garota é cheia de ponta solta.

— Alisson, vai lá *pra* dentro, agora — a irmã ordena, impaciente. — Vai tomar uma água e se acalmar também. Está com a cabeça quente!

Relutante, ele passa a mão nos cabelos e sai pisando duro. Olho para Isabela e tenho a impressão de que está em outra dimensão, bem longe de nós. Seu olhar está opaco e o corpo em colapso.

— Você precisa levá-la para atendimento médico, acho que está tendo uma crise de ansiedade. — Sinto um toque no meu braço e direciono a atenção para Agnes. Seu olhar é gentil para mim. — Ela vai ficar bem, talvez precise de uma medicação *pra* se acalmar.

Esfrego o rosto, ainda atordoado com toda essa cena, e nós três atravessamos a rua. Abro a porta do meu carro e coloco Isabela sentada no banco do carona. Antes de entrar também, sinto um aperto no peito e uma vontade incontrolável de me explicar.

— Eu não a acalmei ou defendi porque ainda sinto algo... Quer dizer, eu sinto, mas não como antes. — Passo a mão no cabelo e procuro seus olhos. — Isabela sempre foi minha amiga, assim como o Ben. O Alisson já me mostrou que não confia nela, só que não dá *pra* eu ter um peso e duas medidas. Você me entende?

— Eu entendo, você não precisa se justificar *pra* mim. — Agnes passa as mãos rapidamente nas minhas costas, como se tivesse necessidade de me tocar por um momento. — Vai levá-la *pra* ser atendida, depois a gente conversa.

O coração dispara ao constatar como essa mulher é incrivelmente especial.

Na sessão de ontem, o psicólogo me perguntou o que eu sinto por Isabela e por Agnes. Pela minha ex-noiva, a resposta veio de imediato ao afirmar que tinha a amado muito. Sobre a morena, apesar do nó na garganta, eu não soube nomear. Confessei que tenho ciúme, quero conversar, gosto da risada, sinto saudade do toque...

“Você percebeu o uso dos verbos?”

Foi interessante refletir junto com o médico o uso do verbo no passado para se referir à minha ex e no presente, com a enfermeira.

É claro que ainda existe um carinho por Isabela, contudo, não me sinto mais ligado a ela como antes. De todas às vezes que nos vimos, desde que voltou, tirando o susto no hospital, meu corpo não reagiu diferente. É como se o sentimento que vivi tivesse ficado preso no passado, nas lembranças do que já foi. No presente, não existe um “nós”.

Quando questioneei o psicólogo sobre o que poderia significar no meu subconsciente essa escolha de palavras, ele jogou a bola para mim de novo. *“Só você pode dizer, Samuel, mas acho que em breve vai descobrir.”*

Olho para Agnes mais uma vez antes de entrar no carro e, de repente, me dou conta de algo que nem tinha reparado. Passei anos odiando essa sensação das batidas pulsantes no peito — que vinham com amargas memórias — e agora elas viraram rotina.

Anseio por elas como antes, gosto da sensação que traz.

Meu Deus! Eu pensei que o amor era único, que só aparecia uma vez na vida... Será que estou errado? Será que ele se transforma e dá espaço para um novo sentimento?

Inspiro fundo e passo a mão no peito ao fechar a porta, em uma tentativa falha de controlar as batidas fortes que retornam. Ainda não sei a resposta para essa pergunta, mas sei que eu estou cheio de me sentir vazio.

CAPÍTULO 44

Agnes



— Acorda, Agnes! — Sinto uma puxada no meu braço, uma voz ao longe me chamar.

Puxo o edredom mais para cima e me encolho na cama, virando de lado. Está frio.

— Agnes! — A voz fica mais firme, o toque também. — Acorda! Acorda!

Abro os olhos, assustada, ciente de que não é um sonho. Pisco para me acostumar com a fraca luminosidade do quarto e dou de cara com Alisson parado na beirada da minha cama. Ele está impaciente, dando voltas no mesmo lugar.

Seu rosto meio pálido e a escuridão que avisto lá fora, pelo vão da cortina, não são um bom sinal. Levanto-me imediatamente, com medo de ter acontecido alguma coisa com as meninas ou com nossa mãe.

— O que houve? — questiono, alarmada, tirando o cabelo do rosto.

— Você não vai acreditar. — Meu irmão parece uma mistura de nervoso com desacreditado. Passa as mãos na cabeça, na boca, na perna. — Botaram fogo, Agnes. Botaram fogo!

— Fogo? — Seguro seu braço para parar de se mexer e me contar direito. — Fogo onde?

O medo que vejo em seus olhos me faz segurar a respiração, em expectativa.

— No escritório. — Demoro alguns segundos para assimilar do que ele está falando. Quando, enfim, a compreensão me atinge fico boquiaberta. — Está destruído. Não sobrou nada.

As batidas do meu coração estão tão aceleradas que reverberam pelo corpo inteiro. Meio tonta, cambaleio para trás e acabo me sentando na cama. A cabeça está latejando, as mãos trêmulas.

Não pode ser.

Não pode ser.

— Nosso inimigo sabe de nós — Alisson comenta, com a voz embargada, o que está piscando como neon na minha mente. — Sabe de tudo que descobrimos.

Fico em silêncio, incapaz de pronunciar alguma coisa. Meus pensamentos estão acelerados, trazendo milhões de informações ao mesmo tempo, alertando do perigo que isso significa.

— Foi aquela mulher! — Seu tom muda, se torna enérgico. — Eu sabia que não era coincidência ter ido parar justo na frente do escritório ontem. *Filha da puta!*

Lembro-me da cena com Isabela e algo não se encaixa. Apesar de Alisson já ter deixado claro que não gosta da ex de Samuel, eu não consigo enxergar uma pessoa ruim nela.

Em todas as vezes que nos encontramos, tive a impressão de estar frágil, abalada. Como se o fardo estivesse pesado demais para carregar. A imagem do seu braço ferido e da crise de ansiedade confirmam que não está bem.

— Não foi ela, Alisson — comento, levantando-me de novo. — Mesmo que fosse alguém de má índole, o que não acredito, não seria burra de dar na cara desse jeito depois de ser flagrada por nós.

Meu irmão explicou ontem, quando ficamos sozinhos, que viu alguém nos seguindo quando virou a esquina. Percebeu que a pessoa acompanhava nossos passos desde que atravessamos a rua e se escondeu atrás de uma árvore.

— Claro que foi! — Quando ele coloca uma coisa na cabeça, é quase impossível tirar. — A mulher não acredita no amigo, vai embora com uma promoção e ressurge das cinzas, justo quando estamos investigando o caso de novo. De repente, um dia depois de seguir Samuel, o escritório com tudo que descobrimos pega fogo.

Pela forma que estava assustada, e pelo que me disse sobre “*você ficou, eu não fiquei*”, a espionagem me pareceu mais sobre seus sentimentos do que por causa do caso. Não sei como ela descobriu que sou irmã da Ayla, talvez tenha se lembrado do dia da visita em casa.

É nítido que Isabela ainda ama Samuel só pela forma que age perto dele ou como se acalma com seu toque. Apesar de sentir ciúme dela, ontem eu não fiquei vendo-o acalmá-la.

De coração, entendo o lado do Samuel. Seria mesmo hipocrisia defender Benjamim, mesmo com tantas provas, baseado no fato de que o conhece desde criança, e com a garota agir diferente.

— Já falei que não cabe a nós julgar os motivos dela não ter acreditado no amigo — lembro, fitando-o. — Sobre a promoção, você mesmo disse que acontece do delegado ser transferido e levar junto pessoal que confia. Acho que Isabela voltou porque está doente, não por desconfiar de algo. Eu já tinha a visto no bairro antes, lá com padre Juracir, na igreja. Não é como se fosse um absurdo a garota perambular por aqui. As coisas têm explicação, você que está enxergando só o lado mais óbvio.

Alisson bufa e não me responde nada. Pode não concordar, mas tenho certeza de que está pensando nos meus argumentos.

— Vou avisar Samuel sobre o incêndio. — Pego o celular na mesinha de cabeceira e caminho até a janela, aguardando-o atender.

Estamos como o breu lá de fora, tendo que lidar com fatos e suposições no escuro, enquanto o verdadeiro culpado nos espreita.



— Meu Deus! — Samuel comenta, boquiaberto, ao observar os destroços do imóvel. Da parte de dentro, não sobrou nada. — Como vocês souberam?

Ele chegou faz uns quinze minutos e ficou tão chocado quanto Alisson e eu ao saber o que houve.

— Eu corro todo dia das 4h30 às 5h30. Na hora que saí do prédio, o guardinha da rua veio me contar de um incêndio no bairro — meu irmão

explica, olhando para a parede que tinha todas as nossas pistas, coberta de mancha preta. — Peguei o carro e vim correndo *pra* cá. Os bombeiros já tinham apagado o incêndio e a polícia estava fazendo a perícia.

Só nos deixaram entrar agora porque toda a parte legal terminou e Samuel comprovou que era o locatário do escritório. Segundo o morador, que notou as chamas e chamou ajuda, o fogo começou por volta das três horas.

A escolha da madrugada, em um horário com quase nenhum movimento nesta área comercial, foi certa. O fato da unidade do Corpo de Bombeiros ser longe facilitou ainda mais o trabalho sujo.

— Isso foi um aviso de que sabem de nós e estão de olho — Samuel diz, inspirando fundo. — Temos que tomar cuidado redobrado, não sabemos com quem lidamos. Você não pode mais mexer nos arquivos, Alisson. A essa altura, podem ter se ligado que você está na delegacia.

Meu irmão apenas acena com a cabeça, concordando, e sai andando pelo espaço. Parece minuciar cada detalhe, distante, tentando encontrar alguma pista sobre quem fez isso.

A íris verde me encara, confusa com a reação, e dou de ombros, não querendo tocar no assunto da sua ex. Antes de vir para cá, eu o intimei a não acusar ninguém sem provas.

— Ele acha que foi Isabela, não é? — questiona baixinho, tenso. — Por causa de ontem.

Hesito por um momento, não querendo que Samuel fique chateado com Alisson, mas acabo confirmando.

— Meu irmão anda estressado, desesperado por respostas. Está se apegando ao que se mostra mais óbvio na sua mente. Não o leve a mal por isso.

— Eu sei, as circunstâncias não estão ajudando. Assim como iam contra o Benjamim. — Ele passa as mãos nos cabelos e os puxa, denota cansaço físico e mental. — Você acha também?

A pergunta vem quase como um sussurro, parece com medo de falar disso comigo. Lembro em como quis se justificar ontem, afirmando que a ajudou sem segundas intenções, e meu coração apaixonado desperta, acelerando.

Repito as mesmas coisas que falei ao meu irmão em casa e o alívio que vejo no homem que amo me deixa com um nó na garganta.

— Significa muito *pra* mim que você pense dessa forma.

Samuel procura meus dedos e faz um carinho com o seus. Engulo em seco, notando a respiração falhar com o brilho dos seus olhos verdes. Ele não demora muito no contato, porém, é suficiente para ouriçar meu corpo.

— Você soube se ela melhorou? — pergunto, para tentar retomar o fôlego e recebo um aceno negativo como resposta.

— Como te contei por mensagem, ontem à noite, a levei ao hospital e entrei em contato com a mãe dela. — Achei fofo da parte dele querer que eu soubesse que estava em casa, como se novamente me desse explicações. Eu sei que não precisa, mas confesso que isso me deixa eufórica por dentro. — Quando saí, Isabela estava dormindo, devido aos remédios que deram. A dona Olivia não me disse muito, só confirmou que a filha não anda bem de saúde.

— Espero que fique bem — afirmo, sincera, e mais uma vez noto o brilho no olhar dele. — Preciso ir para o postinho, à noite nos falamos mais na casa da sua mãe. Além de tudo que temos *pra* investigar, vamos acrescentar à lista como exatamente nos descobriram.

— Vou falar para o Alisson ir também, como está de carro, não fica mais tão longe. — Seu rosto se volta para meu irmão próximo do banheiro, cutucando com o pé um pedaço de madeira queimada, e confirmo no seu semblante que gosta dele. Seria uma bela amizade. — Mesmo nos dias que tiver plantão de outra enfermeira, podemos passar a nos reunir lá, até pensar o que fazer. Quarto não falta.

Despeço-me dos dois com um aperto diferente no peito. Parece um alerta, um aviso de que o perigo está mais próximo do que imaginamos.

Preciso pensar, amarrar as pontas soltas... Não posso permitir que mais nada aconteça com aqueles que amo.

CAPÍTULO 45

Isabela



Encosto na parede do prédio e balanço freneticamente as pernas, buscando algo para me distrair. Meu coração está acelerado e as palmas das mãos geladas. Será que ele já chegou e eu não vi? Será que minha mãe se equivocou sobre o local de trabalho? Samuel nunca gostou deste lugar, de ficar perto do pai.

Olho para todos os lados em busca do seu rosto e só encontro algumas poucas pessoas entrando a pé.

Calma, Isabela! Respira, você não pode ter uma crise agora. Precisa conversar, necessita se explicar.

Estou do lado do estacionamento há mais de duas horas, todo mundo que chega de carro tem que passar por aqui. Além disso, não conheço mais nada sobre Samuel. Muita coisa mudou. Ele pode ter começado a gostar da imobiliária. Seja racional. Calma!

Inspiro e expiro fundo. Duas. Três. Sete vezes. Sem que eu me dê conta, estou cutucando sem parar o braço de novo. Olho para o pulso e constato a pele vermelha, dolorida pelo excesso de toque.

Droga, odeio isso! Quando não é uma coisa, é outra. Ambas que eu não tenho controle. Abaixo as mãos e aumento o balançar das pernas. É muito difícil controlar a mente.

No começo, eu tive apenas alguns episódios de crise de ansiedade isoladas. Não levei muito a sério, achei que era reflexo de tudo que estava passando com a perda do Ben, o trabalho e a separação.

Ao mudar para São Paulo, eles aumentaram significativamente tanto na quantidade de repetições como na intensidade. Preocupação, medo e

pânico me tomavam 24 horas por dia. Tinha pavor de ficar em casa sozinha, de andar na rua, de errar em um caso, de condenar alguém injustamente.

Junto a isso, veio sintomas físicos como irritabilidade, tensão muscular, dores de cabeça, falta de concentração, náuseas, cansaço constante e dificuldade para dormir.

Foi horrível, sufocante.

Demorei quase um ano para aceitar que aquilo não era normal e não estava me fazendo bem. Graças a um amigo da Polícia, resolvi procurar ajuda profissional e fui diagnosticada com TAG – Transtorno de Ansiedade Generalizada.

A combinação de terapia e medicação melhorou a sensação de sufocamento por um tempo, até que outro problema apareceu, há seis meses. Volto a observar a pele do meu pulso, os dedos comicham para fazer de novo.

Um, dois, três. Inspira, expira. É tão cansativo ter que me controlar o tempo inteiro.

Parecia inofensivo no início, jamais achei que me traria de volta ao ciclo de desespero. De acordo com o psiquiatra, além da TAG, agora também tenho dermatilomania. O distúrbio se caracteriza pelo comportamento compulsivo e repetitivo de beliscar a pele e causar escoriações.

O doutor disse que, provavelmente, desenvolvi a doença como uma válvula de escape para o estresse que ainda é comum — mesmo continuando na terapia. Comecei com a perna, até causar uma ferida tão grande nela, que precisei ser internada devido a uma infecção.

Aliás, foi por culpa dessa mesma perna que reencontrei Samuel. Eu já estava na cidade há 20 dias e ninguém sabia, fora minha família. Pretendia continuar assim, quietinha em casa, até acabar a licença médica, só não contava com uma recaída. Fiquei mexendo na ferida durante um surto e precisei reforçar o curativo.

É desesperador, porque, embora ostente uma atadura enorme no local machucado e tenha ciência dos riscos que corri, minha mente não consegue parar e já encontrou outro lugar para fazer de vítima. Desta vez, é o braço. Aonde vou parar?

Avisto sua figura altiva saindo pelo portão do estacionamento e meu coração volta a retumbar, esquecendo todos os pensamentos. Meu Deus! Ele conseguiu ficar ainda mais lindo. Tenho tanta, tanta saudade de nós que chego a literalmente sentir meu peito se rachar ao me lembrar de tudo que éramos e no que nos tornamos.

Não posso permitir que pense que estou envolvida naquele incêndio. Eu não vou aguentar, desta vez, se além da culpa que carrego, ainda tenha que viver com a desconfiança dele.

Quando muito, eu consigo dormir três horas por noite sem a ajuda dos remédios. Hoje foi um dia que perdi o sono e madruguei. Assim que liguei a televisão, e reconheci no noticiário o local destruído pelas chamas, mal pude acreditar.

Tem que ter muito azar para uma coisa dessas acontecer, justo um dia depois de eu ser flagrada expiando meu ex. Mas, a essa altura, eu já entendi que a sorte não está mais no meu caminho.

— Isabela! — ele anuncia, surpreso, ao constatar minha presença.

Sete letras, como elas têm o poder de me trazer uma enxurrada de memórias.

Mentalizo um campo cheio de girassóis, meus pés descalços, a brisa do vento no meu rosto... tudo que o psiquiatra ensinou para controlar a ansiedade. Não funciona. É impossível diante do único homem que já amei. Fico em silêncio por fora, no entanto, por dentro estou em ebulição. Tudo movimenta, acelera, machuca.

Engulo em seco e noto seu olhar se direcionar para o meu braço. *Ai, merda!* De novo estou cutucando sem perceber.

— Eu... eu.... — Escondo as mãos atrás das costas e pisco duas vezes. — Queria falar um minuto com você. Pode ser?

— Claro, Isabela. — O tom sereno me deixa confusa. A essa altura, com certeza, já sabe do incêndio. Imaginei que eu seria a primeira suspeita da sua lista. — Tem um local mais reservado ali dentro, o pessoal vai começar a chegar e não teremos privacidade aqui. Vem!

Atônita com sua reação, sigo-o, quieta, até uma área coberta dentro do estacionamento. Está vazia. Pego uma mecha de cabelo para ocupar as mãos

enquanto tento organizar as ideias.

O seu olhar calmo e curioso me observando não ajuda em nada. Eu esperava que estivesse bravo, que viesse logo me fazendo perguntas. Ao contrário, Samuel está esperando que eu fale primeiro.

— Sei que foi estranho ontem... eu... ter seguido vocês. — Aperto os fios do meu cabelo com mais força, buscando me acalmar. — Juro, Samuel, juro que não tive nada a ver com o incêndio. Não foi um ataque de ciúme, nem nada do tipo. Sei que ando parecendo meio louca, mas eu estava no bairro com...

— Não achei nem por um minuto que tivesse — ele me interrompe, e noto meus olhos se embaçarem, cheios de lágrimas. Nem por um minuto? Como? Eu suspeitaria de mim no lugar dele, diante de todo contexto. — Pode ficar tranquila quanto a isso, nem eu nem a Agnes acreditamos no seu envolvimento.

Agnes, irmã da Ayla.

A menção do seu nome e o fato de Samuel acreditar em mim, me levam de volta ao meu pior pesadelo. Ao abismo que vive me rondando há quatro anos. Esfrego o rosto, secando as lágrimas que estavam esperando permissão para descer.

Ela e o irmão mais velho, como puder constatar ontem, confiam na inocência do Benjamim. Não o conheceram, não conviveram com ele, não riram das suas piadas ruins e, mesmo assim, acreditam. Mesmo sendo da família da garota assassinada.

Eu não consegui. Não fui capaz de deixar a emoção falar mais forte que a razão. Escolhi o caminho que acreditei ser o certo, diante do que tinha de informação.

— Respira, Isabela. Calma! — Samuel põe a mão nas minhas costas quando o choro aumenta, trazendo junto soluços e a respiração entrecortada. Desta vez, nem seu toque consegue me ajudar. — Não chora, eu confio em você. Sei que não fez nada por mal no passado nem agora.

Fecho os olhos, recebendo o impacto da sua frase por cada poro do meu corpo. Era para me deixar aliviada, e só consegue piorar a dor.

No fundo, sei que todos esses problemas mentais que adquiri são fruto

da culpa que sinto pela escolha de acreditar nas provas — embora tenha consciência também que tentei contradizê-las.

Talvez, se eu tivesse coragem de deixar a carreira, talvez se não tivesse desistido de procurar novas provas, mesmo recebendo sucessivas confirmações do seu envolvimento...

Esses “talvez” me destroem. São tão incertos.

Quando o delegado Alfredo descobriu que eu descumpri sua ordem de afastamento e estava investigando por conta própria, recebi uma longa e intensa bronca. Pensei que chegaria a ser afastada do cargo recém-adquirido, de tão bravo que ficou, mas ele me deu uma segunda chance.

“O que eu espero de você e de qualquer um que trabalhe comigo, é que seja profissional. Enquanto não conseguir separar a vida pessoal das obrigações do seu cargo, nunca será uma policial de verdade.”

Doeu demais ouvir essas palavras. De um lado, tinha meu amigo que, apesar de ser maravilhoso também possuía um espírito impulsivo; e do outro, a carreira que tanto sonhei.

Quando eu tinha sete anos, meu pai alugou um filme na locadora que contava a história de um investigador muito inteligente que conseguia solucionar qualquer tipo de crime com sua perspicácia. Apesar de não entender direito, naquele momento nasceu minha paixão.

Eu tive outros amores com o tempo, como o violoncelo, no entanto, nada foi mais forte que a inspiração da infância. Hoje sei que não é tão simples como parecia nos livros que li de Sherlock Holmes.

Não seria impossível Ben cometer um erro que acabou custando alto demais, embora jamais fosse sua intenção. Contudo, eu também posso ter errado e cometido a maior injustiça da minha vida em não confiar nele.

— Acho melhor a gente entrar na imobiliária, eu pego uma água *pra* você. — Samuel volta a falar e só então me lembro da sua presença ao meu lado. É tão constante eu me perder dentro de mim. — Se achar melhor, podemos ir ao hospital mais uma vez. Eu te levo, você quer?

— Não. — A voz sai fraca pelo choro. Seco os olhos o máximo que dá e inspiro fundo. — Desculpa por essa cena, não consigo controlar. É tanta coisa.

— Não chora, por favor. — Ele pega minha mão e meu peito se comprime de saudade. — Não gosto de ver você assim.

Tenho consciência de que nunca mais vamos ser um casal. Ficou claro quando pediu que eu aceitasse a oportunidade de trabalhar na capital e, mais ainda, quando o procurei semanas depois de ter ido e não obtive resposta.

A gente se desentendeu tanto, se afastou tanto, que não tinha mesmo como consertar. Às vezes, só amar uma pessoa com tudo de si não basta. Por isso, só fiz uma tentativa e resolvi deixá-lo em paz.

Ainda não consegui me recuperar deste término, entretanto, pelo que percebi da sua interação com Agnes, o coração do meu amor já tem uma nova dona. Mesmo estando atrás de uma árvore, pude constatar seus olhos brilhando e a admiração ao contemplar a jovem.

Samuel merece muito ser feliz, é uma das melhores pessoas que conheci na vida.

— Quero explicar a cena de ontem. — Fungo e tiro uma mecha de cabelo que cai no meu olho.

— Não precisa contar nada, Isab...

— Eu quero falar — confirmo, ajeitando a postura. O peito permanece agitado, mas pelo menos as lágrimas pararam de cair. — Esses dias visitei o padre Juracir na igreja e, depois de uma longa conversa, acabei aceitando seu convite *pra* ajudar no projeto social com os moradores de rua. Ando precisando de uma ocupação, ficar o dia inteiro na casa da minha mãe estava me deixando louca. Por coincidência, o atendimento ontem estava sendo lá perto do imóvel que foi incendiado. Vi você com a mesma garota do hospital e perguntei ao padre se a conhecia. Foi, então, que ele me contou sobre o câncer da sua mãe e o trabalho dela de enfermeira. Também mencionou a “providência divina” ter unido vocês, ele não sabia no começo que Agnes era irmã da Ayla.

Pensei que ia ter um ataque cardíaco quando o sacerdote explicou essa parte. Todo ar do meu pulmão se esvaiu. Tudo que acabei de remoer veio triplamente pior naquele momento.

Consegui escapar das vistas do padre e os segui nem sei por quê.

Talvez por uma necessidade absurda de me punir.

— Enfim, depois disso, eu fui parar atrás daquela árvore. Me desculpa pelo transtorno, eu não queria causar problemas entre vocês.

Quando caiu a ficha, eu reconheci o homem que ficou bravo comigo como sendo o outro irmão da Ayla. Cheguei a vê-lo na delegacia diversas vezes na época do crime.

A única parte que não faz muito sentido é por que os três estavam se encontrando naquele lugar. De repente, o pensamento me traz um estalo e uma batida mais forte no peito.

Será que estão investigando o caso, depois desse tempo todo? Será que voltar para a cidade e encontrá-los juntos significa alguma coisa para mim? Uma nova chance para ouvir meu coração e esquecer a razão?

— Como eu acredito em você, vou te contar uma coisa que é estritamente confidencial. — Samuel olha para os dois lados, querendo garantir que não tem ninguém por perto, e a tensão pela minha suspeita aumenta. — Alisson agiu daquele jeito porque estamos cheios de pistas soltas do caso e não saímos do lugar. Ele está estressado, qualquer coisa é motivo para desconfiança. O imóvel destruído, a gente usava para reuniões, na parede do local tinha um organograma enorme com tudo que encontramos.

Boquiaberta, nem sei o que dizer. É muito estranho o incêndio acontecer um dia depois da minha aparição. Aí que eu desconfiaria mesmo. Nem sei como Samuel não pensou mal de mim, muito menos a Agnes, que nem me conhece.

— Qual é a visão preliminar da polícia sobre o incêndio?

— O delegado me disse que os peritos notaram alterações no que restou da rede elétrica. — Samuel bufa, descrente. — Pode ter sido um curto-circuito.

— Você acredita que foi acidente? — questiono, mesmo sabendo a resposta no seu semblante.

— Não — diz, enfático. — A gente encontrou muita coisa, Isabela. Você nem imagina a merda que está isso.

Tenho uma vontade enorme de perguntar o que descobriram, no

entanto, sei que não tenho o direito de me intrometer. Conversamos mais um pouco, sem entrar em detalhes, mas logo Samuel precisa se despedir por causa de uma reunião marcada com cliente na imobiliária.

No caminho de volta para casa, minha cabeça não para de martelar na coincidência do incêndio ser horas depois que estive lá e no fato de poder ser uma segunda chance para mim com Ben.

Pego o celular no bolso da calça jeans e disco o número do Hugo. Ele é o amigo que me incentivou a procurar ajuda profissional para as crises de ansiedade. Trabalhamos juntos na DP da capital e tivemos um caso rápido também — que não durou pela minha falta de capacidade em se envolver.

Hugo é um cara muito legal para ser usado como válvula de escape. Permanecemos apenas com a amizade.

— Oi, Bela. Está melhor?

Apesar do rebuliço dentro de mim, acabo soltando um sorriso fraco ao ouvir sua voz. Ele entra em contato frequentemente para saber do meu estado de saúde ou para bater papo à toa.

— Mais ou menos, aconteceu muita coisa de ontem para hoje. — Suspiro, parando a mão que já queria cutucar de novo. — Você está mesmo querendo aproveitar sua folga e vir passar o final de semana aqui?

— Estou! Pensei em sair hoje depois do expediente e ir direto. O delegado que ficou no lugar do Alfredo é bem mais de boa, não tem aquela ânsia de bater metas.

Soube que ele viria à inauguração da Delegacia da Mulher e fui vê-lo para dar os parabéns pessoalmente pela pré-candidatura. Foi Hugo quem me contou, já estava de licença média quando anunciou sua desincompatibilização do cargo para participar das eleições.

Escutei esses rumores antes, no entanto, nunca imaginei que realmente iria largar o vício na carreira para viver em Brasília.

— Vem, sim, estou precisando de ajuda. Tem uma coisa me incomodando muito.

— Espero que não seja trabalho, Isabela Ferraz. — Quase posso ver sua cara de bravo pela linha. — Você tem que descansar, foi por isso que

viajou para a casa da sua mãe e não ficou aqui na capital. Já foi um parto te convencer a aceitar essa licença, teimosa *pra* burro.

— É importante demais — insisto. — Minha cabeça ainda não está boa e você sempre me ajuda nos casos. Preciso da sua inteligência. Por favor!

Com o medo me dominando, o trabalho na Polícia ficou comprometido nesse tempo. Por sorte, Hugo sempre esteve comigo, não me deixando desistir e me incentivando a lutar pelo meu sonho.

Não podia desmoronar de vez. Eu fiz uma escolha.

Ele bufa, dá sermão, briga mais um pouco, porém, no fim acaba confirmando que vem. Termino a ligação contando os minutos para chegar à noite logo.

Se tiver qualquer indício que ligue minha presença ao motivo do incêndio, eu vou descobrir. E se, de alguma forma, isso também mudar o caso do Benjamim, farei tudo que estiver ao meu alcance para me redimir do passado.

Desta vez, eu vou ouvir meu coração.

CAPÍTULO 46

Samuel



Vejo o número do delegado na tela do meu celular e mostro para Agnes, Alisson e minha mãe, que estão sentados no sofá. Mesmo sendo domingo, resolvemos aproveitar o plantão da enfermeira para começar a refazer o organograma. Pensamos em usar um computador para facilitar, mas poderíamos ser hackeados. O jeito foi improvisar em um caderno — nada de paredes chamativas desta vez.

Infelizmente, muitos detalhes que apontamos durante essas semanas estão se perdendo. Não vamos conseguir nos lembrar de tudo.

— Alô! — Coloco o telefone no viva-voz para que todos possam escutar.

— Samuel, estou te ligando porque fiquei de avisar se tivesse novidades no caso. — Ando descrente com a polícia, no entanto, preciso reconhecer que esse delegado é bem mais prestativo do que o antigo. Talvez pelo fato dos advogados da Mendonça também ficarem em cima. A equipe leva muito a sério os imóveis que representa. — A perícia comprovou problemas na rede elétrica. A maioria dos curtos-circuitos ocorre por falta de prevenção no projeto. Não havia instalação de fusíveis e disjuntores. Por ser em um bairro de classe baixa, o pessoal constrói de qualquer jeito.

— Você vai encerrar o inquérito com base apenas nisso? — pergunto, passando a mão no cabelo.

Depois de tudo que armou, é óbvio que o verdadeiro assassino e seus cúmplices não iriam dar mole.

— Ainda não concluímos todas as análises, porém, os indícios apontam para incêndio acidental por essa falha.

— Delegado, eu tenho convicção de que foi um incêndio criminoso.
— Os três estão com os olhos fixos no aparelho, prestando atenção na conversa. — Vocês precisam avaliar outras possibilidades, talvez câmeras de segurança próximas.

— Por que você diz isso? Estava recebendo ameaças?

— Aluguei o escritório para desenvolver um projeto pessoal. Há tempos tenho percebido algo estranho, como se fosse vigiado — minto, em partes, dando corda para notar sua reação.

Posso estar falando à toa, vai saber se esse homem também não foi comprado pelo esquema. Não confio em ninguém, contudo, não irei facilitar para os *filhos da puta*. Fingir que é acidental é tudo que eles querem.

— Vou precisar que venha à delegacia amanhã, *pra* me explicar direito sobre isso, ok? Dependendo do que for, nós ampliamos o campo de trabalho.

— Certo, irei aí, sim. — Ponto positivo, pelo menos não descartou de cara. — Obrigado por ligar.

Despedimo-nos e pego minha xícara que deve estar com o café frio a essa altura. Faz mais de uma hora que estamos focados no organograma.

— Não notei nada de diferente na delegacia — Alisson comenta, pegando a sua xícara também. — Não acho que a pessoa que facilitou as coisas no passado ainda esteja lá. Talvez possam ter comprado gente nova. O delegado é chato, mas percebo que faz o serviço direito.

Ignoro a cutucada sobre os policiais que foram transferidos para São Paulo. Não toquei mais no assunto “Isabela” com Alisson. Apenas contei para Agnes que ela foi me procurar na imobiliária e o que me disse. Fui sincero ao explicar que mencionei superficialmente sobre nossa busca.

A morena não ficou chateada em nenhum momento, fazendo a sensação de paz que sinto ao seu lado aumentar ainda mais. Agnes é especial.

— Não existe crime perfeito, algum ato falho quem provocou o curto-circuito cometeu — minha mãe afirma, levantando-se e pegando o prato vazio de biscoitos em cima da mesinha de centro. — Se desta vez o inquérito for levado a sério, podemos descobrir o culpado.

— É verdade — Agnes concorda. — E ainda teremos ajuda extra da Ana, quando ela voltar de viagem. Com o crime fresco, fica mais fácil encontrar pistas.

Com a melhora da saúde da minha mãe, resolvi abrir o jogo sobre o que descobri com relação a investigação na Mendonça. Foi a primeira vez que vi dona Creuza nervosa, na minha vida. Ficou possessa com as atitudes do ex-marido, me fazendo prometer que o faria pagar por manchar o nome da imobiliária da sua família.

Pedi para a detetive viajar às cidades onde foram criadas as empresas a fim de tentar encontrar alguma coisa que ligue Telso à fraude. Ainda não temos novidades, porém, tenho esperanças até terça-feira quando irá retornar.

Minha mãe avisa que vai buscar mais biscoitos na cozinha e nos deixa a sós para retomar o trabalho. Assim que Agnes pega o caderno e a caneta, meu telefone toca de novo.

Arregalo os olhos ao ver que é uma ligação da Isabela. Ela nunca liga, deve ser importante. Observo Agnes e faço um sinal com a boca, aproveitando que Alisson está com a atenção voltada para seu café.

A morena balança a cabeça, indicando que eu atenda logo.

— Oi! — digo, receoso. — Tudo bem?

— Onde você está? — ela responde com outra pergunta. Sua voz está alta, parece um pouco sem fôlego. — Preciso falar com você, urgente!

— Estou na minha mãe. O que aconteceu?

— Em cinco minutos chego aí, me libera na portaria.

— Isabela! Isabela!

Tu tu tu.

Olho para a tela, descrente que desligou o telefone na minha cara. Deve ser muito urgente para agir dessa forma.

— O que foi? — Alisson pergunta, desconfiado.

— Isabela está vindo aqui.

Cinco minutos nunca demoraram tanto para passar. Nem conseguimos mais mexer no organograma de tão ansiosos que estamos por sua chegada.

Quando ouço o som de carro na varanda, abro a porta antes mesmo que bata.

A loira se aproxima, esbaforida, acompanhada de um homem que não conheço.

— Desculpa desligar na sua cara, estou muito ansiosa com o que descobrimos. — Ela entra e cumprimenta minha mãe, que aguarda ao meu lado. — Esse é Hugo, meu amigo da Polícia. Depois que você me falou que estava investigando o caso do Ben de novo, fiquei com uma sensação...

— Você contou *pra* ela, Samuel?! — Todos olhamos para Alisson, que se levanta, alterado.

Só então Isabela parece perceber que tem mais gente na sala. Enquanto dá um passo para trás, amedrontada; Hugo dá um para frente, como se quisesse protegê-la.

Saio de perto da porta e caminho até onde ele está, *puto* da vida comigo mesmo por não ter aproveitado o tempo de espera e falado sobre isso de uma vez.

— Não dei detalhes de nada — enfatizo o “nada”, deixando implícito que jamais contaria que entrou na delegacia para ter acesso ao arquivo de inquéritos. Nunca faria isso! — Só mencionei que usávamos o escritório que pegou fogo para investigar o caso.

— É verdade, Alisson. O Samuel me contou no mesmo dia. Não fica assim! — Ela tenta se aproximar do irmão, no entanto, ele se afasta.

— Que beleza! — ironiza, passando a mão no rosto. — Agora eu sou o último que sabe das coisas.

— Vamos deixar Isabela falar, pessoal. Disse que era urgente. O que já foi, já foi. — Minha mãe segura a mão dela, tentando apaziguar os ânimos. — Pode contar, querida.

Todas as atenções vão para a loira, que se encolhe ao lado de dona Creuza e do amigo. A euforia que estava quando chegou deu lugar ao medo estampado nos seus olhos.

Ela fita Hugo e, mesmo sem dizer uma palavra, o rapaz parece entender seu semblante.

— Quando soube que o imóvel incendiado era usado por vocês para

investigar o caso de assassinato, Isabela achou muito estranho ter acontecido justamente depois de estar no local. — É ele quem começa a falar. — Desde sexta-feira, vínhamos tentando descobrir qualquer pista que esclarecesse essa coincidência. Avaliamos o perímetro, conversamos com alguns moradores, eu hackeei as duas câmeras de segurança próximas...não achamos nada. Agora, no finalzinho da tarde, descobrimos algo que esclarece muita coisa do passado e do presente.

Quase não sinto as batidas do meu coração. Meu corpo parece paralisado, em expectativa com a descoberta.

— Hugo... — Isabela limpa a garganta e nos observa ainda receosa. — Hugo lembrou que existe um tipo de aplicativo espião instalado no celular que dá *pra* saber quase tudo sobre o dono. Dependendo do desenvolvedor, pode até acionar o gravador de voz remotamente e ter acesso ao que é conversado fora de uma ligação.

— Esse tipo de aplicativo é imperceptível para um leigo, não dá *pra* perceber que está sendo vigiado — o amigo completa. — Como tenho conhecimentos de programação, consegui descobrir que colocaram um desses no telefone da Isabela. A versão do app era de última geração.

Put a que pariu!

Passo a mão no cabelo e começo a perambular pelo cômodo, incapaz de permanecer parado. Agnes e minha mãe se sentam e Alisson me acompanha na andança. É nítido que estamos todos chocados.

— Não é só isso. — Paro ao ouvir minha ex anunciar que vem mais bomba. — Eu sei quem instalou o programa.

— Sabe? — Alisson se aproxima dela, afoito. Meu coração para de vez por um momento. — Quem foi?

— Delegado Alfredo Cruz.

— *Filho da puta!*

— Não acredito...

— Meu Deus!

Várias falas se misturam ao mesmo tempo, indignadas. Inspiro fundo para bombear oxigênio ao meu corpo e tento não surtar. A vontade é sair

correndo atrás desse desgraçado agora mesmo.

— Assim que Hugo confirmou o uso do aplicativo, minha mente trouxe à tona diversas situações que aconteceram envolvendo-o. — Isabela limpa uma lágrima que escorre no seu rosto. — Quando descobriu que eu estava investigando por conta própria o envolvimento do Ben, o delegado me deu um esporro enorme dizendo que nunca seria uma policial de verdade se misturasse vida pessoal com trabalho. Na época, eu achei que fosse um conselho verdadeiro para mim, hoje percebo que fui usada o tempo inteiro.

— Nós achamos que Alfredo já sabia que a Isabela estava investigando e deu corda *pra* poder aproveitar depois. — Hugo coloca a mão no ombro da loira, dando apoio para as lágrimas que continuam caindo. — Pode ter manipulado todas as provas que argumentou e deu o golpe final com seu discurso. Já sabia da paixão da garota pelo trabalho. Se tudo na vida dela desandasse, Samuel ficaria mal também e desviaria o foco do caso. Foi exatamente o que aconteceu com a transferência.

Porra!

Ódio, fúria, repulsa... os piores sentimentos são despertados em mim. Puxo o cabelo com força, jogo a cabeça para trás, bufo. Meus punhos se fecham automaticamente, com vontade de socar alguém até ver sangue jorrar.

— Em São Paulo, eu fiquei meses com severas crises de ansiedade e ele nunca me incentivou a tirar licença médica. Pelo contrário, dizia que a mente ocupada com trabalho ajudava a enfrentar os problemas. Recentemente, desenvolvi um novo transtorno que gera compulsão em causar escoriações na pele. — Ela olha para o braço e sinto um aperto no peito ao constatar tanta dor que Isabela passou. Não foi fácil para nenhum de nós. — Tive uma infecção e fiquei internada, mesmo assim, não falou da licença. De repente, do nada, um dia ele aparece na minha sala, sugerindo que eu deveria ficar com a minha mãe um tempo *pra* me recuperar.

— De alguma forma, o delegado deve ter sido alertado que estávamos remexendo nas pistas — Agnes comenta, pegando o caderno com o organograma na mesinha de centro. — Aproveitou a doença *pra* te mandar de volta e tentar descobrir alguma coisa usando o aplicativo espião. Como seu chefe, era muito fácil ter acesso ao aparelho e ele imaginou que seria impossível não reencontrar Samuel ficando aqui.

— Exatamente! — Isabela concorda. — Foi nessa parte que tudo se encaixou. Antes de encontrar vocês no hospital, eu já estava aqui há 20 dias. Não saía de casa *pra* nada, ficava quietinha no meu canto. Em uma quinta-feira, recebi notificação no grupo que temos do pessoal do trabalho no WhatsApp com várias fotos enviadas por Alfredo. Com a desculpa do #tbt, ele acionou meu gatilho. A primeira imagem era de uma confraternização que tinha eu e Samuel em destaque. O resultado foi um surto que me levou a cutucar a ferida da perna e ter que procurar atendimento médico. A ironia do destino nos deu um esbarrão na cantina.

Ironia do destino é Isabela ser usada como marionete, assim como Benjamim, para encobrir um desgraçado sem escrúpulos. O pior de tudo é que o delegado não é o assassino da Ayla. Ele só está acobertando alguém mais repugnante que ele.

— Acreditamos que o objetivo da foto era justamente trazer lembranças à Isabela que a fizessem procurar Samuel e se aproximar dele. Não adiantava nada ficar de licença e não ser útil para seus planos. Por fim, ele acabou tendo sorte que o encontro aconteceu de forma espontânea.

— E de novo teve sorte! — Alisson abre a boca depois de um longo tempo de silêncio. Seu rosto denota cansaço e tristeza. — Alfredo ouviu a discussão entre você e eu na rua do escritório e deve ter acionado a geolocalização do celular, acreditando ser suspeito. Mais fácil que tirar doce da boca de criança. Ele descobriu nossa investigação e botou fogo como alerta ou para dificultar ainda mais o nosso lado, enquanto pensa no próximo passo.

Pensando bem, ter colocado fogo não resolve o seu problema. Continuamos vivos e não vamos parar. Talvez seja mesmo para assustar ou foi uma atitude impensada, na hora da raiva.

Se foi o último caso, é bom para nós. Atitudes impensadas deixam mais rabo para trás. Podemos encontrar evidências que comprovem o incêndio criminoso.

— Estou olhando aqui no organograma e relembro os fatos, pela época que a Isabela mencionou que Alfredo a enviou de volta, bate com a tentativa de conversa com as modelos. Lembra que tentamos contato, perguntando do book rosa? — Agnes questiona, focando sua atenção em

mim.

Sempre inteligente e perspicaz. Meu Deus!

— Lembro, sim, todas elas foram ríspidas com a gente. Principalmente a última, que tentei falar pessoalmente.

Para não deixar Isabela e Hugo sem entender, conto aos dois brevemente sobre nossa suspeita de que Ayla estava sendo persuadida a participar de prostituição.

— A questão é: o que qualquer uma dessas modelos tem a ver com o delegado *pra* avisar uma coisa desse tipo? Não mencionamos nada do caso, só jogamos o verde do book rosa — a enfermeira reflete.

— A Miriane estava falando com o delegado no beco, no dia da inauguração! — Alisson recorda, aproximando-se de mim. — Ela parecia ter uma certa intimidade com o homem. Pode ser que ele requisitasse com frequência o serviço das meninas ou quem sabe seja o próprio cafetão delas.

Uma enxurrada de possibilidades é levantada durante quase duas horas. O saldo, no final da noite, é uma revelação bombástica que pode mudar o rumo de tudo, um pedido de desculpas de Alisson por duvidar da minha ex, novas teorias e a garantia de duas pessoas a mais para nos ajudar no caso.

Exausto, assim que as visitas vão embora e Agnes ajuda minha mãe a se arrumar para dormir, sigo por instinto até o porão e resolvo descer um pouco. Os passos estão pesados, o corpo como se estivesse participado de uma guerra.

Abro o armário e fico encarando meu violoncelo por um longo tempo sem dizer ou fazer nada. Apenas contemplo o instrumento como uma espécie de bateria para renovar minhas forças.

Pela primeira vez, desde que o revi, estico o braço e deixo a pele se arrepiar ao sentir na ponta do dedo a madeira maciça. Fecho os olhos e imagino o som das cordas, permitindo que o choro venha e limpe toda angústia do meu peito.

Queria poder pegá-lo e tocar exaustivamente, mas ainda não estou pronto.

Talvez um dia.

CAPÍTULO 47

Agnes



Não gosto desse silêncio. Mar calmo demais pode esconder icebergs à espreita para nos destruir. Já se passou uma semana e não tivemos novo alerta do inimigo. A essa altura o delegado percebeu que Isabela descobriu do aplicativo espião e perdeu sua carta na manga. Deve estar recalculando a rota, de olho à distância.

Apesar das emoções à flor da pele, estamos tendo que aguardar para agir só no momento certo. Não adianta pegar o peixe pequeno, e deixar o grande à solta. É um exercício difícil de paciência porque a raiva quer ser impulsiva.

Encho o copo de água e apanho os remédios de dona Creuza na caixinha perto da geladeira. Apago a luz e volto para a sala, onde estamos reunidos mais uma vez para discutir o caso.

A notícia boa é que o depoimento do Samuel sobre a suspeita de incêndio criminoso foi aceito e a investigação está seguindo por esse caminho. Ao que tudo indica, o novo delegado não faz parte do esquema. A detetive Ana está ajudando por fora também a levantar qualquer informação útil. Infelizmente, ela voltou da viagem sem novidades para o caso das empresas fraudulentas.

Como conseguimos duas ajudas extras, dividimos as tarefas para agilizar o trabalho. Isabela e Hugo ficaram de tentar descobrir algo novo sobre as modelos, Samuel sobre a Miriane, Alisson sobre quem mais pode estar envolvido na delegacia e eu fiquei encarregada de terminar de reorganizar o organograma.

— Aqui, meu amor. — Entrego o copo e coloco os remédios na sua boca. Hoje, dona Creuza está com náusea e dor. A recuperação da cirurgia

tem dias bons e ruins. — O que acha de deitar um pouquinho pra descansar?

— Ah, não — resmunga, tristonha. — Queria ficar aqui com vocês.

— Mãe, deitar vai fazer bem. A senhora está tão pálida. — Samuel pega na sua mão e faz carinho nos dedos. — Descansa, ouvindo as músicas do Youtube da Agnes que você tanto gosta. Assim que se sentir melhor, volta, *tá bom?*

Sorrio com a menção do meu canal. Sem dúvidas, dona Creuza é minha maior fã. Assiste o dia inteiro e comenta em tudo, mesmo reclamando que não entende direito de tecnologia.

A música tem sido meu esteio nesses dias difíceis. Chego em casa, cansada, com a mente preocupada, mas é só pegar o violão e ligar a câmera que tudo vai embora. Nem que seja por poucos minutos.

Conversar com a minha mãe foi a melhor escolha que eu poderia ter feito.

— *Tá bom, tá bom* — concorda e Samuel pisca para mim, também sorrindo. — Só vou deitar porque a voz da minha linda é irrecusável.

Ajudo-a se levantar e vou com ela até o quarto. Ligo o tablet e seleciono suas canções preferidas do meu canal em uma playlist. Quando estou saindo, meu celular vibra e noto uma mensagem nova do Bruno.

Ficamos uns dias sem nos falar devido à correria da rotina e só anteontem retornamos aos bate-papos diários. Ele é muito legal, poderia rolar alguma coisa se meu coração não estivesse completamente preenchido por um certo moreno de olhos verdes.

Penso em responder, no entanto, o som da voz da Isabela chegando me faz guardar o aparelho e correr para a sala. Nossa investigação, com certeza, está em primeiro lugar.

Avisto-a em pé perto do sofá e aceno com a mão. Nunca duvidei dela e fiquei muito triste com seu relato de tudo que aconteceu quando estive em São Paulo, mas não é como se fôssemos nos tornar amigas.

Há um respeito e um distanciamento natural. Eu, por tudo que representa no passado; e Isabela por pensar o mesmo de mim no presente. Mulher sempre sente as coisas, tenho certeza de que percebeu que há uma

tensão diferente entre mim e seu ex. Está no seu olhar.

— Hugo me ligou agora há pouco, conseguiu com um amigo dele na PF informações relevantes sobre a modelo que vocês foram atrás, em São Paulo. Ela pode ter sido a dedo duro. — Sento-me do lado do meu irmão, que está com sua atenção totalmente focada na loira. Ainda bem que eles se entenderam. — A jovem está no meio de uma investigação sobre prostituição de modelos, atrizes e dançarinas de TV.

— Por que a Polícia Federal está envolvida? — Samuel questiona o que fiquei com vontade de perguntar.

— Prostituição não é crime, mas a exploração sexual, sim. O aliciador chega a enviar as garotas para o exterior, a fim de atender clientes da alta sociedade. Falamos aqui de R\$15 a R\$20 mil por programa.

Caramba! É um valor bem alto mesmo.

— Qual a ligação disso com nosso caso? — Alisson, como sempre apressado, não se aguenta em questionar.

— Então, o Hugo sabia que esse amigo estava trabalhando na investigação e pediu para levantar no banco de dados o nome das meninas da nossa lista, só por desincargo. — Isabela se senta também, tirando o celular do bolso. — Essa garota do evento apareceu como sendo suspeita de estar infiltrada para captar informações *pra* outro aliciador.

— Calma! — Tento organizar as ideias na minha cabeça. — Você quer dizer que ela pode estar infiltrada em uma rede de aliciamento internacional para repassar coisas ao seu verdadeiro chefe? Alguém que conhece há muitos anos, como na época do crime da Ayla?

Se for isso, o emaranhado só piora. Parece que estamos no meio de um labirinto que a cada vez abre mais caminhos confusos.

— Isso mesmo! O cafetão provavelmente quer ampliar os lucros e tem uma das suas garotas no negócio do concorrente para entender como funciona. — Passo a mão no rosto, atordoada. Será que vamos conseguir sair desse labirinto, alguma hora? — Pode ser viagem nossa, mas Hugo sugeriu que ela ainda trabalha para o mesmo cara, por isso, a informação que Samuel foi procurá-la vazou e eu entrei na jogada.

— Faz sentido! — meu irmão pondera, colocando a mão no queixo.

— Será que é o Alfredo, o próprio cafetão?

— Isso ainda não sabemos. Hugo descobriu algumas coisas dele também. Vou fazer uma chamada, espere aí.

Como precaução, sempre que for falar ou pesquisar algo do caso, todos nós vamos usar os celulares descartáveis que Samuel comprou. São mais simples e têm poucas funções, porém, evita de sermos espionados.

Sinceramente, eu não acho que o delegado seja o culpado do crime nem o cafetão. Na minha cabeça, ele é apenas um peão nesse jogo.

— Oi, Hugo! Tô no viva-voz, já resumi aqui para o pessoal sobre a modelo. — Isabela se inclina, deixando o aparelho na mesinha de centro. — Conta *pra* eles o que mais você levantou do aliciador que pode ser nosso cara.

— Oi, pessoal! É o seguinte, eu acho que essa pista é quente, porque depois que meu amigo da PF deu a dica, fui levantar mais informações da modelo. Além de trabalhar aí, ela também esteve em outras cidades do estado nos últimos dois anos. Sempre com clientes de alto escalão. — Puxo o cabelo para cima e faço um coque enquanto escuto. Essa conversa me deu até calor. Pelo canto de olho, noto Samuel desviar a atenção para mim. Nem ousou corresponder para não me perder nele no meio de um assunto importante. — Em todos os locais há indícios de um tal Jonny Quest por trás. É possível que seja nosso cara.

— Quem? — A voz do homem que estava me fitando, segundos atrás, parece de outro.

Encaro-o e vejo desespero no seu rosto. Samuel se levanta e pega o celular na mão, afoito.

— Quem está por trás? — repete a pergunta e noto que está tremendo.

— Jonny Quest. Por quê? Você conhece?

O aparelho cai no chão, assim que Hugo confirma. Ele fecha os punhos e solta um grito de raiva que me assusta. Fora de si, começa a socar o estofado do sofá sem parar.

— Samuel, calma! — Tento me aproximar, mas está muito agitado. — Olha aqui *pra* mim. Olha aqui, por favor!

Vendo que está atordoado, chego mais perto e entro na sua frente. Escuto meu irmão avisando para tomar cuidado, no entanto, meu foco está em dissipar o ódio repentino que o tomou.

— Olha *pra* mim. — Coloco as duas mãos no seu rosto e o obrigo a me enxergar. Sua íris clara agora está escura e cheia de lágrimas. Há tanta dor ali que meu coração se aperta. — Calma!

— É ele, Agnes — sussurra, com um peso tão grande nas palavras que tenho vontade de chorar também. — É ele de novo.

— Ele quem? — questiono, acariciando sua bochecha.

— Jonny Quest é o nome do desenho preferido do meu pai. — Mais lágrimas escorrem e não resisto a deixar as minhas também caírem diante do seu sofrimento. — Quando era criança e tentava ganhar sua atenção, colocava DVD desse desenho *pra* assistir. Só assim ele ficava um pouco comigo.

Ninguém fala uma palavra na sala.

Puxo seu corpo de encontro ao meu e o abraço, sentindo suas mãos me apertarem tão forte, que é como se quisesse nos fundir.

— Será que foi ele quem matou a Ayla e armou para o Ben? — Sabia que era essa sua maior preocupação. — Meu próprio pai acabou com a vida de dois inocentes? Por quê? Preciso saber o motivo. Eu preciso.

— A gente vai descobrir — garanto, passando a mão nas suas costas. — Eu prometo que a gente vai.

Ficamos em silêncio, ainda abraçados, e noto Isabela nos encarando, emocionada. Não sei dizer se pelo estado do ex-noivo ou por nosso contato.

Decido não pensar sobre isso agora. A única coisa que importa é Samuel ficar bem.



Demorou quase uma hora para os ânimos se acalmarem. Dona Creuza acabou acordando com o grito do filho e tivemos duas pessoas para cuidar. A tristeza e a decepção estão estampadas no rosto deles. A senhora, que já não estava bem, chorou tanto que optei por dar um remédio para fazê-la dormir de vez.

— Com base no que sabemos, ele primeiro começou com o aliciamento aqui, há quatro anos — Alisson comenta, tentando montar uma cronologia dos fatos, e anota no caderno. — Depois vem a fraude imobiliária, a fraude nas licitações e essa informação sobre querer ampliar a prostituição para outros lugares. Não devem ser só modelos no meio, com certeza.

— A detetive tinha comentado que só a fraude imobiliária não ia dar conta de arcar com os altos custos de participar do cartel. — Bato a caneta na cabeça, pensando. — As fraudes e a ampliação da prostituição aconteceram depois do assassinato da Ayla, pelas nossas pesquisas. Teve alguma coisa ali que mudou a chave completamente, que ampliou as oportunidades para o Telso.

— *Porra*, é quase inacreditável que tudo está se interligando. — Samuel esfrega as mãos na calça, ainda está nervoso. — Quando notei os contratos superfaturados na imobiliária, jamais imaginei que chegaríamos a isso. Uma coisa foi puxando outra.

É impressionante mesmo em como os fatos se interligam. São pequenas coisas que, se não fosse um trabalho em conjunto, a gente nunca descobriria — ou, na melhor das hipóteses, demoraria muito para desvendar. Isabela, por exemplo, está sendo crucial. De suspeita a cúmplice. Se não entrasse para nos ajudar, ficaríamos no escuro com relação ao delegado Alfredo e não teríamos o apoio do Hugo com suas fontes na Polícia Federal chegando ao Telso.

Acredito na providência divina para honrar a memória da Ayla e do Ben.

— Estou pensando aqui, o delegado ser comparsa do Telso explica a conversa com Miriane aquele dia— meu irmão afirma, e balanço a cabeça, concordando. — Ele deve ter negado as investidas por saber que o homem não é de brincadeira. Tem muita coisa envolvida.

— Ele é candidato a deputado, não pode correr riscos justo quando começa a disputa eleitoral — Isabela lembra. É verdade, ainda tem isso.

— Com a infiltrada sendo a dedo duro, nosso foco tem que ser nas outras duas que participavam do book rosa. Se, por acaso, foram na boate aquele dia, só elas podem confirmar se Telso estava presente. Miriane

também não é uma opção, vai abrir o bico.

Observo Samuel falando e me recordo da agenciadora das modelos, que sempre foi muito solícita. Não acho que as garotas vão nos ouvir, contudo, se tiver mais alguém que conhecem junto pode funcionar.

Fomos descobertos mesmo, se tentarmos e ela participar de alguma forma dessa rede não vai fazer diferença.

— Antes de chegar a elas, podemos tentar falar com a agenciadora que me passou a lista — sugiro a ideia que tive. — Não vamos dar bandeira de todas as ligações que já fizemos, fingimos que queremos obter informação só da Ayla.

Explico melhor o que pensei e alerto que seria melhor ir à agência conversar pessoalmente com a mulher. Olho no olho, podemos captar de qual lado está. Todos concordam e combinamos de procurá-la na segunda-feira, durante meu almoço.

Eu estava preocupada com a calmaria, agora estou com a tempestade que está por vir.

CAPÍTULO 48

Samuel



Reparo nos quadros com borda branca e tamanhos diferentes, estampando uma parede inteira com dezenas de campanhas feitas pelos modelos da agência. Eu contei: tem 133. É impossível não olhar um por um quando se espera por mais de meia hora para ser atendido.

— Está demorando demais, você não acha? — Agnes sussurra, inclinando a cabeça perto da minha orelha.

Putá que pariu!

Sinto um arrepio pela coluna, mesmo que o objetivo não tenha sido me provocar. Estou morrendo de saudade dessas sensações com ela. Ah, merda. Preciso de foco aqui, agora não é hora.

Reunindo todo meu autocontrole, observo três modelos sentadas do lado dela, e duas do meu. Várias outras já entraram e estamos ficando para trás. Embora exista mais de uma agenciadora para atender, algo me diz que a mulher não ficou muito feliz quando anunciaram nossa presença na recepção e está enrolando.

— Eu acho que... — Interrompo a frase ao perceber um corpo esguio saindo pela porta e vindo em nossa direção.

Só pode ser ela, pela tensão na forma de caminhar.

— Boa tarde, Agnes! — saúda, sorridente, mas noto medo no seu rosto. — Me desculpa te fazer esperar, estava terminando de acertar um ensaio fotográfico.

— Boa tarde, Camila! Tudo bem, sem problemas. Me desculpa por vir sem avisar antes. — Ela se levanta e ajeita a postura. — Esse aqui é o Samuel.

Levanto-me também e a cumprimento, simpático. Reparo que sua mão está suada. Com certeza, nossa presença não é muito benquista.

— Eu gostaria de falar com você um minuto, seria possível? Não vamos demorar.

Visivelmente nervosa, a agenciadora acena com a cabeça e nos pede para segui-la por um corredor que leva até a sua sala. Antes de se sentar, seca três vezes a mão no tecido da saia.

Semicerro os olhos, anotando mentalmente cada detalhe. Estou a achando inquieta demais para fazer parte do esquema. Essa reação está me parecendo mais de alguém que esconde algo.

— Como posso ajudá-la? — Para disfarçar a voz presa, Camila pega um copo de água que estava na mesa e toma o líquido.

— Eu vou ser direta, até *pra* não tomar muito do seu tempo — Agnes avisa, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu sei que algumas modelos que estavam naquele ensaio fazem book rosa. Preciso da sua ajuda para convencer duas delas a me contar algumas coisas sobre minha irmã. Eu tenho convicção que sua morte não foi como a polícia investigou e acho que essas meninas foram à boate.

Camila se engasga com a água e fica pálida. Agora, mais do que nunca, tenho convicção de que sabe mais coisas do que já contou à Agnes no passado.

— Tu... tudo que eu sabia, te... te contei naquela época — a mulher gagueja, apertando os dedos no copo.

— Tem certeza disso? — instigo, aproveitando sua fragilidade para tentar convencê-la a se abrir. — Pois eu acho que está mentindo. E saiba que você mente muito mal.

Com os olhos arregalados, ela fica em silêncio e não responde nada de imediato. Parece em um embate interno.

— Por favor, se sabe alguma coisa que possa ajudar a esclarecer a morte da minha irmã, nos ajude!

— Ah, meu Deus! — Camila se levanta da cadeira e começa a andar em círculos atrás da mesa. — Pare de falar isso, por favor. Por favor. É

perigoso.

— O que é perigoso? — Sigo-a e paro ao seu lado. — Você sabia que duas pessoas inocentes foram afetadas aquela noite? Inocentes, Camila! Eles merecem ter paz.

A mulher cobre o rosto com as mãos e começa a balançar a cabeça. Olho para Agnes e ela também se aproxima para pressioná-la mais um pouco. Sinto que está prestes a falar o que sabe.

— Quem foi com Ayla para a boate? — Minha morena pega no seu braço de forma carinhosa e levanta seu rosto com a outra mão. — Pode nos contar, isso não vai sair daqui. Você sabe, não é?

— Si... sim... — O choro vem junto com a confirmação. A mulher precisa de um momento para se recuperar e continuar falando. — Agora eu sei, mas naquela época eu ainda não sabia. Juro! Eu sou uma agenciadora séria, jamais pactuaria com esse tipo de exploração. Só fiquei sabendo do book rosa, meses depois do crime. Esse tipo de aliciamento não acontece aqui dentro, posso garantir, é de fora.

Sinto verdade nela, acredito que esteja sendo sincera. Pego o copo de água na mesa e entrego na sua mão.

— Eu te imploro, Camila, conta o que descobriu! É muito importante *pra* mim, honrar a memória da Ayla.

Ela olha para a porta, como se o perigo estivesse à sua espera, e depois para nossos olhos ansiosos a fitando. O segundo apelo parece mais forte do que o seu medo de arriscar.

— Samira vai me matar, mas eu preciso tirar esse peso das minhas costas também. — Reconheço o nome que citou, como sendo o da modelo que estava no exterior e sequer atendeu ou respondeu nossas mensagens. — Quando minha irmã morreu, eu trouxe minhas sobrinhas *pra* ficar comigo. A mais velha era linda e desenvolta, foi natural o interesse pela moda. O problema foi que se empolgou demais com a fama e começou a andar com as pessoas erradas.

— Samira foi para a boate aquela noite? — instigo, curioso.

— Não só foi, como insistiu *pra* Ayla ir também. Foi ela quem convenceu a sua irmã.

Nós dois olhamos para Agnes, que na mesma hora fica emocionada. Sem pensar muito, entrelaço nossos dedos e aperto bem forte minha mão na dela.

— Elas foram com intenção de fazer book rosa? — A sua voz embargada faz meu peito parecer que está sendo esmagado. Odeio vê-la triste.

— Não! — Camila explica, secando o rosto. — Ayla nem sabia que existia book rosa, até chegar lá e uma pessoa ficar interessada nela.

Escuto o suspiro de alívio reverberar na sala. Agnes estava certa: a irmã não iria aceitar fazer isso por vontade própria.

— Você sabe alguma coisa desse homem que se interessou? Da pessoa que alicia as modelos?

— Samira nunca entrou em detalhes dessa parte, só diz que é muito perigoso. Eu nem saberia que estive na boate aquele dia, se não fosse um quadro de depressão que quase a destruiu e a fez desistir das passarelas. — Camila bebe um gole de água, emocionada novamente. — Quando você me mandou e-mail pedindo a lista das modelos, eu demorei *pra* enviar, porque fiquei morrendo de medo de remexer nisso. Minha sobrinha ainda não está bem, paga caro por suas escolhas.

— Nós precisamos conversar com ela! — Agnes pede e a mulher responde com um balançar frenético da cabeça, em negativa. — Sua sobrinha pode ser o elo que falta *pra* gente fechar esse quebra-cabeça. Por favor, estamos quase pegando *eles*. Estamos muito perto!

Diante de três pedidos seguidos com a mesma resposta enfática, eu decido contar à agenciadora um resumo de tudo que descobrimos. Explico por cima que tem policiais sérios envolvidos e que, desta vez, não vamos permitir que injustiças sejam cometidas.

É uma jogada arriscada, tendo em vista o histórico de pessoas compradas nessa trama, porém, meu coração estava pedindo que eu fizesse isso e não pude deixar de ouvir.

— Meu Deus, que confusão! — Camila passa a mão no cabelo e depois a coloca na altura do peito. Está boquiaberta com a enxurrada de informações. — Eu... eu não sei se Samira está preparada. Eu sinceramente

não sei.

— Fala com sua sobrinha, explica nosso lado. Talvez enfrentar isso possa ajudá-la a se recuperar mais fácil.

— Vou tentar, Agnes, mas não prometo que vai dar certo. Respeitarei a decisão da Samira.

Encaro a morena e trocamos um olhar de esperança. Tentar é melhor do que nada.



Três dias. Três longos dias foi o que demorou para a resposta.

Felizmente, a espera valeu a pena e a jovem aceitou conversar. Chegou de viagem hoje à tarde do exterior e vai nos atender na casa da sua tia, para acabar com essa história de uma vez.

Estou indo só com a Agnes de novo, porém, todos os outros estão na mesma expectativa que nós pelo resultado positivo desse encontro.

Preciso saber se meu pai foi o responsável pela morte da Ayla e a acusação contra Ben. Isso está me destruindo por dentro. Se for confirmado, eu não vou esperar a justiça agir.

Desta vez, esquecerei que sou seu filho e ninguém será capaz de me impedir de acertar as contas com esse homem.

Batemos na porta do apartamento e somos atendidos de primeira por Camila. Ela mantém o rosto preocupado de antes, embora também note um brilho no seu olhar. Acredito que, se convenceu a sobrinha, é porque realmente acha que isso pode ajudá-la a melhorar.

Meu peito está agitado, o estômago doendo em expectativa. Cumprimentamo-nos de forma ansiosa e somos apresentados a uma jovem magra e abatida. O medo está explícito em cada movimento do seu corpo — muito mais no que no da tia.

Sem conseguir reparar em nada à minha volta, ajo de forma mecânica e me sento no sofá, recusando água, café ou qualquer outra coisa que Camila tente oferecer para ir quebrando o gelo.

Apesar da ânsia de saber logo as respostas que procuramos, respeitamos o momento de Samira e a deixamos contar no seu tempo. Nos primeiros 20 minutos, a garota apenas confirma as informações que Camila havia passado.

— Eu fiquei com muito peso na consciência depois de tudo, porque a Ayla não queria ir à boate, não queria beber, não queria nada do que aconteceu e ficamos insistindo — Samira conta, enxugando uma lágrima solitária que cai. — A Melissa a levou lá *pra* cima e eu não falei nada. Deixei rolar, já estava chapada nessa hora.

— Melissa Paes? — pergunto, ajeitando a postura. — Ela estava com vocês?

— Sim, ela e o namorado, Jonny. — Meu coração acelera de um jeito horrível ao confirmar a presença do Telso no dia do crime.

Não acredito nisso. Nunca vou perdoá-lo. Nunca!

Apoio o cotovelo na perna e descanso a cabeça na minha mão, sentindo a pele queimar de decepção. Fico sem forças, derrotado.

Agnes infiltra seus dedos no meu cabelo e faz um afago, fitando-me com carinho. É um gesto delicado, de alguém que quer mostrar apoio. Receber seu amparo é sempre importante, mas saber que está do meu lado, mesmo com a possibilidade eminente de alguém do meu sangue ser o responsável pela morte da sua irmã, é inexplicável.

— O que você sabe sobre a Melissa e o Jonny? — a morena pergunta, sem deixar de me tocar.

Percebo o silêncio de Samira e levanto um pouco a cabeça para observá-la. Mais lágrimas escorrem do seu rosto e é possível notar o movimento da garganta subindo e descendo.

— Conta, meu amor — Camila a incentiva. — Tira esse peso de você. Vai ficar tudo bem!

— Melissa era modelo na capital, tinha chegado à cidade recentemente. Não nos falávamos muito, ela era bem seletiva com as pessoas. Ambiciosa. Sei que não fez nenhum book rosa aqui, apesar de ser experiente nisso. Jonny cismou com a garota e pegou só *pra* ele.

— E quem é Jonny? — Agnes instiga, aumentando o movimento dos dedos no meu cabelo.

Samira olha para a tia e segura sua mão, respirando fundo antes de abrir a boca novamente.

— É o pior homem que já conheci na minha vida — ela afirma, com a voz embargada e é a minha vez de engolir em seco. — Foi quem me apresentou a possibilidade de ganhar dinheiro com a prostituição. No começo, eu gostava dele, achava gente boa, até que tudo aconteceu e ele nos ameaçou da maneira mais baixa possível.

— Como assim, ameaçou? — Minha voz sai quase em murmúrio. — O que aconteceu?

— Quando eu insisti de levar a Ayla, era *pra* curtir. Eu sabia que ela era certinha e não ia querer entrar nesse negócio. Só que, chegando lá, Jonny ficou em cima de nós para convencê-la a aceitar um cara que estava fissurado nela. Parece que era alguém rico e mimado, que não sabia ouvir não. — Samira pega um lenço oferecido por Camila e enxuga o pranto que não cessa. — Com as recusas da Ayla, ele mandou Miriane batizar a bebida dela e depois levá-la para o VIP.

— Iam estuprar minha irmã chapada? — Agnes para de me tocar e tapa a boca, deixando escapar um soluço.

Samira não responde com palavras, no entanto, o soluço ainda mais alto confirma. Volto a me aproximar e a abraço pelo ombro. *Porra!* Não sei como consegue ficar pior essa história.

— No inquérito da polícia, não aparece drogas no exame toxicológico — penso, em voz alta.

— Esse é um dos motivos do Jonny ser o pior homem que já conheci na minha vida. — Samira mistura tristeza com raiva ao falar. — Para salvar a pele desse tal cara que queria a Ayla e a matou, o *filho da puta* armou um circo. Colocou a culpa em outra pessoa! Não sei bem como fez, mas tenho certeza de que pagar alguém *pra* falsificar um exame foi o menor dos pecados dele.

— Eu pensei que tinha sido o Jonny que a matou — comento, sem conseguir saber se sinto alívio ou mais raiva.

Salvar a pele do assassino é tão repugnante quanto assassinar.

— Não, não foi! Jonny só subiu para o VIP quando a confusão já tinha acontecido. Ele e Miriane ficaram com a gente na parte de baixo. — Samira olha para trás, observando um corredor que dá para o que suponho ser os quartos da casa, e volta a nos fitar. — Jonny garantiu nosso silêncio com ameaças. Ele disse que se eu abrisse a boca *pra* falar qualquer coisa sobre aquela noite, minha irmãzinha mais nova estaria morta. É assim que ele mantém seus jogos de poder, na base do pavor.

Agnes sai do meu abraço e se levanta do sofá, com as mãos no peito. Faz repetidos exercícios de respiração. Eu não sei dizer se estou respirando neste momento.

— Foi por causa dessa ameaça que eu entrei em crise e decidi ir embora. Moro fora com minha irmã e pareço uma louca neurótica, com medo de tudo. — Tantas vidas destruídas por um capricho, por um *filho da puta* mimado. Bufo, esfregando o rosto. — Eu só estou falando com vocês agora, porque a tia Camila garantiu que era seguro. Minha irmã é a pessoa mais importante da minha vida, depois que meus pais morreram. Não posso permitir que nada aconteça a ela.

— Essa conversa não vai além de nós, Samira. — Agnes toma fôlego para poder acalmá-la e a garota balança a cabeça, concordando. — Só precisávamos entender tudo, encaixar as peças. A gente precisava saber quem é o assassino.

— Queria ajudar mais, lembrar detalhes do cara. Ele ficou a maior parte da noite em uma área reservada, bem longe de nós. Só o vi de costas uma hora, usava um boné. — É o nosso homem, com certeza, o que está nas imagens que o Alisson conseguiu na delegacia. — A Miriane comentou, quando desceu do VIP, que ele tinha uma cantada péssima e ficou falando *pra* Ayla alguma coisa como: “visão mais linda do meu dia”.

Um som de susto invade a sala e eu observo o ambiente, procurando de onde vem. Acontece tudo tão rápido que só noto sua tontura quando o corpo se inclina para trás.

— Agnes! — vocifero, desesperado.

Corro, mas não há tempo de evitar que se colida com o chão. Seguro

seu rosto, chamo, suplico. Ela não acorda. Meu mundo também escurece enquanto o dela permanece preto.

CAPÍTULO 49

Agnes



— Agnes, eu estou aqui. Acorda, por favor!

Isso é um pesadelo. A voz do Samuel não é real. Abra os olhos e tudo estará bem. Você não ouviu o que acha que acabou de ouvir. É um sonho!

Pisco, tentando me acostumar com a claridade. Minha cabeça lateja e o ouvido zuni. Pisco de novo e avisto três rostos embaçados bem próximos. Não é meu quarto, nem minha cama. Reconheço o chão duro e gelado nas minhas costas. É real!

A dura realidade.

— Ela está acordando! — Samira avisa. — Deu uma piscada.

Meu peito acelera e se comprime, os dentes rangem, os punhos se fecham. Minha respiração fica entrecortada e é inevitável controlar as lágrimas que descem ao constatar que ouvi certo.

Não estou sonhando. Estou na casa da Camila, conversando com a sobrinha dela.

— O que houve, Agnes? — Samuel pergunta, aflito.

Ele está agachado ao meu lado, apoiando minha cabeça com uma das suas mãos e a outra toca nossos dedos. Foco no seu rosto e continuo piscando até conseguir enxergar direito e acalmar a respiração. A tarefa fica bem mais difícil com o choro que não dá trégua.

— Eu sei quem é... — Forço a saliva descer pela garganta fechada.

— Quem é o quê? — questiona, sereno, prestando atenção em mim.

— O homem do boné — sussurro, como se o volume da voz fosse capaz de atenuar o baque. Suas pupilas se dilatam, em expectativa. — É o

Bruno.

— Bruno? Bruno, o filho do governador? — pede confirmação, boquiaberto.

Balanço a cabeça em sinal de positivo, ouvindo na minha mente a voz suave do rapaz, que parecia tão simpático.

— Ele me disse a mesma coisa, duas vezes: “visão mais linda do meu dia”.

Assim que Samira pronunciou a frase, foi como se uma luz tivesse se acendido na minha cabeça, apontando a saída do labirinto. O fato de ser alguém com tanta influência é a única coisa que explica o trabalho tão complexo para manter um segredo.

Ele e o pai estão garantindo que ninguém manche o nome tradicional da família Sá à custa de inocentes mortos e compra de dezenas de pessoas no meio do caminho.

Muito provavelmente a maioria das nossas suspeitas estavam certas. Outros policiais envolvidos, detetives silenciados, depoimentos falsos, troca da liberdade por favores... O número de gente que foi corrompida não é pequeno.

Um crime que começou com Bruno e terminou com Telso, o governador passando a mão na cabeça do filho e o pessoal do delegado Alfredo.

— *Porra!*

Essa é a única palavra que Samuel diz.

Tenho certeza de que a confusão interior dele, é a mesma que está em mim, quando deixa o seu peso ceder e se senta no chão. As mãos me soltam com cuidado e vão direto para a sua cabeça.

Samuel fica em silêncio e cabisbaixo, interiorizando o que isso significa. Assimilando que agora tem um rosto para culpar, alguém para fazer pagar pela morte do seu melhor amigo. Igual eu tenho para a minha irmã.

A reação do seu corpo é introspectiva desta vez, como se estivesse revivendo o luto. Os ombros balançam, mostrando um choro contido, mais dolorido do que tudo que já vivenciei com ele nesse tempo que nos

conhecemos.

— Vamos deixar vocês a sós um minuto — Camila avisa, percebendo a importância deste momento para Samuel e eu.

Apoio o cotovelo no chão e me sento também, esfregando a mão no peito, tentando tirar o nó que se fez ali. Não dizemos nada um para o outro. Não há consolo que amenize a resposta para algo que você procura por quatro anos.

— Você está sentindo alívio ao saber quem é? — Samuel pergunta, com a voz embargada, longos minutos depois, e aponta para o coração. — Achei que ao descobrir eu ficaria eufórico, mas não está sendo bem assim. Parece oco aqui dentro.

Seus olhos vermelhos aumentam minha própria tristeza.

— Essa sensação é por causa da saudade. Tudo deve ter vindo com força na sua memória, como veio *pra* mim — explico, secando uma lágrima solitária que insiste em cair. — Por mais que a gente queira fazer justiça, nada vai trazer a pessoa de volta.

— Descobrir, não muda o fato de que nunca mais teremos Ben e Ayla nas nossas vidas — ele concorda, com um suspiro, e volta a abaixar a cabeça.

— Infelizmente, não. — Estico o braço e toco no seu ombro. — A dor continuará sendo real, só com o tempo vamos aprendendo a lidar melhor com ela. Não creio que suma completamente nunca. O segredo é se adaptar.

Eu aprendi muito sobre isso na terapia. Acho que Samuel escolheu uma hora excelente para começar a sua. O amadurecimento da dor nos faz ficar fortes e encontrar motivos para sorrir.



Dona Creuza passou mal e acabou vomitando. Alisson surtou e quebrou várias coisas da sala. Isabela teve uma crise de ansiedade e chorou de soluçar.

Passadas exatamente quatro horas, desde que demos a notícia, só agora a mente pareceu se acalmar o suficiente para afastar a tristeza e voltar para nosso plano.

Mesmo sabendo que a dor da perda sempre estará presente, daremos nosso melhor para garantir que a justiça seja feita. Para impedir que outros tenham suas vidas destruídas devido à ambição e poder destas pessoas.

— Será que Bruno sabia que você é irmã da Ayla e por isso se aproximou? — Hugo levanta a hipótese, participando da reunião pelo viva-voz. — Talvez mais um plano de espionagem, como fizeram com a Isabela?

— Não — falo, com convicção. Foi uma brincadeira de mau gosto do destino. — Nos conhecemos no dia da formatura do Alisson. Se eles desconfiassem de algo, naquela época, meu irmão jamais teria a liberdade que teve com acesso ao arquivo na delegacia. Nem chegaríamos a descobrir tanta coisa.

— É verdade — Samuel concorda. — Ele agiu diferente com você nesses dias, depois do incêndio?

Resgato minhas memórias das nossas conversas. Merda! Pior que ele ficou uns três dias sem contato nenhum. Estava muito ocupada com o caso e achei que ele estivesse com a agenda cheia de compromissos.

Passo a mão no rosto, tentando dissipar a raiva. Não podemos ser impulsivos.

— Agiu — conto, entredentes. — Deu uma sumida, achei que era correria rotineira. Como não tínhamos nada ligando a ele, devem ter achado que ficar perto do inimigo é a melhor estratégia. Ainda mais, sem o aplicativo espião.

— Com certeza estão planejando um jeito de usá-la a favor deles — Alisson diz, bufando. — São um bando de *filho da puta*!

Isso é incontestável. Eles são mesmo, muito manipuladores.

— Estou levantado informações aqui, pessoal, e reparei que o reduto eleitoral do governador Mauro é justamente na região da delegacia que o Alfredo foi transferido — Hugo volta a falar, surpreso. — Ele não foi *pra* lá, entre dezenas de outras possibilidades, à toa.

Telso acionou seus contatos e fez acontecer para salvar a barra do Bruno. Quer oportunidade mais perfeita para ganhar a confiança de alguém importante? Ele deve ter achado que tirou a sorte grande.

Para ter resolvido tão rápido, com certeza o delegado já tinha feito outros favores antes. Cada um tem seu preço, do Alfredo, pelo jeito, era conseguir uma cadeira em Brasília.

— Ele não ia conseguir visibilidade suficiente *pra* disputar a vaga de deputado federal trabalhando aqui. — Levanto e começo a andar, estralando os dedos. — Depois de tudo resolvido com o crime, foi ficar perto do eleitorado do governador. Foi o preço dele!

— Eu não duvido que manipulavam dados *pra* ganhar destaque. A gente vivia na mídia, realmente sempre teve elogios do governador! — Hugo conta, parece eufórico por ligar os pontos. — Agora, muita coisa faz sentido. Alfredo vivia desesperado por metas. Se tinha gente corrupta com ele que veio daí *pra* cá, não seria difícil fazer isso.

Será que há outros inocentes pagando o preço? Outros Benjamim sendo presos injustamente, para encerrar logo um caso e aumentar as estatísticas? Sinto um aperto no peito, mas decido não ir por esse caminho. Pelo menos, não agora. Vamos acabar ficando loucos.

Viro para o lado, prendendo o cabelo em um coque, e avisto Isabela quietinha em um canto mais afastado da sala. Ela não disse nenhuma palavra até agora. Seu rosto está indecifrável.

Nosso olhar se encontra brevemente, no entanto, a loira o desvia antes que eu possa ter algum palpite do que está pensando.

— Já sabemos da ambição do meu pai, a parte dele em troca de salvar o Bruno foi aumentar o patrimônio. A fraude imobiliária precisava de contatos de gente grande para liberar os documentos. Eu acho que ele levantou dinheiro e depois quis ir *pra* algo maior ainda. — Samuel se inclina e pega o caderno do organograma na mesinha de centro. — Cartéis, muitas vezes, são facilitados pelos políticos, nem sempre é uma iniciativa das empresas sozinhas. Diante de tudo que descobrimos, aposto que o governador faz dezenas de favores para o meu pai. E, claro, deve aproveitar *pra* ganhar à sua volta também. Mais dinheiro *pra* campanha.

Eu estava achando mesmo que alguma coisa tinha mudado a chave do Telso no dia do crime para iniciar as outras fraudes. Foi isso, é claro! O governador ampliou seus horizontes.

O celular apita, avisando de uma nova mensagem, e todos voltam a sua atenção para mim. O nome no visor traz uma fisgada no peito e faz minha mão suar segurando o aparelho. Como ele tem coragem?

Nunca ia imaginar que é tão repugnante com aquele sorrisinho bonito e as conversas engraçadas. O ditado “lobo em pele de cordeiro” é bem real. Bruno sabe interpretar um papel quando quer.

— É ele, não é? — Meu irmão se aproxima de mim, tocando no meu ombro. — Você tem que ver, Agnes! Seja fria como eles, responda e não dê bandeira.

Não falo nada nem tenho coragem de ver a mensagem. Fecho os olhos por um momento, sentindo a adrenalina percorrer meu sangue. A raiva tem um poder enorme.

Inspiro, expiro.

— Ele deve estar fazendo o mesmo, querida. Mantendo as aparências *pra* não dar bandeira. — A voz calma da dona Creuza me ajuda a retomar o controle das minhas emoções.

Abro os olhos e fito Samuel me observando com carinho. Ele acena com a cabeça, me incentivando, e mexo na tela para destravar. Os dedos um pouco trêmulos não ajudam na hora de digitar a senha.

— Eu digito *pra* você. — Alisson pega o celular da minha mão com delicadeza e deixa um beijo no topo da minha cabeça. — Sei mais do que qualquer pessoa que é difícil controlar o ódio, mas não podemos colocar tudo a perder agora.

Falo a senha e ele lê a mensagem em voz alta para todos ouvirem.

Quer um pouco de tédio? Kkkkkk

Estou pertinho, na cidade vizinha. Se eu pudesse escapar desta inauguração chata, dava um pulo aí.

Ver você é infinitamente melhor que andar horas por um pavilhão enorme e, no fim, ainda assistir a um show de música clássica. Se pelo menos fosse um rock...

Coloco a mão na boca, impedindo a ânsia que vem com tudo. Que ironia, ele em um show de música clássica! Mesmo que eu não queira,

imagino Ayla sendo forçada a ficar com esse cara, contra a sua vontade, e depois Ben, sendo espancado até perder os sentidos na prisão a fim de ser calado.

Não tenho estrutura para essas imagens mentais... não tenho. Balanço a cabeça rápido e passo a mão no rosto, afastando novas lágrimas.

Alisson dá corda e conversa com o assassino da nossa irmã. Percebo a força que seus dedos fazem na tela e os dentes cerrados. A ira está exalando dele e dos presentes que escutam cada diálogo.

— Nem eu sabia que tinha tanto estômago. — Meu irmão joga o aparelho no sofá e bufa. — Nós vamos ter que descobrir logo um jeito de desmascará-los. Não sou conhecido como o rei da paciência.

Apesar da tensão, acabamos sorrindo. Hugo se despede ao telefone e dona Creuza sugere encerrar por hoje. Foi um dia exaustivo. Estou precisando mesmo de um banho quente e da minha cama.

Sorte que não é meu dia de trabalho. Por causa da nossa conversa séria, Samuel ligou para a enfermeira de plantão entrar mais tarde hoje.

— Que tal um lanchinho antes de ir? Assim, chegam em casa e só descansam.

— É uma boa ideia! — Pego sua mão, fazendo um carinho.

— Eu prefiro ir *pra* casa, estou muito cansada. — É a primeira vez que escuto a voz da Isabela, em horas.

— Você está bem para dirigir? — Alisson pergunta, preocupado com suas crises de ansiedade.

Meu irmão pode ser impulsivo, porém, sabe reconhecer seus erros e é uma pessoa maravilhosa. Ela acena confirmando e se despede de todos de forma rápida.

Também não demoramos, cerca de trinta minutos depois estou no carro com Alisson a caminho de casa. Coloco minha bolsa no colo e procuro o celular para checar as horas. Não acho de jeito nenhum.

— Você devolveu meu celular? — questiono, fitando meu irmão no volante.

— Ah, merda! Acho que deixei no sofá. — Ele passa a mão no

cabelo, me entregando o seu aparelho. — Liga para o Samuel, pede pra ele deixar na portaria. Vai demorar muito ter que entrar de novo. Tem uma rotatória logo ali na frente, em cinco minutinhos estamos lá.

Digito o número e fico aguardando. Estou com uma sensação ruim de que tem alguma coisa errada.

— Oi, Agnes! Esqueceu algo?

— Vê *pra* mim se meu celular ficou na sala, por favor? — peço, mexendo no cabelo para dissipar a ansiedade.

Samuel avisa que vai procurar e fica na linha. Um minuto se passa e nada.

— Ele não está achando? — Alisson questiona, parando o carro no acostamento perto da rotatória.

Balanço a cabeça em negativa, o peito se comprimindo ainda mais.

— Não está na sala, já olhei em tudo. Tem certeza de que não ficou em outro cômodo?

Não peguei o celular nenhuma vez depois que meu irmão trocou mensagens com Bruno. Lembro-me do olhar sem brilho de Isabela, seu silêncio, sua saída antes de todos.

Esfrego as mãos na calça jeans. Só pode ter sido ela. Aproveitou algum momento de distração para pegar escondido. Eu falei minha senha de acesso em voz alta, vai fingir que sou eu.

— A Isabela foi atrás do Bruno! — exclamo, desesperada.

Meu Deus, não permita que ela faça nenhuma loucura, que acabe com sua vida também por causa de alguém como ele.

Não cabe mais perdas nessa equação.

CAPÍTULO 50

Samuel



Nunca dirigi tão rápido. Assim que Agnes disse que Isabela tinha ido atrás do Bruno, os irmãos pesquisaram no site do Governo do Estado qual inauguração está tendo hoje e foram na mesma hora para a cidade vizinha.

Larguei minha mãe, sem esperar a enfermeira do plantão chegar, e vim para a estrada também. A sensação de sufocamento está me deixando desesperado. Ela saiu bem antes deles e o local do evento é apenas a vinte minutos de distância.

E se já chegou lá? Se está machucada? Se acabar como o Ben e a Ayla? Aperto os dedos no volante e olho para a tela do celular no suporte, que chama o seu número, sem sucesso.

Já disquei mais de dez vezes, e nada. Desisto de tentar e volto a ligar para o telefone do Alisson.

— Conseguiu? — Agnes atende no primeiro toque.

— Não — respondo, preocupado.

Minha esperança é de que Isabela tenha feito alguma parada. Sua atitude não foi premeditada, a loira tomou a decisão durante nossa reunião. Talvez tenha passado em casa para pegar alguma coisa. Isso nos daria uma janela de tempo melhor para encontrá-la antes que seja tarde.

Não posso permitir que aquele *filho da* puta mimado faça mais uma vítima. Devia ter percebido que ficou quieta demais a noite toda, quase não abriu a boca.

Isabela quieta quer dizer que a mente está fervilhando de ideias.

— Estamos passando pelo portal da cidade — Alisson avisa, afoito.
— Sorte que o centro de convenções é aqui na entrada.

— No GPS diz que estou a quatro minutos de vocês. — Inclino o corpo e mexo no mapa exibido na tela do painel.

Nessas horas, eu agradeço o veículo de última geração. Consegui diminuir nossa distância, mesmo saindo depois. Afundo o pé no acelerador para abreviá-la ainda mais.

— Estou vendo as luzes no céu — Agnes fala no viva-voz. — Deve estar na hora do show já, isso é ruim, porque as pessoas estarão concentradas nisso.

Merda! Isabela deve ter pensando em tudo para agir no momento certo.

— Estamos entrando! — Meu coração acelera com a adrenalina. — Agnes, *pra* que lado você acha que a gente vai? *Putá que pariu!* Não podemos perder tempo.

— O que aconteceu? — questiono, aumentando o volume do aparelho.

— O centro é muito grande — ele explica. — Não faço ideia de aonde ir primeiro.

— Vai para os fundos, é onde geralmente tem a entrada do pessoal importante pra evitar aglomeração.

Agnes é sempre perfeita nos seus apontamentos. Dou atenção ao que estão falando e à estrada, acelerando ainda mais. Sei que estou sendo imprudente, porém, é por um bom motivo.

Estou pertinho de chegar no portal da cidade.

— Ai, meu Deus, olha ali! Está andando com o Bruno um pouco à frente dela.

Sua voz fica abafada. Parece que o aparelho está sendo jogado de um lado para o outro. Mesmo com o som do celular no último, inclino o corpo para ouvir melhor.

— Pela posição, deve estar apontando uma arma escondida — o policial opina. — Não vejo ninguém próximo.

Isabela, o que você está fazendo? Deus, por favor, não permita que faça nenhuma loucura.

— Tem um monte de árvores na frente. E se a gente a perder de vista?

— Acho que está indo para o outro lado do estacionamento. — Alisson denota agitação, assim como meu peito retumbando. — Tem um padrão desde que entramos. Estacionamento, área verde; estacionamento, área verde.

— Como vamos ter certeza? Até você dar essa volta toda, pode ser tarde demais. Para o carro, que eu vou pular o alambrado aqui e correr atrás deles. Será mais rápido.

— O quê? — Meu irmão e eu nos exaltamos ao mesmo tempo.

— Para logo, Alisson! Ela está quase entrando na área verde.

— Você não vai sair correndo atrás, deles, Agnes!

— Agnes, não faça...

— Agnes! Não... Agnes... *Porra*, Agnes! — O grito dele me interrompe e quase me faz sair da estrada, desatento.

— O que ela fez, Alisson? — O coração parece que está batendo na garganta. — Cadê a Agnes?

— Merda, Samuel. Acelera isso, vem logo. Ela aproveitou que diminuí a velocidade *pra* discutir e saltou com o veículo em movimento.

— Ela fez o quê? — Quase não reconheço minha voz.

Agora são duas pessoas importantes para mim em perigo.

— Meu celular está com 2% de bateria. Escuta bem: assim que entrar, vira para a direita e segue reto até os fundos. Vai para o estacionamento amarelo. Amarelo, guarda bem. Tem várias cores. Eles foram na direção das árvores.

Perco o contato com Alisson antes de saber se ele conseguiu alcançá-las. A sorte é que corri tanto que já estou vendo a fachada do centro de convenções. Acelero mais e faço o que orientou.

O estacionamento realmente tem um padrão. Entre uma cor e outra, há um pequeno alambrado, a delimitação dos carros e uma área verde. O som que sai do espaço de eventos está bem alto. Quase não se vê pessoas pelo lado de fora, somente alguns poucos rondando o prédio oval.

Avisto o carro do Alisson estacionado com a porta aberta logo à frente e paro atrás dele, correndo desenfreado pelas árvores. Esbarro nos troncos, tropeço, não paro. Só sigo o mais rápido que eu consigo tentando encontrar algum sinal de onde estão.

— Por favor, Isabela, pensa bem! — Escuto a voz da Agnes e paro de correr, olhando para os lados.

Meu coração dá um salto, feliz que, pelo menos, as duas estão vivas. Sigo o som, andando devagar para evitar fazer barulho. A primeira coisa que eu vejo é o corpo alto do Bruno.

Levanto o olhar para seu rosto e percebo que está morrendo de medo. Isabela está apontando uma arma na sua cabeça. É ruim ficar indefeso, não é, *filho da puta*? Escondo-me atrás de um tronco grande, observando todo o cenário, antes de agir.

— Você não entende que eles vão sempre se safar? — a loira brada, forçando o cano na pele do assassino. Agnes está a alguns metros longe e Alisson está ao seu lado, segurando o braço da irmã. — Esse *mimadinho* vai continuar fazendo merda e o pai vai sempre acobertar. Eles têm poder, dinheiro e influência. Podemos mostrar todas as provas do mundo, que não vão ficar presos por muito tempo.

— Você é policial! Tem uma carreira, uma vida pela frente — Agnes argumenta, com a mão esquerda levantada para o alto. — Não faça isso, vamos dar um jeito.

— Não jogue tudo fora! — Alisson afirma, evitando se mexer. — Não deixe esse verme tirar isso de você também.

— Vida? Carreira? — Isabela ri, sem humor. — Ele já tirou tudo! A minha vida acabou quando um dos meus melhores amigos foi acusado de assassinato e eu acreditei na *porra* das provas. Acreditei no meu chefe, oprimi minhas emoções que imploravam *pra* ver melhor aquilo tudo. Eu joguei 13 anos de amizade fora e ajudei, sem querer, esse babaca. No fim, Bruno Sá, o filho do governador Mauro Sá, matou dois inocentes e vive andando por aí, como se eles não tivessem existido. Como se não fossem seres humanos com família e amigos. Ele matou a garota que tentou estuprar e o homem honrado que tentou salvá-la. Comprou o delegado, policiais,

forjou provas e depoimentos... Isso tudo não merece ficar impune.

Esfrego o peito, buscando uma falsa sensação de alívio na queimação interior. Meus olhos se enchem de lágrimas, emocionado com o discurso sincero da mulher que conheci, ainda adolescente.

Eu já tinha constatado antes e ficou mais claro agora: Isabela também teve quatro anos de merda. Não podemos perder tudo, justo quando estamos tão perto de punir o verdadeiro culpado.

Entendo o seu ponto de vista, concordo que esses políticos gargalham na nossa cara, mas daremos um jeito. Vamos encontrar uma forma de lutar contra o sistema corrupto.

Respiro fundo e dou um passo à frente, decidido a convencê-la a desistir. Estou quase saindo do esconderijo, quando paro abruptamente ao enxergar uma sombra vindo por trás da loira.

— Cuidado, Isabela! — Alisson percebe ao mesmo tempo que eu e a alerta.

Merda! Merda! Merda!

Alfredo aparece e aponta uma arma na sua direção. Volto para o mesmo lugar, puxando os fios do cabelo. Não adianta me juntar a eles, nem tentar enfrentar uma pessoa armada. Pensa, Samuel! Pensa!

— Seus desgraçados, vocês não vão ferrar comigo, logo quando chegou a minha hora! — o delegado diz, com raiva, tirando Bruno da mira. — Joga no chão e chuta *pra cá*.

Isabela obedece a contragosto e o homem aponta a arma que estava com ela na direção dos irmãos. Olho para confirmar se Agnes está bem e, de alguma forma, ela percebe que estou por perto, porque vira a cabeça para os dois lados. Não me vê, porém, consegue sentir.

Meu corpo inteiro treme, nervoso. Como vamos sair dessa situação?

— Vocês são patéticos! — o filho do governador gargalha, mudando totalmente a fisionomia medrosa. Vai para o lado do delegado e Isabela fica no meu ângulo. — Não tem chance nenhuma contra nós. Sempre tem alguém por perto, de olho em mim. Sempre tem quem limpe os rastros, mesmo quando acham que estão ganhando.

— Vocês não deviam ter mexido no passado! Ayla e Benjamim foram efeitos colaterais, vocês vão para o mesmo caminho. Sabem coisa demais.

Procuro o celular no bolso para, pelo menos, filmar o que estão dizendo, mas lembro que esqueci o aparelho no suporte do carro. Porra!

— Alfredo, eu voto em matar os três agora mesmo. — Bruno bate palmas, parecendo um sociopata maluco, e puxa da mão do delegado a arma que estava com Isabela. — Vamos pensar em uma história melhor desta vez, mais emocionante. Talvez um sequestro? A loirinha fez um belo trabalho roubando o celular da Agnes *pra* me tirar lá de dentro, sem levantar suspeitas. Ia ser bom até para as manchetes da campanha: “Filho do governador Mauro Sá escapa de sequestro por milagre”. Aquele intrometido do Benjamim tornou as coisas muito sem graça da última vez.

— *Filho da puta*, desgraçado! — minha ex-noiva brada, querendo avançar na direção do assassino, mas ele mira a arma nela.

Não, Isabela! Pelo amor de Deus, não se mexe!

— Fica quietinha aí, sua piranha. — Ele ri, arrumando o cabelo. — *Tá* se doendo pelo amiguinho, é? Coitado! Estava no lugar errado, na hora errada. Ouviu a garota pedindo ajuda e foi se meter aonde não devia. Quis estragar minha farra e se ferrou! Eu adoro visitar essas boates do interior, chamam menos atenção que na capital e tem muita gostosa. Quando ele roubou a arma da minha mão, antes de empurrá-lo contra a parede, eu até pensei que a adrenalina seria mais alta. Porém, nem firmeza *pra* atirar direito tinha. Mirou em mim, se cagando de medo. Aproveitei a falta de tino e puxei Ayla *pra* minha frente bem na hora que criou coragem. Boom! Xeque-mate, no meio do peito da modelo. Estreou em grande estilo a arma que tinha adquirido recentemente *pra* ficar comigo nessas escapadas das vistas do meu pai. — Então foi assim que aconteceu! Sinto as lágrimas escorrendo ao molharem minha blusa. — Ele ficou tão em choque depois que viu o que fez acidentalmente, que o resto foi fácil demais. Nem percebeu quando o drogamos a ponto de não saber nem onde estava.

O barulho de um soluço abafado me faz observar Agnes e Alisson. Os dois estão de mãos dadas, chorando copiosamente.

— Aliás... — Bruno vira a arma na direção deles, balançando o objeto

de um lado para o outro, como se fosse brinquedo. — Agora eu entendi por que cisme logo de primeira. Você e Ayla se parecem *pra caralho*! Eu queria tanto ter *fodido* sua irmã, uma pena não ter dado certo. Talvez eu faça isso com você, antes de te matar.

Meu peito sobe e desce, frenético, ao mesmo tempo que noto um feixe de luz branca clareando os cinco e passos se aproximando entre as árvores.

— É a polícia! — O som vem de uma espécie de alto-falante. — Abaixem as armas agora e se ajoelhem no chão! Vocês estão cercados.

Os próximos segundos depois disso parecem em câmera lenta diante dos meus olhos. O delegado coloca a arma no chão e obedece. Alisson abraça Agnes e se inclina protegendo-a. Bruno...

— Não!

Sem hesitar, assim que noto seu braço se entendendo, corro o mais rápido que consigo e empurro Isabela com tudo para o lado. Pelo ângulo que eu estava, era a única coisa que eu poderia fazer para tentar evitar que a atingisse.

Cambaleio para frente, desequilibrado, sentindo minha cabeça girando e uma queimação horrível na altura do abdome.

— Ah, *merda*! — Coloco a mão onde arde e percebo-a molhada de sangue.

Há policiais por todo lado agora. Tonto, as pernas ficam bambas e eu me ajoelho no chão. Procuro Agnes e pisco para não perder os sentidos antes de garantir que está bem.

— Samuel! — ela grita, quando nossos olhares se encontram e corre na minha direção. — Calma, vai ficar tudo bem, meu amor.

“Amor.”

Meu coração acelera com a palavra, anestesiando um pouco a dor que se espalha por todo canto. Está difícil manter as pálpebras abertas. Escuto-a gritar por socorro e mais passos ao meu redor. Outras vozes falam, porém, só consigo me concentrar na dela.

— Eles vão te ajudar, respira.

Sinto uma pressão na ferida, impedindo a hemorragia. Meus olhos cedem ao peso e se fecham por um momento. Lembro-me do dia que conheci Agnes, da entrevista de emprego, das minhas desconfianças da sua competência pela idade.

Se eu conseguisse sorrir neste momento, com certeza sorriria com a recordação de como essa mulher foi me surpreendendo a cada dia, preenchendo meu coração vazio de algo que eu nem me dei conta.

— Não fecha os olhos, *tá bom?* — Ela toca meu rosto e uma lágrima sua respinga na minha bochecha. — Fica acordado *pra* mim, Samuel. Por favor!

Eu achava que só temos a chance de amar uma vez na vida. Afinal, quando você dá seu coração para alguém, o que vai oferecer a outro? Eu não tinha percebido que ele pode renascer após um término, tal qual uma fénix, e descobrir novas formas de ser feliz.

— Eu estava errado — pronuncio, com dificuldade, colocando minha mão por cima da sua. O esforço simples desencadeia um cansaço equivalente a corrida de uma maratona. As pálpebras ficam mais pesadas, luto com elas, pelo menos, até dizer a próxima frase. — O amor não acontece só uma vez na vida.

Ele é uma batida inevitável. Preparado ou não, aparece à sua porta e pode mudar tudo. Espero que eu tenha uma nova chance para aceitar essa mudança.

CAPÍTULO 51

Agnes



“Eu estava errado. O amor não acontece só uma vez na vida.”

Toda hora que seu rosto aparece na minha mente, dizendo esta frase, uma nova lágrima cai e meu pulmão implora por fôlego. Sinto-me desidratada e sufocada. Ele disse o que eu mais queria ouvir e desmaiou, sendo trazido para cá em estado grave.

Por que isso tinha que acontecer, meu Deus? Sei que deve ter seus planos, mas, por favor, proteja o Samuel. Eu imploro!

Continuo andando em círculos pela recepção do hospital, orando em silêncio, para não surtar, enquanto aguardo notícias do centro cirúrgico. Faz só uma hora e meia que nós chegamos, a noite vai ser longa. Segundo o médico, ele foi atingido no abdome e perdeu muito sangue. Como a bala não saiu, a maior preocupação é retirá-la, sem causar novos danos.

— Você não acha melhor avisar a dona Creuza? — Meu irmão se aproxima, passando a mão nas minhas costas.

— Eu não acho uma boa ideia, por enquanto, vamos rezar *pra* que tudo fique bem e ele possa ser transferido. — Viro de lado e observo seu rosto cansado, o cabelo todo desgrehado do tanto que o bagunça, em expectativa. — Depois de todas as emoções dos últimos dias, mesmo que seja uma pequena viagem, não recomendo que ela saia nesse horário. Vai ser pior!

— É verdade, você está cer... — Alisson interrompe a frase ao vermos Isabela sendo trazida pela enfermeira para a recepção.

Assim que foi jogada no chão e percebeu o que houve, ela entrou em uma crise de ansiedade.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, aproximando-me da

cadeira de rodas onde está sentada. A loira tem uma cânula nasal e segura o suporte de oxigênio ao lado do corpo. — Tem que ficar em repouso.

— Eu disse isso *pra* ela — a enfermeira tenta explicar, olhando-a com a cara fechada. — Mas a senhorita Isabela está irredutível. Não pode se exaltar por causa da crise e está agitada lá no quarto. Pediu *pra* ficar esperando notícias do amigo aqui com vocês.

Fito seu rosto e enxergo a minha angústia refletida nela. Imagino como deve estar por dentro e a preocupação pela vida do homem que também ama. Assinto e pego a cadeira de rodas, trazendo-a para perto de nós.

— Eu sou enfermeira. Fico de olho e qualquer coisa te aviso, ok?

— Tudo bem — concorda, a contragosto.

Caminho até um banco mais afastado dos outros pacientes e familiares que aguardam na recepção, porém, com uma boa visão da porta que dá acesso à área dos funcionários. Desta forma, vamos conseguir ver rápido o médico quando ele aparecer.

— Nenhuma notícia ainda? — a loira questiona, passando a mão no cabelo.

— Não, ele está em cirurgia.

— É culpa minha! — Vejo suas mãos trêmulas e o peito subindo e descendo. — Eu só quis ouvir meu coração dessa vez, eu precisava. Não era *pra* ele ter aparecido, eu deveria ter levado aquele tiro.

— Não se culpe, Isabela. Tenho certeza de que o Samuel não pensa assim. — Coloco minha mão em cima da dela. — Ele fez o que tinha que fazer, por alguém que é importante *pra* ele.

— E se acontecer alguma coisa? E se dona Creuza ficar pior de saúde, por causa disso? E se tiver alguma sequela? E se nada adiantou?

— Calma! — Faço seu corpo inquieto parar de se mexer e busco seu olhar. — Tenha fé, vai ficar tudo bem. Você precisa afastar esses pensamentos da sua cabeça, senão outra crise vai começar e irão te sedar. Sei que não quer isso, você quer estar bem para vê-lo. Não é?

— Si... s... sim — gagueja, reprimindo um soluço e respirando fundo.

Ofereço um sorriso de apoio e me encosto no banco, jogando a cabeça

para trás. Ficamos quietos e volto a orar, pedindo a Deus que tudo termine bem.

Minha mente vagueia, longe, até que escutamos uma notícia sobre o caso na televisão que está bem acima de onde nos sentamos. Nós três nos viramos para a tela, prestando atenção no repórter direto do centro de convenções.

“O filho do governador Mauro Sá, Bruno Sá, foi preso em flagrante por tentativa de homicídio junto com Alfredo Cruz, delegado na capital. Os dois fizeram três reféns na inauguração do esperado centro de convenções da cidade.

Um quarto homem, identificado como Samuel Mendonça, apareceu na cena do crime durante a ação da polícia e acabou sendo baleado. Ele passa por uma cirurgia neste momento e corre risco de morte.

Os demais envolvidos estão bem. O governador não quis comentar o caso e foi direto para a delegacia junto com seus assessores.

A polícia chegou ao local por causa de uma transmissão ao vivo da nossa emissora, que mostrou tudo que estava acontecendo. Segundo testemunhas, Mauro Sá exigiu que os policiais agissem logo antes que o filho ficasse mais comprometido do que já estava, ao relatar um crime ocorrido no passado.”

— Transmissão ao vivo? Que transmissão? Será que ouviram *ele* confessando os crimes?

— Ouviram, Agnes! — Isabela confirma, limpando o rosto molhado. Ela parece ganhar um novo ânimo de repente. — Nem acredito que deu certo! Não será em vão!

— Do que está falando? — indago.

— Eu filmei tudinho, cada palavra que aqueles dois *filhos da puta* disseram.

— Como assim, você filmou? — Alisson está tão confuso quanto eu.

— Assim que vocês disseram quem era o verdadeiro culpado, eu sabia que provar isso seria muito difícil. Com dinheiro e influência, esses políticos conseguem escapar de coisas piores. Que dirá o assassinato de dois

inocentes em uma cidade do interior! — A ex de Samuel tem uma mistura de cansaço e determinação no olhar. — Fiquei pensando, por horas, em uma saída e cheguei à conclusão de que a coisa que o político mais teme é ser exposto diante dos eleitores, estragar a boa imagem que demora anos construindo. Bruno poderia até se safar, mas eu não ia permitir que fosse fácil. Roubei o celular da Agnes e combinei de me encontrar com ele no estacionamento para assistir ao show.

— Foi por perceber a falta do celular que descobrimos sobre seu plano — comento, inclinando o corpo para frente. Nem pisco, curiosa para entender. — Saímos feito um louco torcendo pra você ter feito alguma parada antes de vir e ser tarde demais.

— Eu parei na casa da minha mãe — ela explica, arrumando a cânula no nariz. — Fui pegar minha arma e a câmera escondida que comprei, dias atrás. Antes de saber do Bruno, tinha pensando em arriscar e tentar confrontar o Alfredo para levar o caso à Corregedoria. Com sorte, a gente podia ter ajuda na investigação. Só que daí veio o baque da notícia do filho do governador e resolvi arriscar com ele mesmo, visto que, até no órgão que investiga a má conduta de policiais, tem corrupto que poderia ser comprado pelo pai dele. Eu fiz um vídeo do meu quarto, contando de forma resumida tudo que aconteceu e enviei junto com o link da transmissão ao vivo da câmera escondida para todas as emissoras de TV da região que eu encontrei. Quando estava chegando ao centro de convenções, também liberei nas minhas redes sociais para garantir que alguém veria se com a mídia não desse certo. Meu objetivo era pressioná-lo até que a máscara caísse. No fim, vocês apareceram e Bruno acabou confessando muito mais do que eu esperava.

Boquiaberta com seu plano arriscado, passo a mão no cabelo e fico com um misto de sentimentos borbulhando no peito. As lágrimas voltam a se acumular nos olhos.

— Meu Deus, Isabela! — Puxo seu corpo em direção ao meu e a abraço de surpresa. A loira demora alguns segundos para corresponder, deve ter se assustado com o gesto. — Foi muito arriscado, muito mesmo, poderia ter dado tudo errado. Você poderia ter morrido! Mas... deu certo. Você conseguiu, os expôs!

— *Caralho*, que ideia maluca, garota. — Alisson faz o mesmo e a

abraça, assim que me afasto. — Foi louca e *foda*, o importante é que a gente conseguiu, Isabela!

Estamos os três chorando e sorrindo, a respiração entrecortada.

— Era o mínimo que eu podia ter feito, devia isso ao Ben — ela lamenta, abaixando a cabeça.

— Eu confio que Deus tem um motivo para as coisas — falo, tocando seu braço. — Talvez, lá atrás, a gente nunca iria conseguir justiça. Provavelmente, agiríamos de um lado e você e Samuel, do outro. Você não conheceria Hugo, que foi crucial. Não haveria as fraudes para entrelaçar toda essa trama. Não haveria Ana, a Samira iria se esconder...

Isabela reflete sobre o que eu digo, desabafando em um choro mais demorado. Alisson e eu respeitamos, também imersos em pensamentos. Fico com a certeza em meu coração que houve um motivo: reunir todos nós para, enfim, chegar a este momento.

Quando os ânimos estão começando a se acalmar, o barulho da televisão anuncia um novo plantão de notícias. Levanto, atordoada, assim que reconheço uma foto da Miriane e do Telso no cantinho da tela.

— O que está acontecendo? — Meu irmão também percebe e se levanta.

Aproximamo-nos do aparelho e faço sinal de silêncio com o dedo, prestando atenção no que está sendo dito.

“E as surpresas não param! Na noite em que o filho do governador Mauro Sá, Bruno Sá, foi preso em flagrante, por tentativa de homicídio, uma nova página desta história acaba de acontecer na cidade vizinha.

Miriane Paes, namorada de Telso Mendonça, atingiu o homem que está sendo apontado como cúmplice em diversos crimes da família Sá com três facadas. De acordo com testemunhas que ouviram a discussão no condomínio de luxo onde vivem, a mulher gritou que não aguentava mais viver naquela situação e que não o deixaria fugir.

Os policiais encontraram no local uma mala feita, um passaporte falso e quase R\$100 mil em dinheiro. Miriane foi detida e Telso encaminhado para o hospital. Seu estado de saúde é estável.”

— Que *porra* é essa? — Alisson comenta, chocado.

— Isso é maravilhoso! — Isabela tenta se levantar da cadeira, eufórica, mas coloco a mão na sua frente, impedindo-a. Minha mente está confusa ainda, impactada. — Todos eles vão se ferrar.

Não tenho tempo de assimilar a loucura da informação porque o médico responsável pela cirurgia aparece na porta. Esqueço Bruno, Telso, Miriane... só Samuel importa.

— Como foi, doutor? — Nem espero chegar perto dele para perguntar, desesperada por uma confirmação positiva.

— Conseguimos retirar a bala com sucesso! — ele avisa, e um alívio imediato bombeia ar para o meu peito que ansiava por fôlego. Percebo pelo canto de olho que Alisson pegou a cadeira de rodas e me acompanhou com Isabela. — O projétil não atingiu nenhum órgão vital. Samuel vai ficar bem.

— Graças a Deus, doutor! — Pulo nos braços do homem e o abraço também, ouvindo a mesma reação animada dos outros dois. Estou muito emotiva hoje. — Nós vamos poder vê-lo?

— Em breve. Ele precisa descansar um pouco pelas próximas horas. — O médico observa Isabela e eu, ajeitando a armação dos óculos. — O paciente estava afoito antes da cirurgia, chamando muito por vocês duas. Assim que for possível, libero a entrada, ok?

Com a garganta tapada e o coração disparado, apenas balanço a cabeça em concordância sem conseguir falar mais nada.

Algo dentro de mim grita, avisando que Samuel confrontou sua dor e fez uma escolha.

CAPÍTULO 52

Samuel



A enfermeira inclina a maca um pouco na vertical, como eu pedi, e ajeita o travesseiro antes de sair. Estou em um quarto particular da UTI, branco e silencioso demais para a agitação que me consome por dentro. O único barulho que escutei nas últimas duas horas foi o bipe do monitor que acompanha minha frequência cardíaca.

O médico queria que eu dormisse para descansar, mas só consegui por, no máximo, uma hora. No fim, ele foi vencido pela minha insistência e liberou a entrada das visitas antes do permitido.

Fito a porta, ansioso para a sua chegada.

Aproveitei o tempo acordado, revivendo vários momentos da minha vida e tendo ainda mais certeza da decisão que eu tomei. Na verdade, ela estava estampada bem na minha cara e eu fingi que não via.

Percebo a maçaneta girando e respiro fundo, antes do seu cabelo loiro entrar no meu campo de visão. Isabela não desvia o olhar, emocionada, enquanto um enfermeiro a deixa do lado da minha maca.

— Está tudo bem? — indago, preocupado, ao notar a cadeira de rodas e o suporte de oxigênio.

— Eu faço você tomar um tiro e pergunta antes de mim! — Ela ri, mexendo as mãos no colo. — Tive uma crise de ansiedade, já passou. E você? Está doendo muito?

Por reflexo, coloco a mão em cima do curativo e me remexo no lençol. Arde bastante ainda, parece que meus músculos estão na brasa.

— Já estive pior, agora é suportável. — Sorrio também, querendo continuar com o clima leve para engatar o verdadeiro motivo da nossa

conversa. — Não tem um jeito certo *pra* começar isso, então, serei direto. Chamei você primeiro, porque tenho uma coisa muito importante *pra* te dizer, Isa.

Fazia muito tempo que não usava esse apelido, no entanto, vem propício para o momento.

— Sim, eu sei. — Noto sua garganta se mexer e os dedos cutucarem a pele do pulso.

— Fiquei pensando em como te falar e nada parecia o suficiente. Daí eu me recordei de algo. — Viro a cabeça de lado e apoio no travesseiro para poder observá-la melhor. — Lembra como o Ben adorava nos contar piadas e inventar historinhas?

— Claro que eu lembro! — Isabela dá o sorriso mais sincero que eu vi desde que nos reencontramos. Meu peito se enche de alegria. — As piadas e charadas eram péssimas. Já as histórias, eu amava, sempre me faziam sentir melhor.

— Exatamente, esse é o objetivo! — O nosso passado se tornou pesado, e eu não quero mais que seja assim. — Não sou tão bom quanto ele, porém, eu preparei uma coisinha *pra* você.

Os olhos dela brilham, em expectativa, e o corpo se inclina para frente, como se não quisesse perder nenhum detalhe. Inspiro fundo e deixo minhas emoções demonstrarem tudo que está no meu coração.

— Era uma vez um garotinho que queria a maçã mais linda da árvore. Sem hesitar, ele decide subir e pegar a fruta. Lá de cima, fica apaixonado pela paisagem e a paz que aquilo lhe traz. Ele nunca tinha sentido isso antes. — Enxugo uma lágrima do meu rosto, observando Isabela fazer o mesmo. — De repente, uma jorrada de vento o desequilibra e o menino acaba caindo no chão, com tudo. Dói muito. Ele fica com uma cicatriz e nunca mais quer saber daquilo. Anos depois, quando menos espera, a macieira reaparece no seu caminho. O garotinho despeja todo sofrimento que passou e a culpa por seu machucado. Paciente, a árvore explica que a cicatriz não é algo ruim, pelo contrário. A marca deve lembrá-lo de como foi feliz lá em cima e que vale a pena subir de novo, mesmo com a chance de queda.

— Samuel... que lindo! — Ela desce a cabeça até minha mão e a

aperta, com força.

Seu pranto reverbera pelo quarto oco e molha minha pele.

— Você me marcou profundamente — digo, sincero, acariciando os fios do seu cabelo. — O tempo que passamos no topo da árvore foi incrível e nunca vai sumir de mim.

O primeiro amor é sempre intenso e especial demais. E no meu caso, como durou por 13 anos e eu estava prestes a me casar, acabou me fazendo acreditar que seria impossível vivenciá-lo de novo.

Agora eu entendo que nem sempre o amor da sua vida, é o amor para a sua vida. E está tudo bem. As pessoas mudam, as situações mudam, o sentimento muda.

— Não tivemos essa conversa lá trás, e eu sinto do fundo do meu coração que é necessária para que possamos encerrar esse ciclo. — Pego seu queixo e levanto seu rosto. — Você se tornou uma cicatriz para mim, e eu uma cicatriz *pra* você. Essa marca tem que nos fazer lembrar de que vale a pena e nos impulsionar a seguir em frente.

— Eu quero... — Ela suspira, tirando um fio de cabelo do rosto. — Eu quero muito isso. Preciso tirar o peso da culpa de não ter acreditado no Ben de dentro de mim, das consequências que isso trouxe.

— Esse é um outro ponto importante que precisamos conversar. — Coloco a mão na ferida da cirurgia e mexo com cuidado meu corpo um pouco para cima. — Os culpados pelo que aconteceu com Benjamim e Ayla foram Bruno, Telso e Alfredo. Somente eles! Eu colaborei muito para desenvolver esse sentimento em você e peço perdão por isso. Eu não tinha o direito de cobrar uma atitude, de forçá-la a agir como eu achava que era o certo.

— Mas ele era nosso amigo...

— E a Polícia é seu sonho, Isabela! — sou incisivo, para que possa refletir. — Só recentemente me dei conta de que não me coloquei no seu lugar. Se a sua paixão pela investigação é equivalente a que eu e Ben tínhamos pela música, também iria ficar muito confuso e sem saber o que seguir: razão ou emoção.

Minha mãe sempre tentou me fazer enxergar isso, mas só fui realmente refletir a respeito quando comecei a terapia. Alisson estava certo: é

libertador.

— Obri... obrigada por dizer isso. — Sinto um nó na garganta ao notar no seu semblante o quanto essas palavras significaram para ela. — Essa é a dor que mais me destrói.

— Eu proponho a você, Isa, que a gente use esse momento para colocar um ponto final em todos os desentendimentos e mágoas que passamos durante esses quatro anos. — Pego sua mão e entrelaço nossos dedos. — Sem culpa, a partir de agora, sem ficar remoendo “e se”. Vamos começar um novo parágrafo na nossa vida. Você merece ser feliz, eu quero muito ser feliz!

— Eu acho que sua nova maçã te fará muito feliz. — Sorrio com sua analogia ao se referir à minha garota. Tenho certeza disso. — Agnes é uma mulher maravilhosa.

— Você também é, Isa. Quando a macieira reaparecer, ouça seu coração e só vai. Vale muito a pena!

Minha ex se levanta da cadeira de rodas e, emocionada, se inclina na cama para me abraçar. Encosto a cabeça no seu ombro e deixo as lágrimas serem testemunhas do nosso acordo.



Seus cachos despontam na porta, fazendo meus lábios se ampliarem ao máximo. Agnes sorri de volta e desencadeia uma série de reações no meu corpo: coração disparado, mão suada, frio na barriga.

Estico o braço e ofereço para que possa se juntar a mim na cama. Ela vem apressada e se ajeita com cuidado, evitando me tocar. Sedento por proximidade, puxo sua cintura e a trago para mais pertinho.

Porra, que saudade!

— E se eu te machucar ass...

— Shhhh! — Coloco o dedo na sua boca para interrompê-la e acabo não resistindo à ânsia de contorná-la.

Os lábios molhados entram em contato com minha pele e jogam adrenalina na minha corrente sanguínea. A respiração aumenta, o peito quase

explode. Parece que abri as comportas de uma represa e deixei a água me inundar. É muito intenso.

Sem desviar do seu olhar, entrelaço nossos dedos e ponho uma das suas mãos na altura do meu coração. Ele bate tão rápido, e tão forte, que eu tenho certeza de que Agnes está sentindo.

— Não sei como não enxerguei isso antes — confesso, vidrado nos traços delicados do seu rosto.

Infilto a outra mão entre seus cachos e acaricio a bochecha com o polegar. Aproximo-me até que nossos narizes esbarram um no outro. Roço na sua pele, inalo seu cheiro.

Ficamos em silêncio por um tempo, respirando o mesmo ar, nos reconhecendo.

— Eu estou pronto para amá-la como você merece — sussurro o ar quente próximo à sua boca.

Uma lágrima escorre do meu rosto ao mesmo tempo que no dela. Essa é de felicidade.

— Sério? — Agnes sorri entre o choro e aperto mais firme sua nuca.
— 100% meu?

— Só seu! — garanto, encostando nossas testas.

Conto tudo que conversei com Isabela e porque eu fui tão fechado esse tempo todo. Coladinha junto a mim, ela presta atenção em cada detalhe, não escondendo a alegria pela minha decisão.

— Protegi meu coração com as memórias de alguém que era passado para evitar enfrentar o futuro desconhecido — concluo.

— Como você chegou à conclusão de que era realmente passado? — minha garota pergunta, mordendo o lábio inferior.

Preciso fazer uma força enorme para me concentrar na pergunta, e não no seu movimento involuntário. Estou morrendo de vontade de beijá-la.

— Não pensei nela nenhuma vez como antes, desde que voltou. Na primeira vez, eu me assustei, é claro, mas depois, não. Foi como na historinha que te contei, uma cicatriz. — Fito seus olhos castanhos com carinho e abro um sorriso ao ter cada vez mais certeza do que quero. — A gente não apaga

pessoas da nossa vida. Isabela foi importante no passado. No meu presente, a única que eu quero é você.

— Fala de novo — pede, emocionada.

— A única que eu quero é você, Agnes Costa! Agora é tão claro que eu já estava apaixonado, que parece até que fui lerdo.

— Convenhamos, você foi um pouco lerdo, sim — ela provoca e cutuco sua barriga, fazendo-a soltar uma gargalhada gostosa.

O barulho reverbera pelo cômodo e pelo meu peito.

Feliz demais para esperar, puxo seu rosto em direção ao meu, sem aviso prévio, e colo nossos lábios. O início do contato ainda fica com resquícios da sua risada, me fazendo rir também.

É tão simples, tão íntimo, tão verdadeiro.

Peço passagem com a língua e Agnes solta um gemido baixo, concentrando-se totalmente no beijo. Estou com tanta saudade que nem sei o que faço primeiro.

Na dúvida, sou guloso e imediatista. Mordo, exploro, reivindico o que é meu. De novo. E de novo.

Meu instinto implora por mais, por lamber sua pele, sentir seu corpo, porém, a falta de ar na cânula nasal e a queimação no curativo da cirurgia me lembram de que terei que ir com calma.

Pelo menos hoje.

— Deus do céu... eu estava com muita saudade disso.

— Nem me fale, linda. — Aperto sua cintura e dou mais um selinho, nunca tendo o suficiente dela.

Viro Agnes de lado e encaixo seu corpo no meu, abraçando-a de conchinha. Quero aproveitar a bondade do médico e ficar com ela o máximo que der. Conversamos por mais de uma hora e sou atualizado sobre as últimas novidades do caso. Fico boquiaberto com a ideia de Isabela e, mais ainda, com a reação de Miriane.

A comprovação da inocência do Ben nunca foi tão real como agora.

Noto um ressonar baixinho e constato que minha garota acabou

caindo no sono. Sorrio e me aconchego nos seus cachos, inalando o cheiro gostoso do seu cabelo.

As pálpebras ficam pesadas, a sensação de paz vai diminuindo a adrenalina.

Se o futuro depende do que fazemos no presente, espero que hoje seja o primeiro dia do resto de nossas vidas.

EPÍLOGO

Agnes



Seis meses depois

Bem que dona Marinalva avisou que eu ia viciar nos debates do seu grupo de história política. Virei membro assíduo e engajado, principalmente, depois de tudo que aconteceu.

Coloco a bolsa na lateral do corpo e saio da sala, acenando mais uma vez para o pessoal. Estou muito animada! Acabamos de ter a ideia de criar um site colaborativo para reunir informações de políticos corruptos do Brasil, a fim de não deixar a população se esquecer dos seus crimes.

Mesmo com a sentença de Bruno, que foi julgada rápida, graças a pressão da mídia, e sua eminente derrota nas eleições, Mauro Sá continua fingindo na internet que é um bom homem e que não podemos julgar um erro do seu filho e apagar todos seus os acertos.

Hipócrita!

Reviro os olhos, sentindo ânsia de vômito. Não vejo a hora dos amigos do Hugo na Polícia Federal conseguirem alguma prova do seu envolvimento no cartel. Dos outros crimes, esse filho da mãe conseguiu se safar. Eu tenho certeza de que o ex-governador usava sua influência para acionar outros contatos corruptos nos órgãos públicos e facilitar a fraude. Uma forma fácil de aumentar seu Caixa 2 de várias fontes diferentes — no caso, os empresários.

Sorrio ao me lembrar do Telso, esse se ferrou bonito! Miriane fez um acordo com a polícia e rasgou o verbo. Além das empresas de fachada para ganhar licitações de forma ilícita, ela contou tudo que sabia sobre a exploração sexual, o dia do assassinato da Ayla, o plano para calar Benjamim e a fraude imobiliária. Deu também detalhes da intenção do pai do Samuel

em ampliar o aliciamento para fronteiras internacionais, como a gente descobriu.

Todas as informações que levantamos durante aquele tempo foram cruciais para garantir que a justiça fosse feita. Vendo os peixes grandes atrás das grades, as pessoas que foram compradas ficaram com medo e, uma a uma, começaram a abrir o bico, dismantelando uma rede enorme.

O delegado Alfredo, o funcionário da imobiliária, o detento que matou Ben, o homem que mentiu sobre a venda da arma... todos foram julgados e sentenciados adequadamente.

Em entrevista ao vivo para a maior emissora do país, acabamos descobrindo que o responsável pelo incêndio criminoso no escritório foi a Miriane. Ela confessou que, no desespero para se livrar do relacionamento com Telso, não pensou nas consequências. Assim como fez com Samira, o homem a mantinha por perto na base da ameaça. No caso da ex-modelo, o foco era seu filhinho de apenas seis anos — fruto de um caso antes de conhecê-lo — que vive com a avó, na capital. Como o delegado não quis ajudá-la, acabou procurando Bruno, que cobrou seu preço.

Segundo contou, o filho do ex-governador surtou com a descoberta da investigação clandestina e quis acabar com o local, mesmo após receber ordens explícitas do Mauro e do Alfredo para não agir por impulso e levantar suspeitas. Eles sabiam que o incêndio não resolveria o problema. A jovem usou os conhecimentos que aprendeu com o pai eletricitista e provocou o curto-circuito, com esperança de liberdade.

Por causa da sua colaboração, Miriane pegou uma pena leve e não foi presa. Apesar de não concordar com sua ambição e aonde isso a levou, no fim de tudo, fiquei agradecida pela sua coragem.

Ayla e Ben podem descansar em paz agora.

Cruzo o jardim e sigo até o bicicletário, aproveitando a brisa fresca do vento. É tão boa a sensação de completar o quebra-cabeça. Entender cada ação, cada passo daquele emaranhado confuso de fatos.

Confiro as horas no celular e destranco o cadeado da minha bicicleta, afoita. Empolguei demais e estou atrasada para me arrumar. Samuel disse que vamos sair esta noite para comemorar os seis meses de namoro.

Está cheio de segredinhos com dona Creuza, Alisson, minha mãe e até as minhas sobrinhas. Não faço ideia do que está aprontando, mas tenho certeza de que será especial.

Samuel tem feito cada dia ser único. Nos permitir amar e ser amado foi a melhor escolha que fizemos.

Apresso a pedalada e chego em casa, cinco minutos antes do normal, para o trajeto. O silêncio que paira no ar mostra que não tem ninguém aqui. Minha mãe deve estar fofocando na vizinha e meu irmão enfurnado no projeto social com as meninas e a Amanda.

Sorrio de novo, torcendo para esses dois se assumirem de uma vez, e abro a porta do meu quarto. Boquiaberta, corro até a cama para ver melhor a caixa enorme que foi deixada lá com um botão de rosa e um bilhete em cima.

Toco as pétalas, emocionada, e abro o papel já sabendo de quem é.

*Duvida da luz dos astros,
De que o sol tenha calor,
Duvida até da verdade,
Mas confia em meu amor.*

Pedi licença ao William Shakespeare para lembrá-la o quanto eu te amo. Hoje me tornarei de novo um homem completo e você tem uma parcela imensa nisso. Obrigado por me fazer feliz.

Ps1: confia em mim e usa esse vestido deslumbrante com os cachos soltos.

Ps2: Já estou louco pra tirá-lo do seu corpo.

*Do seu,
Samuel*

Termino de ler, não sabendo se rio ou choro. Eu o amo tanto, tanto! Curiosa, passo a mão na caixa e desfaço o bonito laço de cetim, com o coração retumbando no peito.

O que será que quis dizer com “hoje me tornarei de novo um homem completo”? E por que as orientações específicas do vestido e do cabelo?

Abro a tampa e fico chocada ao segurar a peça delicada nas mãos.

— U.a.u! — quase soletro a pequena palavra, realmente

impressionada.

Seja o que for, tenho a impressão de que essa será a melhor surpresa que já recebi em toda a minha vida.



O motorista me deixa em frente a um sofisticado salão de eventos e abre a porta para que eu possa descer. Samuel está fazendo tanto suspense, que nem foi me buscar em casa.

Será que vamos assistir a um show? Jantar sozinhos aí dentro? Minha mente ansiosa já pensou em inúmeras possibilidades.

Estou tão nervosa que mal consigo andar direito com esses saltos enormes. Para ajudar a aumentar a tensão, ninguém apareceu em casa até o momento que saí.

Respiro fundo e tento me acalmar. É um dia especial, estou linda, vou me encontrar com o homem que eu amo. Vai dar tudo certo!

Seco a mão suada no tecido de seda do vestido branco e sigo em direção à entrada. A peça arrasta no chão e valoriza cada centímetro do meu corpo. O decote abraça os seios e chega até a cintura. As duas coxas estão à mostra através de fendas que enaltecem o quadril.

— Boa noite, senhorita Agnes! — Um homem simpático me recepciona. — Vamos entrar? Estão todos à sua espera.

Todos à minha espera? Que todos?

Não tenho tempo para pensar sobre isso. Assim que o homem abre as portas de madeira do lugar, eu dou de cara com dezenas de pessoas, me encarando, em expectativa. Elas batem palmas, gritam, acenam.

Não sou capaz de reconhecer vozes nem rostos neste momento. Fico atônita.

Os presentes abrem caminho e liberam um corredor para que eu possa passar. Levanto o olhar e meu coração falha uma batida ao enxergar Samuel. Coloco a mão na boca, reprimindo um soluço alto.

Meu amor está maravilhoso de terno preto, em cima de um palco que

ostenta um microfone solitário. Seu sorriso ilumina mais o salão do que o jogo de luz azul e roxo que envolve seu corpo.

Samuel estica a mão, me chamando, e toda inércia das minhas pernas vai embora. É impossível não reagir a ele. Quando chego perto, me puxa para cima e envolve seus braços na minha cintura.

— Você conseguiu ficar mais linda do que nos meus sonhos! — sussurra, com a voz embargada no meu ouvido.

— O que está acontecendo? — pergunto, entre soluços, emocionada demais com tudo isso.

— Você confia em mim? — Ele se afasta e segura meu rosto com as duas mãos.

— Com toda minha vida — respondo, de imediato.

Recebo um sorriso e um beijo carinhoso na testa, antes de ser levada para a frente do palco. Samuel entrelaça nossos dedos e pega o microfone. Só então volto a encarar as pessoas.

Na primeira fila, bem próximo de onde estou, avisto minha mãe, Alisson, Amanda, minhas sobrinhas, dona Creuza, Vanessa e Fê. Estão eufóricos, acenando para mim. Aceno de volta, ainda sem entender nada, e seco as lágrimas que caem como cascata no meu rosto.

— Boa noite! — Samuel cumprimenta o público, que corresponde com assobios e palmas. — Obrigado por estarem aqui hoje, neste momento tão especial para nós. Meses atrás, eu sonhei com essa cena exatamente como está agora. As luzes, o palco, minha garota deslumbrante com esses cachos soltos. — Ele se vira para mim, sorrindo, e as pessoas gritam ainda mais. — No meu sonho, ela cantava Listen e levava vocês à loucura com sua voz incrível. Eu tive a chance de fazer parte do show também, de ouvir meu coração e me render à música, mas ainda não estava preparado para isso.

Samuel olha para trás e arregalo os olhos ao entender o que vai acontecer. Alisson deixa uma cadeira e o violoncelo ao lado do suporte do microfone.

— Amor... o que... — Nem consigo formar uma frase.

Aperto sua mão na minha, tendo que inspirar e expirar para retomar o

fôlego.

— Eu tenho um novo motivo para tocar, meu amor... você.

Ah, meu Deus!

Coloco a mão no peito, sentindo o coração bater tão forte, que seria capaz de pular para fora do corpo. O choro que sai da minha alma representa a alegria mais genuína que já vivi. É realmente a melhor surpresa da minha vida.

— Se você permitir, quero ser a sua dupla, a partir de agora — Samuel afirma, e noto seu rosto molhado também.

Balanço a cabeça freneticamente em concordância e pulo no seu colo mais uma vez. Ele me segura pela cintura e aperta meu corpo com força contra o seu.

Nossas lágrimas se misturam, as batidas do coração se tornam uma só.

— Tomei a liberdade de mudar um pouco meu sonho — ele conta baixinho, colocando-me de volta no chão. — Ao invés de Listen, nossa primeira música, juntos, será outra da Beyoncé. Uma que diz muito o que você significa *pra* mim.

Com as mãos trêmulas, pego o microfone que me oferece e o coloco no suporte. Samuel se senta na cadeira e tira o seu antigo violoncelo do case, me fitando com um sorriso enorme nos lábios.

— Arrasa, meu amor! — É a última frase que ele diz, antes de fechar os olhos e começar a dedilhar as cordas.

Meu Deus, como eu quis ver essa cena. Mal posso acreditar que está acontecendo, que ele conseguiu. Que eu sou o seu novo motivo! É a imagem mais perfeita do mundo. Samuel está tão entregue, tão concentrado.

Quando meu cérebro reconhece as notas de Halo, a garganta fecha e as primeiras frases saem com minha voz embargada pela emoção.

Remember those walls I built
Lembra daquelas paredes que construí
Well baby they're tumbling down
Bem elas estão desmoronando

*And they didn't even put up a fight
Elas nem tentaram ficar em pé
They didn't even make a sound
Nem fizeram um som*

Engulo em seco e me apoio no suporte do microfone para manter o equilíbrio. O público levanta as mãos para o alto e acompanha a apresentação balançando os braços de um lado para o outro.

*I found a way to let you in
Eu achei um jeito de deixá-lo entrar
But I never really had a doubt
Mas eu nunca tive dúvida
Standing in the light of your halo
Sob a luz de sua auréola
I got my angel now
Eu tenho meu anjo agora*

A adrenalina do palco me traz um novo gás, embalada por lembranças de nós dois, desde a primeira vez que o vi, no postinho, até ontem, quando assistimos a um filme a noite inteira, comendo pipoca no meu quarto.

Tudo que eu queria, está acontecendo. Mil vezes melhor do que o desejado.

Tomada de gratidão, olho para Samuel e sorrimos um para o outro. Canto com tudo de mim, ele toca com tudo dele.

Entregues à música, rendidos ao amor.

Tenho certeza de que, lá de cima, Ayla e Ben abençoam essa união.

BÔNUS

Samuel



15 anos depois

Ben dispara na frente, dando risada da irmã por se distrair com uma borboleta colorida que passou perto de nós. Competitiva, Ayla força as pedaladas e chantageia o posto de primeiro lugar da corrida até em casa com dez partidas de xadrez.

Gargalho ao ver meu filho de seis anos diminuir a velocidade e piscar para mim. Mais cedo, antes de sairmos para passear, o garoto apostou comigo que conseguiria companhia para seu jogo preferido, enquanto sua mãe e eu fazemos uma pequena viagem a trabalho, no final de semana. Geralmente, somos nós dois que nos revezamos nas partidas, porque a primogênita não tem paciência nenhuma para algo tão demorado.

— Podem parar de implicar um com o outro! — Agnes brada, e me dá um cutucão na barriga. Estou pedalando sua bicicleta rosa e a levando na parte da frente. — É muito feio fazer chantagem, viu, mocinha? Onde já se viu, essas ideias com apenas sete anos?

Tapo a boca, segurando o riso, e finjo prestar atenção na cestinha para não acabar apanhando de novo. Eu sei que é errado, mas é engraçado demais ver as crianças aprontarem e minha mulher agir igualzinho minha mãe fazia.

Dona Creuza.

Tenho tanta saudade da minha velhinha. Infelizmente, ela não resistiu a uma reincidência do câncer e faleceu, há cinco anos. Foi um período difícil de luto que enfrentei graças ao apoio da família e da terapia.

Minha mãe viveu mais do que as expectativas de recuperação da primeira doença, retomou a sua empresa, viu o filho único se casar, conheceu

os netos. Foi uma vida bem vivida.

— Para de rir, Samuel! — Ela tenta brigar, porém, acaba não resistindo e se rende também. — Ai, meu Deus! Somos péssimos pais.

— Não somos, nada! — Afago meu rosto nos seus cachos e procuro a bochecha para deixar um beijo. — Somos tão bons, que *tô* querendo fazer outro esta noite.

— Olha, outro, eu não garanto, não, mas treinar a gente pode, viu?! — Ela se vira para me encarar e morde os lábios.

Provocadora! Tenho vontade de desviar esta bicicleta para o meio do mato e pegá-la agora mesmo.

— Você parece vinho, *porra*! — sussurro no seu ouvido, forçando a atenção para não desequilibrar da bicicleta com o tesão que me invade. — Quanto mais o tempo passa, melhor fica.

— É o amor que me faz bem. — Ela sorri, como se não estivesse me matando por dentro, e se vira para a frente de novo.

Sorrio também, sentindo meu coração pulsar. Eu amo demais essa mulher!

Esta semana completamos 14 anos de casados e parece que foi ontem que dei minha maior prova de amor, propondo ser sua dupla. Com a memória de Ben honrada e o passado deixado para trás, senti uma paz enorme que foi crescendo cada vez mais ao lado de Agnes.

Eu sabia que ela era meu novo motivo, eu só precisava de coragem para voltar. Demorou exatos cinco meses e quinze dias para isso acontecer, após a nossa conversa no hospital. A terapia ajudou muito a entender que não estaria substituindo meu amigo nem o magoando se continuasse. Pelo contrário, isso perpetuaria nosso legado de uma forma diferente e especial.

O dia em que eu toquei de novo pela primeira vez foi como se um peso de cem quilos saísse das minhas costas. Chorei, sorri, perdi a respiração e, enfim, recuperei o fôlego. Depois de longos quatro anos de luto, deixei a dor ir embora.

Ali, segurando a caixa de madeira entre as minhas pernas, com as lágrimas de testemunha, veio a ideia de replicar meu sonho e propor à Agnes

uma nova vida juntos. Uma em que não só nosso amor, mas nossos sonhos coexistiriam.

Deu muito certo! Sua voz potente e a suavidade do meu violoncelo fazem muito sucesso. Durante seis anos nos dedicamos apenas a isso, viajamos pelo país e o mundo, fazendo shows em dupla.

Quando o desejo de aumentar a família falou mais alto, voltamos para a nossa cidade natal e construímos nosso cantinho. É lá que estamos até hoje. Homenagear meu amigo e sua irmã, dando o nome deles aos nossos presentes mais preciosos, foi a forma que encontramos de mantê-los pertinho.

Ainda continuamos nos apresentamos, porém, com uma agenda bem menos cheia do que antes. Tenho me dedicado a dar aulas de música para crianças carentes, e Agnes a cuidar do projeto colaborativo contra a corrupção. De um pequeno site, hoje há uma sede física e até cursos gratuitos voltados para a área de gestão pública.

Por influência, como a gente imaginou, Bruno não chegou a ficar nem quatro anos preso. É tão cara de pau, que nas últimas eleições se candidatou para deputado federal com a bandeira de homem convertido e arrependido dos seus atos. Se deu mal! É um objetivo pessoal da minha mulher não deixar a população esquecer quem é a família Sá de verdade. Pelo menos, Telso e Alfredo continuam na cadeia. Foram esquecidos pelo poderoso, que um dia chamaram de aliado.

Balanço a cabeça, afastando os pensamentos dessas pessoas que não merecem mais meu tempo, e me concentro na risada gostosa de Ayla. A primogênita chegou primeiro, como planejado pelo meu caçula esperto, e está fazendo sua dancinha da vitória. Bagunceiro como só, Benjamim joga sua bicicleta no chão e se junta à irmã na farra: pulam, deitam na grama, aproveitam um momento simples como se fosse único.

Ajudo Agnes a descer e entrelaço nossos dedos enquanto guardamos sua velha bicicleta na varanda. Ela olha para os dois com um sorriso bobo nos lábios e é impossível não fazer o mesmo, contemplando essa família maravilhosa que Deus me presentou.

Ele realmente é maravilhoso, sabe o tempo de todas as coisas.

— Já chega, meus amores! — O modo mãe volta à ativa. — Guardem

suas bicicletas e *bora* para o banho.

— Ahhhh, só mais um pouquinho?! — Ayla tenta apelar com seus olhos verdes pidões.

— Você falou isso quando paramos no parquinho e no tio do sorvete. Está escurecendo e prometeram arrumar o quarto dos brinquedos antes da janta — Agnes lembra e as crianças fazem careta.

Mesmo sob protestos, levantam do chão e guardam as bicicletas, entrando em seguida na casa. Ela vai atrás deles, mas a puxo pelo braço, antes de chegar ao corredor.

— Preciso ficar de fiscal, senão os dois pegam na cantoria um em cada banheiro e banho que é bom, nada. — Minha mulher tenta resistir ao meu braço na sua cintura, porém, acaba cedendo e enlaçando meu pescoço. Sorrio, vitorioso. — Você sabe que eu não aguento, golpe baixo essa apertada aí.

Olho para a minha mão apertando a sua pele macia e aumento a pressão, fazendo-a se remexer na minha frente. Eu amo que nossa química consegue ficar maior a cada dia, mesmo depois de tanto tempo.

— Estou contando os minutos para a hora de dormir — sussurro no seu ouvido e deixo uma mordidinha na ponta da orelha.

— Se você for um bom marido até lá, fizer a comida, lavar a louça e colocar as crianças *pra* dormir, eu posso pensar em te dar o que você mais gosta.

— Vai deixar eu comer seu rabo gostoso, Agnes? — pergunto, rouco, com mais tesão do que já estava.

A provocadora filha da mãe não responde e apenas se afasta dos meus braços, gargalhando pelo corredor. Ajeito o pau duro feito pedra na calça e passo a mão no rosto, rindo de novo.

Ela vai acabar me matando desse jeito!

Sabendo que terei que aguardar pelo menos meia hora até os banheiros ficarem livres, e necessitado de distração, sigo para a sala de música que construímos e pego meu violoncelo.

Sento no banco e tiro-o do case, acariciando as cordas com a ponta

dos dedos. Assim que a madeira encosta no meu peito e se encaixa entre as minhas pernas, a melodia pede passagem, desesperada, como se implorasse pelo arco.

Fecho os olhos, deixo o som sair de dentro de mim e reverberar pelo cômodo. É tão calmo, intenso e revigorante.

A chama que um dia estava apagada agora é uma centelha no fogaréu que esquento meu peito.

Eu amo sentir isso de novo.



Deixo um beijo na sua testa e ajeito o cobertor na altura do ombro. Já fiz meu ritual diário no quarto da Ayla, agora foi a vez do caçulinha, que não dorme sem uma boa história.

Desligo a luz e fecho a porta, ouvindo Agnes dar uma risada gostosa na sala. Sigo o barulho e a avisto deitada no sofá com as pernas para o alto. O pijama de seda desceu um pouco pela posição, enaltecendo suas coxas grossas e me fazendo lambe-los lábios. Deliciosa!

Com quem será que está falando, animada desse jeito?

— É o Alisson! — ela se adianta, divertida, provavelmente percebendo minha cara de ciúme.

Não nego. Tenho ciúme, mesmo.

Sorrio de volta e me sento ao seu lado, puxando suas pernas para o meu colo. Enquanto ela conversa com o irmão, aproveito para fazer uma massagem relaxante nos seus pés.

Meu cunhado mora no Rio de Janeiro com a esposa, Amanda, e a minha sobrinha, Gabi. As gêmeas Caren e Lorena até formadas já são. O tempo voa! Eles foram para lá logo que a Supremac abriu uma unidade na cidade e precisou dos seus serviços. Com a desistência do cargo na Polícia, retornou ao curso de Ciência da Computação e hoje trabalha na área de TI.

Tornamo-nos grandes amigos e sou muito grato pela presença constante na minha vida, apesar da distância.

Quem se afastou de vez, e eu compreendo totalmente os motivos, foi

a Isabela. Para seguir em frente, precisamos realmente abandonar o passado e ficar com as lembranças boas. A única vez que a vi, desde a nossa conversa no hospital, foi no dia do velório da minha mãe.

Soube, na ocasião, que estava namorando com Hugo e passou um tempo estudando em Londres, para se reconectar com aquele que instigou sua paixão pela investigação.

Tudo que eu mais quero é que ela esteja tão feliz como eu. Nós dois merecemos isso.

Aperto a planta do pé com um pouco mais de pressão e Agnes se remexe no sofá.

— Nossa... de novo golpe baixo! — Ela tapa com a mão o telefone e me repreende.

— Você vai ver o golpe baixo, daqui a pouco...

Olho na direção da sua bocetinha succulenta e minha garota começa a se despedir do irmão na mesma hora. Menos de um minuto depois, o telefone está no gancho.

— O que foi? — Ajoelho no sofá e me inclino para a frente, entre o vão da sua perna. Não consigo reprimir um sorriso sacana no rosto. — Por que desligou tão de repente?

Adoro esse jogo de sedução com ela.

— Você ainda me deixa louca só de olhar *pra* mim, acredita? — Agnes passa a mão na minha nuca e roça o seu nariz no meu.

— Acredito... — Abaixo o peso do meu corpo e esfrego meu pau no tecido do pijama. Ela solta um gemido baixo que ouriça minha pele. — Você faz a mesma coisa comigo.

Nos entreolhamos com paixão e Agnes procura minha boca, deixando uma mordida no lábio inferior. Vai soltando devagar, compartilhando seu ar quente comigo.

Porra!

Aperto sua cintura e instintivamente me esfrego mais nela. Nossas línguas se esbarram e eu a sugo.

— Quarto... amor... aqui não... podemos — lembra, com a respiração entrecortada.

Essa é a única parte ruim de ter filhos: não podemos mais *foder* em cada canto da casa, sem preocupação.

Sento-me no sofá e puxo seu corpo, levantando-me em seguida com ela no meu colo. Minha mulher dá um gritinho de empolgação e tapa a boca, abafando um sorriso.

Praticamente corro até o quarto, parecendo um adolescente afoito. Fecho a porta com os pés e passo a chave no trinco. Não pretendo encerrar meus trabalhos tão cedo.

Desço Agnes do meu colo perto da cama e arranco o short do pijama, com calcinha e tudo, deixando-a nua na parte de baixo. Com o olhar selvagem cravado no dela, tiro minha roupa, deito e a puxo para ficar em cima de mim com uma perna de cada lado do meu quadril.

A morena fecha os olhos e entreabre a boca, crente de que vou penetrá-la direto devido às provocações durante o dia inteiro, mas surpreendo-a, levantando suas coxas e trazendo-a na direção do meu rosto em um movimento rápido.

— Meu Deus do céu! — Ela solta um gemido e finca os dedos na cabeceira da cama.

— Eu avisei que ainda daria o golpe baixo.

Contemplo com tesão seus olhos arregalados me acompanharem abrir sua boceta e enfiar meu rosto no seu centro. Apalpo sua bunda gostosa e deslizo a língua entre as dobras, entrando e saindo. Lambendo. Sugando seu gosto.

Exploro com ferocidade, amando provocar seu ponto sensível. Não tenho pressa. Quero venerar e amar a minha mulher, até que jorre seu líquido quente em mim.

Entregue, Agnes se esfrega na minha cara, sem vergonha, em busca de alívio. Olho para cima e fico louco ao vê-la levantar a blusa e apertar os seios. Rondo o dedo em volta do seu cuzinho e acaricio o local, preparando meu terreno.

Eu fiz tudo que ela pediu, vou amar comer esse rabo delicioso hoje.

Sou pego desprevenido quando minha morena se vira de costas de repente, sem tirar sua boceta do ângulo da minha boca, e se inclina para frente.

— Eu também sei brincar, meu amor. — A provocadora busca meus olhos antes de abocanhar meu pau com gula.

— *Caralho*, Agnes! — Dou uma tapa na sua bunda e volto a devorá-la, amando sua jogada.

Ficamos os dois em uma disputa de quem tem mais desejo pelo outro. Não há vencedores, o que torna tudo ainda melhor. Apenas nos entregamos à ânsia e a excitação, em um 69 espetacular.

Quando estamos prestes a gozar, ela se levanta e corre até o guarda-roupa. Volta com um sorriso sacana no rosto, trazendo lubrificante e um vibrador.

— Quer uma dupla penetração, *né*, sua safada gostosa?! — Ajoelho-me na cama, ansioso, e já viro seu traseiro na minha direção.

Com um gemido e um gritinho abafado, ela mexe o quadril em expectativa e fica à minha espera. Hipnotizado pela sua bunda, dou uma mordida em cada lado antes de jogar lubrificante em abundância no meu pau e no brinquedinho. Primeiro insiro o vibrador e, depois, aos poucos, vou afundando meu membro no seu cuzinho apertado.

— *Porra*, que delícia! — brado, segurando firme com uma das mãos na sua cintura, para controlar a selvageria que quer me dominar ao escutar seus murmúrios de luxúria.

Assim que ela se acostuma com meu tamanho, começo a estocar mais rápido e mais fundo. Agnes toma a dianteira da sua boceta, pegando o vibrador: se contorce, geme, fala besteiras, diz que me ama. Faço juras de amor, rosno louco de tesão.

Quando ela avisa que vai explodir e molha minha perna com sua excitação, eu me perco junto e sinto meu peito se expandir. Um sorriso desponta no meu rosto denotando a mais pura felicidade.

Agnes era meu destino e será o meu para sempre.

FIM

AGRADECIMENTOS

Obrigada



Eita, que foi difícil terminar este livro durante uma pandemia. Em tempos de isolamento social e mudanças drásticas no país inteiro, passei por bons bloqueios pelo caminho.

Mas, o livro saiu e vou confessar que eu amei demais o resultado. Espero que vocês tenham gostado também dessa trama diferente com mais suspense e investigação policial.

Primeiramente, eu quero agradecer de coração a você que chegou até aqui. Nenhum livro faz sentido sem leitores. Agradeço a Deus pelo dom da vida e à minha família maravilhosa que sempre me apoia: meu marido Ednelson; meus filhos, Arthur e Matheus; meu pai, José Batista; minha mãe, Lúcia; e minha irmã, Pollyana.

Danielle Barreto, minha beta maravilhosa, já não tenho mais adjetivos para elogiá-la. Nesse livro, em especial, nós duas nos superamos demais. Barbara, minha revisora preferida, obrigada por não desistir de mim. Sei que não sou fácil com os prazos.

Obrigada também a Nilson Nunes, policial que me ajudou a entender o funcionamento da instituição, e o advogado Marcelo Campos, meu tio, por sempre esclarecer minhas dúvidas.

Agradeço ainda o carinho das leitoras incríveis que fazem parte do grupo Lindezas da Ari no WhatsApp e no Facebook; e as que me acompanham pelo Instagram e no Wattpad. Obrigada por serem as melhores leitoras que um escritor poderia ter.

SOBRE A AUTORA

Vem ler!



Oi, tudo bem? Meu nome é Ariane Fonseca, mas pode me chamar de Ari. Moro em Taubaté (SP), com dois filhos e o marido. Tenho 30 anos, sou formada em Jornalismo e pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais. Apaixonada por livros desde criança, decidi em 2017 criar minhas próprias histórias no Wattpad.

Livros

Infinito enquanto dure

Não te darei meu coração

Transcendente – Pra você guardei o amor

Inspire | Série Sentidos 1

Veja | Série Sentidos 2

Antes da última respiração

Contos

Não tenha medo

Sem ar

Minha lista de desejos

Saiba mais

www.autoraarianefonseca.com.br

www.instagram.com/arianefonseca

www.wattpad.com/arifonseca

